É membro da OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições); é membro da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos; também da Associação de Santa Luzia; ainda do Gabinete Litterario Goyano. Participa ativamente da Comunidade dos Dominicanos como ministro da Eucaristia, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário.

Durante a sua trajetória na atividade militar, serviu em vários locais, tais como a região do Bico do Papagaio, antes de ser Estado do Tocantins: Araguaína, Araguatins, Pedro Afonso e Tocantinópolis.

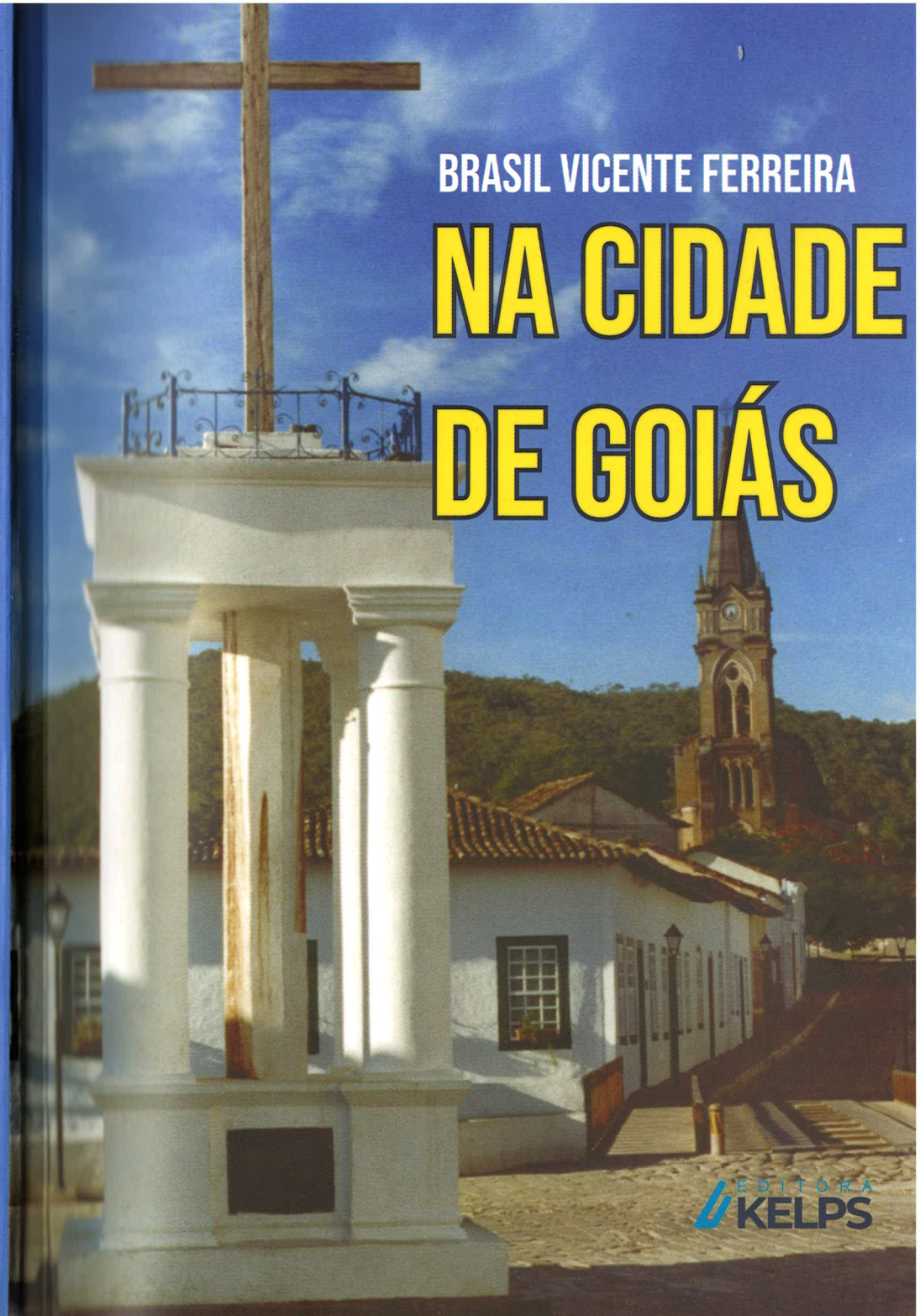
Foi Comandante de Batalhões: Cavalaria e 7° BPM, na cidade de Goiânia e 6° BPM na Cidade de Goiás. Em 1990 ao término do CAO (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais), como capitão, participou de uma Viagem de Estudos com as Polícias de alguns países da Europa, que foram: Alemanha, Espanha, França, Itália, Portugal e Suíça.

Depois de aposentado escreveu um livro, cujo título é LEMBRANÇAS, lançado em março de 2017.

ISBN: 978-65-5370-948-5
9 786553 709485

NA CIDADE DE GOIÁS

BRASIL VICENTE FERREIRA



BRASIL VICENTE FERREIRA

NA CIDADE DE GOIÁS

EDITORA KELPS



Brasil Vicente Ferreira, nasceu no dia 29 de maio de 1950, no Distrito de Buenolandia, Município de Goiás-GO. Filiação: Maria dos Santos Ferreira e Felipe Vicente Ferreira. É casado com a Profa. Frances Maria Pires Ferreira. Pai de Lucas Donizetti F. Pires Ferreira. Reside na rua Santa Bárbara, n° 14, Cidade de Goiás. Fez o Ensino Fundamental (antigo curso primário) no Distrito de Buenolandia. Cursou o antigo ginasial e científico do final da década de 1960 até 1973, no Colégio Estadual Prof. Alcide Jubé, na Cidade de Goiás. Ingressou nas fileiras da Polícia Militar de Goiás como soldado, em 1971, no quartel da então Primeira Companhia Independente de Polícia Militar - "Companhia Araguaia ", que em

Na Cidade de Goiás

Dedico este livro ao acervo da Biblioteca da nossa querida APM, onde este autor frequentou o CFS em 1974, o CFO em 1977 a 1979 e o CAO em 1990. Com a admiração do autor...

Goiânia, 04 de setembro de 2026

Cel. Brasil

maio de 1972 passou a ser 6° BPM - "Batalhão Vila Boa ". Encerrou a carreira no mesmo quartel, em 2003, como coronel, ou seja, o derradeiro posto, como Comandante do 4° CRPM, quando fora transferido para a reserva, tornando-se então veterano da Polícia Militar goiana.

BRASIL VICENTE FERREIRA

Na Cidade de Goiás

Goiânia-GO
Kelps, 2024

Copyright © 2024 by Brasil Vicente Ferreira

Editora Kelps
Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon-CEP 74.560-460 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Diagramação:
Marcos Digues
mcdigues04@gmail.com

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1° Região) 3294

F383 | Ferreira, Brasil Vicente.
Na Cidade de Goiás. / Brasil Vicente Ferreira. - Goiânia: Kelps, 2024.
266p. :il.

ISBN:978-65-5370-948-5

1. História Goiás. 2. Patrimônio. 3. Relíquias. 4. Cultura. I.Título.

CDU: 94(817.3)

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor

DIREITOS RESERVADOS
É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2024

- Aos meus queridos pais Felipe Vicente Ferreira e Maria dos Santos Ferreira, in memoriam.
- A minha querida esposa, Frances Maria Pires Ferreira, parceira em todas as circunstâncias.
- Ao amigo Dr. Anderson Alarcão, vilaboense apaixonado pela arte de fotografar, e que gentilmente nos cedeu para ilustrar esta obra.

PREFÁCIO

VILA BOA A PARTIR DA VISÃO SENSÍVEL DE MUNDO DO SERTANEJO: UM DE DENTRO FALANDO SOBRE OS DE DENTRO

A construção discursiva sobre o sertão goiano espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de ver o mundo, nesta oportunidade o olhar, o ato de contemplar, parte de um sertanejo oriundo deste cosmos.

Este livro é resultante de uma preocupação de quem se importa com a cultura vilaboense, que contemplou e lhe deu significação e um valor. Ora, partindo do pressuposto de que as culturas são diversas, no tempo e no espaço e por se tratar de um tema de grande amplitude histórica, arquitetônica e geográfica, a ideia de sertão mostra-se tanto profícua quanto complexa. À medida que nele o autor pela segunda vez se aprofunda e nos convida a seus novos estudos, com reflexões sobre o dito sertão goiano.

Herdeiro da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Barra, nascido do sertão das minas dos Guayazes, um "de dentro", fruto da família Ferreira, de Maria e Felipe, Brasil Vicente nos encanta com o resultado de "Na Cidade de Goiás", uma contributiva obra precedida por "Lembranças", de 2016. O desafio posto foi o de dar continuidade a estes esforços, contribuindo com adições, aperfeiçoamentos, contestações e novas informações, com enfoque na cidade de Goiás. Para além de sua espacialidade, sua memória. Considerando que os indivíduos e as culturas apropriam-se dos espaços naturais, constituindo-os em artefatos a partir de suas

intenções e de suas ações, a memória e a transmissão parcial das experiências prévias tornam-se fundamentais para a compreensão dessa obra.

A preocupação deste trabalho pautou-se em registrar suas gentes, contribuindo para a constituição do espaço objetivo, que se dá aos sentidos, e o espaço subjetivo, que é produzido e processado a partir das experiências imediatas e das experiências prévias, as quais o autor apresenta, indubitável e contingente, suas relíquias de tais vivências e memórias. Que momento poderia ser mais propício para uma discussão acerca da memória, da cultura e do patrimônio das relíquias e da espacialidade da cidade de Goiás, que neste onde completa 20 anos de seu reconhecimento pela UNESCO como patrimônio mundial da humanidade.

A cidade de Goiás, com seus trezentos anos, em revisão. Sua narrativa não está mais no plano do divino e do preestabelecido. Está na apresentação de Brasil Vicente, "de dentro", enraizado, sensível e inteligente a nos conduzir, como "os de fora", "o outro", até as singularidades goianas de Vila Boa, às diferenças, conexões, sobre o que é real e ficcional, objetivo e subjetivo, aos seus valores relativos, dotado de forte conotação memorialística.

A memória trabalhada aqui é aquela que Le Goff (1984) define como um comportamento narrativo que tem a função social de comunicar a outrem informações na ausência do fato que constitui seu motivo. Distante dos arautos da hegemonia de um patrimônio visitado por instituições distantes dos vestígios de quem convive, têm preferências e interesses, Brasil Vicente procura nos conduzir aos atos cotidianos ocultos sob a camada do excepcional –, que são os móveis da ação e que culminam com o registro e publicação de suas memórias individuais.

Coloca-nos diante dos modos de perceber e de pensar o mundo, a partir de sua bagagem, do conhecimento não expresso, do estilo de pensamento advindo de práticas que se propõem a explorar as múltiplas possibilidades de aproximação, ressaltando sua percepção e transparecendo sua identidade cultural. Utiliza a memória como matéria-prima, contrariamente às convenções oligárquicas, que constroem uma integridade sabidamente irreal, Brasil nos traz para o eixo da sua realidade vilaboaense!

Revisita a cultura, a arquitetura e o patrimônio que está em permanente evolução, demarcando com esta obra o elo vivido no eterno presente. Para nós, nos resta apenas os livros e, muito sutilmente, no ambiente, obrigando-nos a reconstituir o que já não existe, de fazer a história das paisagens, de lugares, festas, registrando assim a cultura sertaneja goiana, de terras mineradoras, arraiais auríferos e casarios com suas gentes.

O livro em sua ordem discursiva refere-se para nós, leitores curiosos, fruta fresca, a descoberta "do outro", que somos nós mesmos. Vai nos conduzindo aos poucos ao gosto saboroso do modo de pensar goiano. Daí uma exigência cada vez maior de futuros debates, podendo aqui ser embasados, pois colabora com documentos e imersões do autor, incluindo relatos preciosos de convívios e prosas, aproximando-nos de suas passagens pela cultura oral de vários protagonistas.

Sua escrita nos aproxima desta acolhida goiana, onde os lugares e seus atributos estão indissoluvelmente ligados. Sua constituição exibe que todas as lacunas, todos os esquecimentos, sejam harmonizados pela rotina da vida quotidiana, nos fornecendo informações preciosas.

Prof Luciana Helena Alves da Silva
Curso de Arquitetura e Urbanismo
UFG Campus Goiás

APRESENTAÇÃO

Falar da Cidade de Goiás, não é um fato inédito. Muitas pessoas, inclusive, renomados escritores já o fizeram. Todavia, pela minha admiração por esta quase tricentenária cidade, tomei a ousadia em catalogar alguns dados, que provavelmente, alguns tópicos, ainda não foram explorados, e destarte, colocá-los no papel.

Pode-se dizer que se trata de um resumo de diversificados assuntos, que formam um conjunto de peças, constituindo assim a engrenagem dessa máquina que é a querida Vila Boa – Patrimônio Mundial da Humanidade. Poderia até dizer que é um Raio–X de partes da primeira cidade goiana, no coração da pátria.

Achei razoável colecionar os inúmeros sobrenomes, que caracterizam as famílias vilaboenses. Pois, tais entrelaçamentos enriqueceram a formação desta urbe.

Daí a justificativa de que se trata de uma convivência recheada de fraternidade na sociedade local. Se existe fraternidade, logicamente existe amor; se tem amor, não existe ódio, e consequentemente, o resultado é a paz e uma convivência harmoniosa. Esses ingredientes, devidamente cultivados fazem a diferença. A cidade não é apenas suas edificações, seus casarios coloniais, suas igrejas, museus, becos, calçamentos de pedras, enfim, todos os monumentos, o esplêndido Rio Vermelho. Muito mais do que isso, são os seres humanos que nela vivem. Portanto, são uma imensurável riqueza as pessoas protagonistas dessa história, convivendo nesse ambiente de partilha.

Ressaltamos sobre a cidade em si, seus distritos e povoados, bem como os municípios limítrofes. As festas religiosas e outros eventos, tais como festivais, carnaval e outros. Por ter sido a mola propulsora do desenvolvimento, não poderia ter esquecido o emblemático "Carro de Bois". Não foram esquecidas as galerias de imperadores das festas em louvor ao Divino Espírito Santo; dos ex-Provedores da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, uma das mais antigas confrarias na região centro-oeste, pois, data-se de 1745, ininterruptamente; Gabinete Litterário Goyano; dos ex-Prefeitos; dos ex-Presidentes da Câmara de vereadores; dos ex-comandantes da Organização Policial Militar (OPM), no caso, 6º BPM e denominações anteriores, visto que a Polícia Militar tem sua gênese nesta cidade, desde 1858. Tem ainda os ex-comandantes do 4º CRPM (Comando Regional da Polícia Militar). Ainda no início da década do anos 2000, a instalação da CPE – 45ª Companhia de Policiamento Especializado, quartel batizado de Ten Cel Joaquim Gonçalves Pacheco, justa homenagem, pois, foi um ínclito profissional, vilaboense, que comandou a Corporação, por repetidas vezes. Ainda com relação ao Corpo de Bombeiro Militar, a instituição de segurança pública mais simpática aos olhos da sociedade, foi ressaltada a existência do Comando Regional e do 12º Batalhão, na histórica Cidade de Goiás.

Considerada como significante a situação do município de Goiás ser o detentor do maior número de Projetos de Assentamentos da Reforma Agrária, devidamente coordenados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), os quais tiveram como principais protagonistas o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). E para encerrar a obra, foi feito referência ao tenebroso episódio do século: a Covid-19.

Cada título nas páginas deste livro, é um tijolinho desta construção que abrange toda a Cidade de Goiás, bem como todo o município, com ênfase para uma gama de sobrenomes os quais constituíram história.

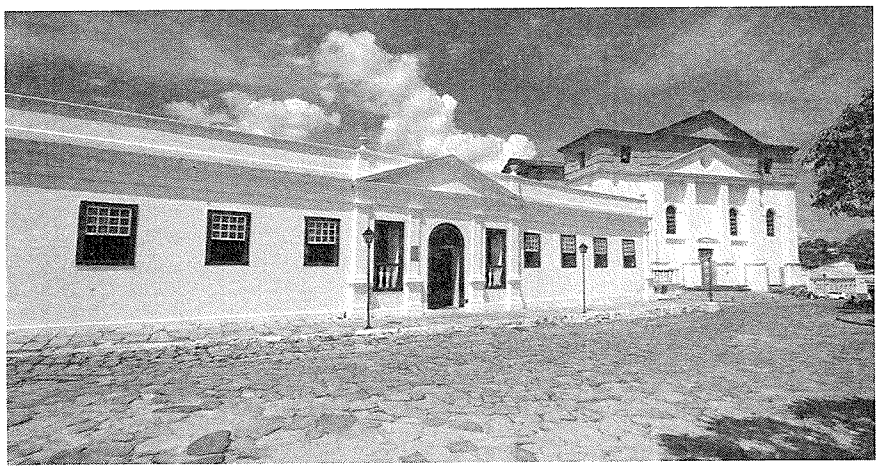
O AUTOR



Igreja de N.S. Boa Morte- Museu de Artes Sacra

Em quase todas as cidades, mormente, urbes antigas existem sobrenomes de considerável referência nas famílias. Al-

guns exemplos nas cidades que circundam a Cidade de Goiás, em um raio de até 200 quilômetros, tais como: Leite em Jaraguá; Pina em Pirinópolis; Caldas em Itaberaí; Neto em Itauçu; Caetano em Mossâmedes; Vieira em Cachoeira de Goiás (antiga Cachoeira da Fumaça); Cardoso em Itapuranga; e tantas outras.



Palácio Conde dos Arcos e Catedral de Sant´Ana

Alusivo à Cidade de Goiás, que é a célula-mater do território goiano, fica então ao arbítrio do leitor eleger o sobrenome mais importante, que mais se sobressai, ou que se destaca em determinados assuntos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO
VILA BOA A PARTIR DA VISÃO SENSÍVEL DE MUNDO DO SERTANEJO: UM DE DENTRO FALANDO SOBRE OS DE DENTRO..... 7

APRESENTAÇÃO 11
1 SOBRENOMES 17
2 CIDADE DE GOIÁS 19
3 FESTAS RELIGIOSAS CATÓLICAS DURANTE O ANO 37
4 GRUPOS FOLCLÓRICOS 49
5 ASSOCIAÇÃO CULTURAL BLOCO PILÃO DE PRATA DA CIDADE DE GOIÁS 66
6 A DANÇA DOS TAPUIOS 70
7 QUILOMBOS 76
8 CARRO DE BOIS: 79
9 MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) 84
10 ENCONTRO DE MOTOCICLISTAS 91
11 FICA 95
12 GABINETE LITTERÁRIO GOYANO: UM TESOURO DO BRASIL .. 129
13 COLÉGIO SANT'ANA 136
14 FOLIA E FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO 146

15 FESTA DE SÃO BENEDITO 160
16 SERENATA 163
17 CORAL SOLO DA CIDADE DE GOIÁS 166
18 ORDEM DOMINICANA 169
19 BISPO DOM TOMÁS BALDUÍNO 196
20 BISPO DOM EUGÊNIO RIXEN 200
21 BISPO DOM JEOVÁ ELIAS FERREIRA 204
22 PADRE DÊNIS DIVINO DA SILVA 206
23 PADRE AUGUSTO CEZAR SILVA PEREIRA 208
24 Ex-PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE GOIÁS E INTENDENTES: 209
25 BIOGRAFIA DA PROFESSORA SELMA 214
26 Ex-PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE GOIÁS-GO: 218
27 IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS 223
28 IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS X BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO. 230
29 4º C R P M – (4º COMANDO REGIONAL DE POLÍCIA MILITAR) 239
30 Ex-COMANDANTES DO 6º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR (6º BPM) 241
31 45ª CIPM / CPE (45ª COMPANHIA INDEPENDENTE DE POLÍCIA MILITAR – COMPANHIA DE POLICIAMENTO ESPECIALIZADO) 247
32 CORPO DE BOMBEIRO MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS 6º COMANDO REGIONAL BOMBEIRO MILITAR – 6º CRBM 249
33 12º BATALHÃO BOMBEIRO MILITAR 251
34 COVID-19 – NOVO CORONAVÍRUS 253

EPÍLOGO 263

1

SOBRENOMES

Através dos casamentos que vem ocorrendo há quase três séculos, foram criando elos parentais, constituindo assim, as famílias vilaboenses. Eis então o elenco de cerca de duas centenas de sobrenomes, oportunizando ao leitor fazer sua escolha: Silva, Castro, Andrade, Caiado, Barros, Bastos, Alencastro, Cardoso, Coelho, Ferreira, Lôbo, Pires, Rocha, Godinho, Gouvêa, Machado, Santomé, Ortiz, Ribeiro, Fleuri, Souza, Rocha Lima, Oliveira, Pereira, Brito, Veiga, Teixeira, Bessa, Jubé, Abreu, Seixo de Brito, Curado, Rizzo, Alencastro Veiga, Alves, Passos, Bueno, Rezende, Alves de Castro, Camargo, Ramos Jubé, Barroso, Mendes, Cupertino, Peixoto, Caiado de Castro, Santos, Silva e Souza, Silva Santos, Jardim, Santana, Lacerda, Azeredo, Coutinho, Peixoto dos Santos, Ferraz, Emos, Araújo, Veiga Jardim, Gonzaga, Azevedo, Velasco, Botelho, Adorno, Caetano, Damásio, Pereira da Silva, Noronha, Rios, Costa Campos, Mundim, Gonçalves Noronha, Molinari, Dorneles, Batista, Oliveira Lobo, Marques, Chaves, Barbosa, Mamede, Sampaio, Castro Curado, Campos, Alcântara, Arrais, Guerra, Vicente Ferreira, França, Siqueira, Paixão, Assis, Rodrigues, Berquó, Galvão, Ribeiro de Freitas, Alcântara de Almeida, Nascimento Costa, Amorim, Fogaça, Barros Curado, Veloso, Batista Leite, Borges, Fonseca, Dias da Silva, Ramos Caiado, Costa Ferreira, Peres, Ferreira Pinto, Freitas, Gomes, Garcia, Pinto de Faria, Sardinha, Pacheco, Pelles, Guedes, Fleury de Passos, Silveira, Gomes do Carmo, Lima, Pinheiro, Fleury Curado, Silva Moura, Soares de Camargo, Ávila, Loyola, Couto, Mendanha, Camêlo, Silveira Borges, Albuquerque, Mourão, Paiva, Sá, Ferreira Pontes, Beltrão, Craveiro, Craveiro Curado, Marinho, Viana, Vaz Vieira, Moreira, Félix

da Silva, Macedo, Peixoto de Arruda, Miranda, Santos Lima, Carneiro, Lopes, Prudente, Rodrigues Vidigal, Queiroz de Moraes, Berquó Peleja, Leite, Moretti Foggia, Florambel, Martins dos Santos, Rocha Rezende, Caetano de Brito, Xavier, Brandão, Ludovico, Xavier de Godoi, Brito Moraes, Artiaga, Pitaluga, Mesquita, Brandão Curado, Figueiredo, Amaral, Gomes de Sousa, Guedes de Amorim, Martins de Araújo, Alves de Carvalho, Natal e Silva, Borges Santana, Lemos, Lemes, Alarcão, Póvoa, Leite de Sousa, Otto, Sabino de Passos, Damasceno, Alves de Oliveira, Pacheco Saad, Serra, Pereira de Abreu, Lacerda Oliveira, Mariano, Pantaleão, Magalhães, Lagares, Antônio Mendanha, Confúcio, Jácomo, Perillo, Tolêdo, Serradourada, Saddi, Cabral, Cordeiro, Moraes Preto, Cunha, Cintra, Carvalho, Sócrates, Remígio Moreira, Samahá, Luz, Lago, Neiva, Pessoa, Baiochi, Fulanetti, Evangelista, Crosara, Nicolau, Mota, Da Mata, Malheiros, Borim, Detienne, Fagundes, Fraga, Inácio, Borba e outros.

Enfim, desta mega galeria de sobrenomes, todos iguais perante a lei, pode-se dizer que é o resultado do entrelaçamento das distintas famílias, formando essa gama de parentescos na pacata Vila Boa.

Vale lembrar que estes sobrenomes são originários do continente europeu, tais como: Itália, França, e a grande maioria de Portugal e Espanha.

2

CIDADE DE GOIÁS



Bartolomeu Bueno da Silva Filho

A Cidade de Goiás, teve sua origem em 1727. Naquele ano chegou a esta terra o Bandeirante paulista – Bartolomeu Bueno da Silva Filho, com sua Bandeira, isso cerca de 40 anos, depois que seu pai, com o mesmo nome, já havia andado na região, cujo filho com 12 anos acompanhava o pai. Por essas e outras, dá para se notar como os paulistas eram obcecados pelo minério amarelo, das jazidas das terras dos goyazes.

Tamanha era a ganância, que a história registra que quando o velho Bartolomeu Bueno da Silva chegou com sua Bandeira, não sendo esclarecido se no Ouro Fino, ou em Goiás, ou na Barra, ao se deparar com os índios da tribo dos Goyazes, adornados com ouro, ele exigiu que eles lhe mostrassem as minas e os ameaçou que se não mostrassem o minério, ele queimaria os rios. Colocou, então, álcool em um recipiente e ateou fogo, como uma demonstração do que ele seria capaz. Por isso o apelidaram de Anhanguera, que na língua indígena, quer dizer: "Diabo Velho".

Eis aqui alguns questionamentos: os índios sabiam o que era ouro? Eles garimpavam? Eles comercializavam aquele minério? Com quem?

O certo é que a história relata o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho, como o fundador da Cidade de Goiás.

O primeiro nome do lugar foi arraial de Sant'Ana, de 1727 a 1729, quando passou a se chamar Sant'Ana de Goyaz. Essa denominação se deu porque era o nome do santo da sua devoção: Sant'Ana.

Em 1736, por força de Carta Régia, foi elevada à categoria de município com a denominação de Vila Boa de Goyaz, em homenagem ao fundador, tendo sido instalado em 25 de julho de 1739. Em 08 de novembro de 1744, recebeu a qualificação de sede administrativa da Capitania de Goyaz. Em 09 de maio 1748, D. João V, desmembrou a Capitania do Governo de São Paulo, tendo nomeado D. Marcos de Noronha, para administrá-la.

Em 1818, passou à denominação de Goyaz. Em 1920, foi inaugurado o benefício de força e luz elétrica na capital do Estado. No início da década de 1930, uma crise política e econômica assolava a nação e nessas alturas o Estado de Goiás não ficara de fora.



Pedro Ludovico Assinando Decreto

De 1930 – 35, Dr. Pedro Ludovico Teixeira, foi nomeado interventor pelo governo federal. Assumiu então as rédeas do governo

do Estado de Goiás, desmantelando assim, a oligarquia Caiadista. Uma das primeiras medidas adotadas foi cogitar a transferência da capital para algum lugar, de preferência próximo da cidade de Anápolis, pois, se tratava de desenvolto centro comercial, dominado por descendentes de sírio-libaneses, bem como outras nacionalidades. Tratou-se então do assunto referente à mudança da capital em 1932 e em 1933 iniciara as ações administrativas de transferência da capital, porém, só se consumou o ato em 1937.

Segundo consta em relatos de pessoas idosas, que nas décadas de 1950 e 1960, já computavam seus 60 a 80 anos, testemunharam muitos vilaboenses com ostensiva demonstração de indignação, contra aquele fato, praticado pelo novo governante. Diziam que o interventor ao transferir a capital, limpou a Cidade de Goiás. Levou tudo o que tinha. A cidade ficou às traças. Levaram as repartições públicas, Faculdades de Direito e de Farmácia, Escola de Artífices, a qual passou a se chamar posteriormente de Escola Técnica de Goiânia e mais tarde Escola Técnica Federal de Goiás; e, no limiar do século XXI sua denominação passou a ser Instituto Federal de Goiás; Tribunal de Justiça, o Lyceu, e muitos outros órgãos. Mais da metade das casas ficaram fechadas, por muito tempo. As famílias que passaram a ocupar aqueles imóveis não pagavam aluguel, ali estavam na condição vigiar a casa. Muitos se aproveitaram e requereram na justiça o direito de usucapião e tornaram-se proprietários da respectiva casa. Até porque, aqueles que se mudaram para Goiânia, devido a distância não retornavam à velha capital, pois, o meio de transporte era escasso. Só depois de três décadas a rodovia ganhou pavimentação asfáltica. A nova capital tinha uma população com menos de dez mil habitantes, por um considerável tempo. Com aquele esvaziamento, Goiás que por muitos anos foi a Capital do Estado, não tinha nenhum desenvolvimento. Tudo piorou, ficou mesmo na estagnação.

Para ilustrar o texto retro mencionado, vai aqui a transcrição de uma poesia, intitulada "A MUDANÇA DA CAPITAL", de autoria não identificada, a qual certamente foi musicada, pois, é página de um livro da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, do Rio de Janeiro, de 1942.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Eu vou cantar nestes versos/
Um caso sentimental/
Que fez sofrer muita gente/
Lá da velha capital/
Que vivia tão contente/
Até o dia fatal.

Quando saiu da cidade/
A Capital do Estado,
Deixando a velha Goiás/
De glorioso passado,
O povo ficou tão triste/
Que até hoje tem chorado.

Eu ainda bem me lembro/
Da dor que todos sentiam,
Os funcionários saindo/
De tudo se despediam,
Goiás inteira chorava/
Por seus filhos que partiam.

Naquele dia tão triste,
Quando a tarde foi caindo,
O céu de cor azulada/
De luto foi se cobrindo,
E lá da Serra Dourada/
A luz do sol foi fugindo.

Na beira do Rio Vermelho/
A passarada calava,
Um sino da redondeza/
Tristemente badalava,
Eu senti que a natureza/
Naquele instante chorava.

Cada casa abandonada/
Que ficou lá na cidade,
Recorda um tempo passado/
De amor e felicidade,
Hoje tudo está mudado,
Que tristeza, que saudade.

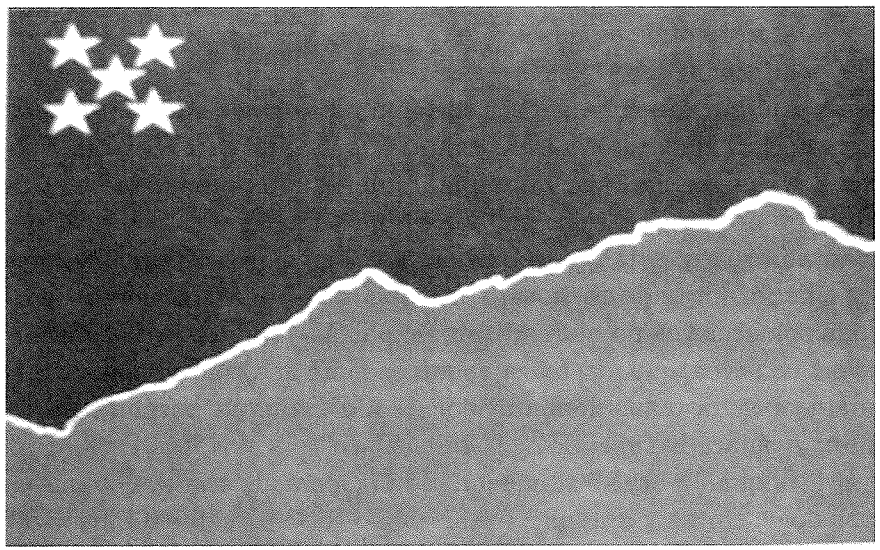
Adeus terra tão querida,
Vou separar-me de ti/
Levo minh'alma ferida,
Meu coração deixo aqui/
Hei de viver
A terra onde eu nasci.

Até mesmo sua extensão urbana permaneceu inalterada por cerca de 30 anos, após a transferência da Capital para Goiânia. Sua área urbana se limitava a um quadrilátero, compreendendo da Carioca ao Areião; do Areião ao João Francisco; e, do João Francisco à Santa Bárbara; e da Santa Bárbara a Carioca, que eram os portais da cidade, por onde chegavam os tropeiros e carreiros, conduzindo algo comerciável, no mercado municipal. Na região norte da cidade já havia a área, que dizem ser remanescente de Quilombolas. Atualmente, o setor tem a denominação de Alto Santana, porém, outrora tinha o pejorativo apelido de "Chupa Osso".

Enquanto era só aquele quadrado, a cidade contava com apenas dois setores: Santana à esquerda do Rio Vermelho e Carmo do lado direito. A parte histórica da cidade, é verdadeiramente cênica. Qualquer beco, elevação, escadarias, pedras, pontes sobre o rio, calçadas, casarões, igrejas, o Rio Vermelho, são pontos naturais para possíveis apresentações teatrais.

Só a partir da década de 1960, houve a expansão urbana, com o surgimento de setores e vilas. A especulação imobiliária saiu do ostracismo e começaram a aparecer loteamentos. Há de se ressaltar que essa expansão só ocorreu nas regiões Sul e Oeste. Portanto, eis

aqui os nomes de bairros, setores e vilas, que constituem a emblemática Cidade de Goiás: Centro Histórico, Vila 13 de Maio, Vila Cristina, Setor D. Bosco, Vila Santa Izabel, Jardim Vila Boa, Bairro Bacalhau, Residencial Papyrus, Setor Goiás II, Jardim das Acácias, Residencial Anhanguera, Residencial Tempo Novo, Vila República, Vila Romana, Vila Lunilda, Setor Santo Amaro, Setor Mari Bela, Vila Goiacy, Vila Aguinel, Setor Bacalhauzinho, Setor Paraíso, Vila Consórcio, Setor Portal da Serra, Vila Maçônica, Setor Bela Mari, Setor Aeroporto, Setor Rio Vermelho, Setor São Vicente, Vila Serra Dourada, Setor Bauman, Vila Lions e Setor Alto Santana. Destarte, a área territorial urbana se expandiu enormemente.



Em 1998, criou-se uma entidade chamada "Movimento Pró-Cidade de Goiás", cujo movimento contou com a participação e o empenho de uma plêiade de vilaboenses, que abraçaram a causa. Dentre tantas e tantas personalidades, além de dezenas de instituições, existentes na cidade, sobressaíram vários nomes, tais como: Profª. Brasilete Caiado, Helder Camargo, Antolinda Borges (Tia Tó), Leonardo Rizzo, Valdeci Veiga, e outros.

Em 2001, houve então, a conquista do honroso título de Patrimônio Mundial da Humanidade, conferido pela UNESCO, em Helsinki, na Finlândia. A cidade com pouco mais de 20 mil habitantes, conforme o censo do IBGE, em 2023, possui: cinco agências bancárias – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itaú, Bradesco, e Sicoob, duas agências Lotéricas; dezenove Farmácias – Farmácia Bom Jesus, Farmácia Goiás, Drogaria Econômica, Drogaria Martins, Farmácia do Joaquim, Farma 2000, Farma Vida, Farma Saúde, Drogaria Vila Boa, Drogaria Rio Vermelho, Drogacentro, Farmácia Santa Paula, Drogaria Aeroporto, Drogaria Anhanguera, Droga Sara, Poup Farma, Farmácia do Divino, Drogaria Bem Estar e Drogaria Bom Preço. Existem mais de dez Supermercados e Mercearias; sete lojas de produtos agropecuários e produtos pets; sete postos de revendas de combustíveis; sete lojas de materiais para construções; duas lojas Maçônicas – União e Justiça e Grande Oriente; três emissoras de rádios em FM; a sede da Diocese; dezesseis igrejas e capelas católicas; mais de dez igrejas de diferentes denominações cristãs; cerca de dez Escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio (Municipal e Estadual); dois estabelecimentos de Ensino Profissionalizante: IFG (Instituto Federal de Goiás) e ITEGO (Instituto Tecnológico do Estado de Goiás); duas Universidades Públicas: UFG (Universidade Federal de Goiás – Campus Cidade de Goiás), e UEG (Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina); sede do 4º CRPM (4º Comando Regional da Polícia Militar de Goiás); 6º BPM (6º Batalhão de Polícia Militar – Batalhão Vila Boa); 45ª CIPM – CPE (45ª Companhia Independente de Polícia Militar – Companhia de Policiamento Especializado); 4º CRBM (4º Comando Regional de Bombeiro Militar); 12º BBM (12º Batalhão do Corpo de Bombeiro Militar); sede da 4ª Delegacia Regional de Polícia Civil; Delegacia Municipal de Polícia Civil; GENARC (Grupo de Combate a Entorpecentes e Narcóticos de Polícia Civil); Depar-

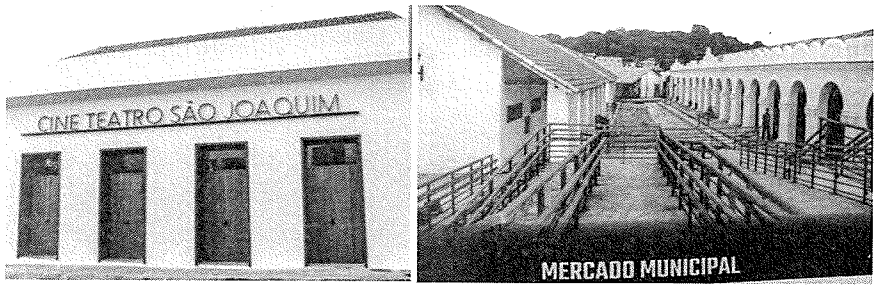
tamento de Polícia Técnico Científica de Polícia Civil); Regional de Saúde do Estado de Goiás; Regional do IPASGO; Regional do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social); Regional da AGRODEFESA; Regional da EMATER; Regional da Receita Federal; Regional da SEFAZ (Secretaria da Fazenda Estadual); Regional da SANEAGO e Escritório local; Equatorial (que substituiu a ENEL e antiga CELG); OAB (Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Cidade de Goiás); CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas); Hotéis e Pousadas – mais de dez unidades; por último, uma agência do VAPT-VUPT (do Governo Estadual).

Há que se salientar que o município de Goiás, com quase 300 anos, teve seu desenvolvimento com uma certa lentidão, por mais de dois séculos. Todavia, já na metade do século XX, ou seja, no final da década de 1950 em diante, foi que passou a saborear o desenvolvimento, em âmbito geral. Nos primeiros anos de 1960, a pavimentação asfáltica chegou da capital para a velha capital. Muitos prédios antigos, pontes, não só do perímetro urbano, passaram por significativas reformas. A imagem de televisão chegou em 1965, ainda em preto e branco.



A partir de 2014, dá para elencar mais de dez obras, que foram requalificadas, em que a municipalidade administrou empregando

recursos oriundos do Governo Federal, Governo Estadual e Emendas Parlamentares.



São as seguintes: Teatro São Joaquim, Sede da Diocese, Prédio da Prefeitura, Mercado Municipal, Ponte da Cambaúba, Pontes sobre o rio Vermelho no Apertado e no rio Bugre próximos do Distrito de Buenolândia; Unidade Básica de Saúde dos Distritos de Buenolândia e São João; Restauração de asfaltos das ruas da cidade. Obras pelo Governo Estadual, que coincidiram com a administração municipal podem ser listadas na Cidade de Goiás: construção da Policlínica, do Setor Tempo Novo; conclusão da duplicação da Rodovia GO-070; construção do Forum no Setor João Francisco; construção da passarela e do Ponto Mirante, no Povoado de Areias; requalificação do quartel da Polícia Militar – antigo 6º BPM; restauração do prédio do Palácio da Instrução (sede da Coordenação Regional de Educação – CRE).

Municípios limítrofes com município de Goiás são dez: Itapirapuã, Matrinchã, Faina, Guaraíta, Itapuranga, Heitoraí, Itaberaí, Mossâmedes, Buriti de Goiás e Novo Brasil. Lembrando que todos esses municípios, antes de suas emancipações políticas, faziam parte do município de Goiás.

2.1 DISTRITOS E POVOADOS

O município tem 4 distritos: Colônia de Uvá; Buenolândia; Água de São João; e Calcilândia. Também 3 povoados: Areias; São José da Laginha; e, Ferreiro.

2.1.1 COLÔNIA DE UVÁ





Distante 36 quilômetros da sede do município. Tem uma população de cerca de 600 habitantes, na margem da Rodovia BR-070. Foi fundado em agosto de 1924, por imigrantes vindos da Alemanha. Passou a ser reconhecida como distrito, de acordo com Lei Municipal nº 198, de 09 de maio de 1956, cuja instalação solene se deu no dia 1º de janeiro de 1958, sob a administração do Presidente da Câmara Municipal – Dr. Orley Gavião Gonzaga de Castro, com o título de Distrito de "Uvá". Por muitos anos ali só se falavam a língua germana. Contudo, devido a miscigenação étnica, essa característica se transformou. Atualmente, está tudo misturado. Descendentes de alemães com brasileiros, mormente goianos. Os ancestrais que aqui chegaram, que formaram aquele núcleo, não mais existem. Pode-se dizer que já se passaram 100 anos. A geração atual nem sabe o idioma original. Todavia, para não desaparecer o pouco daquela cultura, em todos os anos, no mês de agosto celebra-se o aniversário da instalação da Colônia dos Alemães, neste torrão goiano. Vale lembrar que essas comemorações tiveram mais destaques com as administrações do município, a partir do início deste século, precisamente do Prefeito Boadir Veloso. Destarte, as outras administrações deram continuidade.

2.1.2 BUENOLÂNDIA



Igreja Nossa Senhora do Rosário Buenolândia





Distante 30 quilômetros da cidade, está localizada no encontro dos rios Vermelho e Bugre. Foi fundado em 1726, com a denominação de Arraial da Barra, um ano antes do Arraial de Santana, pelo Bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Foi o primeiro arraial na região. Foi elevado à categoria de Distrito em 1938. Comemora-se o aniversário no dia 06 de julho. Portanto, conforme a Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, o Distrito de Buenolândia – antigo Arraial da Barra é o " marco zero" do Estado de Goiás.

A atividade garimpeira de ouro teve seus altos e baixos. Por volta da metade do século XVIII, ou seja, mais ou menos 1750, a mineração entrou em decadência. O apogeu aurífero teve sua febre por pouco mais de 20 anos, com muito lucro à coroa portuguesa. Lembrando, pois, que esse declínio não foi só na Barra, mas em todos os arraiais da região.

Já no século XX, a atividade garimpeira imperou na Buenolândia. Nas décadas de 1920 a 1940 teve significativo desempenho, embora fossem de forma artesanais. Apenas como um meio de subsistência das pessoas que ali insistiam em extrair o minério e vendê-lo em gramas. Não se tratava de um grande empreendimento. Com a atividade manual, utilizando a tradicional bateia, não danificava o meio ambiente. Tal prática ainda existe na região, porém, veladamente, porque reconhecem que é proibida aquela atividade. Todavia, muitos declaram que é mais lucrativo garimpar do que enfrentar a juquira. Este termo juquira, no linguajar deles significa a lida pesada da roça, quando se utiliza a enxada, ou a foice, ou o machado. Pois, em uma semana no garimpo pode tirar 5 ou mais gramas de ouro, que equivale a quase um mês de trabalho na roça. É notório que a sobrevivência das famílias na região de garimpo, isto é, Buenolândia, até por volta do ano 1986, contava com algo favorável: os rios Vermelho e Bugre, bem como outros, eram piscosos. Havia fartura de peixes, durante o ano inteiro. Todos se valiam do pescado para suas alimentações e até mesmo comercializá-lo.

No entanto, na década de 1980, mais precisamente nos anos 1987 a 1990, a antiga Barra se transformou. Infelizmente, para ali migraram centenas e milhares de aventureiros de várias partes do país. Surgiu então a famosa corrida do ouro, naquele Distrito. Aquele garimpo trouxe tudo de danoso para a Barra e região, com forte consequência para a Cidade de Goiás. Pois não foi somente o Distrito de Buenolândia. Até um destacamento de Polícia Militar, foi instalado no local. Repetiu-se então o estardalhaço do Anhanguera. A movimentação de garimpeiros se exacerbou 24 horas por dia: na região do Ferreiro e Ouro Fino, ou seja, a cabeceira do Rio Vermelho, também os dois córregos anexos ao antigo Povoado – Praia e Cabra, os quais desaguam no rio Uru. Todos os mananciais que se vertiam no Rio Vermelho contribuíram para a transformação em um verdadeiro lamaçal, para a tristeza das pessoas de bem na centenária Vila Boa. Todo aquele efeito se explica, por não se tratar de uma atividade manual e sim mecanizada, e também o grande número de pessoas. Toda modalidade de crime associada ao garimpo existia, tais como: homicídios, latrocínios, furtos, estupros, vias de fato, e até contra a economia popular.

A Cidade de Goiás nunca teve tantos açougues. O garimpeiro consome carne em demasia. A exploração imobiliária na cidade, bem como nos Distritos de Buenolândia, Ferreiro e Água de São João, foi sem precedentes. Para exemplificar: uma casa que valia uma cifra considerada, o garimpeiro a comprava por um valor super majorado. O aluguel de uma casa ele pagava seis meses adiantados e também além do preço normal de mercado. Portanto, aquela horda veio para depredar. Não se sensibilizavam com uma árvore centenária no barranco ser tombada pelo efeito dos jatos d'água dos mangotes de possantes motores, em poucos minutos. Detonavam tudo. Os prejuízos à natureza e à saúde dos próprios predadores foram incalculáveis. Decorridos três décadas, (já no ano de 2023), as cicatrizes ainda são visíveis: o assoreamento dos rios; as matas ciliares ainda não foram recuperadas por completo. Com o fim dos grandes poços, só existe areia, não há como abrigar a fauna aquática, portanto quase não tem peixes.

Porém, nem tudo se perdeu. Sob as graças de Deus, veio como um milagre, um jovem paulista que não era bandeirante, mas sim um Representante do Ministério Público do Estado de Goiás – o saudoso

Promotor de Justiça – Dr. Sulivan Silvestre de Oliveira, que corajosamente, impetrou uma ação civil pública, apoiada por pessoas de bem e instituições comprometidas com o povo e o meio ambiente e só restou ao Poder Judiciário banir o garimpo de todo o Município e Comarca de Goiás. Com o apoio do 6º Batalhão de Polícia Militar, sediado na Cidade de Goiás, foi possível extirpar aquele mal de toda a região, oportunidade em que foram apreendidos milhares de motores estacionários utilizados na danosa atividade garimpeira. Os forasteiros que não quiseram voltar às suas origens, mudaram de atividade e muitos se transformaram em cidadãos de bem no município de Goiás. É importante dizer que a ação policial militar naquela empreitada, foi bem sucedida, não ocorreu qualquer derramamento de sangue.

2.1.3 ÁGUA DE SÃO JOÃO

Estância hidromineral, distante 80 quilômetros da sede do município. Sua água sulfurosa, com propriedade medicinal, atrai pessoas de várias regiões do país, com problemas de saúde. Dizem que em 3 semanas, ou seja, 21 dias de contínuo uso daquela água e argila, a pessoa obtém a cura da enfermidade. Trata-se de um dos pontos turísticos do município. A festa em homenagem ao santo padroeiro – São João Batista – acontece na segunda quinzena do mês de julho. É um evento muito concorrido. Para ali convergem muitos romeiros e turistas.

Não se sabe a data precisa de criação daquela povoação. Porém, o Distrito foi criado pela Lei Estadual nº 6.944, de 19 de junho de 1968, cujo Presidente da Assembleia Legislativa, era o Deputado Estadual Elcival Ramos Caiado.

No dia 20 de janeiro de 1969, foi instalado o referido distrito, com a presença de várias autoridades e um grande número de populares, que ao final da seção solene assinaram a ata alusiva ao ato. Conduziu a referida seção, o Prefeito Municipal de Goiás – Dr. Jerônimo de Carvalho Bueno, que era médico e Tenente da Polícia Militar. Naquela solenidade, o prefeito estava ladeado pelas seguintes personalidades: Renato Costa Nunes – Prefeito de Aruanã; Padre Cirilo Talapka; Cap. José Carlos Godinho – Delegado Municipal de Polícia; Cap. Romualdo Vitalino Damásio; Dr. Brasílio Ramos Caiado – Deputado Estadual; 1º Ten. PM Francisco Gomes Lacerda; Cap. PM Mário Rodrigues de Moraes; Gileno de Loyola; Carlos Prestes de Castro – representante do Presidente da Câmara Municipal; Geraldo Rosa Cintra; Luiz Guedes de Amorim – Chefe do DENERU; Antenor da Veiga Jardim – Delegado Fiscal; Jorge Coutinho e muitas outras pessoas.

Consta também que o distrito foi recriado em 1976, no período do governo dos generais, o que uns dizem que era o governo do Golpe de 1964, outros que era o período do governo da Ditadura Militar.

2.1.4 CALCILÂNDIA

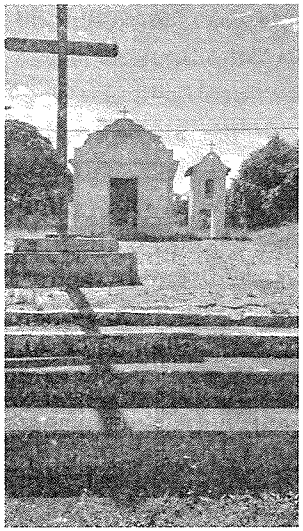
Não tem uma data precisa de quando começou aquele povoado. Era denominado de Itaiú. Em 1966, foi elevado à categoria de distrito. Sua economia básica é o calcário. Certamente por isso é apelidada de Caieira. Destaca-se naquela região a agropecuária bovina e hortigranjeiro. A sede do Distrito dista cerca 60 quilômetros de Vila Boa e 20 quilômetros da cidade de Itaberaí.

2.1.5 SÃO JOSÉ DA LAGINHA

Não há registro do início da povoação. Dista cerca de 50 quilômetros da sede do município, e pouco mais de 10 quilômetros da cidade de Buriti de Goiás. É um povoado e não distrito que está cravado no sopé da gigantesca Serra Dourada. A economia básica ali é a agropecuária. Nas proximidades existem vários Assentamentos da Reforma Agrária, sendo o maior deles o Assentamento São Carlos.

2.1.6 DAVINÓPOLIS

Reconhecido como distrito em 1933. Porém, em 1956 mudou-se a denominação para DAVIDÓPOLIS, em homenagem ao seu fundador – Sr. David. Sua gênese provavelmente, deve ser do século XVIII,

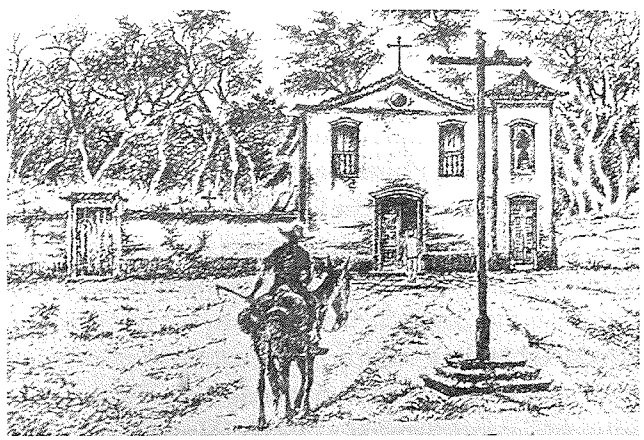


Capela N. S. da Guia - Bacalhau

pois trata-se do velho Bacalhau. Ali era o local preferido das famílias vilaboenses passar férias. Atualmente é computado como bairro da Cidade de Goiás. Na primeira semana de setembro celebra-se a festa de Nossa Senhora da Guia, com as rezas tradicionais e quermesse animada na porta da igreja. No dia do encerramento, um dia de domingo, é celebrada uma missa solene às 10:00 horas seguida da procissão, no largo do Bacalhau. Em seguida é servido um lauto almoço para todos os presentes, patrocinado por famílias de vilaboenses que moram em Goiânia e possuem casas naquela localidade.

No mês de novembro também se realiza ali a festa de São Benedito – o santo padroeiro dos cozinheiros. Esteve no esquecimento por muitos anos. Todavia, em 2006, o então pároco Frei Paulo Sérgio Catanheide Ferreira – Dominicano, ressuscitou aquela celebração.

2.1.7 FERREIRO



Foi um povoado de renome, criado em 1727, pela Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Resta a igreja de São João Batista,

com o Cemitério anexo, devidamente restaurados, com recursos do Governo Federal, em 2013. Poderia dizer que era o portal da Cidade de Goiás, no tempo do Império. Por ali passava a famosa Estrada Imperial. É um ponto turístico do município, distante apenas 6 quilômetros. O local é circundado de pastagens de fazendas anexas. Se bem que no início da década dos anos 2000, sofreu uma benéfica transformação: abrigou o PA SERRA DOURADA. Trata-se do Projeto de Assentamento Serra Dourada, coordenado pelo INCRA. Ali, são várias famílias assentadas com a atividade voltada para a horticultura.

2.1.8 OURO FINO

Também gerado junto com Goiás, no século XVIII. Distante cerca de 17 quilômetros da sede do município. Era um local deveras desenvolvido. Era provido de forte comércio, seminário católico, cartório de registro civil, famoso colégio e outras coisas. Resta o mínimo das ruínas da igreja e cemitério. Tudo ali se transformou em pastagens dos proprietários de fazendas adjacentes. A partir de 2017 o local é tangenciado pela obra do Governo Estadual – a rota turística chamada Caminho de Cora Coralina, que parte do município de Corumbá de Goiás e finaliza na Cidade de Goiás.

2.1.9 AREIAS

É um povoado distante 10 quilômetros, sem uma data precisa de fundação. O ponto alto do local é a igreja de Nossa Senhora Aparecida, datada de 1910. A festa em homenagem à Padroeira do Brasil, é composta da respectiva novena e encerra no dia 12 de outubro, com um expressivo público. Convergem para ali romeiros de várias cidades, bem como da região rural. Milhares de peregrinos fazem o trajeto a pé. No povoado existe um forte comércio de artesanatos. A Rodovia duplicada GO-070, denominada Rodovia Cora Coralina, passa em frente ao Santuário. Foi construído e inaugurado em dezembro de 2018 uma importante atração turística: um MIRANTE, no alto do morro, onde todas as pessoas

podem contemplar a bela Serra Dourada. Portanto, AREIAS é o portal da Cidade de Goiás.



Igreja N. S. de Aparecida - Areias

O Município de Goiás, já teve a posse de outros Distritos e Povoados, tais como: Araguapaz, cerca de 120 quilômetros de distância, cujo apelido era Cavalo Queimado. Faina, 68 quilômetros, ambos emancipados na década de 1980, ou seja, em 1982 e 1989, respectivamente.

Os Distritos de Caiçara, Santa Rita de Anta ou Jeroaquara, Vera Cruz apelidada de Borduna, pertencem ao Município de Faina, os quais eram distritos de Goiás.

3

FESTAS RELIGIOSAS CATÓLICAS DURANTE O ANO

JANEIRO

Ainda no início são várias celebrações de Festa de Santos Reis. Primeiramente, grupos de folias promovem o giro, como dizem. Giram durante a noite por vários dias, em muitos setores da cidade, bem como na região rural. É tradição servir aquela fartura de alimentos – a famosa comida de folia. O complemento é o animado forró e também o catira ou cateretê. O ponto alto da festa se dá no dia 6. Existem folias extemporâneas, no decorrer do ano, não apenas de Santos Reis, há também outros santos. No dia 20 é o dia de São Sebastião – o santo da proteção contra a fome, a peste e a guerra – mais cultuado na roça. Por incrível nenhuma comunidade vilaboense o festeja. Somente na romaria da Pedreira, no primeiro domingo de setembro.

FEVEREIRO

Naturalmente é o início do período quaresmal. Não há festas. No dia 2 é a festa de Nossa Senhora das Candeias. É lembrada apenas com a celebração da missa, nas igrejas e ao término, os fiéis ao chegarem em casa acendem velas, colocando-as nas portas, as quais ardem até o fim. Em todas as sextas-feiras, durante a quaresma, até o término da Semana dos Passos, acontecem as celebrações de missas, na igreja de São Francisco, com as cantatas dos Motetes, que são peças em latim, devidamente acompanhadas pela Banda de Música da Polícia Militar, obviamente regida por pessoas dotadas

desse pendor, não necessariamente militares. Só para exemplificar, o médico Fernando Cupertino de Barros Passos, por muitos anos, nas décadas de 1980 e 1990, era o regente do referido coral, durante a quaresma naquela igreja. Inclusive ele é compositor. Trata-se de um coral, que a vocação dos voluntários, nunca se acaba. Sempre tem a participação de jovens talentosos e engajados, dando assim, continuidade à essa centenária tradição cultural e religiosa.


São José – Santo do Mês de Março

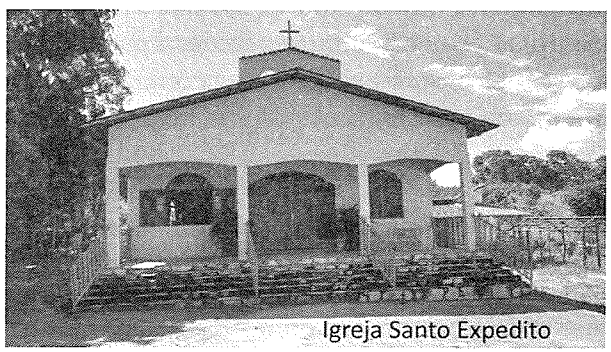
No dia 3, acontece também a tradicional bênção da garganta, durante a santa missa nas igrejas.

MARÇO

O mês, no entanto, transcorre sem qualquer festividade profana ou popular. Geralmente é quaresma e encerra com as tradicionais celebrações da Semana dos Passos, Semana da Dores e Semana Santa.

ABRIL




Igreja Santo Expedito

A única festa religiosa do mês é a de Santo Expedito, no Residencial Papyrus, com o seu tríduo que se inicia no dia 16 e termina no dia 19 – que é o dia dedicado ao padroeiro. Em todas as noites tem animadas quermesses, com grande participação popular de devotos de toda a cidade.

MAIO

É o mês em que desencadeia uma série de festividades em toda a cidade se estendendo até outubro, inclusive nos distritos e povoados.

A grande festa em homenagem à Santa Rita de Cássia, em que pese ser sua celebração no dia 22, no Bairro do João Francisco, ela não tem uma data fixa. Naquela Paróquia, realiza-se os dez dias de muita festança. Durante a novena, em todas as noites depois da missa ocorre a quermesse mais animada da cidade. Costumam brincar dizendo que se trata da prima rica pois, os leilões de gado rendem bons dividendos para a Paróquia. Ao passo que as festas de Santana e Nossa Senhora do Rosário, a renda total é muito pequena. Essa Festa de Santa Rita, deve existir desde a década de 1950. Outrora, aquela praça não era urbanizada como atualmente; a igreja era bastante modesta; realizava-se as quermesses ao lado do então Grupo Escolar Dom Abel; o gado para o leilão era juntado no curral do saudoso Aguinel Fonseca, ao lado de sua casa. Onde hoje é a Vila Aguinel, era pasto para os animais. Era poeira no tempo da seca e lama no tempo das chuvas, mas, a festa era super alegre. Na década de 1960, o Pe. Luiz Cardalda – um espanhol mui dinâmico era o administrador daquela Paróquia. Ele conduziu aquela freguesia, com muita maestria, apesar de certa dificuldade com o nosso idioma, ele foi bem sucedido.

Com o passar do tempo, a paróquia foi desenvolvendo e com a força da comunidade, foi construída uma nova igreja que hoje conta com uma boa estrutura. Por um considerável período, dos anos de 1970 até 2011, deixou de ser paróquia, incorporando, portanto, à Paróquia de Sant'Ana.

Em 2011, foi elevada novamente, à categoria de paróquia, oportunidade em que o bispo D. Eugênio Rixen, nomeou o então diácono Celso Carpenedo, que havia sido ordenado em 21 de agosto de 2010, para ser o administrador paroquial. Com sua ordenação presbiteral, em 30 de abril de 2011, ele assumiu realmente a Paróquia de Santa Rita de Cássia. Todavia, com a transferência do Pe. Celso para a cidade de Itapuranga, o diácono Dênis ordenado em 31 de janeiro de

2015, passou a responder pela paróquia. Consequentemente, quando chegou o momento de sua ordenação presbiteral em 16 de maio do mesmo ano, ele então assumiu a titularidade da paróquia.

Geralmente, no final do mês acontece a mega festa do Divino Espírito Santo. Ela é precedida pela Folia que sai no Domingo da Ressurreição e gira por toda a cidade, durante três dias. Do dia da saída até o ápice da festa são 50 dias. Daí a denominação festa de Pentecostes. Nesse período acontecem também, nos fins de semana, os giros em vários distritos e povoados, bem como na Capital. Em Goiânia, visitam as casas de ilustres famílias vilaboenses e é onde a arrecadação de numerários é vantajosa. A cada ano, no final da missa solene de encerramento, por volta das 11:30 horas, na Catedral, realiza-se o sorteio, com todo o seu ritual peculiar, para saber quem será o novo imperador e demais cargos, no total são 17, para a festa do ano seguinte.

Outrora, os organizadores dessa festa realizavam o abate do gado que era recebido como doação, e na 5ª feira, na semana da novena, era distribuída a carne às pessoas carentes previamente cadastradas. Levavam aquela carne como um troféu. Tinham aquela satisfação em receber e levar para a casa a famosa "carne do boi do Divino".

O imperador Emival Félix da Silva, do ano de 1993, juntamente com seus familiares e colaboradores, inovaram aquele ritual da entrega da carne. Passou a distribuir uma cesta básica, com uma boa variedade de gêneros alimentícios. Daí em diante deu-se continuidade daquele modelo de distribuição das cestas.

Alguns imperadores exercitam suas criatividades, tais como, a forma de distribuição, locais, quais os gêneros, porém, a carne bovina não pode faltar.

Talvez o derradeiro imperador que promoveu um ato diferenciado, fora o Jalles Seixo de Brito, no ano de 2003: distribuiu, no término da missa, após o sorteio, na Praça do Coreto, um farto banquete de salgados e doces, fazendo um resgate de outrora, segundo informações de terceiros. Em todos anos, os festeiros – novenários, capitães do mastro e mesmo o imperador usam de muita criatividade, desde

a ornamentação da igreja, até as distribuições de lembrancinhas aos fiéis, durante a novena.

JUNHO



Santo Antônio São João São Pedro

É chegado então, a temporada característica das tradicionais festas juninas: Santo Antônio, dia 13; São João, dia 24; e, São Pedro, dia 29. Em que pese se tratar de festas profanas, há sempre a participação efetiva da igreja. Nos principais padroeiros, como Santo Antônio, São João e São Pedro, sempre contam com a presença de um padre para presidir a celebração litúrgica. As comunidades envolvidas solicitam que tenha a santa missa, no evento. Desde o início do mês, todos os fins de semanas, são tomados por festas, principalmente nas escolas públicas e particulares. Em todos os anos, a temporada das festas era iniciada pelo saudoso Colégio Sant'Ana, nos primeiros dias do mês. Devido a grande quantidade de estabelecimentos de ensino, na cidade, de juninas passaram também a serem julhinas. Sobraram para o mês de julho.

JULHO

Um período atípico. Muitas famílias migram para as fazendas, rio Araguaia ou outros lugares. Inicia-se o mês com o encerramento

da festa de Trindade (Divino Pai Eterno) e Guarinos (Nossa Senhora da Penha), oportunidade em que centenas de cavaleiros e amazonas, componentes da Comitiva Boa Esperança, em romaria, ainda em junho, seguem rumo àquelas duas cidades. No passado, havia a celebração do tríduo de Nossa Senhora do Carmo, cuja igreja é anexa ao Hospital São Pedro de Alcântara, com o encerramento no dia 16 – o dia da Padroeira. No dia 17 é a data fixa do começo da novena de Sant'Ana, na igreja Catedral, terminando dia 26, com a procissão. Todas as noites ocorrem animadas quermesses. Dias 25 e 26 são feriados: aniversário da cidade e 26 é o dia de Sant'Ana dedicado às avós, é o dia da Padroeira do Estado de Goiás, Padroeira da Diocese de Goiás e da Cidade de Goiás.

AGOSTO


Igreja N. S. D´Abadia

Logo no início celebra-se São Domingos de Gusmão – o Patrono dos frades Dominicanos, os quais congregam na antiga Vila Boa há exatos 140 anos. Vieram da França para Goiás em 1883. Juntamente com a Comunidade realizam o tríduo de celebrações litúrgicas itinerantes, a partir do Lar São Vicente de Paulo (antigo Asilo); na casa de um leigo na Comunidade São Domingos no Larguinho Domingos Gomes; na casa de outro leigo pertencente à Família Dominicana; e encerra solenemente a festa de São Domingos no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, no sábado da primeira semana, que após os atos litúrgicos, acontece uma confraternização entre todos os presentes.

A festa de Nossa Senhora D'Abadia, também é lembrada. É a festa da Assunção de Nossa Senhora. Seu dia é 15, porém, não necessariamente tem seu encerramento naquele dia. Geralmente se dá após a referida data. Realiza-se a *novena, na igreja D'Abadia, onde a comunidade fervorosamente se reúne* para rezar todos os dias. No 7º dia, depois da reza, por volta da 22:00 horas, sai da porta da igreja a tradicional serenata, que canta nas portas das igrejas do Carmo e Rosário, nas portas de algumas pessoas envolvidas com a referida festa e recolhe na casa do festeiro, onde reza e encerra com uma confraternização, fruto da colaboração da Comunidade. Cada um leva um prato de salgados, ou quitandas, refrigerantes, e todos se servem fartamente. Nos dois últimos dias tem celebração de missas, procissões e quermesses. Ao findar a celebração no último dia vem o momento dos agradecimentos e é anunciado o nome do festeiro – o alferes da bandeira, para o próximo ano. A grande maioria das pessoas ali é da banda direita do rio Vermelho, como costumam dizer.

No dia 20 comemora-se o "Dia do Vizinho", no largo do Rosário, após a missa em ação de graças, às 19:00 horas, quando acontece o corte do enorme bolo, que todos os presentes degustam à vontade. A Banda de Música da Polícia Militar local, tem um papel relevante naquele dia: alvorada às 06:00 horas e a retreta à noite no momento do bolo. Trata-se de um evento que fora instituído pela saudosa poetisa Cora Coralina, no dia do seu natalício, desde o ano de 1981 e vem sendo cultuado com devoção. Prestigiando a idealizadora da data, a Câmara Municipal elaborou a Lei nº 14 de 08 de setembro de 1980 e foi sancionada pelo Prefeito Djalma de Paiva.

SETEMBRO

No primeiro domingo se celebra a festa de São Sebastião da Pedreira. Diz respeito a uma antiga romaria, cerca de meia légua do então Arraial do Ouro Fino. Para ali, naquele dia convergem romeiros de muitos lugares, num raio de até mais de 100 quilômetros. Vêm de cidades como Goiânia, Inhumas, Itauçu, Americano do Brasil, Itaberaí, Mossâmedes, Sanclerlândia, Heitoraí, Itapuranga, Guaraíta, Faina e outras, bem como muitas pessoas da região rural.

Dentro da primeira quinzena do mês, celebra-se a tradicional festa de Nossa Senhora da Guia, no Bacalhau. O ponto alto ocorre

no fim da semana, no final da novena, com animada quermesse. É uma ocasião em que as casas do Bacalhau abrem suas portas. Quase 100% das mesmas são de gente de Goiânia, e, naquela época eles prestigiam, como devotos da padroeira. No último dia, no domingo após a missa de encerramento é servido um fausto almoço, para todos os presentes, debaixo do frondoso jatobaseiro e são algumas famílias que patrocinam.



Romaria da Festa de São Sebastião da Pedreira

Mais para o final do mês é a vez de São Vicente de Paulo. Também com um tríduo de celebrações e concorrida quermesse na derradeira noitada, festejando o santo no Lar São Vicente (antigo Asilo).

OUTUBRO

Começa com a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário, cujo encerramento é no dia sete – o dia dedicado à Santa. Em todas

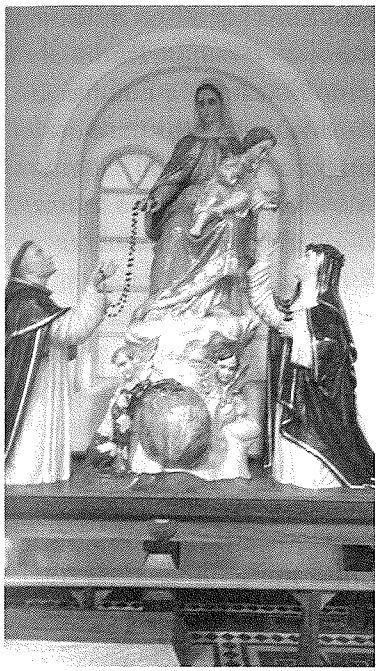


Imagem de N. S. do Rosário

as noites da novena, depois da missa acontece a animada quermesse. No último dia realiza-se uma linda procissão, com muitos andores, resgatando o costume de outrora.

Desde o século XVIII essa festa existe com a denominação de festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Antes de acabar a festa de Nossa Senhora do Rosário, já se encontra em andamento a novena de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Areias. É uma mega festa, cujo encerramento se dá no dia 12. Romarias a pé ou de carros, rumam para aquele local, oriundas de muitos locais, de cidades e do campo. De 11 para 12, durante toda a noite, a rodovia GO-070 acolhe milhares de romeiros a pé, que saem de Goiás, Colônia de Uvá, Itaberaí e Mossâmedes, bem como das fazendas. A partir das 04:00 horas, são celebradas missas de duas em duas horas até 10:00 horas. Os vilaboenses enchem a rodovia, o trecho dos 9 quilômetros, a partir das 03:00 horas, lançando suas passadas rumo ao referido Santuário; muitos cumprindo promessas. À tarde tem a reza do terço Mariano, às 15:00 horas. Às 19:00 horas acontece a missa solene de encerramento, seguida de leilões. Enfim, é uma festa de muita devoção e fé.

NOVEMBRO

Inicia-se o mês com a cidade superpovoada. São inúmeras pessoas que vêm celebrar seus mortos, no dia 2 – o Dia de Finados. Devido a pouca oferta de emprego, seus filhos se vêm na imperativa necessidade de procurar seus meios de subsistências, em outras plagas. É a lei da sobrevivência. A grande maioria de jovens vilaboenses acaba

migrando para a Capital ou outros lugares. Existem filhos de Goiás em muitas cidades, tais como Goiânia, Anápolis, Brasília, Itumbiara, Rio Verde e outras, e, até mesmo em outros Estados da Federação. Todavia, nunca esquecem suas raízes. As principais datas para essas criaturas retornarem à velha Vila Boa são: Natal, Carnaval, Semana Santa, Dia das Mães, Finados e épocas de eleições. Muitos moram fora, porém, não transferem seus domicílios eleitorais. Retornam a Goiás, para votarem nos candidatos preferidos, parentes ou amigos, contudo, o maior prazer mesmo é estarem se confraternizando com os queridos familiares. É quando a mamãe, ou a irmã, ou a cunhada, ou comadre, cheias de preocupação, para bem agradar, preparam aquele empadão, doces e outros sabores.

No dia 22 é o dia de Santa Cecília – a padroeira da música. Outrora, existia uma Associação e aquela data era celebrada com uma animada quermesse, oportunidade em que a Banda da Polícia Militar prestigiava a padroeira, executando lindos dobrados e outros repertórios, que agradava o público presente, durante o leilão. Infelizmente, essa festa caiu no ostracismo, já há décadas. Sua sede ainda existe. É um amplo salão, na rua Maximiano Mendes, centro, em frente ao Lyceu de Goyaz.

Por outro lado, a festa em homenagem a São Benedito – o santo padroeiro dos cozinheiros, que estava desativada, havia muitos anos, foi resgatada em 2009. Em todos os anos ela é realizada na última semana do mês. Graças ao empenho do dinâmico dominicano Frei Paulo Sérgio Catanheide Ferreira, quando era o pároco de Santana, coadjuvado pela bióloga Patrícia Mousinho – uma carioca que adotou a Cidade de Goiás para sua morada; bem como outras pessoas da Comunidade.

DEZEMBRO

No dia 4 celebra-se a tradicional festa em homenagem à Santa Bárbara. Ainda perdura o costume de a comunidade fazer a novena, na Capela. Em todas as noites se reúnem para rezar. Somente no dia quatro – o ápice da festa, após a santa missa, vem a famosa quermesse, no alto da colina, depois de ter galgado 103 degraus, da cansativa escadaria. Sempre tem a retreta, executada pela queridíssima Banda de Música da Polícia Militar, alegrando o ambiente.

Outrora, até por volta do final da década de 1970, era comemorada com muita ênfase, a festa da Imaculada Conceição. Portanto, o dia 8, que é o dia dedicado à santa, era também considerado dia Santo de guarda. Naquela época, após a missa, saía a procissão, da igreja Catedral de Sant'Ana, constituída por uma considerável quantidade de devotos, acompanhada pela competente Banda de Música, até o Salão de Santa Cecília, onde se desenvolvia a quermesse. Infelizmente, desde a década de 1980, esta celebração se se limitou a apenas à celebração litúrgica. Por outro lado, na gestão do saudoso Prefeito Djalma de Paiva, conforme Decreto Lei nº 59 de 20 de dezembro de 1977 esse dia 8 de dezembro passou a ser Feriado Municipal. Os católicos já cultuavam como Dia Santo de guarda.

A festa de Santa Luzia tem o seu pico no dia 13. A novena inicia-se no dia 4, na sede da Associação do mesmo nome. Em todas as noites, às 19:30 horas, a comunidade congrega ali, para rezar as tradicionais ladainhas ou terço, com muita devoção e fraternidade. No dia 9, de acordo com a tradição tem a presença de um padre, para ministrar a bênção da água. Como o saudoso dominicano Frei Marcos Lacerda, viveu seu sacerdócio, na cidade desde o início dos anos 1970, e, ele valorizava muito a tradição religiosa, as manifestações culturais, sempre foi ele o convidado para ministrar a bênção da água. No dia 10, realiza-se a procissão com o andor, da sede da Associação até o Santuário de Nossa Senhora do Rosário. Portanto, é feito o tríduo naquela igreja, com as rezas tradicionais. No dia 13, às 09:00 horas, acontece, então, a missa solene da festa e a igreja quase não comporta os devotos da santa protetora da vista. Encerrada a celebração, sai a procissão com o andor, retornando para a sua sede, por volta das 11:00 horas; ali chegando é servido um saboroso lanche (salgados e refrigerantes), para todos os fiéis e devotos presentes. Durante o dia, há equipes de voluntários, recebendo as prendas para o leilão daquela noite e as taxas de anuidades dos sócios em um ambiente de confraternização. A partir das 21:00 horas começa, então, o tradicional leilão, com vários leiloeiros, vestidos a caráter.

O salão fica repleto de pessoas. As prendas que nunca podem faltar: cachos de romãs, cachos de pitombas, canas, jacas e muitas outras coisas. Virou obrigação também leiloar alguns exemplares de pintados, pesando cada um cerca de 5 a 8 Kg, ou mais. (pescado no rio Vermelho, pelos abnegados devotos Antônio da Uva e o Sargento Sebastião Rosa de Castro Filho). Durante aquele leilão o ambiente é animado pela Banda de Música, com alternância de lindos dobrados e outras canções. Apresentam um vasto repertório.

Não se pode esquecer que dezembro é o mês das realizações dos encontros de confraternizações de fim de ano, em todos os segmentos como instituições públicas e privadas, comunidades religiosas e outros. Enfim, é o período festivo. Por conseguinte, no encerramento do mês, vem a celebração do Natal – a festa das famílias.

4

GRUPOS FOLCLÓRICOS

CONGOS



Grupo de Congadas

Por se tratar de um grupo que compõe a riqueza cultural da cidade, e que é uma raridade, remanescente em poucos lugares, há que ser devidamente valorizado. Pelo que consta, sua existência acompanha o começo da evolução da Vila Boa de Goiás, ou seja, vem desde o tempo do período colonial.

Conforme narrativa do Sr. José de Arruda Peixoto – atual Rei do Congo, que no ano de 2024, já conta com seus 82 anos, ele que desde os onze anos é envolvido nessa atividade. O Congo nasceu com

um pequeno grupo de homens negros, que chegaram do continente africano, na condição de escravos que construíam a antiga Vila Boa. Eles trouxeram de suas terras e para amenizar a saudade, cultuavam aquele costume. Diz que eles manifestaram o desejo de criar aquela dança, pediram o devido apoio às autoridades do local e lhes foi proporcionado o recurso necessário. É um folguedo negro, celebrado nas festas em homenagem a São Benedito e também Nossa Senhora do Rosário que, como se sabe, são os santos Padroeiros dos pretos. Rememora tradições nacionais africanas e foi também conhecido em Portugal. Entre nós, depois de largo período de esplendor, ainda tem sobrevivência em vários pontos, embora com muitas variantes.

Existem Congos e Congadas, em quase todas as Unidades da Federação. Cada grupo organiza sua roupagem a caráter, mantendo assim a tradição. As cores fortes são a marca registrada das agremiações, portanto de fácil visualização, chamando a atenção de espectadores. Não há plágio em suas vestimentas. São as mais coloridas possíveis. A exemplo, os Congos da Cidade de Goiás: vermelho, azul e branco, com muito brilho. Na cabeça, um chapéu de papelão, com ornatos de papel também prateados, espelhinhos e missangas. Os soldados e o embaixador possuem nas capas vermelhas pregadas estrelas e, à cabeça, vistoso cocar de penas, numa volta de papelão bordado a contas e com um espelhinho na frente.

O instrumental dos grupos de congos, variam de lugar para lugar. Alguns usam várias caixas ou tambores, os quais provocam muito ruído. Outros usam além dos tambores, cuícas, sanfonas, triângulos, violas, violões, cavaquinhos, reco-recos, caracaxás e outros. Esse caracaxá é um instrumento idiofono atritador, espécie de reco-reco, e consiste num bambu ou cabaça oblonga denticulada, onde o tocador utiliza um pauzinho a deslizar sobre a parte dentada, obtendo-se um som agreste, mas, que marca o ritmo com grande segurança. Alguns grupos preferem o pandeiro em vez de caracaxá.

Visto que no Brasil, a partir da década de 1960, houve considerável avanço no que tange a movimentos culturais, criou-se então muitos grupos de Congos e Congadas, por todos os rincões. Logo, muitos são modernos e divulgados. Há inclusive, intercâmbios. Um

exemplo, é a celebração da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de outubro, na Cidade de Goiás. Com a elevação à categoria de Santuário, o reitor do Santuário – Frei Elvécio de Jesus Carrara – frade dominicano, a partir do ano de 2017, coadjuvado por membros da Comunidade, promoveu o resgate histórico, dessa festa. Apresentaram-se nas programações dentro da novena pelo menos cinco grupos oriundos das cidades de Goiânia, Goianira e Niquelândia, incluindo o anfitrião, oportunidade em que puderam expor suas culturas, que por sinal foram muito aplaudidos. Cada um com suas características.

Na Cidade de Goiás, há décadas que o Sr. José de Arruda Peixoto, é o Rei do Congo. Vale lembrar que ele herdou esse dom artístico de seus ancestrais. São várias gerações. É uma família integrada por avós, pais, filhos e sobrinhos, além de amigos. O grupo é composto somente de homens não necessariamente negros. A maioria realmente é de cor preta. Porém, nas apresentações usam as devidas maquiagens e os brancos não aparecem. O cortejo se apresenta e de longe se ouve a música por assim dizer raspada nos caracaxás. À frente o Rei, ladeado pelo Príncipe seu filho, e pelo Secretário, têm suas vestimentas na cor azul. Nas extremidades, dois vassalos. O Rei vai com o cetro na mão saudando à direita e à esquerda. Atrás os soldados do Embaixador, em fila dupla, aberta pelos Guias e encerrada pelo dito Embaixador, que marcha ao centro, mas distanciado dos dois últimos soldados. Esses usam as roupas nas cores vermelha e branca.

Complementando, vai aqui a transcrição do texto escrito por Renato Almeida, em um livro do Centro de Pesquisas Folclóricas da Escola Nacional de Música – Rio de Janeiro – 1942:

"Anuncia o Congado uma cantoria em louvor a São Benedito e a Virgem do Rosário, findo o que o Príncipe avisa o Pai de que há gente que entrou pelo seu reino a dentro e é preciso verificar quem seja. O Rei chama o Secretário e lhe comete a missão. Este vai e confirma que há gente e muita, muita força e que está amedrontado. Manda o monarca que os traga pela orelha, mas o Secretário fica com medo. O Rei resolve então ir em pessoa e lança solene proclamação. Isso comove o Secretário e o decide a seguir para defender o seu

Soberano. Parte levando um amuleto qualquer que lhe deu o Rei. Depois de alguns incidentes, o Secretário defronta o Embaixador. O primeiro dialogo é desaforado e agressivo, mas este reclama suas imunidades diplomáticas e o Secretário, depois de informado das suas intenções, volta para de tudo informar seu Soberano.

Prostrado aos pés do Rei, o Secretário diz que está no reino um enviado da Rainha condessa. Ordena-lhe Sua Majestade que volte, com o Príncipe, e introduza o Embaixador à sua real presença, com as honras do estilo. O Embaixador recebe agora os emissários do Rei com toda solicitude e se prostra aos pés do Príncipe. Voltam todos e o Secretário anuncia ao Soberano que essa gente toda candongueira está aos seus pés. O Rei recebe o Embaixador, a princípio com insultos, mas depois se modera e o manda sentar ao seu lado. Ele então lhe apresenta as suas credenciais, uma carta da prima do Soberano, a princesa Dona Miguela (ou Dona Manoela?), que o Rei lê. Depois o Embaixador se apresenta, é D. Manoel e está ao seu real serviço. O Rei o faz Duque e Mirante-mor. Os soldados todos se ajoelham aos pés do monarca. Depois se erguem e cantam em louvor do Espírito Santo e de Nossa Senhora do Rosário e ficam tirando versos. Findas essas cantorias, refaz-se o cortejo como na entrada e saem os Congados, entoando a despedida, tradicional em todas as danças dramáticas brasileira, indo à frente, grave e solene, o Rei a saudar para todos os lados.

Tudo isso é entremeado de muita cantiga e de muitos episódios estranhos e disparatados. O texto a seguir, está cheio de palavras ininteligíveis, seja por serem deturpações de termos ou expressões africanas.

Não se pode falar a rigor de coreografia. Fazem os Congados umas evoluções, de natureza ginástica, mas não há propriamente bailado. São movimentos rítmicos executados quase sempre num andamento rápido".

ÍNTEGRA DO TEXTO SOBRE AS CANTIGAS DOS CONGADOS, DE ACORDO COM A PESQUISA DE RENATO ALMEIDA, INÍCIO DA DÉCADA DE 1940:



João Coxinha

"Na minha recente viagem a Goiânia, tive ensejo de assistir a várias representações de "Congados", que foram registradas em discos pelo ilustre professor Luiz Heitor, para a Escola Nacional de Música, e filmados pelo Instituto de Cinema Educativo. Consegui que o Rei desses "Congados" – Silvestre da Costa Santos – e seu filho do mesmo nome, também participante do folguedo, me ditassem o texto completo do auto, que fielmente reproduzo abaixo. Muitas são as palavras ininteligíveis, já por terem passado na tradição oral pela sua sonância apenas, já por serem deturpadas de termos africanos. Este auto difere bastante "Congos" que se tem registrado ou descrito, de sorte que acredito ser o seu texto interessante para estudos comparativos. Deixo de mencionar a parte musical, o cerimonial e a coreografia, indicando apenas o que seja imprescindível para acompanhar o texto.

Personagens:

O Rei do Congo
O Secretário
O Príncipe
Dois Vassalos
Dois Guias
Dois Contra-Guias
O Embaixador
Soldados.

O préstito (cortejo) vem em formação por dois, tendo à frente os Guias, seguidos pelos Contra-Guias, depois os Soldados. No fim, marchando sozinho, o Embaixador. Os Soldados tocam caracaxás, que aparece no bailado com o nome de "marimba de guerra", um violão e um tambor surdo. No final do préstito, encerrando-o o Rei do Congado, ladeado pelo Secretário, pelo Príncipe e pelos dois vassalos. Estes vestem-se de azul e os demais de vermelho. O traje é uma saia branca, uma camisa e uma toalha da mesma cor nas costas. Um saiote, um colete e uma capa com arminho, azul para o Rei e seus Dignitários e vermelha para o Embaixador e seus Soldados. Todos trazem ao peito e na cabeça um espelhinho como ornato. Os Soldados tem cocares de penas na cabeça.



Congos da cidade de Goiás

GUIAS, TIRANDO VERSO:

Com licença, Sinhô
Rei-monarca vai chega
Em lovô São Benedito
Nós viemo festeja.

CORO:

Foi, foi, foi lá no céu
Marca na calunga
Rei do Congo, Ariri.

GUIAS E CORO:

Ó vilami, ó vilami (bis)
Oi Virge do Rosaro!

GUIA:

Chega gente que vem de Cafange
E também de Guiné
Também de Cafange
Também de Guiné

GUIAS:

Com licença, Sinhô Rei
Nós viemo dá nossa Embaixada

CORO:

Rei, Pai, Sinhô
Nós viemo acompanhando.

(Nessa hora, o Príncipe sai do seu lugar e começa vigiando o campo, meio suspeitoso).

GUIA:

Cunderê, ó ai Cunderê

CORO:

Olha o andamo
Vai comendo criangú

(Enquanto o coro canta isso repetidas vezes, o Rei solta, de vez em quando, gritos – "Ubimba!" "Ucagange!" "Udubá!""Uelê").

O PRÍNCIPE (ajoelhando aos pés do Rei):

Sinhô meu Rei, aonde que Vossa Magestade está fazendo tão descansado, que não manda esse capiau munbungo vê que gentes são esta que entra por este reino a dentro com tanta buia matinada sem respeitá esta reá corôa?

O REI EM SOBRESSALTO:

Ó Secretário! Onde este tão descansado que não ouve o meu reá chamado?

O SECRETÁRIO, APRESENTANDO-SE:

Pronto, vosso reá chamado!

O REI, COM ÊNFASE:

Secretário, vai vê que gentes são esta que entra por este reino a dentro, com tanta buia matinada sem respeitá esta reá corôa. Se fô gente de paz, mais paz. Se fô gente fundo rebôlo traz a oreia desse anães na ponta do seu cafange. Vai Secretário. (o Secretário sai e vai espionar, vendo que há em derredor. Depois volta e se ajoelha aos pés do Rei).

O SECRETÁRIO:

Sinhô, gente muito como que, gente de canela comprida, corpo grande feito como corpo de boi, oio branco, regalado, beiço vermeio pendurado. Meu coração ficou tão desmaiado de vê tanta gente, tanta força que sozinho não posso combate....

O REI:

Torna, torna, Secretário, coxia bem coxiado, traz a oreia desses anães na ponta de seu cafange. Vai Secretário!

O SECRETÁRIO:

Eu não vai lá mais não, que lá tem muita coisa feia. Se eu fô lá, eu morro engasgado.

O REI:

Vai que o sinhô vê que tem nele. Ocê não vai, eu mesmo vai.

O REI (levantando-se):

Antes que eu me vá, vou fazê a minha súplica: cruze de maciso, de cangaete, de fumaete, nome de padre,Espírito Santo, amém Jesus! Ó minha sacrossanta, que nesta igreja canta, dai-me um auxilio de queremência para que naia e tributa aos mais deveres caro. Ó Virge, ó santo que foram no revel da minha fortuna nunca diminuirão as minha minha dulgencia nem tampouco as minha valentia. (vira-se para os Soldados). Olá da minha guarda. Guarda e mais guarda, honra e mais honra, toca rebate de guerra, dê rebate degola. Assim como vence em mar aqui hoje em terra. Verás neste alto continente, morrerás todos fidalgo mundongo.

O SECRETÁRIO:

Suspendei, Rei-monarca! Para defesa de sua corôa, é bastante a minha pessoa.

O REI:

Ocê é valente, ó Secretário, então vai!

O SECRETÁRIO:

Eu vou mas...

O REI:

Mas o que?

O SECRETÁRIO:

Afuá...

O REI:

...afuá, afuá, soldado rei morre em guerra. Vai que te manda eu. (o Secretário dá dois passos e o Rei chama):

O REI:

Mas vem cá (depois chama o Príncipe) Príncipe, minha fia...

O PRÍNCIPE:

Rei, Pai, Sinhô

O REI:

Cadê os embreve coisa santa, que eu te dei pra guarda?

O PRÍNCIPE:

Maracatacá afuá...

O REI (repreendendo o Príncipe):

Cala boca bico trelento. Ninguém tá perguntando ocê nada por isso. Depois, esses em branco, esses mundero péga fala que nós faz feitiço da casca de nhô côco. Decá a coisa. (o Príncipe entrega ao Rei um saquinho com o feitiço).

O REI (dirigindo-se ao Secretário)

Secretaro, aqui tem coisa muito boa. Tem munheca de anjinho pagão, tem unha de sapa esquerda dentro de caçaranha, mocotó de oveia, cabelo de nhá fresca, carcanhá de nhá pulga. Tudo isso é muito bom, mas ocê não fia nisso não, quando ocê vê a coisa pretada, pretado mesmo, carcanhá que bate em bunda e fura. Vai Secretaro! (o Secretário levanta-se e fala):

O SECRETÁRIO:

Antes que me vá, vou fazê a minha súplica. Ó céu, ó minha Virge Santissima do Rosaro, vós, como minha defensora, não permita que a mim e a meu Rei percamo, neste ato munbungo, o que ganhamo nas funções passada. (virando-se para os Soldados). Olá de ti, munbungo! Preparai a tua inugida alma, quevai nobre, valente Secretaro, filho da costa do Guiné. Hoje saberei teu nome que é. Se com isto vós nao dnãoé, ruim será. Conhecerá os pulsos do meu braço e o golpe da minha durindanga! Si com isto vós não disse, toca marimba de guerra que eu vô te mostra.

(Os Soldados tocam o caracaxá, cantando uma melodia. O Secretário faz meia lua diante deles e se ajoelha aos pés do Rei. Este o benze e ele sai e vai até perto do Embaixador que continua no final da fileira dos Soldados. Vai, contorna a fileira e vem à frente indagar dos Guias).

O SECRETÁRIO:

Quem sois vós? Vós daqui? Vós dacolá?

UM GUIA:

Engamaiamos, somos de paz, viemos de terra de paz, quem quizé sê sabedô indague do nosso Rei-Embaixador, que ele então dirá quem eu sou.

O SECRETÁRIO:

Pois, amigos meus, mostrai o pé deste cavalheiro que eu quero recebe-lo com toda honra necessária, assim como a pessoa dele não merece. (Abre a fila e se dirige ao Embaixador). Quem sois vós, que entra por este Reino a dentro com tanta buia e matinada sem respeitá aquela reá corôa? Conhecerá os pulso de meu braço e o golpe da minha durindanga!

O EMBAIXADOR:

Generá Calbaro, infame, atrevido, mácriado! Cala, cala Secretaro. Medo de ti não tenho, nem dos teus ameaço para vós me ameaça. Se eu viesse em guerra trazia este exército armado para contigo pelejá! Avança Secretaro! Suspende os teus fronte que veja a previlégio que trago que é da lei de Embaixadô e tudo qual alumeia. Mombique, Mombaca pelo rebolo. Veja previlegio que trago que é lei de Embaixadô. Governadô destas terra toda, volta vá fala com este povo massa ganga, si acaso dá licença que eu quero dar a minha Embaixada que vem enviado do Rei e da Rainha Condensa. E tu Secretaro, em pago desta justa lei que trago hei de premiá-lo com os pulso do meu braço e o golpe da minha durindanga.

O SECRETÁRIO:

Eu juro por Santo Evangelho, pelo Deus que nos criô; nem um passo daqui sem meu Rei sê sabedô. Meu Rei há de fica ciente, Sinhô, que tem no Estado essa alta e nobre gente.

(Os Soldados dançam o fogo, passando a espada pelas pernas e pelo pescoço uns dos outros. Enquanto isso, o Secretário chega e se ajoelha aos pés do Rei).

Sinhô, eu cheguei e Carruó. Quis cortá cabeça, suspendeu logo e disse que ilustre Embaixadô que ele licença pede para dá sua Embaixada que vem enviado de Rei-Rainha Condensa.

O REI:

Muito será do meu agrado. Concedo mesmo favô. (chama o Príncipe). Príncipe, mia fia, vai, com este ilustre, valente Secretário, recebê aquele ilustre Embaixadô com toda honra necessária assim como a pessoa dele merece.

O PRÍNCIPE:

Serei vosso reá mandado!

(vão os dois até perto do Embaixador).

O SECRETÁRIO:

Muito agradou meu Rei a tua justa lembrança e manda toda pressa de mi nesta dança.

O PRÍNCIPE:

Ilustre Embaixadô, aqui manda Rei meu Pai recebe este Embaixadô com toda honra necessária assim como sua pessoa merece. Se fô com prova vos espero amanhã no Rosário de Maria será premiado.

O EMBAIXADOR:

Ó augusto Príncipe, prostô em vossos pé pra rendê obediença a vós (chama um Guia) ó Augusto!

O GUIA:

Sopa de osso!

O EMBAIXADOR:

Toca marimba de guerra prá cortá meu pescoço.

OS GUIAS (cantando):

Prenda, prenda, minha gente.

CÔRO DOS SOLDADOS:

Au-ê – ê – ê – ê.

OS GUIAS:

Vamo aos pé do nosso Rei.

CÔRO:

Au-ê – ê – ê – ê.

OS GUIAS:

Vai morre, vai acaba.

CÔRO:

Au-ê, - ê – ê – ê.

O SECRETÁRIO: (ajoelhado aos pés do Rei)

Sinhô, esta gente condogueira, esta gente feiticeira, tudo hoje prosta em vosso reá pé!

O REI:

Secretaro, em recompensa deste grande louvo, amanhã no Rosaro de Maria eu te dô uma corôa de fulô. (dirigindo-se ao Embaixador). E tu patifão, entra por este Reino a dentro com esta cabaçada toda, esta soldadada toda, sem respeitá esta reá corôa? Tu não tem medo da excomunhão do padre Zungança?

O EMBAIXADOR:

Não Sinhô!

O REI:

Pois tu merece leva muxanga mataco de gongomê-macho, meus quandalho.

O EMBAIXADOR:

Sinhô, sou um familhão lacato matuta, que prosto em vosso reá pé, prá rendê obediença a vós. (Ajoelha-se aos pés do Rei).

O REI:

Pula a coite!

OS SOLDADOS (cantando):

Ó amburê, amburê, Senhora nos acompanha, olhai terna glória.

O EMBAIXADOR (levantando-se e se dirigindo ao Rei):

Sinhô meu Rei, Sinhô de Mumbica e Mombaça, pelo rebolo, licença peço eu prá fala a Vossa Reá Majestade que sou ilustre Embaixadô, que venho de Angola. Lá vi sua prima, D. Miguela que, aproveitando minha viagem, manda lhe entregá esta bêstage (entrega ao Rei uma carta).

O REI:

Aqui um ofiço de minha prima, D. Miguela, a Rei soberana. Príncipe, mia fia?

O PRÍNCIPE:

Rei, Pai, Sinhô!

O REI:

Cadê os cangaia zim branco põe nos focinho prá enxerga o caminho?

(O Rei põe óculos e lê). Ofiço de minha prima D. Miguela. Goiânia, Bahia, Pernambuco, Recife, Alagoas, Maceió. (fala-se também outros nomes). Aqui um ofiço de minha prima D. Miguela, sabendo que vós anda nesta festa de floresta, neste congo e congresso, por isso lá no largo dos coroné. Mia prima D. Miguela, Rangelo de Rangelim, Mastringo, Mastringalé e tu, Embaixadô, pode dizê o que quizé.

O EMBAIXADOR (virando para os soldados):

Por mim reponde os fidalgo que trago.

UM GUIA:

Quem tem boca não manda soprá.

O EMBAIXADOR (dirigindo-se ao Rei):

Eu me chamo D. Manuel, vausalo da vossa reá casa, pronto tudo que fô do seu reá serviço.

O REI:

Sinhô D. Manuel, eu lhe faço Duque, Mirante-mór, ganhando honra prá amanhã procurá em Portugá

O EMBAIXADOR:

Os Anjo do Céu, que dá a glória superiô, prá dá grande prêmio ao nobre Embaixadô.

O REI (mandando-o sentar de novo):

Pula-a-coite!

(Os Soldados se ajoelham e os Guias tiram verso e eles entoam o côro):

OS GUIAS:

A sereia hoje neste dia,
Dia de Santa Maria.

CÔRO:

Eêêêêê.....
Também neste dia de Santa Maria (bis)

O REI (soltando um grito que parece até um gemido):

U-du-bá!
(a cantiga pára. O Rei dirige então para os Soldados):
Por que vós não come lombo de zum galo nem lombo de zim gagilha?

UM GUIA:

Por que enganalhão ?

O REI:

Por que vós não canta aquela cantiguinha de carcominho que consola meu peito? Meu coraçãozinho ficou tão surúrú! Vós não frunca, vós não pururuca de guachi quateti. Viva o Divino Espírito Santo! (os Soldados se levantam).

OS GUIAS (cantando):

Nêgo araminá
E nêgo aramina
Nêgo congo adubá.

(o côro repete o verso).

O SECRETÁRIO:

Lá no céu tem sete estrela
Nenhuma delas cobre a lua
São Benedito no céu
Ó-lê-lê
Prá não chega prá nenhuma
Ó – que, ó que, ó jurá.

(o côro repete o verso. O Secretário tira então vários versos que vai inventando ou de que se lembre na hora. Findo isso, retira-se o cortejo com a seguinte cantiga de despedida):

OS GUIAS:

Com licença, Sinhô
Rei-Monarca vai s'imbora.

SOLDADOS:

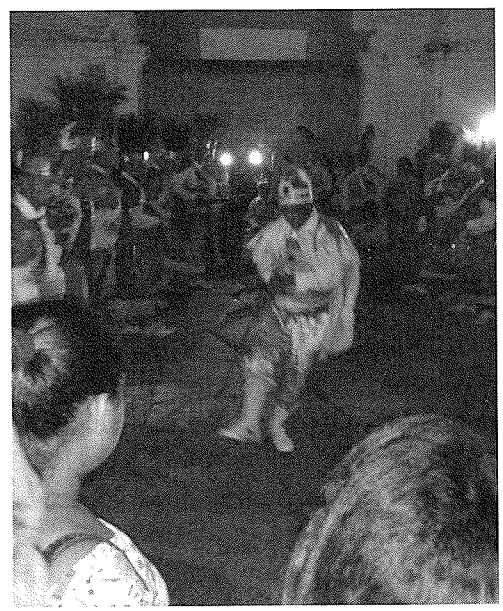
O Divino Esprito Santo
Que nos leva até a glória.

OS GUIAS:

Adeus, adeus, ó jaburé.

SOLDADOS:

Até pró ano, se Deus quizé.



Rei do Congo

5

ASSOCIAÇÃO CULTURAL BLOCO PILÃO DE PRATA DA CIDADE DE GOIÁS

CNPJ 18.893.700/0001-18
FONE (62) 3371-4528



O Afoxé Pilão de Prata da Cidade de Goiás é uma manifestação cultural que preserva e reúne, em seu cortejo afro cultural e festivo, as comunidades tradicionais de terreiros, grupos, indivíduos, mestres e gestores culturais, para a celebração do carnaval tradicional de rua, da antiga Vila Boa de Goiás. Essa manifestação coletiva é portadora dos referenciais de identidades e memórias afro-brasileiras desta cidade, reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade.

Em 2015, o Afoxé Pilão de Prata foi inserido no inventário do Patrimônio Cultural da Cidade de Goiás, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN e, antes, já tinha sido reconhecido por meio do Governo do Estado de Goiás, como representante da cultura afro do Estado. Em 2016, foi reconhecido como de utilidade pública do Município de Goiás, adquirindo igualdade de recursos entre outras manifestações de mesma categoria.

Essa agremiação, traz consigo um conjunto de elementos importantes para a preservação dos bens de natureza imateriais e materiais, pertencentes ao patrimônio afro-cultural da antiga capital do Estado de Goiás. O cortejo abre o carnaval tradicional de rua da cidade na sexta-feira, dia dedicado ao orixá Oxalá, patrono da Comunidade do Bloco Pilão de Prata. A homenagem a esse orixá portador da paz para as tradições do candomblé faz dessa festa, espaço legítimo das tradições culturais de natureza afro-brasileiras, vivenciadas de forma religiosa, na Cidade de Goiás. O dia do desfile deste bloco afro é esperado com expectativa pelos moradores, grupos culturais, comunidades tradicionais de terreiros e visitantes, onde cada um com sua contribuição ajuda a construir este momento festivo, de encontro e confraternização.

O Bloco Pilão de Prata é a associação de relações de trabalhos coletivos, comunitários e cooperativos de artesãos, costureiras, cozinheiras, percussionistas, dançarinos, produtores culturais e moradores que, dão manutenção aos bens do patrimônio cultural de natureza afro-brasileiro da cidade.

As pessoas vêm dos morros e bairros periféricos e vão se juntando no final da tarde de sexta-feira de carnaval nas portas e calçadas da velha Rua do Fogo. O som da salva de atabaques e o soltar dos pombos indicam que o Pilão já vai descer o morro, sob as luzes dos lampiões que logo são acesos, dando cores às tardes mágicas e douradas da cidade histórica. Descendo pelas ruas de pedra desenham-se as saídas do Pilão de Prata, homens e crianças vestidos com suas roupas brancas, mulheres com seus ojás e suas saias engomadas a balançar ao som do ritmo dos tambores, agogôs vão percorrendo as ruas e becos antigos em direção ao centro histórico, saudando seus moradores, levando a mensagem positiva de paz.

Na frente, o estandarte conduzido pelas mãos das mulheres vai mostrando o itinerário, seguido por símbolos como o pilão, o cajado, os turbantes, ritmos, cores, cheiros e sabores com o jeito de ser e fazer daqui, todos vão descendo a ladeira de calçamentos de pedras após a salva de atabaques, a chuva de milho e o soltar dos pombos brancos.

O cajado sai sempre no cortejo, nas mãos dos mais velhos, é construído com a madeira chamada guatambu, muito utilizada como cabo de ferramentas para o trabalho braçal, nas regiões rurais. O cajado é uma insígnia importante e representa a presença do orixá Oxalá no cortejo do Bloco Pilão de Prata. O significado do cajado é o poder da criação do mundo, dos seres humanos, a sapiência dos anciãos, servindo de apoio para locomoção deste grande orixá que é o mais velho de todos e, considerado o pai da criação, portador da paz.

O pilão, símbolo do Bloco Pilão de Prata, pode ser construído de madeira ou pedra sabão. Para as comunidades tradicionais um importante utensílio culinário, essencial nas atividades tradicionais da cozinha africana e vilaboense, ainda muito utilizado nos assentamentos e áreas rurais. Com as mesmas funções de um almofariz, o pilão é utilizado para moer, ou seja, triturar alimentos e temperos; normalmente é feito de um tronco escavado, geralmente de uma madeira macia, acompanhado de uma madeira mais rija, cujas extremidades são arredondadas, conhecida como mão-de-pilão. No entanto, o pilão representa no culto da religião dos orixás, tão presente na comunidade vilaboense, simboliza as duas forças fundamentais para a criação, feminino e masculino, o que resulta num terceiro elemento, o elemento procriado. No cortejo do Bloco Afro Cultural Pilão de Prata, o pilão representa aceitação indistinta de todos e quaisquer, bem como o lugar da magia, da criação, da cura e da sabedoria. As cores do bloco configuram o seu enredo que é o branco e o azul, cores estas que representam o orixá Oxalá na tradição do candomblé. O branco representa a junção de todas as cores e, a utilização do azul caracteriza a tranquilidade e fé como símbolo maior do elemento cromático da marca do bloco. O figurino brinca com o lúdico e retrata a multiculturalidade e a pluralidade que marcam as alas do bloco afro cultural, donde são apropriados roupas e adereços da tradição do candomblé, dando ênfase para os destaques que sempre fazem homenagens aos ilustres mestres daqui a cada desfile. Também é na construção do figurino que as cores dos orixás que regem o ano são inseridas, mescladas a beleza dessa gente que vive entre a Serra Dourada e o Morro Canta Galo.

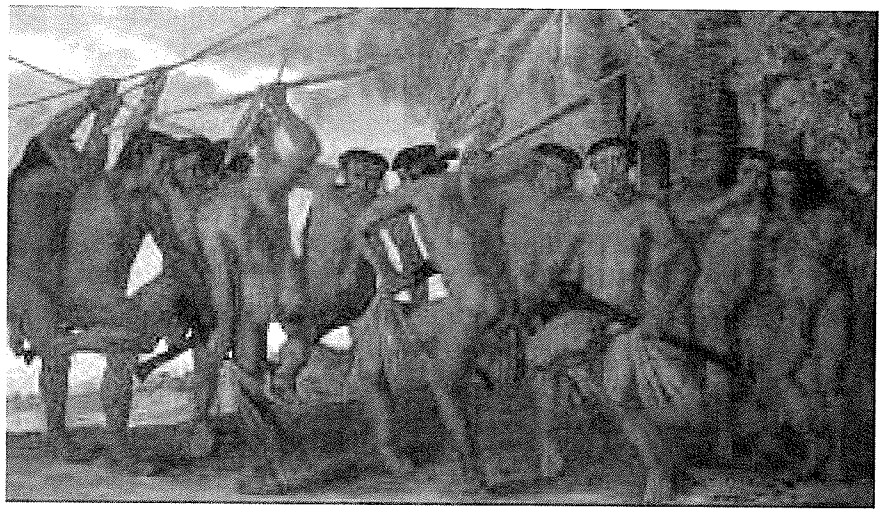
As ações educativas são oferecidas ao público por meio de palestras, oficinas, apresentações de vídeos, exposições, cursos de capacitação e aperfeiçoamento para os gestores e produtores culturais. As atividades antecedem as comemorações do Dia do Pilão de Prata, no período do carnaval e, no Encontro de Tambores da Cidade de Goiás, atividade que é realizada no segundo semestre e reúne os grupos tradicionais de vários lugares do mundo, no cerrado goiano. A entidade é um importante instrumento educativo de combate ao preconceito étnico racial e de posicionamento social dos grupos culturais, comunidades tradicionais de terreiros, produtores e gestores, proporcionando o terreno para a articulação, colaboração, inserção social e contestação destes que aqui residem, em seus atos de definição das próprias ideias sobre a sociedade que são parte.



Lembrando, em tempo, que este capítulo foi uma gentil colaboração do amigo Prof. Paulo Sérgio Gomes Ferreira – Coordenador do Pilão de Prata.

6

A DANÇA DOS TAPUIOS



Por seus movimentos e efeitos coreográficos, a dança dos Tapuios é deveras interessante e cheia de sugestões curiosas. Não se trata de bailado legitimamente indígena, embora tenha tido essa origem e mantenha os motivos da vida tribal. É preciso notar, que essa dança é representativa e os índios não dançam para simular ou divertir-se, mas para cumprir os seus ritos. Provavelmente, ela nunca foi autenticamente indígena, mas é simples reminiscência da vida dos silvícolas, inspirados ou organizada por índios já absorvidos pela civilização.

Trata-se de uma dança cerimonial, simulando uma guerra e depois uma festa de amizade. É legitimamente um bailado e as cantigas tem apenas valor sonoro, para acompanhar os movimentos e sem qualquer relação ou mesmo alusão ao sentido das cenas, as evoluções coreográficas, mímicas e interpretativas, são bem ritmadas, sendo que, para acentuar a marcação, se utilizam dos bastões de ritmo, arcos, flechas e batidos dos pés. Na dança é comum um pulo com uma das pernas no ar. Dançam invariavelmente curvados, como é prática indígena.

Os Tapuios se vestem de índios, com penas na cintura e nas pernas, vistosos cocares, colares e chocalhos nos tornozelos. Pintam o rosto, usam camisas e dançam de pé no chão. Trazem uma imitação de arco e flechas e um legítimo bastão de ritmo, de cerca de um metro. Os exemplares deste eram decorados e pintados, quase todos ornados com penas.

Entram os tapuios para o bailado, marchando em fila dupla, vindo à frente dois garotos, que são os caciques de cada ala, que representa uma tribo. Logo atrás, os capitães ou guias. Ao todo eram quatorze, além de três músicos, que precedem o grupo, mas não se vestem a caráter e, durante toda a apresentação, ficam sentados, não participando, pois, de modo algum, do bailado. Um dos Capitães, o que comanda, usa apito, para marcar o início e o final de cada cena.

Dispõe-se os Tapuios em duas fileiras. Soa o apito, os músicos começam a tocar e eles, curvando-se, iniciam o canto, a princípio em pianíssimo, alteando a voz e apressando o andamento, até ganhar certa imponência. Cantam o "Arirê-cum-cum," virando-se para a direita e para a esquerda, batendo com os pés e os bastões no chão. É o cerimonial do preparo para a guerra entre as duas tribos que se defrontam. E a luta começa a seguir. Como os índios pelejam dois a dois, sai cada qual da fila, encontram-se, batem os bastões, o que significa combate, voltando depois ao lugar primitivo, enquanto saem outros dois e assim sucessivamente. Os últimos são os guris, representando os caciques das tribos. Depois, com o bastão, cada um por sua vez, procura bater na canela do adversário, com quem finge lutar. Este pula a tempo. É ainda a representação do combate feito dois a dois e ficando para o final os Caciques.

A evolução seguinte consiste em passar os bastões pela cabeça do adversário, com o que finda a guerra, isso simbolicamente, sem a vitória de ninguém. Portanto, é uma reconciliação geral, com a volta da paz. Cantam então, com vivacidade e bom ritmo, uma das mais bonitas melodias do bailado, o "Jaburê-quá-quá," e fazem roda unida,

que se move com lentidão para a direita e para a esquerda, dispondo os bastões de tal sorte que neles erguem, acima das cabeças, os pequenos Caciques. Um deles diz o seguinte: "Sinurijarim, Bacupurú, Uiapiçam, Cicaclibé Alcubá, Alcú" e que na língua dos xerentes significa: "O cavalo, o burro, o cão, o frango foi embora, correu."



Escola Estadual Dom Abel – Semana do Folclore

Dissolve-se a roda e refazem-se as fileiras. Começa então o que se chamam descarga de combate e consiste em baterem continuadamente os bastões uns nos outros, apertando o ritmo, o que é de efeito interessante e vivíssimo. Depois, abrem uma grande roda, na qual cada tapuio se coloca em frente a um companheiro, mas de lado para o centro do círculo. Simulam uma luta, segurando com uma das mãos o bastão do adversário e apertando as mãos livres. Depois se abraçam celebrando a paz e soltam exclamações de alegria.

Em seguida, depõem os bastões no chão e, entoando uma cantiga movida e muito doce – "Tapuranga ou Japuranga matô mia fia?" – tomam os arcos e flechas e evoluem lentamente, levantando uma das pernas e batendo com os arcos uns nos outros, no que gastam algum tempo e terminam com um grito de alegria. A evolução seguinte – são agora danças de paz – cantada com a melodia "Jacu já veio" – é bem movimentada. Em roda pulam para a direita e para a esquerda, para frente e para trás. Depois, pondo as mãos nos ombros uns dos outros, como em "caminho da roça", saltam para a frente, fazendo girar a roda com muito ritmo.

Novamente em fila dupla, cantam o "Aricum Cadiamam," trançam os bastões nos braços e avançam para a frente para a perna do lado de fora no ar e encostando o ombro no do companheiro lateral. Voltam à roda, que a formação mais habitual das danças primitivas – e, como se vê, é a mais repetida nesse bailado – e evoluem com os bastões, a um andamento rapidíssimo de valsa. De súbito, um dos Caciques cai ao centro.

Está morto! Entram os Tapuios em lamentações, que duram pouco, por que logo o outro Cacique corre e, ao ouvido do que morreu, segreda alguma coisa. O morto ressuscita! Cessa o lamento e, ao som da valsinha apressada, continuam fazendo roda, a baterem com o bastão ora no companheiro da frente, ora no que está atrás.

Mudam a toada e continuam a roda, com os bastões ao ombro, levantando uma das pernas para um e outro lado, e cantando "Axinim". Iniciam um ruidoso sapateado, entoando "Cambreananeia" com muito vigor, enquanto gingam com o dorso e terminam a cena fazendo um giro completo sobre os pés. O interessante é ser de todo o corpo a coreografia nesse ponto, o que é raro, pois os movimentos são de pernas e pés, ficando os figurantes em posição sempre recurvada.

Segue-se uma das partes mais interessantes do bailado. Um dos guias finca o bastão na terra, simulando a zinga, pau comprido com que os índios encostam ou afastam as ubás (canoas). Depois disso, os Tapuios fingem que entram para a embarcação e começam a remar, cantando uma canção no ritmo do movimento compassado dos remos:

Escondumba-a-rê
Zumba-rê – Zumba-rá
Ei...Eê... Eê

Afinal desembarcam da ubá, firmados nos bastões que, durante a cena, serviram de remos, e são postos depois ao centro da roda. Evoluem em torno deles, em movimentos laterais e de fundo, e os retomam afinal, cantando uma melodia muito suave: "Cumpade já veio, cumpade já vai", enquanto levantam descansadamente ora uma, ora outra perna. Em seguida, marcham e cruzam os bastões, formando V com vértice para cima, à guiza de arco, debaixo do qual passam os dois que vêm atrás, repetindo-se a evolução para todos, sendo os últimos os Caciques-piás.

Finda essa derradeira cena, os Tapuios, ao som de uma marcha executada pelos instrumentos, saem, garbosos, a passos curtos e arrastados, em formação por dois. Terminaram a exibição ingênua e curiosa, mais coreográfica do que dramática, porque não há propriamente enredo e os episódios significam apenas pretexto para as danças ginásticas e às vezes mímicas, que nem sempre se sucedem na ordem acima indicada. Não tem uma grande desenvoltura, mas graças ao colorido da indumentária e à sugestão musical, com melodias suaves e ritmo bem vivo, são agradáveis e de certo efeito decorativo. Como reminiscência de danças cerimoniosas, as dos Tapuios guardam um ar religioso e solene certas vezes, não dando nunca a ideia de que estejam eles aí se divertindo em esporte ou folguedo, mas cumprindo ritual severo.

Liga-se a Dança dos Tapuios a uma série de bailados de origem ameríndia e que perduram com uma larga mestiçagem. Neles, a influência indígena se faz principalmente na indumentária, pelo vistoso das penas, tanto que, em bailados sem qualquer ligação com a vida dos índios, como nos "Congados", em vários lugares, inclusive em Goiás, os participantes trazem imponentes cocares. Os silvícolas não nos legaram, porém, danças dramáticas, no sentido exato da palavra, autos populares com enredo, mas simples bailados, alguns dos quais movimentadíssimos, como "Caboclinhos" pernambucanos, cuja

coreografia é de excepcional importância, revelando os dançarinos qualidades extraordinárias de agilidade e destreza.

Não tem os Tapuios goianos tais méritos, mas fazem uma dança atraente, que guarda muito, nos passos e evoluções, da legítima tradição ameríndia. A representação será ingênua, os movimentos e a música não terão maior originalidade, mas há um irrecusável encanto, nesse bailado, sem dúvida muito sugestivo. Essa sugestão é o lirismo mesmo do folclore, no qual não devemos buscar apenas o documento, mas a emoção profunda que brota das camadas secretas da alma popular e flui como inspiração de arte e motivo de beleza.

A Cidade de Goiás ficou órfã de uma personagem, que conduzia a tradição da dança dos Tapuios, no dia 03 de outubro de 2018. Trata-se do Sr. Valdivino Anicácio de Moraes – conhecido carinhosamente por TUCHA. Ele que nasceu em Goiás-GO, no dia 07 de julho de 1946, faleceu então, com 72 anos. Por muitos anos ele treinava as crianças da Escola Estadual Dom Abel, que em muitas oportunidades faziam apresentações em eventos culturais. Uma pena não ter ficado alguém em seu lugar.



Escola Estadual Dom Abel – Semana do Folclore

7

QUILOMBOS

Denominam-se quilombos os redutos constituídos no Brasil colonial, pelos negros fugidos da escravidão. Com a abolição da escravatura, em 1888, muitos se viram acéfalos e desprovidos de meios de subsistência. Logo, reuniam-se em grupos e formavam os quilombos. No Estado de Goiás os mais renomados estão em Cavalcante, região nordeste. Em todo o torrão goiano são mais de 40 quilombos.

Em se formando, passavam a viver isolados da civilização branca. Viviam conforme a cultura original, com seus hábitos alimentares, suas religiosidades, usando até um dialeto próprio; podendo se dizer que tudo isso tratava-se de um legado da cultura africana.



Quilombolas – Cidade de Goiás

A Cidade de Goiás, com seus quase 300 anos, teve seu início, com o emprego de mão-de-obra escrava. Muito suor e sangue foram derramados de nossos irmãos indígenas brutalmente capturados nesta região e nossos irmãos negros trazidos da África, para que hoje tivéssemos esta linda e emblemática Vila Boa. Enorme eram a discriminação e o preconceito sobre aquelas indefesas criaturas, que até construíram uma igreja, a qual era só dos negros – a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que diga-se de passagem é a mais bonita da cidade, com a maior preferência para casamentos, batizados e muitos outros eventos festivos.



Quilombolas – Cidade de Goiás

Somente neste século XXI, veio a público a existência de um quilombo no perímetro urbano da Cidade de Goiás. Outrora, o local nem nome tinha. Chamavam-no de "o Morro", a parte norte da cidade. Depois passou a ser chamado de Chupa Osso. Por derradeiro angariou a simpática denominação de Alto Santana. Ali era o reduto do povo preto e pobre.

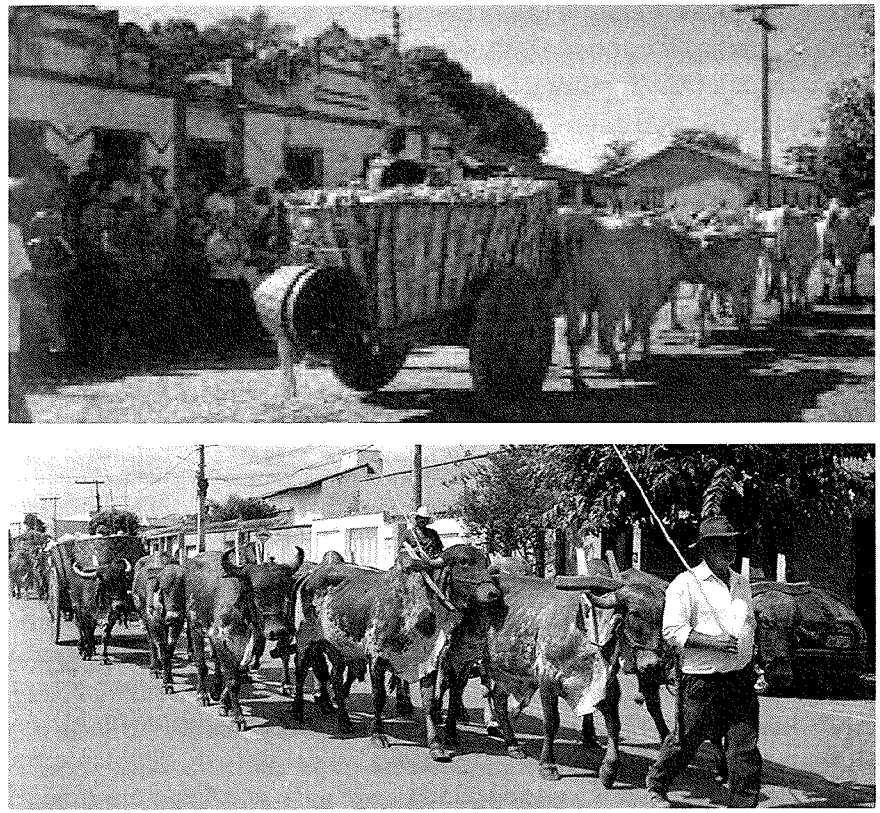
A Fundação Cultural Palmares – órgão ligado ao Ministério da Cultura, após investigação a respeito, reconheceu a existência desse Quilombo. No dia 25 de outubro de 2017, a Associação Quilombola Alto Santana recebeu a certificação respectiva, cuja presidência ficou

a cargo da jovem senhora Fernanda Santos. É prazeroso ouvi-la, pois ela é uma negra interessada pela causa. Ela nasceu naquele lugar, conhece toda a realidade do Quilombo e gosta de debater sobre o assunto.

Vale lembrar que esse assunto teve maior ênfase, a partir da década dos anos 2000, nos Governos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A partir de então a cultura afro tomou forma, passou a ser valorizada na Cidade de Goiás. O negro realmente resgatou sua dignidade e adquiriu visibilidade.

8

CARRO DE BOIS:



Carro de Bois

O progresso de todas as cidades, iniciadas como povoados ou lugarejos, tiveram a efetiva participação do único meio de transporte da época – o "Carro de Bois", no decorrer dos séculos XVIII, XIX e metade do século XX. Logo, pela sua relevância, achei por bem, que ele fizesse parte desta obra.

Goiânia é uma metrópole relativamente nova, pois foi criada na década de 1930. Pelas fotografias históricas, do seu surgimento, verifica-se a efetiva presença daqueles veículos de transporte, nos trabalhos da sua construção. Conforme narrativa do Prof. Thiarlles Elias de Paula, em pesquisa de mestrado, no fim da década de 1930, a prefeitura contabilizou cerca de duzentos carros de bois na capital, fora as carroças. Pela sua importância, poderia ser reconhecido como um bem material tombado pelo órgão competente, em nível nacional, no caso o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). Em todos os Estados da Federação, foi utilizado o Carro de Bois, no desenvolvimento de cada localidade, por cerca de 400 anos, como o único recurso disponível para transportar todo e qualquer objeto. No Estado de Goiás, mormente na Cidade de Goiás, que era a capital, tudo que fosse oriundo de outros Estados ou mesmo do exterior, o ponto final da carga transportada, era completado através do Carro de Bois. Produtos importados, vinham de navios até os portos do Rio de Janeiro, ou São Paulo ou Bahia. De lá até Uberaba ou Araguari, em Minas Gerais, o trajeto era feito de TREM. O restante da viagem, para a Cidade de Goiás, já se sabe: Carro de Bois. Paralelo a esse meio de transporte havia também os cargueiros, que eram, os equinos (cavalo e/ou burros ou mulas). O animal era equipado com um apetrecho chamado "cangalha", sobre o dorso, conduzindo, então, um par de bruacas de couro (uma de cada lado); havia também os jacás ou balaios um de cada lado da cangalha. O animal preferido para formar o lote de cargueiros, eram os muares (burros ou jumentos), por serem mais resistentes. Uma tropa de cargueiros, era constituída de vários animais, às vezes dezenas, sob os cuidados de alguém, devidamente qualificado, para a empreitada. Cada cargueiro conduzia em média, 60 quilos (ou quatro arrobas). Em um raio de 50 léguas, ou seja, 300 quilômetros, os cargueiros ou carros de bois, conduziam para a cidade: cereais, carnes, rapaduras, queijos e outros. Regressavam levando carregamento de: sal, tecidos, ferramentas (foice, machado, enxada, facão e outros). As viagens duravam muitos dias.

Só a partir do final da década de 1950, o transporte rodoviário motorizado começou a ser implantado. Infelizmente, o trem de ferro, no Estado de Goiás, bem como em outros lugares, não prosperou. Ele foi incrementado pela influência inglesa, no início do século XX, só que nas regiões sul e sudeste do país, e pouco ultrapassou a metade daquele século. Por outro lado, a influência americana, deu força ao transporte rodoviário, a partir da década de 1960; arruinando, destarte, o transporte ferroviário. Portanto, os caminhões destronaram os trens, os carros de bois e os cargueiros equinos.

Em relação ao carro de bois, atualmente, já neste século XXI, ele já é visto como um objeto histórico, mais em exposição, ou mesmo como ornamentação. No Estado de Goiás, o povo goiano, tem o privilégio de essa cultura ainda estar em evidência. Em todos os anos, na grandiosa Festa de Trindade, que ocorre no final do mês de junho e começo de julho, tem-se a oportunidade de ver centenas daqueles exemplares, oriundos de vários lugares do Estado. Tamanha a devoção à tradição, que conforme a distância, do território goiano e do Estado de Minas Gerais, os carros e os bois são conduzidos em caminhões, só para desfilarem. O tradicional desfile, na quinta-feira da semana do término da festa, apresenta mais de 300 carros, que atrai uma multidão nas calçadas das ruas, apreciando o evento, por onde passa o cortejo, rumo ao Carreiródromo. Os carros são todos ornados com tudo que há de direito; cada um com o seu canto estridente, simulando o transporte de algo do gênero. Existe na forma característica, que tangido pelo carreiro e quase sempre o proprietário, que pratica como uma devoção. É guiado pelo candeeiro, que sempre é um menino ou uma formosa mocinha, integrante da família, que anda na frente da junta da guia. Cada carro ostenta o respectivo número, bem como a placa indicando a origem. É um concurso avaliado por um júri, e, aquele desfile só finaliza lá pelas 15:00 horas.

Para materializar o histórico do carro de bois, segue a relação de denominações de quase todas as peças e acessórios que o compõe: mesa, cabeçaio, pigarro, chaveia, cordas, tamboeiro, canga, cambão, chêda, recavém, argola, roda, cravos, meião, cambota, arreia, oca, eixo, cocão, chumaço, fueiro, caniço, esteira, broxa, canzil, tiradeira, junta, ajojo, vara de ferrão com chocalho.

- Cabeçaio (não se diz cabeçalho) – peça inteiriça de madeira, compreendendo toda a extensão pelo centro da mesa, onde encaixa a canga da primeira junta até a retaguarda da mesa.

- Mesa – é a parte ou superfície onde é conduzida a carga.

- Esteira – é a proteção da carga sobre a mesa. É feita de talas de taquara ou bambu.

- Fueiros – são pedaços de madeira, em número de 14, cravados na extremidade da mesa (cheda), para apoiar a esteira, cuja altura é de aproximadamente um metro e trinta (1,30 m).

- Cheda – compõe a mesa, é propriamente a extremidade da mesa onde apoiam os fueiros.

- Rodas – são duas, com um diâmetro de aproximadamente 1,5 metro; nela tem as ocas, as cambotas e os cravos.

- Arreia – componente da roda.

- Cravos – ou pregos, peças em ferro, modelo meia laranja ou pião, que circula toda a roda.

- Chaveia – fica na ponta do cabeçaio onde se prende o tamboeiro na canga de bois de coice.

- Canga – peça de madeira, de aproximadamente 2 metros, que se coloca sobre os pescoços dos dois bois.

- Canzil – peça de madeira, dois em cada lado da canga, ladeando o pescoço do boi.

- Eixo – tronco de madeira, devidamente trabalhado, em que se encaixam as duas rodas.

- Junta – a dupla de bois.

- Chumaço – debaixo da cheda, entre os dois cocões.

- Caniço ou Recavém – entrada do carro na traseira, a tampa da esteira.

- Cambão – peça de madeira, de cerca de dois metros e meio que liga uma junta à outra.

- Tiradeira – no pé do cambão. Correia de couro torcida.

- Ajojo – amarra a cirigola no pé do chifre dos bois, desde que os bois não sejam grampeados, que significa que na ponta do chifre tem um pequeno orifício com uma pequena argola, onde é amarrada uma corda fina, para evitar que o animal balance a cabeça. Chifres de ambos, lado direito com lado esquerdo.

- Broxa – colar no pescoço do boi, que prende o par de canzis.

- Pigarro – para amarrar a junta de bois de chaveia, se forem 3 juntas, os do meio.

- Cocão – parte onde há a fricção no eixo, que provoca o ruído, o cantar do carro, em 4 peças.

- Oca – os buracos que vem na roda, entre o meião e a cambota.

- Argolão – peça reforçada de ferro, no centro e abaixo da mesa, atrás do eixo, destinada a atar uma ou duas juntas de bois, atrás do carro, nas grandes ladeiras abaixo. Serve para maneirar para os bois da frente.

- Um carro com dez bois: bois de coice – a primeira junta no cabeçaio; segunda junta – chaveia; terceira junta – junta de meio; quarta junta – pé de guia; quinta junta e última – guia.

Para encerrar, um trocadilho: "A alegria do carreiro é ver o carro cantar, 7 juntas de bois pretos, boas varas de tocar." Vale lembrar que são duas varas – uma com o carreiro e a outra com o candeeiro.

Obs.: colaborou sobremaneira, na coleta destes dados, o Sr. José Maria Inácio Pereira.

Tudo isso seria ineficaz se não existissem os bois, o carreiro e o candeeiro.

9

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)



É uma instituição civil, laica, constituída de pessoas despossuídas que se organizam para adquirirem suas independências básicas, ou seja, ter uma gleba (pedaço de terra), onde possa plantar e colher, garantindo o seu sustento, bem como criar animais, tais como bovino, suíno, caprino e aves.

O município de Goiás é o campeão em quantidade de Projetos de Assentamentos (P.A.), no país. São 24.

Em 1985, começou a atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Município de Goiás-GO.

A Diocese de Goiás tem uma longa história de trabalho pastoral junto aos camponeses. Essa caminhada teve início com a chegada do bispo Dom Tomás Balduíno em Goiás, no ano de 1968, e continuou com o sucessor Dom Eugênio Rixen, desde 1999, quando o substituiu. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi criada na Diocese de Goiás e a dinâmica de seus trabalhos desenvolvidos foi a inspiração para a sua criação em âmbito nacional, em 1975.

A CPT é uma pastoral da igreja católica, vinculada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Em Goiás, sua atuação foi desde o início, quando foi idealizada e sob a liderança de seu criador (Dom Tomás), que passou a proporcionar assistência e orientação espiritual aos grupos de pessoas carentes, vítimas do êxodo rural, que inchavam as periferias das cidadesQ; ressaltando, portanto, que não era exclusividade da Cidade de Goiás. Todas as urbes, em todos os quadrantes do país, inclusive, as capitais vivenciaram e vivenciam esse problema do êxodo rural.

A igreja católica, na Diocese de Goiás, mormente, na Cidade de Goiás, no seu papel de evangelizar e amparar os menos favorecidos, angariou a fama de proporcionar assistência às pessoas que se organizavam em grupos. Assim, no entendimento de latifundiários e radicais direitistas, ela era taxada de comunista.

Detectadas áreas de terras improdutivas, ou seja, fazendas de latifundiários inadimplentes com bancos oficiais, concernentes às obrigações financeiras e encargos sociais, havia o planejamento da ocupação. Geralmente aquela mobilização, para consumar a ocupação, acontecia em um fim de semana. Logicamente, no início da semana seguinte o dito fazendeiro, através dos respectivos advogados, obtinha na justiça o mandado de reintegração e manutenção de posse, ou seja, ordem de despejo. Face à forma de como se instalavam, escolhendo lugares de difíceis acesso, procrastinavam, ao máximo, a ação do oficial de justiça, não necessariamente, acompanhada de força policial, era levada na conversa e se estendia por meses. Porém, os interessados na consumação do despejo cobravam urgência e era quando requisitavam o auxílio de aparato policial para acompanhar e garantir o cumprimento da ordem judicial. Aí então, só restava aos ocupantes obedecer, porque está escrito: "decisão judicial não se discute, cumpre". No entanto, às vezes ocorria uma certa demora no cumprimento da ordem de despejo e era o tempo necessário para recorrerem e reverter a situação. Um exemplo, foi o Assentamento São Carlos. Um grande número de famílias, deveria ser mais de cem,

ocuparam a fazenda, que consistia em uma grande área, quase toda devastada, ou seja, muita pastagem e sem o devido zelo. Não tinha muitos moradores. Percorria-se quase 20 quilômetros para transpô-la, a partir do Distrito de Colônia de Uvá. O proprietário, residente no Estado de São Paulo, deixava o imóvel sob os cuidados só do gerente. Eis que a justiça expede a ordem para a desocupação, já requisitando da Polícia Militar o devido apoio de tropa para que o Oficial de Justiça pudesse fazer cumprir. Isso ocorreu no de 1993. Em um só dia foi cumprida a missão. O interessado providenciou todo o apoio logístico, ou seja, caminhões e chapas (homens trabalhadores braçais), bem como alimentação, para o contingente da Polícia Militar e os chapas. Dali saíram, sem qualquer resistência e formaram Acampamento nas margens de uma estrada vicinal, beira de um ribeirão.

Alguns meses depois, retornaram para o latifúndio. Dessa vez escolheram uma área muito acidentada, na margem de um córrego, em uma densa floresta, no centro da fazenda. Outra vez, repetia-se a ordem do judiciário. Mais uma vez a Polícia Militar, através do 6º BPM da Cidade de Goiás, segue para o local em apoio ao Oficial de Justiça, bem cedo, de um certo dia. Todavia, o aparato de caminhões para transportá-los era insuficiente. Apenas três e alguns trabalhadores (chapas). Como o local era de difícil acesso, muito íngreme, mata fechada, o número de pessoas considerável, o Comandante da Operação comunicou a situação ao Comandante do Batalhão, que por sua vez repassou ao Juiz de Direito. Com isso, nada foi feito, tendo sido oportuno, para que os advogados da CPT, agilizassem, de forma legal. Portanto, recorreram, ganharam e no ano seguinte, em 1994, os Sem Terras, triunfantes, transformavam o Acampamento, no legítimo Projeto de Assentamento São Carlos.

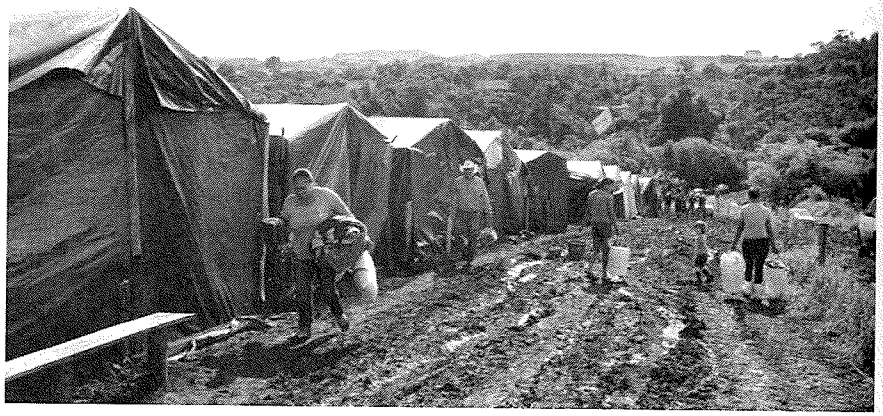
Na linguagem do pessoal Sem Terra e a própria CPT (Comissão Pastoral da Terra), aquela mobilização é chamada de "ocupação". Para o fazendeiro e mesmo muitas pessoas não simpatizante com a causa agrária, aquele ato é denominado de "invasão".

A consequência do despejo, geralmente era a criação de Acampamento, sempre próximo a um córrego, onde se armavam barracas de lona de plástico preto, por ser um produto de menor custo.

A alegação daquelas pessoas despejadas era de que dali estavam saindo, mas, não tinham para onde ir. Houve casos de Acampamentos que ficaram poucos meses ali instalados, precariamente e foram premiados com a criação de Projetos de Assentamentos, onde cada família pôde fixar sua morada. Ali, sob a orientação e coordenação do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), passaram a viver com dignidade. Muitos Acampamentos não tiveram a mesma sorte. Passaram anos no mesmo lugar. Ali criavam aves e suínos; formavam hortaliças, e, como são da labuta agrícola, trabalhavam nas lavouras da região, como diaristas ou empreiteiros, até que o guarda-chuvas do INCRA os cobrissem. Logo comemoravam a chegada à terra tão sonhada, aí ocorria a criação de um novo "P. A", para a satisfação daquelas famílias persistentes.

Na década de 1980, na Cidade de Goiás, parecia normal, em todos os dias da semana, no começo da noite, a presença de meninos e meninas, na faixa etária de 6 a 13 anos, de porta em porta, pedindo sobras de alimentos. Com o retorno das famílias, vítimas do êxodo rural, ao campo, através da Reforma Agrária, já com as instalações dos primeiros assentamentos, que no caso foram o Mosquito e o São João do Bugre, a partir de 1986, esse quadro se transformou. Não se viu mais as crianças pedindo comidas nas casas, na cidade. Passaram a produzir. Muitos que eram crianças naquela fase, podendo dizer nômades, até se verem instalados, pelo final da década de 1980, hoje são pais de famílias radicados naqueles terrenos, legado de seus ancestrais. Com a eclosão daquele movimento, quando o patriarca ou matriarca de cada família já computavam seus 40 ou mais anos, as crianças da época cresceram e assumiram as lidas, ou seja, deram continuidade aos trabalhos e formam atualmente as associações e ou cooperativas de pequenos produtores da agricultura familiar. Vale lembrar que muitas crianças daquele tempo, que mostraram bom desempenho escolar, se espelharam em muitos exemplos, se desenvolvendo nos estudos, enfrentaram concursos públicos e exercem cargos em várias esferas de governos.

É bom salientar que, a partir dos anos de 1980, surgiram as ações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), em várias partes do país.



Acampamento do MST

Em muitos lugares os conflitos agrários resultaram em derramamento de sangue. Jagunços matavam sem terra e estes também matavam jagunços. Dois casos dramáticos marcaram negativamente a história da luta pela terra, em nosso país: foram os massacres de Corumbiara, no Estado de Rondônia, no ano de 1995; e Eldorado dos Carajás, no Estado do Pará, em 1996. Consta que alguns dias antes, um grupo de 30 policiais militares acompanhavam o Oficial de Justiça, para fazer cumprir uma ordem de desocupação da Fazenda Santa Elina, só que face à resistência dos sem-terra, nada pôde ser feito, devido a reação e superioridade quantitativa dos colonos, na área. Todavia, no dia 9 de agosto de 1995, uma tropa com mais de 100 policiais militares, retornou ao local em apoio e segurança ao Oficial de Justiça e foram recebidos com hostilidade, quando tentaram resistir novamente, enfrentando a Polícia, sendo que no embate morreram 2 policiais militares e diante das circunstâncias, a tropa reagiu com dureza, morrendo também 10 pessoas envolvidas no episódio.

No ano seguinte, em 17 de abril de 1996, um grande contingente da Polícia Militar do Pará, chegou à sede do latifúndio, na região de Eldorado dos Carajás, onde estavam os acampados, que conforme reportagem de TV e vídeo de internet, tentaram enfrentar a PM. É visível a força policial correndo, é quando a tropa reage e o resultado foi a morte de 19 pessoas do MST.

Desde aquela época latifundiários portadores de índoles criminosas, se achavam no direito de ajustar pistoleiros para eliminarem lideranças sindicais, bem como religiosos e religiosas, da igreja católica, que defendiam os pobres, sedentos de um pedaço de terra, para a sobrevivência de suas famílias.

Em nosso torrão goiano, ainda na década de 1980, infelizmente teve o caso do assassinato de Nativo da Natividade – Sindicalista, defensor da Reforma Agrária, na região norte do Estado. A Polícia Civil investigou, indiciou e encaminhou o inquérito ao Poder Judiciário, com uma certa demora, pois, segundo os comentários, envolvia pessoas de grande influência política, era o tempo dos famosos "manda-chuvas" e com isso, os trabalhos investigativos eram dificultados. A justiça, como se sabe, um tanto tardia, julgou e condenou os envolvidos, que não eram poucos, pois, a quadrilha era formada de mandantes, intermediadores e executores, só que ninguém ficou preso. Não pagaram pelo hediondo crime praticado. Ainda na mesma década, houve o atentado contra a vida do padre Francisco Cavazuti – o Padre Chicão, em Mossâmedes, que não morreu, mas, ficou completamente cego. Havia na época, comentários de que existiam muitas pessoas envolvidas naquele crime. Porém, apenas o executor – Marcelino Antônio, foi preso. Em razão de ter sido uma tentativa de homicídio, pois, o padre não morreu naquela época, ele cumpriu uma vergonhosa pena, de poucos anos, perante a justiça e ao ser posto em liberdade, se mudou para a região norte do país. O subterfúgio que ele usou, foi de que teve um desentendimento com o padre, que havia recusado batizar o filho dele. Mas, era mentira. Com isso ele não revelou quem eram os mandantes, os quais ficaram sob a confortável sombra da impunidade. Foram muitas as ameaças ao bispo Dom Tomás Balduíno e ao frade dominicano Frei Marcos Lacerda, por causa da luta dos camponeses pela conquista da terra.

Muitos integrantes do MST, homens e mulheres, tiveram suas vidas ceifadas, em quase todos os Estados da Federação, ao longo dessas três décadas, por pistoleiros a mando de latifundiários.

Em que pese, o Município de Goiás, ser proporcionalmente o maior detentor de Projetos de Assentamentos, no país e que foram

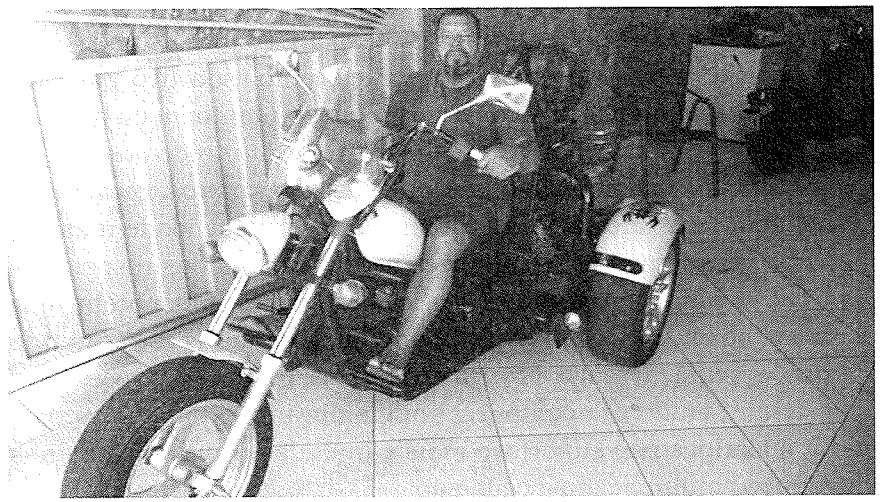
inúmeras as ações com a presença de tropas da Polícia Militar, em apoio ao Oficial de Justiça, para cumprimento de mandados de reintegração e manutenção de posses, não houve qualquer incidente, como aconteceu em Corumbiara, Eldorado dos Carajás e outros lugares do país. Não teve derramamento de sangue por parte da PM. Sobre essa paz no campo, se atribui ao dinamismo da CPT, que ligada à Diocese de Goiás, sempre manteve diálogo com as autoridades constituídas, ou seja, representantes do Governo Estadual; também a Polícia Militar, sempre primou pela pacificidade, defendendo o diálogo e a conciliação. Tanto que, ao longo desse período, os resultados das negociações renderam dividendos para todos os lados.

Em pleno ano de 2017, completou-se então, o 24º Assentamento, no Município de Goiás. Portanto, na ordem cronológica, são os seguintes Projetos de Assentamentos (P.A.): 01) Mosquito – 1986; 02) São João do Bugre – 1986; 03) Retiro – 1990; 04) Acaba Vida – 1990; 05) São Felipe – 1990; 06) Rancho Grande – 1991; 07) Lavrinha – 1994; 08) São Carlos – 1994; 09) Novo Horizonte -1996; 10) Paraíso – 1996; 11) Buriti Queimado – 1996; 12) União Buriti – 1996; 13) Holanda; 14) Bom Sucesso – 1996; 15) Mata do Baú – 1996; 16) Baratinha – 1997; 17) Engenho Velho – 1997; 18) Vila Boa – 1997; 19) Varjão – 1998; 20) Magali – 1998; 21) Serra Dourada – 1999; 22) Dom Tomás Balduíno – 2005; 23) Padre Felipe Leddet – 2014; e, 24) São Domingos de Gusmão – 2017.

Enfim, a presença do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), não foi maléfica para o Município de Goiás. Devolveu parte do povo, vítima do êxodo rural, ao campo. A região rural tornou-se habitada. Existe uma casa a cada quilômetro. E, diga-se de passagem, que são casas e não casebres, as moradas dos assentados, cujas edificações foram proporcionadas através de recursos oriundos do Governo Federal, via INCRA.

10

ENCONTRO DE MOTOCICLISTAS



Benedito Damião – Moto Club Cidade de Goiás

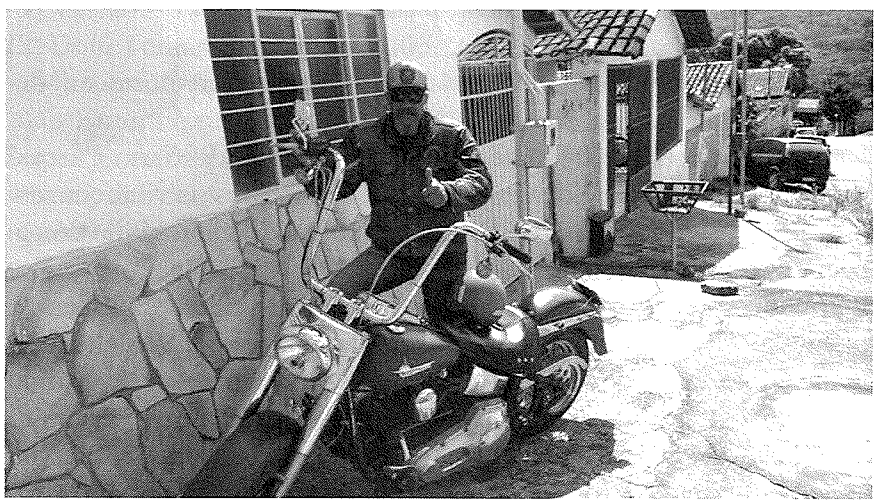
É um evento de muita relevância, que ocorre no último fim-de-semana do mês de agosto, na Cidade de Goiás.

Sua primeira edição aconteceu no ano de 1996, no Parque Municipal da Carioca, idealizado por dois entusiastas vilaboenses: Macaco e Tinda – (Benedito Damião da Silva). Desprovidos de patrocínios foi realizado com esforços próprios e ajuda de amigos. Era um público pequeno, não ultrapassando 50 pessoas. A experiência foi válida. Ali os visitantes se sentiram à vontade, com a delícia do banho de rio, curtindo o velho Rock Roll, assando carne, se divertindo durante a estada deles naquele ambiente, por sinal, um lugar muito aconchegante. O papo que rolava era sobre motocicletas, sobre viagens, bem como outros assuntos, em rodinhas de conversas entre 3, 4 ou 5 pessoas.

No sábado, à noite, em um tipo avaliação, com os agradecimentos pelas presenças, proferidos pelos anfitriões, já era programado o segundo encontro, para a mesma data, no mesmo lugar, no ano seguinte, (1997). Entre 1996 e 2011, a festa se chamava "Aniversário dos Anjos da Liberdade" – Moto clube local, e, foram realizadas nesse mesmo Parque da Carioca, nas margens do Rio Vermelho.

Essa é uma das poucas festas da cidade que é organizada por pessoa física e não empresa ou instituição promotora de festa.

A partir do ano 2012, o palco desse evento esportivo, passou a ser na Praça de Eventos – "Dr. Boadyr Veloso", também na beira do Rio Vermelho, anexa ao centro histórico, oportunizando aos visitantes saírem a pé, pelas ruas, bares, museus, artesanatos, geralmente casais, todos vestidos a caráter, pois, não é exclusividade masculina. Uma grande parcela comparece acompanhada das respectivas esposas, inclusive, crianças. Na Carioca era muito bom, porém, uma enchente no início daquele ano causou sérios danos às estruturas do Parque, e, como já existia a Praça de Eventos, pronta para recebê-los, a Prefeitura então os acolheu. É bom lembrar que naquele ano de 2012, a Carioca não suportava mais a multidão. Pois, a festa tinha seu público multiplicado a cada ano.



Macaco – Coordenador do Encontro Evento

O protagonista da organização desse Encontro de Motociclistas, na Cidade de Goiás, é um aficionado por motocicleta, filho da terra, trata-se de um homem simples, funcionário público, humilde, todavia, detentor de uma certa liderança, cujo nome é Orion Gomes de Amorim, conhecido por Macaco. Se houver um concurso perguntando qual o nome do Macaco, certamente, pouquíssimas pessoas acertariam a resposta.

Os participantes da festa, em grande parte, possuem como ponto de partida Goiânia, depois Brasília, vários municípios goianos e quase todos os Estados da Federação. Pois, é notado, entre aquelas milhares de motocicletas, placas de várias cidades dos Estados de Minas Gerais, de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Tocantins e outros. A partir de 2016, tem tido efetiva participação de motociclistas viajantes da Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

As festas, os encontros foram atos decisivos para a formação e consolidação dos primeiros moto clubes do Estado de Goiás. Nominamos alguns: Alcateia MC, Chopper MC, Anjos da Liberdade MC, Vikings MC, dentre outros que vêm sendo fundados.

Esse evento se materializou na Cidade de Goiás, inclusive, incluindo-se no calendário festivo da Secretaria Municipal de Turismo, por vários fatores: é uma cidade histórica e hospitaleira, com suas peculiaridades; tem uma população receptiva; o local onde se realiza a festa é maravilhoso, agregando ali cerca de seis mil pessoas; o período é de um clima agradável, com um pouco de calor durante o dia e à noite com um considerável friozinho; satisfatória na gastronomia, hospedagem, bem como serviços de bares, tudo a custos não exorbitantes.

É um acontecimento que se realiza sem qualquer formalismo. É interessante ver aquele povo com seus trajes típicos. Todos de preto. A população se mistura, apreciando os modelos das máquinas, motos e triciclos, se deleitando com aquelas belezas, além da animação com apresentações de bandas cover. A maior parte dos que ali vão para prestigiar o evento, estão de bermudas e camisetas. As mulheres não se preocupam em comparecerem ali produzidas. Até porque,

os visitantes – homens, mulheres e crianças, razão maior daquele momento, ostentam suas roupas características. Vale ressaltar que os integrantes desses moto clubes, são pessoas de todas as classes sociais. Ali se depara com comerciantes, juízes de direito, promotores de justiça, oficiais e praças das Forças Armadas, Bombeiros e Polícia Militar, policiais civis e federais, empresários, médicos, odontólogos, mecânicos, feirantes, engenheiros e muitas outras categorias. O importante, no entanto, é ver a familiaridade daquele povo. Não há qualquer animosidade entre eles. Naturalmente, onde há aglomeração humana, é pertinente contar com a presença do Estado. Daí a justificação da presença das guarnições do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar, ainda equipes municipais de saúde, no local. Ali se posicionam preventivamente. Não há registros de ocorrências.



É uma das festas da cidade, mais rentável economicamente. Todos lucram: rede hoteleira, bares e restaurantes. Enfim, trata-se de uma festa diferente e salutar, que está consolidada na Cidade de Goiás.

Esta parte, foi uma colaboração da professora Maria Elisabeth Alves Mesquita Soares, da Universidade Federal de Goiás, que escreveu sua tese de doutorado em Geografia – cujo título "Idas e Vindas Entre as Paisagens e as Festas Motociclísticas e Motoclubistas do Estado de Goiás.

11

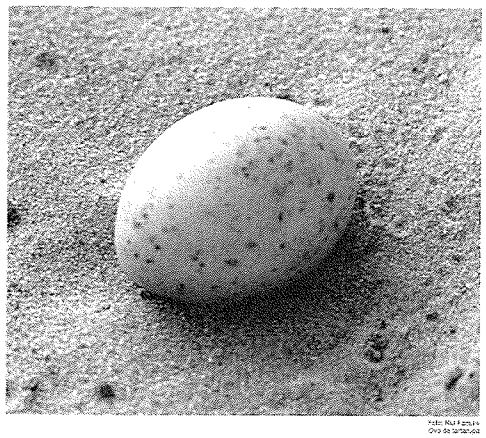
FICA

O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) é o maior festival da América Latina no gênero e também um dos grandes do mundo. Ele foi idealizado e criado pelo então governador do Estado de Goiás – Marconi Ferreira Perillo Júnior, no ano de 1999, quando ele assumiu o seu primeiro mandato como governador. Já foram realizadas 24 edições ininterruptas, na Cidade de Goiás.

Geralmente, suas realizações aconteciam no mês de junho. Poucas vezes ocorreram em agosto. Trata-se de um evento de muita relevância para a Cidade de Goiás. A sustentabilidade é o carro-chefe. Quando chega o FICA, a cidade entra em polvorosa. Surgem as oportunidades de emprego e renda, para a Comunidade. Chegam à cidade, enorme quantidade de pessoas, oriundas de quase todos os quadrantes deste país de dimensão continental. O FICA, na verdade, projeta a Cidade de Goiás, em todos os âmbitos, quer seja, regional, estadual, nacional e até internacionalmente. O cenário não poderia ser mais adequado a um Festival de Cinema, com a temática do meio ambiente. Uma cidade colonial, tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) e também tombada pela UNESCO como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Humanidade; cercada por grandes paredões da Serra Dourada e irrigada por abundantes mananciais. Em muitos córregos, próximos à cidade existem cachoeiras exuberantes; bem como uma rica flora constituída do típico cerrado goiano.

Um breve histórico do FICA, foi cedido gentilmente, a este autor, por um grande entusiasta ambientalista vilaboense e apaixonado pela natureza – Rodrigo Santana Borges. Ele que é um expert no

assunto FICA, o qual teve efetiva participação em todas as edições nessas duas décadas.



I FICA

Na primeira edição, teve como símbolo a ilustração de um ovo de tartaruga, que era a gênese do festival. Aconteceu de 02 a 06 de junho de 1999. Número de filmes inscritos: 154 obras; teve 17 países inscritos. Foram selecionados 37 filmes (04 longas, 12 médias e 21 curtas). Um grande elenco de personalidades ligadas às artes compunha os júris de seleção e premiação, cujo presidente foi o ambientalista e jornalista Washington Novaes.

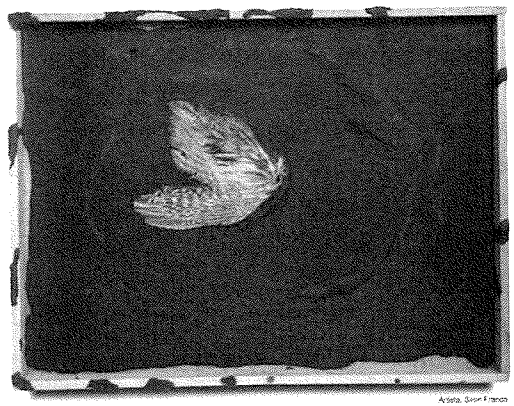
Foram homenageados: Acari de Passos Oliveira – indigenista; Carmo Bernardes – escritor e jornalista; Cora Coralina – poetisa; Janil Merjane – pioneiro do cinejornalismo; João Bênnio – cineasta; José Petrillo – cineasta; e, Wolf Jesco von Putkamer – fotógrafo e indigenista.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Recife de dentro pra fora – Kátia Mesel (Recife).
- Melhor Longa Metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Darsena Sur – Pablo Reyeres.
- Melhor Média Metragem – Troféu Wolf Jesco Von Puttkamer – Filme: Le Pari Burkinabé – Alice de Andrade.

- Melhor Curta Metragem – Troféu Acari Passos – Filme: Nord Sud – Dominique Soyer.
- Melhor Produção Goiana – Filme: A Lenda da Árvore Sagrada Eládio Garcia Sá Teles.
- Prêmio Imprensa – Por Longos Dias – Mauro Giltini.
- Prêmio OCIC – Bubula o Cara Vermelha – Luiz Eduardo Jorge.
- Prêmio Júri Popular – Troféu João Bênnio – Filme: Cidade de Goiás e o Meio Ambiente – Marco Aurélio Petrillo.

Finalizando o evento, no domingo, dia 06, os admiradores do FICA foram brindados com o show musical de encerramento, prestigiando um artista goiano: o cantor Fernando Perillo, no Largo do Chafariz. Para esse último dia, convergiam para a Cidade de Goiás, milhares e milhares de pessoas, principalmente jovens, de várias cidades da região. O entusiasmo da primeira edição contagiou todos os vilaboenses, que já almejavam a segunda edição, para o início do século XXI.



II FICA

Do dia 31 de maio a 05 de junho do ano 2000, foi realizada a segunda edição do FICA, cujo símbolo era a ilustração de uma asa em plumagem, obra do artista plástico goiano Siron Franco. Contou com 37 países inscritos; 224 obras inscritas, tendo sido selecionadas 38 produções. Foram 15 países selecionados. O ambientalista e jornalista Washington Novaes foi novamente escolhido presidente do Júri.

Homenageados:

- José Petrillo – cineasta e José Lewgoy – ator.

Filmes Premiados:

- Melhor produção – Troféu Cora Coralina – filme: Puerto Príncipe Mio – Rigoberto Lopez.

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – filme: Os Carvoeiros – Nigel Noble.

- Melhor média-metragem – Troféu Wolf Jesco Von Puttkamer – filme: Maharadja Burger – Mad Cows-Thomas Balhés.

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – filme: Aut Bout Du Mond – Konstantin Bronzit.

- Melhor Produção Goiana – filme: Retrato Primeiro – Waldir de Pina.

- Prêmio Imprensa – Fragmento de um Povo – Adrian Cowell.

- Prêmio OCIC – Aldeia – Geraldo Pioli.

- Prêmio Júri Popular – Retrato Primeiro – Waldir de Pina.

Show de encerramento, no Largo do Chafariz, com os renomados cantores: Gilberto Gil e Egberto Gismonti.



Artista: Antônio Poteiro
Obra: O Anhanguera

III FICA

Aquela terceira edição, foi realizada de 13 a 17 de junho de 2001. O desenho ilustrativo, como símbolo daquela edição, era a audácia do Bandeirante ateando fogo no rio: obra O Anhanguera, do saudoso artista plástico Antônio Poteiro. Número de filmes inscritos: 358 obras. 42 países foram inscritos, tendo sido 18 selecionados. Quantidade de filmes selecionados: 36 obras. Rubens Machado Júnior – professor da USP, pesquisador teórico e crítico, foi o presidente do júri.

Homenageados:

- Belkiss Spenziere Carneiro de Mendonça – musicista;

- Goiandira Ayres do Couto – artista plástica;

- Luiz Thomaz Reis – diretor do 1º filme etnográfico brasileiro.

Filmes premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – filme: The Coconut Revolution – Don Rotheroe (Inglaterra).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – filme: O Sonho de Rose – Tetê Moraes (Brasil).

- Melhor Média Metragem – Troféu Wolf Jesco Von Puttkamer – filme: Coca Mama – The War on Drugs - Jan Thielen (Colômbia).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – filme: Vicuôc Sông Biñu Yên – Vu Le My (Vietnã).

- Melhor Produção Goiana – Trféu José Petrillo – filme: Projeto Seiva Brasil – Antônio Batista Júnior.

- Também Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – filme: As Cidadelas Invisíveis – Lourival Belém Júnior.

- Melhor Série Ambiental de TV – Troféu Bernardo Élis – filme: Ma Petite – Planete Cherie – Jacques-Rémy Girerd (França).

- Prêmio Imprensa – filme: Rebelados – Torsten Truscheit e Ana Rocha Fernandes (Alemanha).

- Prêmio OCIC – filme: As Queimadas – Luiz Grossi e Hermany César (Brasil).

- Prêmio Aquisição TV Cultura – filmes: Pobres, Sujos, Ricos e Poluidores – Alberto Flaksman (Brasil).

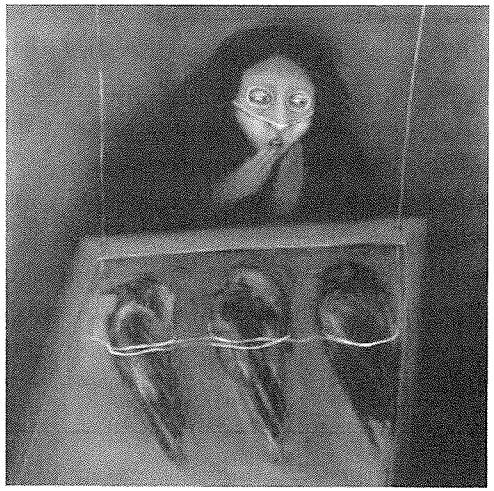
- Prêmio UNESCO – filme: Luzes da Madrugada – Paulo Caetano (Brasil).

- Menção Júri Popular – filme: Tainá uma Aventura na Amazônia – Tânia Lamarca e Sérgio Bloch (Brasil).

- Menção Especial do Júri – filme: Protest – Steeve Katz (Estados Unidos).

- Menção Especial do Júri – filme: The Great Dance – A Hunter's Story – Craig Foster (África do Sul).

O show de encerramento ficou a cargo de três astros da música brasileira, para deleite da mega platéia, no Largo do Chafariz: Zé Ramalho, Elba Ramalho e Geraldo Azevedo.



Ana Maria Pacheco - Memória Roubada II
Pintura, 1992 - Cortesy: Pret Contemporary Art

IV FICA

A cada ano que se realizava o FICA, cuja temática era o meio ambiente, a população vilaboense se sentia mais mobilizada. Já chegava a sua 4ª edição, que foi realizada de 05 a 09 de junho de 2002. A adesão dos extrangeiros sempre acentuada. Foram 63 países inscritos; e, 24 selecionados. O total de filmes instcritos foram 429 obras, tendo sido selecionadas 49 obras.

Teve como presidente do júri, Vladmir Carvalho – documentarista.

Homenageados:

- Ana Maria Pacheco, Glória Pires (atriz) e Nelson Pereira dos Santos (cineasta).

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – filme: Herdsman – Chen Jian Jun (China).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – filme: Tong Tana – Paradise Lost – Jan Roed, Erick Pauser, Bjork Cederber (Suécia).

- Melhor média-metragem – Troféu Wolf Jesco Von Puttkamer – filme: Ape Hunters – Jeremy Bristou (Reino Unido).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – filme: A Canga – Marcus Vilar (Brasil).

- Melhor Produção Goiana – Prêmio – filme: Barrados e Condenados – Adrian Cowell/Vicente Rios.

- Melhor Produção Goiana – Prêmio – filme: Alternativas – Dustan Oeven.

- Melhor Série Ambiental de TV – Troféu Bernardo Élis – filme: Beyond the Reef-Blak – Robert Chapel (Cingapura).

- Troféu Imprensa – filme: A Canga – Marcus Vilar (Brasil).

- Prêmio OCIC – filme: As Queimadas – Luiz Grossi e Hrmany César (Brasil).

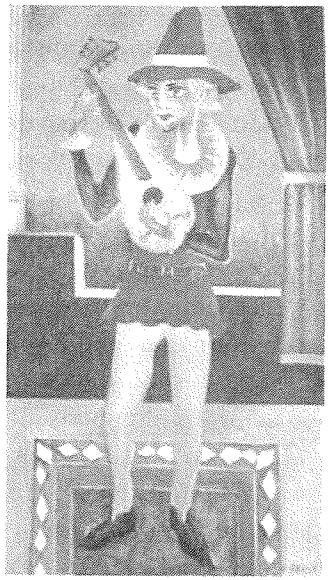
- Prêmio Aquisição TV Cultura – filme: Gaudi na Favela – Sérgio Oksman (Espanha).

- Prêmio Unesco – filme: Attermarth: The Remmnants of war – Daniel Sekulich (Canadá).

- Menção Júri Popular – filme: Tainá uma Aventura na Amazônia – Tânia Lamarca e Sérgio Bloch (Brasil).

- Menção Especial do Júri – filme: Gaudi na Favela – Sérgio Oksman (Espanha).

O show de encerramento do evento, com o Largo do Chafariz apinhado de gente de todas as idades, ficou a cargo do renomado cantor mineiro – Milton Nascimento.



DJ Oliveira - Saltimbanco
acrílico sobre tela (0,90X0,54m) - 2001/2002

V FICA

De 10 a 15 de junho de 2003, a Cidade de Goiás tornou-se a capital do cinema. Registraram-se então as inscrições de 299 obras; 34 países se inscreveram, porém, 12 foram selecionados. Total de filmes selecionados foram 28.

Como presidente do júri, novamente foi escolhido o ambientalista e jornalista Washington Novaes.

Homenagem especial: ao Cinema Novo.

Filmes premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – filme: The Botton line privatizzing the World. Direção: Carole Polliquin (Canadá).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – filme: Wori on Water. Direção: Sanjy Kak (Índia).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – filme: L'Acqua Che mon c e. Direção: Alessandra Speciale.

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – filme: Mini Cine Tupy. Direção: Sérgio Bloch (Brasil).

- Melhor Produção Goiana – Prêmio – Troféu José Petrillo – filme: Na Linha do Horizonte. Direção: Alice Antunes.

- Melhor Produção Goiana – Prêmio – Troféu José Petrillo – filme: Césio 137, o Brilho da Morte. Direção: Luiz Eduardo Jorge.

- Melhor Série Ambiental de TV – Troféu Bernardo Élis – filme: A Kalahary Family. Direção: John Marshal (EUA/Namíbia).

- Troféu Imprensa – filme: The Cockroach Coktail. Direção: Brigit Krause (Alemanha).

- Prêmio Aquisição TV Cultura – filme: Les Femmes de Bananeraies – Direção: Luiz Miranda (França).

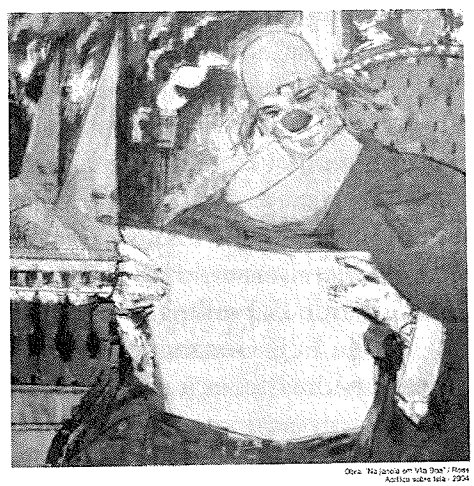
- Menção Júri Popular – filme: Verde como Cacau da Bahia – Direção: Débora Andrade (Brasil).

- Menção Especial do Júri – Menção Honrosa – filme: Alexei and the Spring. Direção: Motohash Seiichi (Japão).

- Menção Especial do Júri – Menção Honrosa – filme: Lês Femmes de Bananeraies. Direção: Luiz Miranda (França).

- Menção Especial do Júri – Menção Honrosa – filme: Cotidiano da Cidade. Direção: Luiz Eduardo Lerina (Brasil).

Esta 5ª edição, teve a relevante participação do cantor baiano pela segunda vez – Gilberto Gil, no show de encerramento do evento para o prazer das milhares de pessoas no Largo do Chafariz.



Obra: Na janela em Vila Boa / Rose
Acrílico sobre tela / 2004

VI FICA

De 01 a 06 de junho de 2004, foi realizada a 6ª edição do FICA, na Cidade de Goiás.

Número de países inscritos: 48; países selecionados: 11. Foram inscritos 232 obras. Total de filmes selecionados: 29.

O jornalista e ambientalista André Trigueiro da TV Globo – Rio de janeiro, foi o Presidente do Júri.

Homenageados:

- Irmã Maria Aspásia Lisboa – da Ordem Dominicana, que cuidou com toda dedicação do Asilo São Vicente de Paulo, durante 25 anos, até o seu passamento, em novembro de 2007. Ainda bem que ela recebeu a significativa homenagem em vida.

- Profª Brasilete Ramos Caiado – merecida homenagem, após quase um ano do seu falecimento.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – filme: Surplus – Érik Gandini (Suécia).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – filme: Life Running out of Control – Bertran Verhaag Krober (Alemanha).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Putkamer – filme: La Loi de La Jungle – Fhilippe Lafaix (França).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – filme: 100% Cotton – Made in Índia – Inge Altemeier (Alemanha).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – filme: Roque Pereira: Mobiliário Eco-Sustentável – Kim Ir Sem (Brasil).

- Melhor Produção Goiana – Prêmio João Bênnio – filme: A Vida não Vive – Amarildo Pessoa e Kátia Jacarandá (Brasil).

- Troféu Imprensa – filme: Surplus –Érik Gandini (Suécia).

- Melhor Série Televisiva – Troféu Bernardo Élis – Memória do Meio Ambiente – Ana Guerra e Ricardo Carvalho (Brasil).

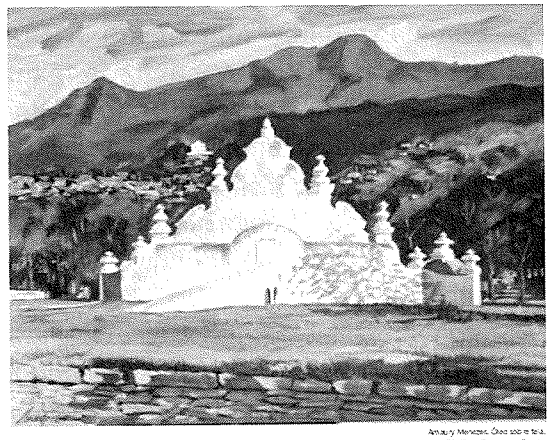
- Menção Júri Popular – Troféu Luiz Gonzaga Soares – filme: Negro Carvão – Francila Caliça Jonatha Moreira e Luiz Felipe Fernandes (Brasil).

- Menção Honrosa – filme: World and Peace – Anand Patwardhan (Índia0.

- Menção Honrosa – filme: Arne Suckdorff: Uma Vida Documentando a Vida – Bárbara Fontes (Brasil).

- Menção Honrosa – filme: Frans Krajeberg, D' une Revolte – Maurice Dubroca (França).

O show de encerramento ficou a cargo do frenético artista dos anos sessenta, o carioca Jorge Benjó, que fez balançar o Largo do Chafariz. Agradou imensamente veteranos e a juventude atual.



Amaury Menezes. Óleo sobre tela.
Tombém Chafariz de Cauda.

VII FICA

A 7ª edição do FICA, foi realizada de 31 de maio 05 de junho de 2005. Teve inscrições de 85 países. 15 países foram selecionados. Do total de 837 obras inscritas, 31 filmes foram selecionados.

O jornalista global – André Trigueiro foi o Presidente do Júri.

Homenageados:

- A cantora goiana Ely Camargo e o jornalista paulista Washington Novaes, o qual atuou como presidente do júri em outras edições.

FILMES PREMIADOS:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Asbestos – A Slow Death – Sylvie Deleule (França).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Estamira – Marcos Prado (Brasil).

- Melhor média-metragem – Troféu Wolf Jesco Von Putkamer – Filme: Bhopal: The Search for Jurtice – Lindalee Tracey-Peter Raymont (Canadá).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acari Passos de Oliveira – Filme: Umbrella – Made in Índia – Nandita Das (Índia).

- Melhor Produção Goiana - Troféu José Petrillo – Filme: Concerto da Cidade – Lorival Belém (Brasil/GO).

- Melhor Produção Goiana – Troféu João Bennio – Filme: Icologia – Ângelo Lima (Brasil / GO).

- Melhor Série Televisiva – Troféu Bernardo Élis – Filme: Thirsty Planet – Arno Hefner (Alemanha).

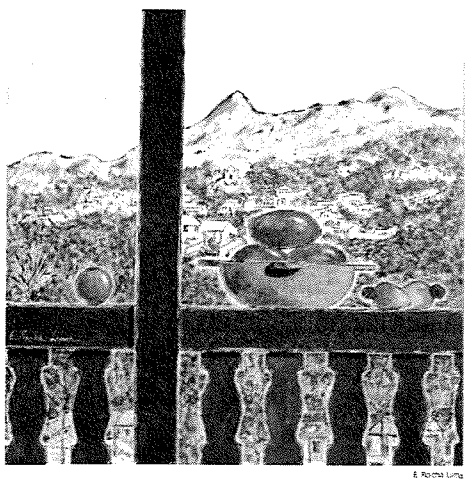
- Troféu Imprensa – Filme: Estamira – Marcos Prado (Brasil).

- Menção Júri Popular – Troféu Luiz Gonzaga Soares – Filme: Estamira – Marcos Prado (Brasil).

- Menção Honrosa ao Longa Metragem – Filme: Dutch Ligth – Pieter – Rim de Krocon.

- Menção Honrosa – Filme: Aboio – Longa Metragem – Marilia Rocha.

Para encerrar o evento, no domingo dia 05 de junho, nada menos do que a Banda Paralamas do Sucesso, para alegrar a grande platéia, constituída de inúmeras caravanas de jovens, oriundos de toda a região.



VIII FICA

O 8º FICA, fez uma justa homenagem através do seu cartaz, às frutas do cerrado, no caso o cajuzinho. Foi realizado de 06 a 11 de junho de 2006. Foram 43 países inscritos, tendo sido 12 países selecionados. O total de filmes inscritos foram 347. Porém, 27 obras foram selecionadas.

Novamente, o jornalista Washington Novaes, atuou como Presidente do Júri.

Filmes Premiados:

- Melhor filme do VIII FICA: Ovas de Ouro, de Manuel Gonzalez (Chile/2005).

- Melhor filme do Festival dos Festivais: Carpatia, de Ulrich Rydzewsky (Germânia / Áustria).

- Menção Honrosa: The Last Atomic Bomb, de Robert Richer (EUA).

- Menção Honrosa: Source-Zdroj, de Martin Skalski e Martin Marecek (República Tcheca).

- Menção Honrosa: Conflict Tiger, de Sasha Snow (Rússia).

- Melhor filme: (de acordo com o júri popular) Zôo, de Daniel Lima (Brasil / GO).

- Melhor Filme (escolhido pelos jornalistas): The Last Atomic Bomb, de Robert Richer (EUA).

- Melhor Produção Goiana: Bartô, de Luiz Botosso e Thiago Veiga (Brasil / GO).

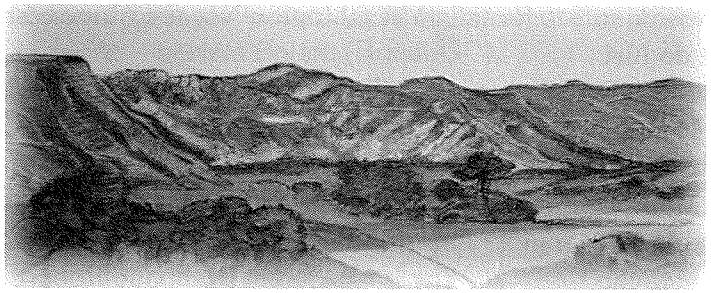
- Prêmio de Melhor Produção Goiana: Zôo, de Daniel Lima (Brasil/GO).

- Melhor curta-metragem: White Gold – The True Cost of Cotton (Reino Unido).

- Melhor média-metragem: Klarasâ yô Sâti – O amendoim da cutia, de Komoi e Paturi Panara (Brasil / Mato Grosso).

- Melhores longa-metragem: The real dirty of Farmer Jhon, de Taggart Siegel (EUA – 2005); e, Profeta das Águas, de Leopoldo Nunes (Brasil / SP – 2006).

Como sempre, no final do Festival, no começo da noite dominical, a juventude se espremia no Largo do Chafariz, para curtir a famosa banda Titãs, já ansiosos para a chegada do FICA 2007.



Cleber Gouveia

IX FICA

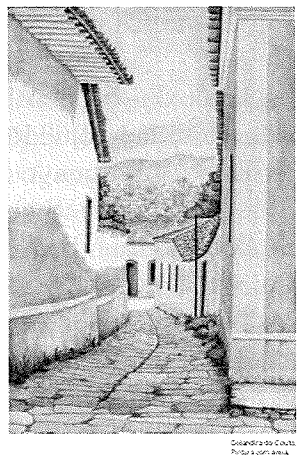
Naquele ano de 2007, do dia 12 a 17 de junho, a Cidade de Goiás, se tornava a capital do cinema. O evento recebeu as inscrições de 63 países, sendo que foram 17 selecionados. Foram 522 filmes inscritos; mais de 30 obras puderam ser exibidas no Festival. Vale lembrar que não era exclusividade filmes. Várias atividades concernentes às artes em geral, tais como shows musicais, oficinas e palestras, ficaram à disposição da população vilaboense e visitantes durante a semana, em que perdurou o evento.

A Presidência do Júri ficou a cargo da renomada Tatá Amaral.

Filme Premiados:

- Longa-metragem – Documentário -Ainda há Pastores?, de Jorge Pelicano (Portugal).
- Longa-metragem – Khadak, de Peter Brosens e Jéssica Woodworth – ficção (Alemanha/Bélgica-2006).
- Longa-metragem – Documentário – Pirinop, Meu Primeiro Contato, de Mari Corrêa e Kanaré Ikpeng (Pernambuco).
- Longa-metragem – Documentário - Losing Tomorro, de Patrick Rouxel (França).
- Curta-metragem – Documentário – Memória Sem Visão, de Marco Valle (Brasil).
- Série Televisiva – Documentário - Tarú Ande – O Encontro do Céu com a Terra, Marco Altberg (Brasil).
- Curta-metragem – Documentário – Rapsódia do Absurdo, Cláudia Nunes (Goiás/Brasil).

Para não ser diferente dos anos ateriores, no derradeiro dia do Festival, os vilboenses e visitantes, foram brindados com um mega show de encerramento da 9ª edição, no Largo do Chafariz, protagonizado pela famosa banda "Cidade Negra". Inclusive, esse show foi o último naquele local.



Goiandira do Couto
Pintura com areia

X FICA

A décima edição do FICA, ocorreu do dia 10 a 15 de junho de 2008. A ilustração símbolo do evento foi um lindo quadro da inigualável artista Goiandira do Couto, retratando os lindos casarios e tortuosas ruas da antiga Vila Boa. Países inscritos foram 42. Selecionados foram 10. Número de filmes inscritos foram 446. Total selecionados 22 obras.

A Presidência do Júri ficou a cargo do Cineasta João Batista de Andrade.

Júri de Seleção:

- Luiz Araújo Pereira – professor.
- Luiz Alberto de Miranda – professor.
- Soraya Viana – professora.
- Moisés Cabral – realizador.
- Pedro Nabuco – documentarista.

Júri de Premiação:

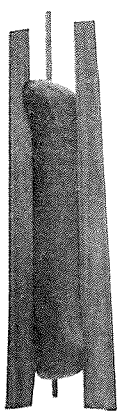
- João Batista de Andrade – cineasta.

- Phillipe Dubois – professor de cinema da Sorbonne.
- Daniele Gaglianone – diretora de cinema na Itália.
- André Trigueiro – jornalista e ambientalista.
- Vladimir Carvalho – cineasta.
- Evaldo Mocarzel – cineasta.
- Laerte Guimarães – pesquisador do CNPq e professor da UFG.

Filmes Premiados:

- Jaglavak, O Príncipe dos Insetos, de Jerôme Raynaud (França).
- Delta, o Jogo Sujo do Petróleo, de Yorgos Avgeropoulos (Grécia).
- Sumidouro, de Cris Azzi (Minas Grais/Brasil).
- Batina na Floresta, de Adrian Cowell (Reino Unido/Brasil).
- Zona de Diluição Inicial, de Antoine Boutet (França).
- Lições Tardias para Avisos Antecipados, de Jakob Gottschau (Dinamarca).
- Subpapéis, de Luiz Eduardo Jorge (Brasil/Goiás).
- Benzeduras, de Adriana Rodrigues (Brasil/Goiás).
- Veludo Vermelho, de Klaus Reisinger (França).

O show de encerramento daquela edição, no domingo de 15 de junho, para deleite da multidão, foi nada menos do que o famoso cantor carioca – Luiz Melodia, pela primeira vez na Praça de Eventos Dr. Boadyr Veloso e não mais no Largo do Chafariz.



XI FICA

O XI FICA, foi realizado de 16 a 21 de junho de 2009. Número de filmes inscritos:556 obras. Teve 47 países inscritos. E, 13 foram os selecionados. 31 produções foram selecionadas, tendo sido 04 longas, 15 médias, 09 curtas e 03 séries televisivas.

Presidente do Júri: Carlos Gerbase.

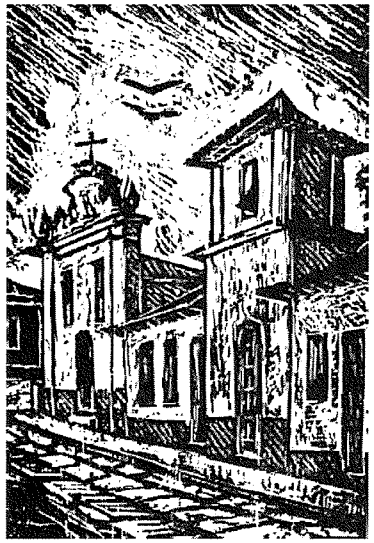
Homenageados daquele Festival:

- Henning Gustav Ritter – Arquiteto e Artista Plástico.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Corumbiara, de Vicent Carelli (Brasil/PE).
- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: A Sea Change, de Bárbara Ettinger (EUA).
- Melhor Média-Metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: Arrakis, de Andrea de Nardo (Itália).
- Melhor Curta-Metragem – Troféu Acary Passos – Filme: Mar de Dentro, de Paschoal Samora (Brasil-SP).
- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Ressignificar, de Sara Vitória (Brasil-GO).
- Segunda Melhor Produção Goiana – Troféu João Bennio – Filme: A Próxima Mordida, de Ângelo Lima (Brasil-GO).
- Prêmio Imprensa – A Árvore da Música, de Otávio Juliano (Brasil-GO).
- Prêmio Júri Popular – Troféu Luiz Gonzaga Soares – Filme: Kalunga, de Luiz Elias, Pedro Nabuco e Sylvestre Campe (Brasil-GO).
- Menção Honrosa Curta-Metragem – C'Est Pas Grave, de Yacine Sersar (França).
- Menção Honrosa – Melhor Média-Metragem – Bode Rei, Cabra Rainha, de Helena Tassara (Brasil-SP).
- Menção Honrosa – Melhor Média-Metragem – Dying in Abundance, de Yorgos Avgeropoulos (Grécia).

O tradicional show de encerramento, foi com o sensacional Martinho da Vila. A Praça de Eventos ficou lotada. Foi maravilhoso.



Octo Marques

XII FICA

O FICA já entrou na adolescência, na Cidade de Goiás, está completando 12 anos. Esta décima segunda edição foi realizada do dia 08 a 13 de junho de 2010. A ilustração simbolizando o evento foi uma pintura retratando a igreja de Nossa Senhora D'Abadia, do saudoso artista plástico – o goiano Octo Marques.

Teve 552 filmes inscritos. Quantidade de países isncritos: 67 países. Foram selecionados filmes de 11 países. Total de filmes selecionados: 28 produções.

O homenageado do Festival foi o artista plástico Octo Marques.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme : Heavy Metal, de Huaqing Jin (China).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Efeito Reciclagem, de Sean Walsh (Brasil-SP).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: Caçando Capivara, de Derli, Marilton, Fernando, João Duro, Janaína, Joanina, Juninha e Zé Ca (Brasil-MG).

- Melho curta-metragem – Troféu Acary Passos – Filme: Recife Frio, de Kleber Mendonça Filho (Brasil-PE).

- Melhor Série Televisiva – Troféu Bernardo Élis – Obra: Bringing Life to Space, de Jakob Gottschau e Ojvind Hesselager (Dinamarca).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Sonho de Humanidade, de Amarildo Pessoa (Brasil-GO).

- Segunda Melhor Produção Goiana – Troféu João Bennio – Filme: Vida Seca, de Diego Mendonça (Brasil-GO).

- Prêmio Imprensa – Filme: Blooming Business, de Ton van Zantvoort (Holanda).

- Prêmio Júri Popular – Troféu Luiz Gonzaga Soares – Filme: Bananas, de Fredrik Gertten (Suécia).

- Menção Honrosa - Melhor Curta-Metragem: Les Anges Dechets, de Pierre Trudeau (Canadá).

O famoso show de encerramnto, foi protagonizado pelo irreverente Lulu Santos, com a Praça de Eventos Dr Boadyr Veloso, super lotada, de um público bastante eclético.



Foto: Flávio Isaac
São Miguel Arcanjo, Vespa Valle

Meio ambiente: Preservar também é arte

XIII FICA

Já com 13 anos, o Festival se vê deveras consolidado. Aquela festa foi realizada de 14 a 19 de junho de 2011. Um número expres-

sivo de filmes, um total de 414, fora inscrito. De 44 países inscritos, 09 foram selecionados. No final foram selecionadas 30 Produções.

Como ícone ilustrativo, valorizando a Arte e o Meio Ambiente, foi estampado uma escultura de São Miguel Arcanjo, obra prima de Veiga Valle.

Presidente do Júri:

- Cacá Diégues – cineasta, muito conceituado no cinema nacional.

Homenageado:

- José Joaquim da Veiga Valle – Artista Plástico, cujo nome de reconhecida relevância na cultura goiana.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Bicicletas de Nhanderu, de Ariel Ortega e Patrícia Ferreira (Brasil-PE).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Os Guerreiros do Arco-Íris da Ilha de Waíheke, de Suzanne Raes (Holanda).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: O Desejo da Vila de Changhu – Xia Chenan (China).

- Melhor curta-etragem – Troféu Acary Passos – Filme: Pólis, de Marcos Pimentel (Brasil-MG).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: TamanduAbandeira, de Ricardo Podestá (Brasil-GO).

- Segunda Melhor Produção – Troféu João Bennio – Filme: Teia do Cerrado, de Uliana Duarte (Brasil-GO).

- Melhor Série Televisiva – Troféu Bernardo Élis – Obra: Consciente Coletivo, de Lúcia Araújo e Pedro Iuá (Brasil-GO).

- Prêmio Júri Popular – Troféu Luiz Gonzaga Soares – Filme: Lixo Extraordinário, de João Jardim, Karen Harley e Lucy Walker (Brasil/Inglaterra).

A décima terceira edição do FICA, se encerrou com o Show da renomada cantora brasileira Rita Lee, o qual foi muito bom.



Artista Homenageado: Paulo Bertran

XIV FICA

Como o tempo corre! Em 1999 teve a primeira edição deste Festival. Agora já chegamos à décima quarta edição. Desta vez a Cidade de Goiás, esteve em festa do dia 26 de junho a 01 de julho de 2012. Foram inscritos 362 filmes. Total de filmes selecionados foram 19 produções. 47 países se inscreveram, porém, apenas 06 foram selecionados.

O cartaz ilustrativo teve o tema "Aprender com o passado para preservar o futuro", homenagem ao cerrado, referindo-se às chuvas, qualidade do ar, seca associada a preces e hinos, florestas, orvalho, cigarras, queimadas, enfim, um apelo pela preservação do cerrado.

Presidente do Júri:

- Fernando Gabeira – jornalista e ambientalista.

Homenageado:

- Paulo Bertran – Escritor e Historiador. Um cidadão apaixonado pela História Goiana e pelo Cerrado.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Paralelo 10, de Sílvio Da-Rin (Brasil-RJ).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Sob Controle, de Volker Sattel (Alemanha).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: Enchente não arranca raiz, de Caio Cavechini (Brasil-SP).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – Filme: Lamento Yumen, de Huaqing Jim (China).

- Prêmio Imprensa – Filme: As Hiper Mulheres, de Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro (Brasil-PE).

- Menção Honrosa – Filme: Desterro Guarani, de Ariel Ortega, Patrícia Ferreira, Ernesto de Carvalho e Vicente Carelli (Brasil-PE).

O encerramento do Festival no domingo, na Praça de Evento Dr. Boadyr Veloso, teve a excelente apresentação do emblemático cantor baiano – Caetano Veloso, que balançou a plateia totalmente. Foi um show maravilhoso.



XV FICA

A festa dos quinzes anos do FICA, teve como cartaz ilustrativo a estampa da magnífica poetisa goiana e vilaboense Cora Coralina. Foi realizado de 02 a 07 de julho de 2013.

Teve 494 filmes inscritos. Países inscritos foram 51, porém, 10 foram selecionados. O total de produções selecionadas foram 25.

Sabiamente a comissão escolheu para ser homenageada, a prata da casa – a poetisa Cora Coralina.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Serra Pelada – A Lenda da Montanha de Ouro, de Victor Lopes (Brasil-RJ).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Zevel Tov, de Ada Aushpiz e Shosh Shlam (Israel).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: I Morti Di Alos – Daniele Atzeni (Itália).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – Filme: A Galinha que burlou o Sistema, de Quico Meirelles (Brasil-SP).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Dona Romana e o Grande Eixo da Terra, de Paulo Rezende (Brasil-GO).

- Prêmio Imprensa – Filme: Ortobello: Primo concorso di beleza per orti, de Marco Landini e Gianluca Marcon (Itália).

- Menção Honrosa – Filme: Louceiras, de Tatiana Tofolli (Brasil-SP).

Para terminar o evento no domingo à noite, para satisfação dos cinquentões e sessentões, na beira do Rio Vermelho, teve a bela apresentação do famoso sambista Paulinho da Viola. Foi sensacional.



XVI FICA

Do dia 27 de maio a 01 de junho de 2014, a Cidade de Goiás se tornou a capital do cinema. A logomarca daquela edição insistia em ostentar um desenho de uma impressão digital, que tinha como lema "O futuro está impresso nas marcas que deixamos – preserve-se".

Houve uma grande quantidade de filmes inscritos: 454. Resultou em 31 obras selecionadas. Teve 49 países inscritos. Apenas 11 países foram selecionados.

Atuou como Presidente do Júri – Mário Branquinho.

Homenageado:

- O escritor goiano – José Mendonça Telles.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Metamorphosen, de Sebastian Mez (Alemanha).

- Melhor Longa-Metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: O Menino e o Mundo, de Alê Abreu (Brasil-SP) e Filme: Matéria Oscura, de Massimo d'Anolfi e Martina Parenti (Itália).

- Melhor Média-Meragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: The Carbon Crooks, de Tom Heinemann (Dinamarca).

- Melhor Curta-Metragem – Troféu Acary Passos – Filme: Wind, de Robert Lobel (Alemanha).

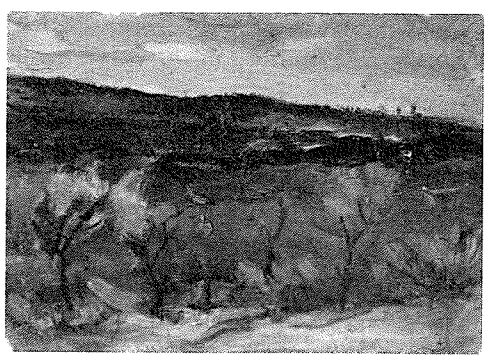
- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Viagem na Chuva, de Wesley Rodrigues (Brasil-GO).

- Segunda Melhor Produção Goiana Troféu João Bennio – Filme: Ainda que se movam os Trens, de Marcela Borela, Henrique Rocha e Vinício Berger (Brasil-GO).

- Prêmio Imprensa – Filme: O Menino e o Mundo, de Alê Abreu (Brasil-SP).

- Menção Honrosa – Filme: Ekspeditionen til Verdens Ende, de Daniel Dencik (Dinamarca). E Filme: Erntefaktor Null, de Helena Hufnagel (Alemanha).

Encerrando a 16ª edição do FICA, o show ficou a cargo da jovem banda – Nação Zumbi, para deleite da juventude.



Homenageado: Frei Nazareno Confaloni
Obra do acervo da PUC Goiás
fotografada por Waldemy Teixeira

XVII FICA

Do dia 11 a 16 de agosto de 2015, foi realizada a 17ª edição do FICA. Naquele ano, a gravura que formava o cartaz do evento, homenageava uma personalidade de muito destaque na cultura do Estado de Goiás. Tratava-se do frade dominicano italiano – Frei Nazareno Confaloni, que contribuiu com a arte e a cultura, na Cidade de Goiás, nos idos da década de 1950. No interior do Santuário de Nossa Senhora do Rosário, da Cidade de Goiás, existem os lindos afrescos que estampam os 15 mistérios do rosário, obra daquele famoso artista plástico.

Foram inscritos 327 filmes, uma quantidade inferior aos anos anteriores. Registrou-se 45 países inscritos. Somente 08 foram selecionados. O total de selecionados foram 21 produções.

Presidente do Júri:

- Jaime Sautchuk.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: Transgenic Wars, de Paul Moreira (França).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: O Veneno está na Mesa 2, de Sílvio Tendler (Brasil-RJ).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: Índio Cidadão? de Rodrigo Siqueira (Brasil-DF).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – Filme: Galus Galus, de Clarissa Duque (Venezuela).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Lobo Solitário, de Ranulfo Borges (Brasil-GO).

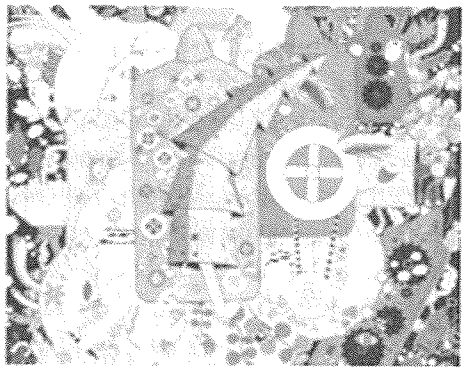
- Segunda mellhor Produção Goiana – Troféu João Bennio – Filme: Maria Macaca, de Lázaro Ribeiro (Brasil –GO).

- Prêmio Imprensa – Filme: Guinée: Le Territoire des Oublies, de Philippe Lafaix (França).

- Menção Honrosa – Filme: My name is Salt, de Farida Pacha (Suíça) e Filme: El Rio que nos Atraviesa, de Manuela Blanco (Venezuela).

Essa edição teve sua realização um pouco mais tarde, já em agosto e como atração do show de encerramnto, um gênero diferen-

ciado: Orquesta Filarmônica de Goiás, talvez não muito agradável ao gosto do público jovem. Porém, foi um espetáculo de rara beleza.



XVIII FICA

A realização do décimo oitavo FICA, aconteceu do dia 16 a 21 de agosto de 2016. Foi a segunda vez de tardar, pois o costume sempre era de realizar em junho e às vezes início de julho.

Foram inscritos 350 filmes. Teve 49 países inscritos, que resultaram em 09 selecionados. Finalmente, 22 produções foram selecionadas.

Presidente do Júri: Lauro Escorel.

Homenageado: Rodrigo Godá.

Filmes Premiados:

- Melhor Produção – Troféu Cora Coralina – Filme: La Supplication, de Pol Cruchten (Luxemburgo).

- Melhor longa-metragem – Troféu Carmo Bernardes – Filme: Remember Your Name Babylon, de Marie Brumagne e Bram Van Cauwenberghe (Bélgica).

- Melhor média-metragem – Troféu Jesco Von Puttkamer – Filme: Phum Shang, de Haoban Kumar (Índia).

- Melhor curta-metragem – Troféu Acary Passos – Filme: La Petite Pousse, de Chaitane Conversat (França).

- Melhor Produção Goiana – Troféu José Petrillo – Filme: Taego Ãwa, de Marcela Borela e Henrique Borela (Brasil-GO).

- Segunda Melhor Produção Goiana – Troféu João Bennio – Filme: E o Galo Cantou, de Daniel Calil (Brasil-GO).

O encerramento daquele FICA, aconteceu no início de uma noite calorenta de agosto, brindando tanto os vilaboenses como os visitantes, com um mega show que agradou a todos. O casal de nordestinos, ídolos da grande plateia – Elba Ramalho e Geraldo Azevedo, alegraram a festa.



XIX FICA

O décimo nono FICA, fora realizado dentro do tempo como outrora. Já na época de usar os agasalhos do frio. Ocorrera de 20 a 25 de julho de 2017. O cartaz de ilustração do evento foi uma homenagem ao histórico Chafariz de Cauda, no centro da cidade.

O número de filmes inscritos foi considerável: 363 obras. Foram selecionadas 25 produções. Teve as inscrições de 46 países, tendo sido selecionados 15 países.

Presidente do Júri: Ilda Santiago.

Homenageados:

- Manoel Rangel

- Luiz Eduardo Jorge (in memoria).

Filmes Premiados:

- Melhor longa-metragem – Martírio de Vicent Carelli.
- Melhor curta-metragem – Aprés le Volcan, de Léo Favier.
- Melhor Obra do FICA – Martírio, do diretor Vicent Carelli.
- Melhor Filme Goiano – Algo do Que Fica, de Benedito Ferreira.
- Segundo Melhor Filme Goiano – Real Conquista, de Fabiana Assis
- Prêmio Júri Jovem – Histoires de la plaine, da diretora francesa Christine Seghezzi.
- Troféu Júri Popular – Terra e Luz, de Renné França.
- Troféu Imprensa – Ninguém nasce no paraíso, de Alan Schvarsberg.
- Menção Honrosa – L'Ours Noir, de Méryl Fortunat-Rossi e Xavier Séron.
- Segunda Menção Honrosa – Automatic Fitness, de Alberto Couceiro e Alejandra Tomei.
- Troféu Mostra SANEAGO – "Ilha", do diretor espanhol Daniel de la Calle.

O show de encerramento daquela edição, ficou a cargo de dois renomados artistas: Diogo Nogueira e Hamilton de Holanda. A Praça de Eventos Dr. Boadyr Veloso, ficou lotada que nem dava para sentir frio.

F I C A 2 018

XX FICA

O Festival de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) completou seus 20 anos. A primeira edição, em 1999, aconteceu no começo do mês de junho. Agora, sua realização ocorreu também, do dia 05 a 10 de junho de 2018.

Número de filmes inscritos: 355. Foram selecionadas 22 produções. Foram 46 países inscritos, mas, somente 10 foram selecionados.

Presidente do Júri: Laís Bodanzky.

Homenageado: Marcelo Solá.

No domingo à noite, foi o show de encerramento com a famosa cantora – Ana Carolina. Foi um espetáculo bastante concorrido, várias caravanas, oriundas de inúmeras cidades da região, encheram a pacata Vila Boa.

Obs.: no ano de 2019, por alguns motivos, mais precisamente políticos, não se realizou a vigésima primeira edição. E, em 2020, em razão da Pandemia do Novo Coronavírus, também não teve.

FICA 2021

XXI FICA

Foi realizada, portanto, a vigésima primeira edição, de uma forma bastante diferente. A tradição era ter o FICA no meio do ano. Essa edição aconteceu do dia 14 a 19 de dezembro de 2021, com grande parte do evento de maneira remota, em razão de não ter acabado a pandemia. A quantidade de pessoas foi ínfima comparando às edições anteriores. Ficando, portanto, a expectativa de que a partir de 2022 tudo possa voltar ao normal, dando continuidade ao FICA, com a realização da 22ª edição.

F I C A 2022

XXIII EDIÇÃO

Trata-se de um evento de enorme relevância para a Cidade de Goiás. Em 2019, seria a XXI edição. Todavia, por algum desencontro político, no âmbito estadual, o festival não aconteceu. Em 2020, devido a eclosão da pandemia provocada pela Covid-19, com tudo fechado, era um "lockdown" generalizado, também não pôde realizar o festival. Em 2021, ainda não havia acabado a pandemia, porém, com um certo arrefecimento, fora realizado de forma remota, já no mês de dezembro, sem grande expressão.

No ano de 2022, em que pese ainda não ter findado a dita pandemia, planejaram e executaram o plano, em nível estadual, com o incondicional apoio da Prefeitura Municipal de Goiás, cujo tema fora "Meio Ambiente e Saúde". Houve então um consórcio de ações, ou seja, parcerias, que produziram resultados satisfatórios. Entidades e instituições envolvidas na empreitada: Governo do Estado de Goiás, através da SECULT (Secretaria de Cultura); UEG (Universidade Estadual de Goiás); Prefeitura Municipal de Goiás; e, SESC (Serviço Social do Comércio).

O FICA não é exclusividade em cinema. Há uma gama de itens que englobam, além do cinema, música, teatro, dança, palestras, rodas de conversas, gastronomia, roda de capoeira, oficinas diversas, artesanatos e outros.

Foram 474 filmes inscritos para as mostras competitivas, produções oriundas de 20 países. Em duas décadas do referido festival, essa XXIII edição, foi a de maior duração. Foram 13 dias de intensas atividades, de 24 de maio a 05 de junho. O encerramento coincidiu com o Dia Mundial do Meio Ambiente. Nessa edição, os bairros periféricos da cidade, os quatro distritos, alguns Assentamentos da Reforma Agrária, do município de Goiás; o distrito de São Benedito, no município de Itaberaí; e a cidade de Buriti de Goiás, foram agraciados com ações efetivas do FICA.

Eis a lista dos filmes vencedores:

1) Barragem – prêmio Cora Coralina, melhor filme, direção Eduardo Ades.
2) Castelo de Terra – prêmio Carmo Bernardes, melhor direção, direção Oriane Descout. E, melhor filme do júri imprensa – prêmio José Petrillo.
3) Mar Concreto – prêmio Acari Passos, melhor curta ou média-metragem, direção Júlia Naidin.
4) O Dente do Dragão – prêmio João Bennio, melhor filme goiano, direção Rafael Castanheira Parrode.
5) Benzedeira – prêmio Jesco Von Putkammer, melhor filme do júri jovem, direção San Marcelo e Pedro Olaia.
6) Castanhal – prêmio Luiz Gonzaga Soares, melhor filme júri popular, direção Marques Casara e Rodrigo Chagas.

MENSÕES HONROSAS:

Goyania – Outubro Ou Nada, de Uliana Duarte.

Fragmentos de Gondwana, de Adalberto Oliveira e Enaile Lima.

MOSTRA DO CINEMA GOIANO

Até a Luz Voltar, de Alana Ferreira, ficção.

Ritual sagrado Kuarup: entre o luto e o recomeço, de Rosa Berardo, (documentário).

Memby, de Rafael Castanheira Parrode, melhor filme experimental.

O Retrato do Mal, de Márcio Jr. E Márcia Deretti, melhor filme de animação.

Conto dos Lobos, de Matheus Amorim, melhor direção.

Há 50 anos, a ONU celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente para a conscientização e a ação mundial pela proteção do meio ambiente e defesa do planeta. Em 1972, exatas cinco décadas, no dia da abertura da primeira grande conferência sobre questões ambientais, conhecida como Conferência sobre o Meio Ambiente Humano, ou Conferência de Estocolmo, foi uma celebração que se distinguiu. Um marco que mudou a política ambiental no mundo para enfrentar ações predatórias, como o desmatamento, a mineração, a invasão de habitats de vida silvestre, o agronegócio, o consumo sem limites, a busca incessante por lucros às custas do meio ambiente e aceleração das mudanças climáticas, levando

a natureza além de seu limite. (página da folhinha do Sagrado Coração de Jesus).

O destaque da XXIII edição do FICA/2022 pode ser atribuído à TENDA MULTIÉTNICA, instalada no Largo do Chafariz. Ali fora palco de acolhimento de indígenas de várias etnias; representantes de quilombolas oriundos de Quilombos de várias Unidades da Federação. Na abertura daquela tenda em um clima de muita fraternidade, um líder indígena fez uma colocação pertinente em sua fala: ele reclamou da ausência do povo CIGANO.

A cada edição existe uma personalidade homenageada na abertura do evento. Nessa edição, foi a vez da senhora Maria Luiza da Silva Oliveira. Professora da rede estadual de ensino que após aposentar-se passou a dedicar seu tempo com a arte da medicina caseira, atividade ligada à Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás, onde é coordenadora, com atuação em duas comunidades urbanas e 22 rurais. É militante das causas sociais, ambientais e educadora popular bastante procurada pelos moradores locais devido a sua sabedoria na utilização das plantas do cerrado para fazer remédios.

Ao longo das duas semanas de atividades do festival, ocorrera de tudo pertinente ao FICA, para todos os gostos, tais como: exibições de filmes no Teatro São Joaquim e em outros locais; apresentação da Orquestra Jovem de Goiás, na abertura oficial; shows com um considerável número de artistas em vários pontos da cidade; Grupo de Catireiros; Orquestra de violeiros; palestras; oficinas; exposição de fotografias; Cavalgada Ecológica. O ponto alto de shows, aconteceu no sábado, dia 4, na Praça de Eventos – Dr. Boadyr Veloso, congregando, destarte, milhares de pessoas, tendo como protagonista a cantora Vanessa da Mata.

No que se refere a palestras, que foram várias, uma das mais destacadas fora a do indígena Ailton Krenak.

Ailton Alves Lacerda Krenak – nasceu no ano de 1953, em Itabirinha de Mantena-MG. É escritor, jornalista, pesquisador, ambientalista e líder indígena. Trata-se de um líder importante na luta dos povos indígenas brasileiros, tendo fundado em 1985, a ONG Núcleo de Cultura Indígena para promover a cultura dos povos originários. No ano de 1988, fundou a União das Nações Indígenas; e, em 1989, o Movimento Aliança dos Povos da Floresta. Por todos os feitos importantes, em 2016, ele recebeu o título de Professor Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Krenak é reconhecido como um dos maiores intelectuais brasileiro, do início do século XXI, seus livros e artigos foram publicados em diversas línguas, além do português.

Sua participação na Tenda Multiétnica do FICA/2022, enriquecera sobremaneira o evento.

FICA / 2023

XXIV EDIÇÃO

A 24ª edição do FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental), na Cidade de Goiás, aconteceu de 13 a 18 de junho de 2023, sob o patrocínio do Governo do Estado de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e respectivas parcerias. Portanto, foram várias asinstituições empenhadas, tais como, Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de Goiás (UEG); Serviço Social do Comércio (SESC; Secretaria de Estado da Retomada, Goiás Social, ainda o Instituto Federal de Goiás (IFG); e a Prefeitura Municipal de Goiás.

Nesses 24 anos de história do referido festival, a face do planeta sofreu severas mudanças. No Brasil, se perdeu o equivalente a área de uma Espanha em desmatamentos de florestas, sendo que 90% desse total aconteceu na Amazônia e no Cerrado, incluindo um aumento alarmante de quase 60% das taxas de derrubadas na Amazônia, entre os anos 2019 a 2022, deste século XXI. Nesse mesmo período, enquanto assistíamos a nossos filmes no conforto do ar condicionado, o planeta se tornou mais quente e os eventos extremos, tempestades, secas e inundações, passaram a ser muito mais comuns. Comunidades de indígenas e populações tradicionais em todos os quadrantes do território brasileiro – verdadeiros atores fundamentais na preservação de riquezas naturais, vêm também

sendo vítimas cada vez mais de ataques genocidas e total desrespeito a seus direitos. Por isso, o FICA nesse ano de 2023, teve como tema Cerrado e Amazônia: dois territórios, um só futuro, com o objetivo de discutir a intocável relação entre dois biomas e seus habitantes. O episódio que ocorrer a um, impactará o outro. Por isso também, essa edição talvez tenha sido a de maior presença de "indígenas", nesses 24 anos de caminhada. É necessário defender seus direitos e atribuir aos povos originários o protagonismo inerente à defesa do meio ambiente.

A Tenda Multiétnica, instalada no Largo do Chafariz, foi o destaque desse grande evento. Ali congregavam indígenas de várias etnias do país, quilombolas de muitos quilombos, não somente do Estado de Goiás, além de membros do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de diversas regiões, ainda Trabalhadores da Agricultura Familiar, e outas organizações.

Aquele salutar ambiente, fora palco de maravilhosas palestras, Feira de Artesanatos, gastronomia, mesas de debatas, bem como apresentações de documentários intimamente ligados à causa ambiental.

Shows, Mesas de Debates, Gastronomias, realizações de Oficinas, Teatros, Artesanatos, ocuparam vários pontos da cidade, tais como: Largo do Chafariz, Praça do Coreto, pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, espaço do Mercado Municipal, Praça de Eventos Dr. Boadir Veloso, instalações físicas das duas Universidades, Federal de Goiás e Estadual de Goiás (UFG e UEG), bem como outros logradouros.

Com relação a apresentações de shows, o destaque fora o de sábado, dia 17 que ficou a cargo do famoso cantor Gabriel – o Pensador.

12

GABINETE LITTERÁRIO GOYANO: UM TESOURO DO BRASIL



Em 10 de abril de 1864, Raymundo Sardinha da Costa, juntamente com outros cem ínclitos vilaboenses, fundou, na Cidade de Goiás, então capital da Província homônima, o Gabinete Litterário Goyano, que foi a primeira biblioteca coletiva do Estado de Goiás e do Centro-Oeste brasileiro. Destarte, o Gabinete guarda história e memória de Vila Boa e de nosso país, da nossa gente, sendo, de per si, um tesouro e, ao mesmo tempo, um relicário das culturas goiana e brasileira.

O Gabinete Litterário exerceu, desde a segunda metade do século XIX, papel preponderante na circulação de livros e na difusão da leitura nestas terras provinciana à época, tendo funcionado, na antiga capital goiana, como gabinete de leitura com locação de obras, tanto literárias como das mais diversas áreas do conhecimen-

to, assumindo – numa época em que havia escassez de livros, vez que caríssima a aquisição e muito dificultoso o acesso – um papel catalisador da leitura e da cultura na então província e, bem ainda, um papel vanguardista e relevantíssimo na construção de um projeto educacional para a sociedade goiana.

Importa ainda consignar que, juntamente com o Lyceu de Goyaz e o Seminário Santa Cruz, esta instituição foi uma das primeiras a promover a difusão de ideias, da instrução, da atividade intelectual e da produção literária e cultural em Goiás, tendo sido efervescente espaço da intelectualidade goiana, por onde passaram notáveis personalidades da nossa cultura, tais como: Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Goiandira do Couto, Luiz do Couto, Hugo de Carvalho Ramos, Manoel Lopes de Carvalho Ramos, Pedro Ludovico Teixeira, Americano do Brasil, Félix de Bulhões, Leopoldo de Bulhões, Constâncio Gomes, Maximiano Mendes, Luiz Guedes de Amorim, Emílio Francisco Póvoa, Consuelo Ramos Caiado, Alfredo Nasser, Goiás do Couto, entre muitos outros. Ademais, foi o Gabinete fonte fértil, donde tantas gerações saciaram sua sede de saber, ciência e cultura, de modo que já legou marcas indeléveis e ainda marca profundamente a vida cultural da Cidade de Goiás e do Estado, há mais de quinze décadas.

É de se destacar, outrossim, que figuram entre os sócios honorários do Gabinete Litterário Goyano o ilustre livreiro e editor francês Baptiste-Louis Garnier e o preclaro escritor Visconde de Taunay. Garnier foi um dos principais editores do Brasil na segunda metade do século XIX, tendo fundado a Livraria Garnier no Rio de Janeiro, de modo que editava seus livros no Brasil e os imprimia em Paris e em Londres, salientando-se, bem ainda, que teve longo relacionamento profissional com o notável Machado de Assis, do qual publicou, pela primeira vez, as clássicas obras "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (1881) e "Quincas Borba" (1891). Doutra parte, Visconde de Taunay foi o autor das célebres obras "A Retirada de Laguna" (1871) e "Inocência" (1872) bem como um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ambos doaram obras para o Gabinete Litterário, sendo deveras interessante e tocante deleitarmo-nos em pesquisá-las no Gabinete, encontrando preciosidades como livros com vetustos selos da Livraria Garnier e outros até mesmo autografados pelo grande Taunay.

A propósito, reconhecendo a importância da criação do Gabinete Litterário Goyano, o maior escritor brasileiro de todos os tempos e um dos maiores da literatura universal, o acima citado Machado de Assis, escreveu para a seção "Semana Literária" do jornal "Diário do Rio de Janeiro" – publicada no dia 20 de fevereiro de 1866, menos de dois anos após a fundação do Gabinete – uma crônica, dando notícia e celebrando a instalação de um gabinete de leitura na então Província de Goyaz.

Assim que essa egrégia instituição cultural, perseverando em face de todos os duros obstáculos e adversidades que se lhe vêm opondo ao longo das décadas, marca profundamente, há quase 160 anos, a vida da emblemática Vila Boa – berço da cultura goiana – do nosso estado e do Brasil, consistindo, portanto, em espaço literário de extrema significância na formação intelectual, cultural e educacional do nosso povo. Incontestes e incomensuráveis, pois, os serviços prestados pelo referido Gabinete Litterário à sociedade goiana ao largo das últimas quinze décadas.

Em tal sentir, impõe-se nos, inarredavelmente, salvar, preservar, fortalecer e valorizar a instituição do Gabinete Litterário Goyano e o seu portentoso e inestimável acervo, bem como manter viva a sua rica memória, que, em última análise, confunde-se com a memória da Cidade de Goiás e do Estado de Goiás, com a memória do povo vilaboense e goiano; sendo, no entanto, um patrimônio inexorável e responsabilidade de todas as pessoas que comungam essa riqueza literária. Aliás, não é demais asseverar que não apenas a história do nosso Estado, como também a do Brasil, passa por este gabinete de leitura instituído nestas plagas dos Goyazes.

Nesta contemporaneidade, da década dos anos 2020, deste século XXI, nessa esteira, cumpre salientar que – como já sabido do público – encontra-se em deveras preocupante e consternadora situação, tanto o casarão sede do nosso Gabinete Litterário Goyano como o seu riquíssimo acervo, em prol dos quais – tratando-se de instituição sem fins lucrativos e sem recursos para sua manutenção,

não se conseguiu tal revitalização via órgãos estadual e federal. Só restou, no entanto, o desencadeamento de uma campanha solidária com a finalidade de angariar recursos, através de amigos e simpatizantes, via depósitos na Caixa Econômica Federal, (Agência 1238, Operação 013, Conta-Poupança 24.573-8). A cultura é uma causa justa. O Gabinete Litterário precisa de todos nós. Na verdade, desde os seus exórdios, a sua trajetória sempre foi de amargas batalhas por sua sobrevivência, sempre resistindo às procelas do zingrar do tempo, sempre perseverando em honra dos seus magnos ideais, estes que um dia, há 159 anos, motivaram cem ilustres e denodados vilaboenses a tirá-lo do limbo das ideias não realizadas, tornando real tão nobre sonho.

Neste ensejo, avigoramos, pois, a nossa estentórea súplica, o nosso brado, a nossa insofreável batalha, para que não deixemos perecer esse acervo de incalculável valor. Preservemos a nossa memória literária, histórica e cultural para as vindouras gerações. Não podemos deixar fenecer um dos mais raros e importantes acervos do nosso estado, para que não mereçamos receber o abjeto e deletério epíteto de um povo que deixa morrer sua memória, e, de consequência, sua história.

Os óbices e desafios são acerbos, são muitos e continuam. Essa valorosa luta pelo Gabinete Litterário também continua, sem certezas, sem tréguas, sem garantias. Mas continua. Segue adiante, porque há muitos dias para renovarem nossas forças a cada alvorecer do sol. Há muita fé. Há muita esperança. Há muita vontade para superar as barreiras. Há viço, ânimo, alegria em caminhar. Há muito amor para prosseguir.

Todavia, valeu a pena não perder a esperança. Valeu a pena acreditar. Pois, como um milagre, em que pese o ano de 2020 totalmente imerso na maior crise sanitária – a pandemia da COVID-19, tudo fechado, quase um lokcdown, aconteceu que os confrades e confreiras desta secular instituição, sensibilizados com o legítimo clamor do Presidente Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos, quer dizer: os amigos do Gabinete, envidaram esforços e conseguiu-se o recurso financeiro suficiente para a execução

da merecida restauração daquela sede. Há que se ressaltar que dentre todas as colaborações, sobressaiu a ação de um vilaboense ausente, apaixonado pela belíssima Cidade de Goiás e pela arte e a cultura: Leonardo Lacerda, que através de uma Organização Não Governamental internacional, denominada Oak Foundation, fora feita uma robusta doação, no valor de U$ 10.000 (dez mil dólares).

Portanto no dia 1º de outubro de 2021, foi celebrada solenemente a inauguração da reforma do Gabinete Litterário Goyano.

Para concluir esta parte, eis então a Galeria de todos os ex-Presidentes:

- 12/02/1865 – Inácio Antônio da Silva (interino) e Raymundo Sardinha;
- 08/10/1865 –Evaristo Cintra (interino);
- 24/12/1865 – Jerônimo José de Campos Curado Fleury;
- 19/05/1866 – Cel. Antônio José de Castro;
- 09/02/1868 – Inácio Antônio da Silva;
- 1871 a 1872 – Antônio Félix de Bulhões Jardim;
- 07/04/1872 – Francisco Antônio Azeredo;
- 27/09/1882 – Francisco Antônio Azeredo;
- 25/09/1885 – Manoel Nascimento Pereira da Silva;
- 19/04/1885 – Manoel Nascimento Pereira da Silva;
- 20/09/1885 – Antônio Fleury Curado (substituindo o anterior por ter o mesmo se retirado para a Província de Mato Grosso);
- 27/10/1887 – Luiz Gaudie Fleury (indicado interinamente, tendo o anterior renunciado à Presidência para a qual fora eleito em 07/08/1887);
- 27/10/1887 - Francisco Xavier de Brito;
- 15/11/1887 – Luiz Gaudie Fleury;
- 29/05/1892 – Paulo Póvoa (convoca para eleger nova Diretoria);
- 21/04/1895 – Luiz Gonzaga Jaime Carvalho Ramos;
- 02/05/1897 – Vicente Miguel da Silva Abreu;

- 08/05/1898 – Coriolano Augusto de Loyola;
- 28/05/1899 – Antônio Ramos Caiado;
- 24/05/1900 – Coriolano Augusto de Loyola;
- 05/02/1901 – José Gonzaga Sócrates de Sá;
- 20/04/1901 – Coriolano Augusto de Loyola;
- 01/06/1901 – Luiz Guedes de Amorim;
- 24/06/1903 – Luiz Gonzaga Jaime;
- 04/09/1904 – João Alves de Castro;
- 21/04/1909 – Emílio Francisco Póvoa;
- 11/06/1916 – Mário de Alencastro Caiado;
- 27/05/1920 – Emílio Francisco Póvoa;
- 02/02/1925 – (ultima ata do livro 02, paginas 88 e 89);
- 25/04/1926 a 1929 – Emílio Francisco Póvoa;
- 28/04/1929 a 1932 – Consuelo Ramos Caiado;
- 21/04/1932 a 1935 – Altair Caiado de Castro;
- 21/04/1935 a 1938 – Alfredo Nasser;
- 14/09/1938 a 1943 – Goiás do Couto;
- 04/07/1943 a 1946 – Artur Napoleão Gomes Pereira;
- 1947 a 1966 – os registros sobre esse período não foram encontrados;
- 21/04/1967 a 1970 – João Nicolau;
- 1985 a 1987 – Elder Camargo de Passos;
- 1980 a 1992 – Heber da Rocha Rezende Júnior;
- 1994 a 1996 – Iracema Francisca Malheiros;
- 1997 a 1999 – Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo;
- 2003 a 2004 – Maria de Lourdes Lacerda de Oliveira;
- 2006 a 2008 – Elder Camargo de Passos;
- 2010 a 2012 – Elder Camargo de Passos;
- 2014 a 2016 – Circe Camargo Ferreira e Silva;
- 2017 a 2019 – Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos;
- 2019 a 2021 – Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos;
- 2022 a 2024 – Paulo Brito do Prado.
- 2024 a 2026 – Frei Cristiano Amaral Bhering de Lacerda

DIRETORIA de 2017 – 2019 e 2019 – 2021:

Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos – Presidente; Circe de Camargo Ferreira e Silva – Vice-Presidente; Paulo Brito do Prado – 1º Secretário; Rodrigo dos Santos Silva – 2º Secretário; Brasil Vicente Ferreira – Tesoureiro; Elder Camargo de Passos – Orador; Heber da Rocha Rezende Júnior – Fiscal; Maria de Fátima Silva Cançado – Bibliotecária; e, Adriano Alcântara de Almeida – Ajudante de Bibliotecário.

Trata-se, portanto, de um patrimônio preciosíssimo, que deve ser sempre enaltecido. Avante! Viva o Gabinete Litterário Goyano: um tesouro do Brasil.

Esta página foi uma colaboração da lavra do jovem Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos, advogado, escritor, poeta, cantor e viajante, Presidente do Gabinete Litterário Goyano, Presidente da Comissão de Cultura da Subseção de Goiás da Ordem dos Advogados do Brasil. Vice-Presidente do Conselho Municipal de Turismo de Goiás. Conselheiro da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Articulista do jornal "Diário da Manhã". Membro da OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições) e da UBE (União Brasileira de Escritores – Seção Goiás).

13

COLÉGIO SANT'ANA



Foi um estabelecimento de ensino de muita relevância para a Cidade de Goiás, que ultrapassou a barreira dos 100 anos, levando o sabor do saber a um número quase que imensurável de moças e rapazes. Era uma escola particular, reconhecida e muito respeitada pelo povo de Vila Boa. Até o final da década de 1970, havia moças internas, oriundas de várias regiões do Estado e também de outros Estados da Federação. Uma coisa que muito marcou aquela casa foram as realizações das festas juninas. Era quem abria a temporada. Na primeira semana de junho havia então, a mega festa, mui concorrida. Dada à importância dele na educação vilaboense, no desenvolvimento cultural da cidade, achei oportuno transcrever o histórico, que inteligentemente foi elaborado pela dominicana – Irmã Maria Lucília Pereira Valle O.P., na celebração dos "100 anos de missão em Goiás", em setembro de 1989.

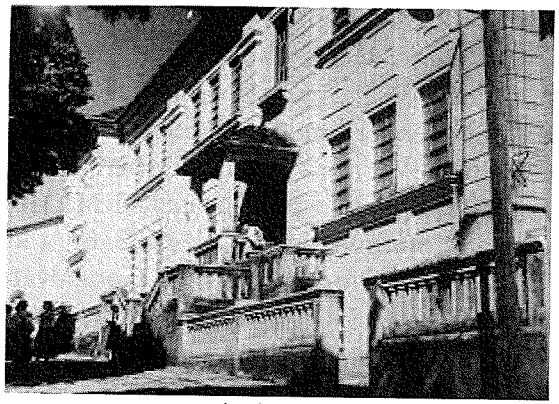
A legião de irmãs dominicanas, que contribuíram para que aquela casa de ensino atingisse esse século, exitosamente, é bastante grande. Todavia, é interessante ressaltar nomes e funções dessas protagonistas dessa história, nesse encerramento do século XX. São elas: Irmã Maria Bernard Cantaloube – Priora Geral da Congregação; Irmã Laura Chaer – Priora Provincial da Província-Brasília; Irmã Maria de Jesus Ferreira – Priora da Comunidade do Colégio Sant'Ana. DIRETORIA DO COLÉGIO SANT'ANA: Irmã Águeda Gonçalves França – Diretora; Irmã Josina Pereira dos Santos – Vice-Diretora; Irmã Maria Lucília Pereira Valle – Tesoureira; Irmã Carmelinda Glória de Souza – Secretária.

Exercer a missão religiosa, ou seja, ser Freira é uma arte que não está ao alcance de qualquer pessoa. Uma jovem que se sente tocada pela vocação religiosa, acaba por assim dizer, renunciando a própria família, como foi o caso das francesas, que vieram para fundar o Colégio, em 1889. Ela se dedica inteiramente às instituições de saúde e educação. Vive para cuidar das pessoas menos favorecidas da sorte. Por isso, homenageá-las, é bastante oportuno. Dentre centenas de nomes que prestaram seus relevantes serviços, na Cidade de Goiás, tais como Lar São Vicente de Paulo (antigo Asilo São Vicente de Paulo); Lar São José (antigo Orfanato São José); Hospital São Pedro de Alcântara; e Colégio Sant'Ana, destacam-se alguns nomes, representando as demais Irmãs: Ir. Maria Aspásia Lisboa, Ir. Maria Revi Veloso, Ir. Rosária Rodrigues, Ir. Evangelina, Ir. Lenir do Prado, Ir. Maria José Fleury, Ir. Verônica, Ir. Rita Borges, Ir. Gabriela da Imaculada, Ir. Berta, Ir. Norbertina Saddi, Ir. Maria Odila, Ir. Colomba, Ir. Angélica Maria Curado, Madre Cecília, Ir. Ana Rita, Ir. Maria Sophia, Ir. Bernadete, e tantas outras, lembrando que muitas das citadas foram filhas de famílias vilaboenses.

Eis o texto para a solenidade:

"A pitoresca Cidade de Goiás, então capital do Estado do mesmo nome, já contava com mais de 160 anos".

Joia multicolorida, emoldurada pelos morros e colinas que a cercam, crescia sem ser notada.



Fachada Original

Cada nova casa que se erguia, agarrava-se às já existentes de ambos os lados; os telhados sempre mais irmãos. A população ciosa de seus valores morais, intelectuais e riquezas outras, era uma só família, sempre de mãos dadas pela soleira das portas sempre abertas. Nas idas e vindas ou nas horas de folga, o goiano gostava de divisar ao longe, a Serra Dourada como uma auréola a completar a rica e original beleza de sua capital.

Pois bem, nos idos a que nos referimos, era Bispo da Diocese de Goiás Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão. Homem trabalhador, idealista e de ação, amava profundamente seus milhares de irmãos espalhados por todo o Estado de Goiás e ainda no Triângulo Mineiro, parte de sua Diocese.

Como em 1885, havia conseguido em Bor, aldeia perdida no Departamento do Aveyron, França, um grupo de religiosas Dominicanas para a cidade de Uberaba, Minas Gerais, voltou a bater à mesma porta, solicitando irmãs para a Cidade de Goiás.

A aceitação por parte do Bispo de Rodez – França, o superior das Irmãs, foi cerimoniosa e até um tanto protocolar. Um contrato com 11 cláusulas recebeu a assinatura de Dom Cláudio a 15 de janeiro de 1889.

No artigo 1º, a tarefa missionária se delineia cheia de força, fé, coragem: - "O Colégio será dirigido e administrado pelas Religiosas Dominicanas de Bor e Bar. Compreenderá a educação das jovens ricas, pobres, filhas de escravos e ainda a visita aos doentes a domicílio.

A educação das jovens terá como fim precípuo formar mães de família conhecedoras de todos os trabalhos da casa," conforme se expressa o original deste contrato, encontrado em nossos arquivos.

Cabia agora, à Superiora Geral das Dominicanas de Bor, designar as Missionárias que deveriam partir logo para o Brasil. Pela segunda vez, Madre Dosithée, sucessora de Madre Anastasie – a fundadora – teve a difícil tarefa. As voluntárias eram muito numerosas... Era necessário ponderar: saúde, resistência física, idade... Eram todas tão jovens!

Finalmente, oito Irmãs foram escaladas.

As valentes missionárias, apoiadas pelo espírito cristão de seus pais e familiares que as estimulavam a levar a Boa Nova de Jesus Cristo a terras estranhas e longínquas, embarcaram em Bordéus-França, no mês de maio de 1889.

Irmã Maria Otávia já se achava no Brasil. Viera com a primeira turma de Dominicanas. As demais: Irmã Emmanuel, Irmã Stephânia, Irmã Jeanne Marie, Irmã Rosa, Irmã Antonieta, Irmã Verônica e Irmã Maria Isabel chegaram a Uberada no dia 15 de junho daquele ano de 1889. A travessia foi longa e cansativa.

Enquanto as recém-chegadas a Uberaba aprendiam um pouco de português e se familiarizavam com o povo e a alimentação, o Bispo de Goiás preparava, com rapidez, a comitiva que iria buscar as Irmãs.

O Padre Gallais, dominicano francês, no Brasil àquela época; dois bons camaradas; e 30 mulas. Eram 120 léguas.

Doces, biscoitos, bolos feitos à moda brasileira, completavam as grandes cargas de objetos pessoais, roupas e toda a bagagem que daria início à missão que as enchiam de surpresas e esperanças.

Partiram no dia 08 de agosto rumo a Goiás. Os animais andavam de 24 a 30 Km por dia. Naquele tempo se pronunciava léguas (seis quilômetros equivale a uma légua) A viagem, apesar de monótona, oferecia uma natureza rica, agreste, da qual as mãos do homem ainda não haviam destruído as imensas planícies, nem as vastas florestas...

À tarde, o descanso à beira de um córrego, ou numa casinha pobre pelas imediações. O brasileiro, sempre hospitaleiro, convida as Irmãs a se sentirem à vontade... Beija-lhes as mãos, convida-as a se desvencilharem das longas roupas, dos negros e pesados véus sobre as cabeças.

- "São todas irmãs do mesmo pai e da mesma mãe?"
- "São tão iguaizinhas! Branquinhas!"
- "Os olhos cor do céu... Santas mulheres!"

E assim, cada dia a história recomeçava pitoresca, alegre, enchendo de ânimo as valentes missionárias que já amavam outras plagas, outras línguas, outros costumes, sem jamais terem esquecido seu País, seus familiares e, sobretudo o objetivo de tão arriscada tarefa: - Jesus Cristo e sua missão.

Em 05 de setembro de 1889, as oito Irmãs fundadoras do Colégio Sant'Ana apearam de seus animais, na vila do Bacalhau.

Jamais alguém, autoridade civil ou militar, havia tido recepção igual. Duas Bandas de Música e uma chuva de fogos de artifício foram as primeiras a saudar as Irmãs. Durante o trajeto a pé, até a Praça da Boa Morte, foram executados cantos de circunstância, sob a aclamação do povo que não se cansava de admirar as Irmãs que andavam com o véu abaixado, envergonhadas e confusas por se sentirem objeto de tal ovação, quando vinham com tanta humildade e simplicidade.



Irmãs Dominicanas Francesas

Junto à Igreja da Boa Morte, que servia de Catedral, Dom Cláudio, com todos os seus sacerdotes, presidiu a festa. Cantou-se o "Te Deum" e o Bispo fez uma eloquente alocução, louvando as Religiosas.

Em seguida, conduziram-nas à casa Episcopal que, a partir de então, seria sua residência. Aí, as esperava um esplêndido jantar.

A casa do Bispo, transformada desde aquela hora em escola, Colégio Sant'Ana, era agradável, mas insuficiente para um internato ou mesmo um externato. Mesmo assim, desde o primeiro dia, apareceram cinco alunas que desejavam ser internas e uma centena de externas.

No entanto, a maior preocupação das Irmãs era acolher as crianças pobres, as filhas de escravos mais perdidas e mais sofridas que no próprio cativeiro.

Duas grandes salas foram imediatamente construídas e alojaram as jovens sem vez e sem voz, sequiosas de saber, de cultura, de crescimento em todos os campos. Aos domingos, as mesmas salas se enchiam de adultos.

Com tanto trabalho, sem alimentação adequada, com o clima tão diferente do seu, as jovens Irmãs começaram a se sentir abaladas em sua saúde. Irmã Jeanne-Marie, após doença rápida, faleceu a 03 de setembro de 1892, aos 27 anos, deixando desoladas suas alunas pobres que tanto a amavam e suas Irmãs que perderam um membro que só trazia esperança.

Era necessário ampliar as instalações escolares do Colégio Sant'Ana. Em 1892, mais duas salas foram construídas.

Novas alunas, e a escola se enche novamente. Há novo reforço de Irmãs; entre elas, em 1893, Madre Thomas d'Aquin, um dos mais esplendorosos baluartes entre as Dominicanas de Bor, em terras brasileiras.

Enquanto a escola crescia, a preocupação com a saúde das Irmãs tomava vulto. Era necessário oferecer-lhes, em período de férias, um descanso melhor, proporcionar-lhes meios de refazer as forças. Assim, nasceu a ideia de comprar uma chácara próxima à cidade.

E, ainda hoje, a centenária casa conserva seu estilo original e continua mantendo as grandes árvores que proporcionam as maravilhosas sombras o dia todo.

Desde a sua fundação, o Colégio Sant'Ana passou pelas mais diversas vicissitudes, mas nunca se perceberam o desânimo nem

sinais de fracasso. As Irmãs pioneiras, tanto quanto suas sucessoras, possuíam a "fé que transporta montanhas" e se tornavam tão inabaláveis quanto a serra que as cercavam.

No mesmo ano em que as Irmãs de Bor vieram fundar este Colégio (1889), um fato também importante se dava na França. A congregação de Madre Anastasie se desenvolvia, crescia e se espalhava com segurança e rapidez. Criada oficialmente em 1850, já era, em 1875, parte integrante da Ordem de São Domingos – a Ordem dos Pregadores. E, naquele ano de 1889, sua Casa Mãe, até então sediada em Bor, passou a ter sua sede definitiva em Monteils, também no Departamento do Aveyron, onde se construiu um grande convento que também, há 100 anos, domina a encosta da montanha principal do vilarejo. E, a partir de então, a Congregação intitula-se "Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils".

Em 1902, algumas Irmãs partiram de Goiás para duas novas fundações: - Conceição do Araguaia, no Estado do Pará, em meio aos indígenas; e, Bela Vista de Goiás, cuja duração foi efêmera. Conceição do Araguaia, o mais autêntico campo missionário, durou cerca de sete décadas.

Em 1904, chegava a vez da fundação do Colégio de Porto Nacional, então Estado de Goiás. Em julho de 1909, um grupo de Irmãs passou a dirigir o Asilo São Vicente de Paulo, também, na capital de Goiás. E, em 1910, com o reforço de outras Irmãs francesas e já um bom grupo de Irmãs brasileiras, foi fundado o Colégio São José em Formosa, Goiás, pesarosamente, esse Colégio fechou-se em 1942.

Em 1913, as Irmãs Dominicanas passaram a administrar o Hospital São Pedro, então Santa Casa da Cidade de Goiás.

Cada Colégio aberto ou a se abrir no Brasil, era garantia de novas e numerosas vocações religiosas. Jovens vindas de todos os cantos de Goiás e de outros Estados levavam a sério os estudos; e ao receberem o diploma de normalista, optavam por serem mestras, mas como religiosas. Cada grupo que se formava deixava quase sempre uma ou mais sementes que iriam engrossar as fileiras das abnegadas francesas. A cidade e o Estado, desde o início, se mostraram não menos generosos que Uberaba. As vocações religiosas se multiplicavam e se espalhavam.

À guisa de ilustrações, nas décadas de 1940 e 1950, 90% das Irmãs Dominicanas brasileiras eram ex-alunas dos quinze Colégios e Faculdade mantida pelas Irmãs Dominicanas de Monteils.

Entre os grandes homens que ajudaram a fazer a história do Colégio Sant'Ana, encontra-se o Coronel Rufino Ramos Jubé que, enquanto Presidente do Senado, propôs, em 1907, a equiparação dos Colégios Dominicanos a Escolas Normais do Estado. Assim, o Colégio Sant'Ana de Goiás, o Santa Catarina de Bela Vista e o Sagrado Coração de Porto Nacional foram colocados em pé de igualdade às Escolas Normais, obtendo o direito de formar professores e distribuir diplomas. Era uma homenagem sem equívoco à alegria das famílias e um tributo de reconhecimento pelos serviços prestados por nossas Irmãs, à causa da instrução.

Várias antigas alunas e moças voltaram a sentar-se nos bancos da escola ao lado das crianças de 12 ou 13 anos.

A 11 de novembro de 1918, teve lugar a primeira festa da entrega dos diplomas às primeiras normalistas do Colégio Sant'Ana de Goiás. Foi uma festa triunfal, com bela ornamentação do salão, onde flores e bandeiras se entrelaçavam.

Presentes o Governador do Estado, o Senhor Bispo, o Senhor Ministro da Educação Pública, o Diretor do Lyceu, Secretários de Estado, o Vigário, os Pais, Senadores, Deputados, enfim, a população da cidade. Era a primeira grande festa do Colégio nesses 20 anos de trabalho das Dominicanas. A maior alegria foi acompanhar a entrega dos diplomas a cada normalista, por Madre Thomas – a Diretora amiga, serena, compreensiva, terna e fraterna, que trabalhou 42 anos neste Colégio Sant'Ana. Muitas outras festas como aquela se sucederam. Durante 60 anos, essa escola diplomou mais de mil jovens, senhoras e até rapazes. As cerimônias variavam entre simples, imponentes, grandiosas, modestas, mas todas irradiavam alegria, o sabor da vitória, enquanto as normalistas voltavam às suas terras, ao seu meio, difundindo um pouco do tudo que aprenderam em longos anos.

Hoje, após 100 anos, esse emblemático estabelecimento de ensino, reencontra suas alunas e alunos, honrando seu nome na Academia Goiana de Letras; difundindo a justiça através de juízes e juízas, desembargadores, desembargadoras, advogados, advogadas, integrantes do Ministério Público, políticos, militares, ocupantes das mais diversas profissões, enfim, uma plêiade numerosa de homens e mulheres, a grande maioria já aposentados, geralmente lembram-se das dedicadas mestras, com certa dose de saudosismo. Com toda certeza, pautaram suas vidas, suas artes, seus dons e virtudes com princípios "que o fogo não queima nem a traça destrói".

Ao completar este século de atividade, o Colégio Sant'Ana ocupou um lugar comum, em meio a outras milhares de escolas, públicas e particulares, grandes e pequenas, espalhadas no mundo todo. Nem por isso, deixou de acreditar que sua função é: instruir para formar no aluno – o humano, o religioso, o intelectual, o cultural, o senso crítico e a criatividade.

A escola, apesar de todas as forças contrárias que a querem destruir, crê que prepara o educando para a participação, para assumir seu papel na sociedade, despertando-o para a vocação, a profissão, enquanto faz crescer seu nível de conscientização, de responsabilidade, de cidadania. Uma instituição de ensino que se mantém viva e atuante durante 100 anos, acredita na formação para a justiça, para a partilha, para a vontade, a personalidade e o caráter.

Sabe que desperta o desejo de progredir, de pesquisar; dá o gosto pelas artes, pelo esporte; ensina a trabalhar em equipe, formando para a liderança, para a ação política, incentivando a conhecer a realidade, a valorizar a natureza, lutando pela transformação da realidade e pela libertação do homem.

Utopia? talvez.... mas, 100 anos são 10 décadas; e tudo que resiste ao tempo, às intempéries de toda sorte, leva a refletir e faz aumentar a nossa crença e nossa esperança.

Patrimônio da Cidade de Goiás, o Colégio Sant'Ana celebrara os 100 anos de sua fundação. Em ação de graças a Deus, autor da vida, Senhor do Universo; à Virgem do Rosário, nossa Padroeira; a São Domingos, nosso Pai e missionário modelo; à Madre Anastasie, nossa Fundadora e exemplo, aguardamos neste Colégio centenário, a presença dos que ainda acreditam na sua ação formadora porque é LIBERTADORA!"

Após tão linda história, redigida pela Irmã Maria Lucília, na celebração do centenário do renomado Colégio, em setembro de 1989, acima transcrita, pesarosamente, este capítulo é encerrado, registrando o epílogo dessa epopeia. Qualquer cidadão dotado de bom senso, conhecedor da história e importância daquela instituição de ensino acreditava que fosse uma instituição permanente, que não se sucumbiria, até porque compunha o slogan de berço da cultura goiana.

Aquele Colégio foi criado na Cidade de Goiás, com toda pompa; a chegada daquela plêiade de religiosas francesas, para a devida missão foi em grande estilo. Imagine, para a recepção das mesmas no Bacalhau, após uma exaustiva viagem sobre o lombo de mulas, de Uberaba para Goiás, uma grande multidão toda entusiasmada, um estardalhaço de foguetório, duas Bandas de Música, eloquente homilia do Bispo saudando-as; presença de tantas autoridades. Depois, chegou, portanto, a celebração do centenário; até então, parecia estar tudo bem. Todavia, com a chegada do século XXI, duas décadas depois, a comunidade é surpreendida com a funesta notícia: "o Colégio Sant'Ana vai fechar." A estrutura econômica do renomado estabelecimento, entrou em profunda decadência. Por ouvir dizer, o pivô daquela crise fora a inadimplência, apesar de que 90% dos alunos fossem filhos de famílias consideradas de classes média e alta. O número de bolsistas era pequeno. Infelizmente, o Colégio Sant'Ana teve seu fim totalmente oposto de quando se iniciou. 2014 foi, portanto, o derradeiro ano de seu funcionamento, fechando suas portas, decretando, então o melancólico FIM.

14

FOLIA E FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

I – Breve Histórico:

A Festa do Divino Espírito Santo, celebrada 50 dias após a Páscoa, representa a descida do Espírito Santo em forma de línguas de fogo sobre os apóstolos que estavam reunidos no cenáculo.



Folia do Divino Espirito Santo

Segundo consta, o culto ao Divino foi introduzido em Portugal pela rainha Santa Isabel (1271 – 1336), no século XIII, quando aquele país se encontrava em guerra com a Espanha. Para que houvesse paz, a rainha Isabel fez uma promessa de alimentar os pobres, vestir os nus, bem assim oferecer sua coroa ao Divino Espírito Santo. Uma vez que a graça foi alcançada, a rainha cumpriu sua promessa, doando sua coroa à igreja, alimentou e vestiu os mais necessitados. A partir de então, em todos os anos, no dia de Pentecostes, este gesto é repetido e a tradição se espalhou.

No Brasil, a devoção começou a ser difundida no século XVI e em menos de 200 anos, já era praticada em vários Estados da Federação.

Na Cidade de Goiás, há registro que o culto ao Divino começou em 1834, quando o Imperador do Brasil ofertou à Província de Goiás as insígnias, a fim de que seu Presidente (antiga denominação de Governador do Estado) – José Rodrigues Jardim, juntamente com a igreja introduzisse a devoção e organizasse a festa nos moldes da Côrte.

Contudo, somente em 1871, o Vigário Geral – Cônego José Iria Xavier Serra Dourada reuniu um grupo de senhores e organizou o sorteio dos cargos que oficialmente seriam os responsáveis pela consecução da festa, quais sejam: Imperador, Alferes da Bandeira, Capitães do Mastro e Mordomos da Fogueira. Os nomes são colocados em um cálice de prata e os cargos em outro.

II – As Insígnias:

As insígnias são peças de prata em cujo ápice encontra-se a pomba representando o Divino Espírito Santo, são elas: coroa, cetro e salva.

A coroa é o símbolo maior da realeza, utilizada pelo Imperador durante a festa.

O cetro representa o poder de mando e decisão, também carregado pelo Imperador.

A salva é uma bandeja de prata, onde são depositados os donativos, razão pela qual representa a fartura, prosperidade e a repartição. Sobre ela são colocados a coroa e o cetro que durante a festa o Imperador carrega com as mãos.

A bandeira é feita em tecido vermelho, geralmente veludo alemão, onde é pintada ou bordada a figura da pomba, colocada em

varão com ponteira (ponta de lança) metalizada e é usada na Folia, acompanhando a coroa e o cetro.

Outro tipo de bandeira é colocada em um quadro que sustenta o tecido onde é pintada ou aplicada à figura da pomba. É colocada no topo do mastro no sábado que antecede a festa e somente é retirada na festa de "Corpus Christi", para girar entre os Capitães do Mastro.

O Trono é armado na igreja para que as insígnias sejam nele guardadas durante a missa. A ornamentação fica a critério do festeiro.

O Trono da casa do Imperador é uma espécie de altar, armado em local de destaque, ao qual se procura dar o aspecto de fausto e suntuosidade, onde repousa a coroa e o cetro, ladeados pelas bandeiras.

III – Os Cargos:

O Imperador é a figura mais importante da festa, a quem compete à guarda das insígnias, organiza e arca com as despesas a ela pertinentes. Desde a posse a sua casa torna-se a sede do império.

O Alferes da Bandeira é o elemento responsável pela guarda da bandeira do mastro, pela elaboração do roteiro da visita da bandeira nas casas dos Capitães, é encarregado da ornamentação da bandeira, do andor e da procissão que se realiza no sábado que antecede o domingo de Pentecostes.

Aos Capitães do Mastro, em número de seis, compete o preparo do mastro e o foguetório na hora do levantamento.

Os Mordomos da Fogueira, que atualmente não mais existem, eram responsáveis pelas três fogueiras montadas na Praça da Matriz.

Os Novenários, cargos introduzidos na festa na década de 1950, são responsáveis pela novena, cada qual no dia em que foram sorteados. Ajudam o Imperador na organização do trono, na ornamentação da igreja e na compra de fogos de artifícios. A praxe é que o Novenário queime foguetes, no seu dia, às 06:00, 12:00 e 18:00 horas, no que é seguido pelo Alferes da Bandeira e Imperador.

Os Paraninfos são instituições convidadas, especialmente para participar das missas e da novena, tais como colégios, entidades de classe, associações, irmandades, corporações militares, instituições bancárias, etc. Não possuem responsabilidade específica, a não ser a presença na novena no dia para qual foram designados.

Madrinha dos Romeiros, cargo criado em 2007 para homenagear a presença feminina na preparação da festa. Assim, as mulheres podem concorrer a tal cargo com o qual terão a responsabilidade de organizar a Romaria do ano seguinte.

IV – Os Hinos:

(IV – A) A Nós Descei (entoado durante a Folia)

A nós descei, Divina Luz (2x)
Em nossas almas acendei, o amor, o amor de Jesus (2x)
Vinde Santo Espírito, que do céu mandai a Divina Luz (2x)
Vinde Pai dos pobres, doador dos dons,
Luz dos corações (2x)

(IV – B) Ó Vinde (entoado durante a Folia)

Ó vinde em nós Espírito Santo/
Do céu vossa luz nos mandai/
Ó vinde inspirar nosso canto/
A nossa frágil fé e confiança animai.
Abrasai em divinas chamas (2x)
Inflamai em celeste ardor/
Os nossos corações e almas/
No mais ardente e no mais puro amor (2x).

Ó vinde ó rico pai dos pobres/
E dos fracos reparador/
São débeis sem Vós os mais fortes/
De todos sois amparo, Pai e protetor.

(IV – C) Hino do Divino (Obs.: é o principal durante a festa. Letra do Cônego José Iria Xavier Serradourada; e música do Cônego Pio Joaquim Marques – 1859).

I

Solo — É chegado o Pentecostes/
O templo ostenta alegria (Bis)

Dueto — Canta, canta, o povo hinos devotos/
Neste majestoso dia (Bis)

Coro — Sobem aos céus o nosso incenso/
Hinos ressoam ao Deus imenso (Bis)

II

Solo — Vinde Espírito Divino/
Nos corações acendei (Bis)

Dueto — Com todos os que vos louvam/
Os vossos dons dispendei (Bis)

Coro — Línguas de fogo do céu derrama/
Nos corações acendem as chamas (Bis).

V – A Folia do Divino:

A Folia do Divino é formada por devotos, que carregam as insígnias e as salvas, trajando opas nas cores branca e/ou vermelha. Durante três dias (domingo de Páscoa, segunda e terça-feira), os foliões percorrem trajetos, previamente demarcado, indo de casa em casa, rezando e angariando donativos para a festa do Divino. No domingo subsequente, a folia gira nos povoados de Areias, Bacalhau e alguns bairros localizados na periferia sul, tais como Jardim Vila Boa, Vila União, Vila Cristina, Goiás II, Setor Papyrus e Residencial Tempo Novo. No segundo fim de semana após a Páscoa, os foliões viajam para Goiânia e visitam os Vilaboenses ali residentes. Cabe destacar que em todas as oportunidades, a Folia é seguida pela Banda de Música da Polícia Militar, que é sediada no antigo Quartel da cidade, a qual entoa os hinos e marchas alegres, que coadunam com o espírito da festa.

É muito comum a queima de fogos durante o giro, que além de sinalizar a proximidade dos foliões, em locais mais distantes, serve para identificar onde um ou outro grupo se encontra.

Com o crescimento populacional da Cidade de Goiás, novas insígnias foram introduzidas no roteiro, com o objetivo de viabilizar a realização do giro nos três dias. Vale registrar que a inserção de outros grupos, portando a réplica da Coroa, Cetro e Bandeira do Imperador se faz conforme a necessidade da época.

Dentre cada grupo, uma pessoa fica encarregada de fazer a inscrição de nomes dos devotos que desejam se submeter ao sorteio para o próximo festejo, e outra se incumbe de fazer o rol das pessoas que irão receber a cesta básica por ocasião da festa.

VI – A Festa do Divino:

A Festa do Divino é precedida pela pré-novena do Espírito Santo, a qual foi instituída em 1994, pelos saudosos Padre Tadeu e o dominicano Frei Marcos Lacerda. Seu objetivo é preparar toda a comunidade, principalmente os bairros mais afastados do centro para a Novena. Cada animador dos bairros visita os moradores e registra o nome de quem gostaria de participar do sorteio da pré-novena. Para cada grupo é entregue uma insígnia, e de uma casa para outra seguem em procissão. No último dia, na entrega da pré-novena, cada grupo sai do seu bairro em procissão, encontrando com outros grupos, formando, assim, uma multidão de devotos em oração, rumo à Catedral; cada pessoa conduz uma oferta, (alimentos não perecíveis) que ajudará na formação da respectiva cesta.

Durante a novena, acontece a missa, todos os dias na Catedral de Santana, às 19:00 horas, oportunidade em que se realiza a entrada solene do Imperador carregando a coroa, uma pessoa de sua família o cetro, o Alferes da Bandeira conduz a bandeira e o Novenário do dia porta outra bandeira. Depois da missa, existe o costume do novenário do dia oferecer lembrancinhas, doces, licores etc.

É tradição, também, durante a novena, a queima de fogos, às 06:00, 12:00 e 18:00 horas, que fica a cargo do Novenário do dia, Alferes da Bandeira e Imperador.

Um dos dias da novena, o Imperador reserva para realizar a entrega das cestas básicas para aquelas pessoas menos favorecidas e que foram previamente cadastradas. Cabe ressaltar que o objetivo da folia do Divino, além de propagar a devoção, é de reunir para, em mesa única, servir alimentos à população, independentemente de classe sócio-econômica, cultural e religiosa. O costume de entrega de cestas foi introduzido em 1984, visando ampliar o caráter social da festa. Até no ano de 1983, só era oferecida a carne – a famosa carne do "Boi do Divino". Porém, após a missa de encerramento e o sorteio, era oferecido um banquete de quitandas e salgados, em algum lugar como Ginásio de Esporte ou algum trecho interditado de rua. Só que aquela distribuição de alimentos havia tomado um rumo diferente: havia um enorme desperdício, a molecada fazia guerra, jogando fora grande quantidade dos salgados. Diante daquela anormalidade, o saudoso frade dominicano frei Marcos Lacerda, que à época era o pároco, apoiado pelo bispo da Diocese – Dom Tomás Balduíno e paroquianos simpatizantes da ordem, sugeriram que para a realização da festa de 1984, ao invés daquela distribuição que havia se transformado em desordem, que adquirissem gêneros alimentícios formando uma cesta básica, complementando a carne. Consta que frei Marcos pensou em distribuir umas quinhentas cestas. O imperador Heber da Rocha Rezende Júnior, juntamente com as equipes organizadas, conseguiram distribuir cerca de duas mil e quinhentas cestas. Foi um sucesso, que perdura e certamente não vai cessar.

Na sexta-feira que antecede a festa de Pentecoste, às 23:00 horas, acontece a Serenata do Divino. Os devotos se reúnem na casa do Imperador, onde é servido um coquetel (mesa única) a todas as pessoas ali presentes, após ser entoado o Hino do Divino Espírito Santo. Dali seguem em roteiro pré-estabelecido, visitam as casas do Alferes da Bandeira, dos seis Capitães do Mastro e as igrejas do Carmo, D'Abadia, do Rosário, de São Francisco e Catedral, oportunidade em que é entoado o Hino do Divino, sempre acompanhado de devotos em um só coro e a Banda de Música do 6º Batalhão da Polícia Militar.

No sábado, após a novena e missa, sai da casa do Alferes da Bandeira a procissão do Mastro, que é erguido na porta da Catedral de Sant'Ana, ao som de alegres marchas tocadas pela Banda, para deleite dos inúmeros devotos e apreciadores presentes. É o momento de muito foguetório e vivas; é quando o povão fica na expectativa, fitado na bandeira, pois, segundo consta, para o lado que aponta a bandeira, ao ser levantado o mastro, é de onde sairá o futuro Imperador.

Enquanto a Banda toca, entram em cena os Socadores de Pé de Mastro, pessoas do povo que se revezam no ofício de socar com pedaços de madeira o mastro, para dar-lhe firmeza no solo. Via de regra, são servidos licores e vinhos, para todos em geral, enquanto os socadores entoam a cantiga: Capitão do Mastro cadê você...

Na sequência, ocorrem as apresentações dos grupos folclóricos: Congo e Tapuio, na porta da igreja e depois na casa do Imperador.

No domingo, a Banda de Música do 6º BPM, o tanger dos sinos e o foguetório, despertam a Cidade de Goiás com a alvorada festiva. Depois que a Banda de Música, naquele ato percorre várias ruas, dirige-se então, para a casa do Imperador, onde é servido um lauto café da manhã, por volta das 06:00 horas.

Antes das 09:00 horas, sai a procissão da casa do Imperador, que conduz consigo coroa, cetro e bandeira, para a missa solene. Após a missa, lá pelas 11:00 horas, dá-se início ao sorteio dos novos festeiros.

Uma comissão designada pelo Imperador digita todos os nomes de devotos inscritos durante os giros da folia e durante a novena, em papéis do mesmo tamanho, dobra-os da mesma forma e os deposita em um envelope que é lacrado e aberto tão somente na hora do sorteio. Da mesma forma, em outro envelope, são depositados os papéis com os cargos e papéis em branco, quantos forem necessários para atingir a quantidade de devotos inscritos. Na hora do sorteio, os nomes são colocados em um cálice de prata e os cargos, bem como os em branco, em outro cálice. Tudo isso sobre o altar, à vista de todos. A comissão escolhe duas crianças para, de um a um, retirar os papéis dos nomes e cargos. Terminada aquela cerimônia, o Imperador, através de voluntários promove a distribuição de lembranças, terços,

estampas, medalhas, Verônicas e outros mimos. Em seguida, segue para sua casa, com as insígnias, acompanhado do novo Imperador.

A Verônica é um doce em formato de medalhão, que tem no centro e destacado em alto relevo o símbolo do Divino.

Após a missa das 19:00 horas, acontece a procissão Luminosa do Divino. No trajeto do séquito, as pessoas enfeitam as janelas de suas casas com flores, imagens, peças de tecidos ornamentados e outros; encerrada a procissão, na Catedral de Santana, o sacerdote ministra a bênção aos fiéis.

Na festa de "Corpus Christi", depois da procissão, vem à prestação de contas do Imperador; acontece a posse dos novos festeiros; são repassadas as insígnias, oportunidade em que é decido o Mastro, a bandeira é retirada e entregue ao Primeiro Capitão do Mastro.

VII – A Romaria:

Em 2005, o então Imperador Custódio Domingos Júnior e Abner Amur Curado idealizaram a Romaria do Divino Espírito Santo, que é constituída por pessoas montadas em cavalos e muares, que viajam pelas fazendas até chegarem à Cidade de Goiás, ao lado da Igreja de Santa Bárbara, que dali seguem em cortejo com as insígnias pelas principais ruas até chegarem à Catedral de Santana, por volta das 18:00 horas do sábado véspera da Festa, onde são recebidos pelos festeiros e um grande público, com hinos de louvores.

VIII – IMPERADORES DE 1872 a 2024 (homenagem aos ex-Imperadores):

1872 Padre José Iria Xavier Serradourada
1873 Manoel José de Miranda
1874 Dr. José Joaquim de Souza
1875 Capitão Ignácio
1876 Capitão Lourenço Justiniano
1877 Francisco de Arruda Fialho
1878 Francisco Xavier de Almeida
1879 Antônio Benedito da Veiga Jardim
1880 Padre Joaquim Vicente de Azevedo
1881 Coronel Alexandre
1882 Padre Joaquim Cornélio Brom
1883 Major Joaquim Gonzaga de Siqueira
1884 Desor. Jerônimo J. de Campos Curado
1885 João Cornélio Brom
1886 Joaquim Lemes Borges
1887 Manoel Ribeiro Camelo
1888 Cel. José Gonzaga Sócrates de Sá
1889 Eduardo Ferreira de Abreu
1890 Vicente Sandro de Almeida
1891 Cel. Felicíssimo do Espírito Santo
1892 Domingos Gomes de Almeida
1893 Jacinto José Ferreira Rios
1894 Miguel da Rocha Lima
1895 Francisco Sócrates de Sá
1896 Dr. Eduardo Duarte da Silva
1897 Cel. José Gonzaga Sócrates de Sá
1898 Aspirante Inácio Alves de Oliveira
1899 Cel. Antônio Martins Milameixas
1900 Joviano Augusto de Moraes Jardim
1901 Silvestre Alves de Santana
1902 Antônio Xavier Guimarães
1903 Joaquim Santana Andrade
1904 Joaquim Guedes de Amorim
1905 Dr. Domingos Ferreira da Silva
1906 Cel. Francisco de Almeida Fialho
1907 Cel. Francisco da Cunha Bastos
1908 João Rodrigues Costa
1909 Joaquim Leovegildo de Camargo
1910 Dr. José Cardoso D'Ávila
1911 César da Silveira
1912 Dr. José Neto de Campos Carneiro (Dr. Neto)
1913 Cel. Virgílio José de Barros
1914 Luiz Martins de Araújo

1915 Caetano Alves Pinto
1916 Urbano Delfino Rodrigues
1917 Marechal Braz Abrantes
1918 Firmino José de Brito
1919 Alfredo Alves Pinto
1920 Cel. Eugênio Rodrigues Jardim
1921 Dr. Pedro Pinheiro de Lemos
1922 Dr. Benjamim Luiz Vieira
1923 Dr. José de Maria Ramos Jubé
1924 Francisco Sócrates de Sá
1925 Alfredo Alves Pinto
1926 João F. Regis Perillo
1927 Cel. Eugênio Rodrigues Jardim
1928 Manoel Clementino de Faria
1929 Cel. Joaquim da Cunha Bastos
1930 Dr. Pedro Pinheiro de Lemos
1931 Cel. Joaquim da Cunha Bastos
1932 João da Costa Oliveira
1933 Dr. Benjamim Luiz Vieira
1934 Mons. Joaquim Confúcio de Amorim
1935 Fernando Nunes de Souza
1936 Francisco de Azeredo Bastos
1937 João da Costa Oliveira
1938 Luiz Astolpho de Amorim
1939 Dr, José de Maria Ramos Jubé
1940 Dr. Luiz Confúcio da Cunha Bastos
1941 Dr. José de Maria Ramos Jubé
1942 Manoel Gouveia
1943 Dr. José de Maria Ramos Jubé
1944 Benedito Lemes Borges
1945 Benedito Cardoso (nomeado pela Cúria)
1946 João da Costa Oliveira
1947 João F. Regis Perillo
1948 Benedito Cardoso de Souza
1949 Maximiano Mendes

1950 Gileno Loyola
1951 Jadus Santa Cruz Serra Dourada
1952 Osmambey Pereira da Silva
1953 Itamar de Azeredo Bastos
1954 Jeciron de Alencastro
1955 Maximiano Mendes
1956 Joaquim de Azeredo Bastos
1957 Waldir do Nascimento Costa
1958 Luiz Sabino de Passos
1959 Rui de Azeredo Bastos
1960 Maximiano Mendes
1961 Dom Abel Ribeiro Camelo
1962 Gileno Loyola
1963 Dr. Paulo de Amorim
1964 Antônio de Albuquerque Melo
1965 Frederico Martins de Araújo
1966 Edmundo Saddi Calil
1967 Dr. Paulo de Amorim
1968 Olegário Antunes
1969 Antônio Ubiratan de Alencastro
1970 Juarez Godinho
1971 Jaime do Nascimento Costa
1972 Domingos José da Cunha
1973 Raul Tássio de Freitas
1974 Jeciron de Alencastro
1975 Amur de Barros Curado
1976 Breuler Jaime Cabral
1977 Marcelo da Veiga Jordão
1978 Agnaldo Alencastro Veiga
1979 Humberto do Nascimento Andrade
1980 Georgi Volnei da Costa Campos
1981 José Carlos Leite de Santana
1982 José Reginaldo Peres
1983 Jurandi Feliciano de Oliveira Filho
1984 Heber da Rocha Rezende Júnior

1985 Leandro Mundim Ramos Caiado
1986 Marcos da Veiga Jordão
1987 Leandro Tiago Fernandes
1988 Wilson Ferreira da Silva Júnior
1989 Armando da Silva Moura
1990 Fabiano Gomes de Souza
1991 Luiz Henrique da Veiga Jardim
1992 Igor Corrêa de Castro Santomé
1993 Emival Félix da Silva
1994 Djalma de Paiva Neto
1995 Diogo Mundim Saddi Calil
1996 Fernando Antônio da Veiga Godinho
1997 Olivier Pereira de Abreu
1998 Edmundo Saddi Calil
1999 José Antônio de Moraes e Souza (Zé Tachinha)
2000 Paulo Sérgio da Veiga Jordão
2001 Gustavo Ferreira de Andrade
2002 Tarquínio Brito de Oliveira Júnior
2003 Jalles Seixo de Brito
2004 Edwar Camelo de Barros
2005 Custódio Domingos Júnior
2006 Euclides José Barroso Indalécio Neto
2007 Francisco Eliezer Curado Filho
2008 Joaquim Craveiro Curado
2009 Otaviano de Oliveira
2010 Geovany Silva Martins Filho
2011 Plínio César de Oliveira
2012 Geraldo Calistrato Neto
2013 Mateus Travasso de Amorim Araújo
2014 Reinaldo Nunes de Almeida
2015 Lince Fleury de Moraes
2016 Amur A. Adolfo Curado
2017 Eduardo Adorno Castro
2018 José Carlos Borim de Araújo
2019 Leopoldo Santana Borges

2020 Gabriel Machado de Oliveira – (devido a pandemia, a festa não fora realizada).
2021 Gabriel Machado de Oliveira – (continuou a pandemia).
2022 Gabriel Machado de Oliveira – (embora não ter findado a tal pandemia, a festa fora realizada com sucesso, tendo sido sorteado para imperador uma criança, para a festa do ano seguinte).
2023 João Gabriel Silva Martins
2024 Carlos Savagé Andrade Santos Neto.

15

FESTA DE SÃO BENEDITO



São Benedito

Indiscutivelmente, a festa de São Benedito nesta cidade, no mês de novembro, tem como protagonista o frade dominicano – Frei Paulo Sérgio Catanheide Ferreira – um padre muito querido na sociedade vilaboense.

Essa festa já existiu em tempos passados e não se sabe o motivo de ter ficado inativa por muitos anos. Porém, quando Frei Paulo era o pároco, sabiamente, ele a resgatou e veio consolidá-la. Então, desde o ano de 2009, se celebra o santo padroeiro dos cozinheiros na Cidade de Goiás.

A cada ano, no domingo do encerramento, no final da missa acontece um ato muito expressivo: uma pessoa "negra" é homenageada. Após a referida missa, vem uma suculenta feijoada, por um custo simbólico, cujo objetivo é mesmo uma confraternização. Vale a pena degustá-la, acompanhada de uma boa música ao vivo, por artistas da terra.

Para que não caia no esquecimento, eis a relação nominal dos homenageados, nos respectivos anos:

2009 – 1ª edição, não houve homenageado.

2010 – 2ª edição, José Estevão de Sá – Mestre Chuluca da Capoeira Angola.

2011 – 3ª edição, dona Inez Moreira – com o bolo de arroz do Mercado Municipal.

2012 – 4ª edição, Walter Dias Carneiro – carinhosamente conhecido por "Niim" do Bar Morro do Macaco Molhado, que infelizmente veio a falecer, em 12 de fevereiro de 2016 com apenas 65 anos.

2013 – 5ª edição, dona Lêda Moreira – professora da rede pública estadual de ensino, (filha do Sr. Benedito Preto).

2014 – 6ª edição, dona Rosa – benzedeira. Infelizmente faleceu, quase centenária, em 2018.

2015 – 7ª edição, dona Alcina Modesto da Silva – a querida dona Fia, da Comunidade da Araguari. Lamentável seu passamento em 11/08/2016, aos 78 anos.

2016 – 8ª edição, Seu Lázaro Eurípedes Silva – líder do Grupo de Congada Terno de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito – Goiânia-GO.

2017 – 9ª edição, a jovem senhora Maria Amélia Gomes Gonçalves, moradora do setor e colaboradora efetiva nas atividades da comunidade.

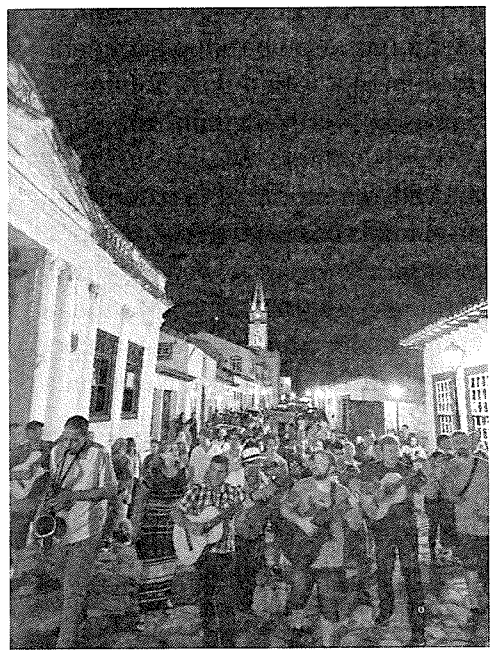
Enfim, trata-se de um evento deveras agregador. São vários segmentos que contribuem para que tudo possa acontecer com sucesso. Grupos culturais se apresentam durante os três dias de festa. Sempre tem as rezas tradicionais. No primeiro dia, na sexta-feira, tem a tradicional "jantinha", no estilo "0800", com direito a levar de lembrança a mini-panela, ou forminha de barro, usada para servir a saborosa refeição. Esse banquete acontece depois da reza no adro da igrejinha de Nossa Senhora da Guia, mas, o início mesmo é com a carreata, conduzindo o santo a partir da porta da igreja de Nossa Senhora do Carmo, no final da tarde. Portanto, há o envolvimento de muitas pessoas das Comunidades do Bacalhau, Papyrus e outros lugares, que se doam esmeradamente. Representando o grande número de pessoas colaboradoras nessa festa, relaciono alguns nomes, tais como: Caio Jardim, Patrícia Mousinho e seu esposo Jorge, Amélia e familiares, bem como muitos amigos de Frei Paulo. Todo o transcurso

festivo, nos três dias ocorre sob o frondoso jatobaseiro – aquela linda árvore, em frente à igrejinha de Nossa Senhora da Guia do Bacalhau.

Todavia, é com tristeza, que se constata o fim dessa festa. No ano de 2018, já não se realizou. Com a transferência do frade dominicano – o Frei Paulo, da Cidade de Goiás para Goiânia, ele que era o mentor intelectual daquele evento, tornou-se impossível continuar. Oxalá, que surja alguém disposto a retomar tal atividade.

16

SERENATA



A antiga Vila Boa de Goyaz, ao longo de quase três séculos, passou por diversas nuances. Sua fundação decorreu das Entradas e Bandeiras, visando a exploração do interior do país em busca de ouro, a partir do início do século XVIII. Já no século XIX, com o esgotamento aurífero, mudou-se a economia para a agropecuária. Elevou-se à condição de cidade em 1818, com a obrigatoriedade de instrução (Lei de 1835) e com circulação de vários jornais, a população descobriu que a sua verdadeira vocação seria a cultura, através da música, da literatura, do cinema e do teatro. Surgem então, as músicas sacras, as modinhas cantadas em saraus e serenatas, assim, dando expansão às inspirações a poetas, compositores, músicos, tendo como cenário as belezas da cidade, da amada ou de amores perdidos.

Quatorze anos após a criação do cinema pelos irmãos Lumière (1895), em 1909, a cidade ganha a sua primeira sala de cinema, numa demonstração de que estava conectada com os acontecimentos

europeus. Os saraus "deixavam aos poucos a luz dos candelabros para se expandir sob o céu das noites enluaradas. E desprezava o contraponto do cravo, pelo contraponto dos baixos melódicos dos violões seresteiros", segundo afirma Mozart de Araújo.

Nas serenatas os instrumentos eram violino, flauta, bandolim, cavaquinho e violão. Os poemas eram musicados, a exemplo de Noites Goianas, versos de Joaquim Bonifácio de Siqueira e musicado por Joaquim Santana. "Similes", de Leodegária de Jesus; "Só" de Antônio Félix de Bulhões Jardim; "Se tu me pedes um canto" de Luiz do Couto, e tantos outros poetas.

A Cidade de Goiás viveu as primeiras décadas do século XX com muita intensidade cultural, só rompida com a mudança da Capital, no início dos anos trinta. Arrefece a vida cultural da cidade, desmotiva seu povo que passa por um sentimento de perda e abandono. No final da década de 1950, com o retorno de Cora Coralina, da cidade de Jaboticabal-SP, para a velha casa da ponte, começam a surgir novos grupos culturais. Em 1965 nasce a OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições), destarte, surgindo uma nova geração nascida após a transferência da Capital e que se preocupa em preservar e resgatar a sua história, suas tradições. Na década de 1970, surge um novo grupo intitulado Vocalistas Goyazes, idealizado pelo musicista, historiador e escritor Elder Camargo de Passos. Jovens amantes das tradições se juntam ao grupo: Ovídio Fleury de Passos, Lúcia Vieira Passos, Alice Santana, Antolinda Baía Borges, as irmãs Joice e Joíza, Elina Maria, Antônio Carlos Costa Campos, Maria Helena Vieira e outros. As irmãs Davina, Luci e Valdeci Veiga, montaram peças de teatro, surgem bandinhas, sob a batuta de Iêda Sócrates Nascimento. A cidade volta a viver a efervescência do final do século XIX. Em 1980, nasce o Coral Solo, idealizado pelo jovem Sebastião Curado – o popular Tão Curado, trazendo assim, outro momento cultural para Vila Boa, promovendo Encontro Nacional de Corais, no mês de outubro, oportunidade em que se congrega um grande número de corais oriundos de várias localidades. A contribuição desse grupo na cidade é de notória relevância em celebrações religiosas e culturais.

Em 2015, outro grupo de seresteiros retomam as serenatas em noite de lua cheia, todos os meses, projeto intitulado, "Um luar, um violão, uma serenata", grupo esse formado por Hecival Alves de Castro, Jales Seixo de Britto, Marísia de Oliveira S. de Britto, Ana Maria Di Silva, Janete de Azeredo Bastos, Luiz Carlos, Roberto de Brito, Ondumar Gomes – com seu saxofone, Pelezinho com sua gaita, sob a orientação do Museu Casa de Cora Coralina através de Marlene Velasco. Nessa contemporaneidade, desde 2017, integram ao projeto, grandes instrumentistas e cantores, com todo devotamento, dentre eles: Euler de Amorim Júnior, Paulo e Kiki, Wellington Capiau, Budu, Marcos Jardim, Laura Vieira, Roberto de Brito, Nito Nolêto e Tarquínio Brito. O projeto está aberto e a quem se interessar a integrar ao grupo, será sempre bem vindo. A Serenata não possui regras, não tem donos, ela pertence a todos que queiram viver experiência única, mensalmente, em noite de lua cheia. É uma congregação salutar, de muita alegria.

Em 2021, o Instituto Biapó em parceria com o Museu Casa de Cora Coralina criam o projeto Passo Poético, aproveitando-se da homofonia e homografia entre " passos", que designa o movimento dos pés enquanto se anda. O passo poético consiste na retomada de poetas e poetisas de Goiás através de fragmentos de poemas impressos em placas de azulejos afixados na Rua Dom Cândido, onde se situa a Casa de Cora Coralina e de onde acontece o esquenta serenata, com a coordenação da musicista Andréa Luiza Teixeira, que sempre convida um artista de fora para compor ao grupo de seresteiros. A Serenata tornou-se um grande atrativo cultural e turístico, o que incentiva a manter essa tradição nascida nos meados do século XIX. Para incrementar mais a serenata, integram ao grupo, jovens, turistas de todas as faixas etárias e pessoas espontâneas na vocalização de poesia, fortalecendo ambas as ações, música e poesia, retomando as duas artes que foram fundamentais na conquista do título de Patrimônio Mundial, pela UNESCO em 2001. Ações fundamentais para conhecer as raízes e identidade vilaboense e preservar as mais caras tradições às gerações futuras, mantidas por mais de 100 anos com a serenata, com a divulgação de compositores e literatos do passado e do presente.

17

CORAL SOLO DA CIDADE DE GOIÁS



Coral Solo da Cidade de Goiás

A música na Cidade de Goiás, desde os primórdios, vem sendo devotadamente cultuada de geração para geração, seja no afeto às tradições religiosas ou no cotidiano das famílias e no contesto social.

Um momento social de grande presença na vida dos vilaboenses se transcreve na existência das expressões de seus artistas lapidados na salvaguarda da história e identidade de seu povo. Cabe aqui, portanto, ressaltar a importância do Grupo Seresta, formado por talentosos jovens, desde gerações pretéritas, que se congregavam para cantar e encantar as pessoas com suas vozes, que ressoavam ao som de violões e violinos as mais belas canções que rememoram Goiás.

Esse grupo tornou-se responsável, por nos transportar às memórias do passado no tempo presente. Através desse grupo, o Grupo Seresta, muita coisa foi preservada. Aprenderam com seus ancestrais aquilo que sempre deu sentido à memória afetiva e religiosa tradicional. Através da música, esse legado não se perdeu e resistiu às intempéries que a história pode sofrer ao não ser registrada e preservada. É claro que um registro não é capaz de transferir tudo o que acontece num determinado momento ou pedaço do tempo, mas a saudade é que permite a pessoa dotada de sensibilidade recordar as mais valiosas lembranças que recortadas, coletivamente remontam o espaço de convivência. Nesse caminho que se pode percorrer pelas trilhas da história, não se pode dissociar a presença da juventude no processo de gestão e continuidade da cultura vilaboense. Nessa juventude destaca-se o trabalho do Grupo Seresta, que em novembro de 1980 passa a ter o nome de "Coral Solo da Cidade de Goiás", cuja missão é transcrita por essas décadas, nas tradições religiosas, no canto e coral, na significação musical de Goiás e além fronteiras. Desde sua fundação, são tantos e importantes os momentos em que o referido Coral assumiu grande papel para a manutenção e salvaguarda da música sacra, das modinhas e das canções que nos transportam a sentimentos únicos sobre a icônica Cidade de Goiás.

Independentemente como coadjuvante para uns e protagonista para muitos, o Coral Solo se manteve presente na execução dos principais eventos da Cidade de Goiás, no transcurso dessas quatro décadas, dentre eles: Moteto dos Passos, Moteto das Dores, Missa de Lava-pés, Missa de Pentecostes, Missa da Padroeira Sant'Ana, Missa de Nossa Senhora do Rosário, sem contar as inúmeras apresentações em diversos eventos de cunho cultural.

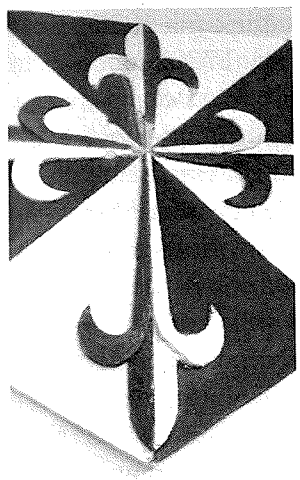
Nessa trajetória em que ocupa como instituição musical, o Coral Solo da Cidade de Goiás, onde objetivou e realiza há anos o Encontro de Corais Darcília de Amorim – com oficinas, palestras, capacitações, recitais e apresentações belíssimas, tendo os pontos históricos e turísticos da Cidade de Goiás como cenário, dos quais

destaca-se o interior do Santuário de Nossa Senhora do Rosário como o palco principal daquele evento. Desde o ano de 2004, na segunda semana de outubro acontece esse Encontro de Corais. Trata-se de um evento de grande relevância em que o Coral anfitrião recepciona um grande número de pessoas, pois, são vários corais oriundos de muitos lugares, tais como: Goiânia, Anápolis, Brasília-DF, Barra do Garças-MT, bem como de outras regiões. Até de Belém do Pará, já teve participação. Para a economia da cidade é muito importante. Pois, restaurantes, hotéis e pousadas, usufruem de bons resultados econômicos.

São muitas as particularidades e dificuldades enfrentadas por este coral, na Cidade de Goiás. Todavia, o grupo se reoxigenou sem perder a essência, e se manteve resistente na manutenção e preservação da música vilaboense. Um exemplo dessa resistência é constatado em 2020, ao unir esforços e parcerias para a realização da Cantata de Natal, daquele ano, quando do auge da Pandemia da Covid-19, ao demonstrar o devido respeito à vida e realizar um evento on-line com o cumprimento de todas as regras sanitárias. O brilhantismo e a sensibilidade das vozes que compõem o Coral Solo da Cidade de Goiás, se contrastam com as chamas da Procissão de Fogaréu – onde ressoam os três Moteto dos Passos (Domibe, Exeamus e Pater). O Coral Solo é um espaço de memórias, constituído na transmissão de saberes de uma geração para outra. Se preservamos na infância: sons, aromas, sabores e conhecimento, o Coral Solo não se desassocia do Alfenim e de dona Sílvia da Silva Curado, que assumiu a condição de Patronese, desde a fundação do mesmo. A sua casa passa a abrigar os ensaios e a composição histórica desse grupo é livre e autônoma. A regência desse coral é exercida, desde sua gênese, pelo seu criador – o competente maestro Sebastião da Silva Curado – popularmente conhecido por Tão Curado, que é filho da dona Sílvia Curado. A população vilaboense reconhece o Coral Solo, como um patrimônio que enriquece a cidade. É uma história que se preserva pela música e para a cultura vilaboense.

18

ORDEM DOMINICANA





DOMINICANOS – também chamados "Ordem dos Frades Pregadores (O. P.)", foi fundada por São Domingos de Gusmão, em 1216, com a primeira casa em Toulouse – França. Quando chegaram ao Brasil, já contava com 7 séculos de existência, no ano de 1882 e sua chegada a esta terra tupiniquim contribuiu sobremaneira, com o processo de evangelização dos povos de Minas Gerais e de Goyaz, pois foi em Uberaba e Goiás que se instalaram incialmente. Constituíram, então, cinco centros missionários nas seguintes localidades: Uberaba, Goiás, Porto Nacional, Conceição do Araguaia e Formosa.

Os dois capítulos gerais realizados em Bolonha em 1220 – 1221 determinaram a austera maneira de viver dos dominicanos: ofício à meia-noite, perpétua abstinência de carne, frequentes disciplinas, silêncio e pobreza, mesmo comunitária; a ordem não podia possuir bens, exceto os conventos e igrejas, devendo viver de esmolas: era assim uma ordem mendicante, como a dos franciscanos. Porém, em 1425, Martinho V abrandou a pobreza de algumas casas, ha-

vendo Sisto IV estendido essa mitigação a toda a ordem, em 1447, cessando-a assim, de ser mendicante.

Os dominicanos se propagaram, penetrando na Dinamarca, Suécia, Rússia, Prússia, Polônia, Grécia, Palestina e Ásia Central.

Do século XIV até metade do século XVII, mantiveram numerosas missões na Pérsia, Índia, China e no norte da África. Foram os dominicanos os primeiros a estabelecer casas nas cidades universitárias, ocupando cátedras nas universidades de Paris, Bolonha, Palência, Oxford, Pádua, Colônia, Viena, Praga e Salamanca.

Foram quatro os papas dominicanos: Inocêncio (m. 1276), Bento XI (m. 1304), Pio V (m. 1572), e Bento XIII (m. 1730).

No início de 1881, um padre Lazarista do Rio de Janeiro, foi nomeado bispo da Diocese de Goiás – era o Pe. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, que passa a ser chamado simplesmente de D. Cláudio. A Diocese compreendia todo o Estado de Goiás e o Triângulo Mineiro, que abrangia grande parte do Estado de Minas Gerais. A Diocese cobria um território quatro vezes a dimensão da Itália. Eram pequenas cidades e povoações esparsas pelo grande sertão, raros habitantes considerados perdidos pelos imensos cerrados, gente na quase totalidade católica, mas nunca assistidas efetivamente pela igreja. Obviamente, não havia disponibilidade de religiosos. Não havia engajamento dos leigos nas poucas igrejas. Limitavam-se a algumas missas durante o ano, nas pequenas povoações, geralmente um tanto distante dos maiores núcleos. As pessoas se diziam católicas, manifestavam fervorosa fé, mas não compreendiam nada, pois predominava o latim, nas celebrações eucarísticas. Por outro lado, o analfabetismo era quase total.

Naquele tempo, já quase iniciando o século XX, a capital do Estado – a Cidade de Goiás, contava com menos de 3 mil habitantes.

Em 1745, foi criada a Prelazia com sede episcopal. Só que até 1822, nenhum prelado entrou em Goiás. Elevada em 1822 a sede diocesana, os 4 bispos nomeados não chegaram à sua difícil sede. Somente o quinto bispo – D. Francisco Ferreira de Azevedo, ainda que já cego, tomou posse, encontrando sérias dificuldades pastorais, quase insuperáveis. Existe uma fala, sem confirmação literária, de que aquele bispo fora acometido de uma severa conjuntivite, já no itinerário para sua diocese, viagem essa que durava meses e improvisaram algum remédio caseiro, usando uma venda nos olhos e quando foi retirada já estava com as vistas comprometidas. Todavia, o entusiasta D. Cláudio, enfrentou o desafio, já quase na última década do século XIX, levando seu episcopado com muita esperança e grande senso de responsabilidade. Como bom lazarista, armou um plano pastoral a longo prazo, baseado no método de missões populares permanentes e procurou religiosos capazes para o executar. Destarte, ele conseguiu suprir de padres algumas cidades do Estado, pois eram poucas as mais populosas, enfim, a Diocese era todo o território goiano e mais um pedacinho do torrão mineiro.

Ainda antes da sua sagração episcopal, D. Cláudio se lembrou dos dois aventureiros dominicanos franceses, Segnèrin e Sans, que haviam deixado nele muito boa impressão, pelas suas virtudes religiosas e pelo seu zelo apostólico, e recorreu aos seus superiores. Escreveu ao Padre Provincial de Tolosa, que era o Pe. Cormier, solicitando uma fundação missionaria dominicana estável na diocese. A Província de Tolosa, que estava em fase de Capítulo Provincial, logo respondeu positivamente ao apelo do bispo. Foram escolhidos Frei Raimundo Mandré, vice-mestre dos noviços, que retornava de Salamanca, o recém-ordenado Frei Lázaro Melizan e o Frei Gabriel Mole, irmão converso. No dia 14 de setembro de 1881, partiram de Marselha e desembarcaram no Rio de Janeiro no dia 07 de outubro, sendo acolhidos e hospedados pelos Lazaristas. Depois de 17 dias, viajaram para Uberaba-MG, enfrentando vários dias de trem e outros meios de transportes primitivos. Chegaram naquela modesta cidade do Triângulo Mineiro no dia 31 de outubro. Por singular coincidência, no dia seguinte, enquanto os dominicanos lançavam a primeira pedra fundamental da sua presença no Brasil, falecia, no Convento de Salamanca, depois de poucos dias de febre tifoide, Frei Vicente Tomás Melo, com 26 anos, ele que tinha lançado a ideia da missão e pela qual tanto tinha lutado.

O começo foi bastante difícil, porque os três religiosos se encontravam no meio de uma população estranha, praticamente sem

poder dialogar, por não ter nenhuma iniciação na língua portuguesa. Depois de três meses de estudo e sacrifícios, inauguraram o seu ministério, pregando na festa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro. No dia seguinte, Frei Mandré montava a cavalo para a grande viagem para Goiás, para definir com D. Cláudio uma programação básica para a missão. Goiás dista de Uberaba 100 léguas, ou seja, 600 quilômetros, então, através de uma região inculta e desabitada, chamada "sertão", coberta de manchas de mata virgem e cerrados, sem estrada, com rios consideráveis e sem pontes e com muitos perigos. Era necessário abrir caminhos para avançar, tornando-se um percurso muito difícil para um europeu "de primeira viagem". Na pior das hipóteses, se consumia 20 dias para percorrer esse trajeto e era necessário o acompanhamento de guias que conhecesse a região. Depois de 2 meses, Frei Mandré retornava a Uberaba, estabelecendo bom acordo com o bispo. Mandou para o Provincial, na França, detalhado relatório, para que a Província, reunida em Capítulo eletivo, tomasse conhecimento e aprovasse.

O Capítulo Provincial, reunido em abril de 1882, com participação de Frei Melizan, no qual foi eleito Frei Reginaldo Colchen, enfrentou com magnanimidade a questão brasileira, dando total apoio e abrindo a possibilidade para envios de novos irmãos. O objetivo da presença dominicana no Brasil era a evangelização dos "fiéis" e "infiéis" na carente Diocese de Goiás. O meio para atingi-lo, era a pregação. Então não se ia ao Brasil para suprir a falta do clero, nem para assumir paróquias, mas para pregar as missões populares, catequisar os fiéis e evangelizar os índios. A condição irrenunciável era a vida regular nos conventos e a ação comunitária dos pregadores. Ninguém poderia ficar isolado. O problema econômico seria resolvido pelo bispo, que tinha constituído um fundo para cada convento, solicitando ajuda no Rio de Janeiro.

A história da missão é marcada pelos Capítulos Provinciais que se reuniam a cada quatro anos, tomando as decisões necessárias para acompanhar, ponto por ponto, o plano programático. Face a imensa extensão do território, a dificuldade de comunicação e total falta de estradas, o plano previa a subdivisão da diocese em quatro, ou cinco

regiões, no centro das quais devia haver uma cidade importante, para implantação de um convento como sede da comunidade missionária.

As primeiras duas fundações

Os primeiros dois centros em programa foram Uberaba, em posição estratégica no caminho de Rio de Janeiro e São Paulo, em direção do centro-norte, e Goiás, a capital do Estado e sede episcopal. Os conventos foram constituídos no quadriênio 1882 – 1886, com dez padres. No fim de 1883, o convento de Uberaba, situado em um clima excelente e composto de seis frades e dois conversos, (converso nesta contemporaneidade do século XXI significa colaborador) funcionava já perfeitamente.

Mais difícil foi a fundação de Goiás, surgida com a presença do Provincial – Frei Colchen, em abril de 1883, que não pôde dispor de início, senão de quatro padres e dois irmãos, número insuficiente para o trabalho apostólico já planejado para o futuro. Goiás era um avanço de grande importância, porque estava vizinha dos indígenas, dos quais se propunha a evangelização no momento em que os religiosos estivessem em condições.

À sua chegada, tomaram posse de uma antiga igreja, construída pelos escravos negros africanos, traficados pelos portugueses para o garimpo de ouro. Era dedicada a Nossa Senhora do Rosário, a qual era denominada de Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Com muito esforço e dinamismo, reconstruíram aquela igreja, que passou a ser a mais bonita da Cidade de Goiás. Ela foi inaugurada em 1934. Na década de 1950, ficou mais bonita ainda, com os afrescos pintados pelo famoso artista plástico – o italiano dominicano Frei Nazareno Confaloni. Na avaliação de alguns membros de Comunidades Quilombolas, alguns seguidores da cultura afro, a reforma da igreja de Nossa Senhora do Rosário, com aquela linda torre, foi um atentado à sua originalidade, praticado pelos frades dominicanos.

A reeleição do Frei Colchen, ocorrida no Capítulo Provincial de 1886, favoreceu a fundação do terceiro centro missionário programado para Porto Nacional, às margens do Rio Tocantins, a 900 quilômetros ao norte da Cidade de Goiás, nas proximidades das tribos

indígenas daquela região. Vale lembrar que nesta contemporaneidade da década de 2020, ainda perduram. São várias aldeias. Foram enviados da França mais quatro padres e dois irmãos, para reforçar o convento de Goiás e iniciar os trabalhos em Porto Nacional. No ano seguinte, (1887) chegam, acompanhados pelo visitador Frei Estevão Gallais, o legendário Frei Gil Vilanova e o futuro bispo Frei Domingos Carrerot. O desejo dos missionários era catequisar os indígenas, uma atitude totalmente contrária, reprovada um século depois. Pois, para muitas pessoas leigas, a opinião é de que os indígenas deveriam ter ficado intocáveis em suas aldeias. No dia 14 de abril de 1897, Frei Gil Villanova celebra a primeira missa em Conceição do Araguaia, com a presença do confrade Frei Ângelo e dos peões que os acompanhavam. Começava então, surgir uma nova cidade, na margem esquerda do rio Araguaia, território paraense, particularmente para os seringueiros, garimpeiros e lavradores, e também para os índios que se convertiam.

Alguns fatídicos episódios, dignos de registros, marcaram a atuação dos missionários dominicanos, neste torrão brasileiro:

- No dia 30 de maio de 1888, registra o primeiro grande infortúnio, contra os missionários: Frei José Artigues morre afogado ao tentar atravessar a nado um rio no interior de Goiás.
- Em 15 de novembro de 1946, Frei Estevão Cattabriga, ao tentar salvar um menino que estava para se afogar no rio Paranapanema, foi levado pela correnteza e morreu afogado.
- Já na década de 1960, sob os efeitos da tão propalada "Revolução de 31 de março de 1964", quando o Brasil passou a ser governado por Generais de Exército, durante 21 anos, e para muitos brasileiros contrários àquele regime, o nome é outro: "Golpe Militar de 1964", houve então uma contundente atuação do regime, com o argumento de combater a ação comunista, foi quando desencadearam uma ação de perseguição ao clero da igreja católica apostólica romana, principalmente aos frades dominicanos. Em 1969, foram acusados formalmente de cumplicidade com o movimento comunista. Foram presos vários religiosos e religiosas. Eis aqui os nomes de alguns frades dominicanos: Frei Fernando de Brito – preso e sofreu tortura física, o qual faleceu em março de 2019; Carlos Alberto Libânio Christo – o Frei Betto – o único que não sofreu tortura, porém, permaneceu no cárcere por 4 anos; Frei Maurício Caldas Valença; Frei Giorgio Callegari; Frei Ivo do Amaral Lesbaupin; e Frei Tito de Alencar Lima. Esse último, de tanta tortura física e psicológica que sofrera, passou por crises de depressão e demência, resultando em suicídio anos depois. Também na Cidade de Goiás, onde trabalhava, foi preso e conduzido para Goiânia um dominicano – o Frei Jacinto Ferreira da Rosa.

Ainda mais difícil do que Goiás foi à fundação do Centro Missionário de Porto Nacional, porque, de início, os frades não dispunham de casa, nem de igreja. Acomodados finalmente em um mísero alojamento de quatro espaços, que abrigara até seis religiosos, dedicaram-se logo à construção de uma igreja, sob a orientação do dinâmico Frei Gil Vilanova: uma grande igreja de três naves, 40 metros de comprimento e 20 de largura, de estilo neo-românico. Grandes pedras dos fundamentos eram extraídas pelas forças dos braços e transportadas em carros de bois, com participação de toda a população.

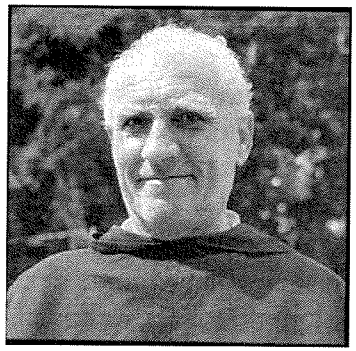
A edificação da igreja demandou o trabalho de algumas dezenas de anos. O contraste entre o suntuoso templo e o convento paupérrimo, de modo tão evidente em Porto Nacional, demonstra uma característica da fundação missionária dominicana, como observou um visitante salesiano. Em 20 de setembro de 1920, a Santa Sé cria a diocese de Porto Nacional, designando Dom Domingos Carrerot, como primeiro bispo.

Dois frades dominicanos sobressaíram, por terem se tornado bispos da Diocese de Goiás: Dom Cândido Bento de Maria Penso, que nasceu em 15/05/1895, e Belizona-Suíça, nomeado bispo em 31/03/1957, e faleceu no dia 27/11/1959, em São Paulo e sepultado em Goiás, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário. Seu episcopado durou menos de 3 anos. Dom Tomás Balduíno Ortiz, nascido

em 31/12/1922, em Posse-GO, foi empossado em 17/02/1967. Sua missão episcopal perdurou por 32 anos. Faleceu no dia 02/05/2014 em Goiânia-GO e foi sepultado na Catedral de Sant'Ana em Goiás-GO.

Elencamos, pois, alguns nomes de frades dominicanos que serviram no Convento e Igreja do Rosário, na Cidade de Goiás:

=Dom Celso Pereira de Almeida – O.P. por um curto período à frente de um grupo de noviços, em 2008, quando cumpriram suas metas até serem transferidos para outros conventos. Dom Celso saiu do convento de Goiás para o São Judas Tadeu em Goiânia e em seguida para o convento de Uberaba, onde faleceu aos 84 anos, em junho de 2014. Era um religioso muito respeitado, era humilde, brincalhão, gostava de contar piadas e de degustar um trago de cachaça. Um excelente bispo. Exerceu seu episcopado nas dioceses de Porto Nacional e Itumbiara, sem contar suas contribuições nos conventos de Goiás, Goiânia e Uberaba.



FREI SIMÃO DORVI – O.P. – italiano que passou boa parte de sua vida, na Cidade de Goiás. Ele chegou à Cidade de Goiás, com mais dois frades e assumem o Convento do Rosário, em 1938. Era irmão leigo, ou irmão converso, que posteriormente passou a se chamar irmão colaborador. É aquela categoria de frade que não preside a celebração de missa. Nunca era visto sem as vestes próprias do frade dominicano: o hábito nas cores alvinegra. Frei Simão deixou seu legado na arte da educação, iniciado no ano de 1970. Envidou todos os esforços conjugados com outras pessoas e instituições, conseguindo criar a "Faculdade de Letras" da Cidade de Goiás – o embrião da valorosa UEG (Campus Cora Coralina da Cidade de Goiás). Em 1972 foi agraciado com o Título de Cidadão Vilaboense pela Câmara Municipal de Goiás. Em 1976 recebe a Medalha Anhanguera – a mais distinguida condecoração concedida pelo Estado, pelos relevantes serviços prestados à cultura. Em setembro de 1979 regressa à Itália, a fim de fazer um trabalho sobre a vida de D. Cândido Penso, com quem o secretariou por quase duas décadas, não mais voltando à terra vilaboense. Em 25 de fevereiro de 1996, faleceu em Bolonha (Itália), com 89 anos.

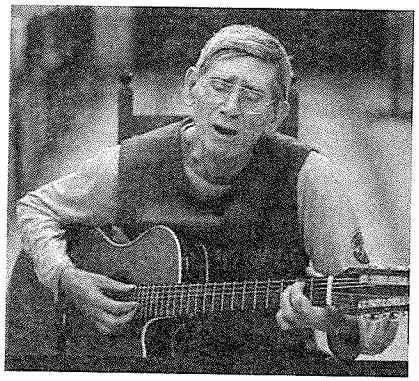
FREI CRISTÓVÃO FRANCISCO DE SALES – O.P. – paulista, muito comunicativo, estimado da Comunidade. Esteve no Convento do Rosário no início dos anos 1970. Apresentava pela TV Anhanguera, às segundas-feiras, 05:30 horas, um programa religioso chamado "Pelos Caminhos da Vida".

FREI JACINTO FERREIRA DA ROSA – O.P. – alguns anos no começo da década de 1960, prestou relevantes serviços no Convento, bem como na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Teve o infortúnio de ser preso e conduzido para a Capital, pelo DOI-CODI, com a pecha de ser um padre comunista. Passado um tempo, retornou à sua terra natal – Belo Horizonte-MG, onde se afastou da Ordem e constituiu família.



FREI NAZARENO CONFALONI – O.P. – italiano, artista plástico que deixou sua marca. No início dos anos 1950, a convite do bispo da Diocese de Goiás – Dom Cândido Bento de Maria Penso – dominicano, deslocou-se da Itália para a Cidade de Goiás, quando pintou os 15 mistérios do rosário de Nossa Senhora, na linda igreja do Rosário, para deleite dos vilaboenses e visitantes. É a igreja da cidade com maior preferência para realização de casamentos e batizados.

FREI DOMINGOS DOS SANTOS – O.P. – poucas pessoas sabiam que Frei Mingas tinha o nome civil de José Benedito dos Santos. É que na época em que ele foi ordenado padre, havia na igreja católica o costume de adotar um novo nome, no ato da respec-



tiva ordenação presbiteral. Daí em diante, passou a ser Frei Domingos dos Santos. E na convivência fraterna das comunidades, passou a ser carinhosamente chamado de Frei Mingas.

Natural de Salto Grande, interior do Estado de São Paulo, nasceu no dia 04 de agosto de 1940. Ainda adolescente, ingressou na então Escola Apostólica Dominicana, em Santa Cruz do Rio Pardo-SP. Fez Noviciado em Belo Horizonte-MG. Cursou Filosofia na cidade de São Paulo-SP, no Convento de Perdizes; e, Teologia na cidade de Bolônia, Itália, onde ordenou-se presbítero em 22 de julho de 1965.

De volta ao Brasil, aquele jovem frade dominicano, poeta, músico e compositor – Frei Domingos dos Santos – peregrinou nas estradas da vida neste mundo desigual, como bem diz uma música dele, pelas cidades de Curitiba, Goiás, Goiânia, São Paulo, Juiz de Fora, Porto Nacional, Goiás novamente e, ultimamente, em Goiânia, já em vista dos cuidados com sua saúde. Bem acolhido no Convento São Judas Tadeu, na cidade de Goiânia, permaneceu por pouco mais de um ano. Acometido de grave enfermidade, teve seu estado de saúde agravado por cerca de dois meses, chegando a óbito em um hospital da capital goiana, na madrugada de 22 de agosto de 2020, tendo sido sepultado no Cemitério São Miguel, na Cidade de Goiás, no início da noite daquele mesmo dia, após o velório e missa de corpo presente, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário. Portanto, faleceu aos 80 anos.

Ele foi mestre e vice-mestre de noviços por alguns anos, mas a grande marca missionária dele foi junto às comunidades rurais da região de Porto Nacional-TO, nos anos de 1980 e no município de Goiás-GO, por 35 anos seguidos. Muito dedicado à formação e celebração junto ao povo, sempre primou pela leitura e ensinamentos populares da Bíblia Sagrada. Na Comunidade do Rosário, ele sempre incentivou a realização de encontros para estudos bíblicos. De grande relevância foi também sua contribuição junto à equipe na elaboração do Ofício Divino das Comunidades. Compôs dezenas de músicas diversas, com destaque para as causas sociais, as quais, frequentemente são cantadas em celebrações por comunidades rurais e urbanas, espalhadas por todo Brasil e em alguns outros países. Inclusive, no dia do seu aniversário, no último dia 04 de agosto, assinou uma autorização para a tradução em alemão da letra de sua música "Peregrino nas Estradas".

Por falar em comunidades rurais, vale lembrar, que Frei Mingas sofreu um duro golpe, no ano de 2014. Chegou como titular da Paróquia de Sant'Ana, nesta Vila Boa, um padre que ao assumi-la, adotou medidas radicais e inexplicáveis. Uma delas foi monopolizar as celebrações da região rural, excluindo os frades dominicanos daquela missão. Por muitos anos, Frei Domingos e Frei Casemiro, praticavam aquele trabalho missionário. Há comunidades distante até 80 quilômetros, e, eles proporcionavam assistência pastoral, mensalmente. Eram familiarizados com aquela gente humilde. Muitas das vezes pernoitavam, com toda satisfação e fraternidade. De repente, se viram impedidos de exercer aquele trabalho de evangelização, que tanto gostavam de fazer.

Frei Domingos tinha preferência para presidir a celebração da eucaristia, nas comunidades da roça, como ele dizia, e também nos bairros. Esporadicamente, substituía outro frade, na igreja do Rosário, cuja celebração era um sucesso. Sua homilia era prazerosa, todos os fiéis gostavam. Ao final, eram tecidos os pertinentes elogios, mas ele não se conformava. Detentor de toda a modéstia. Muito humilde.

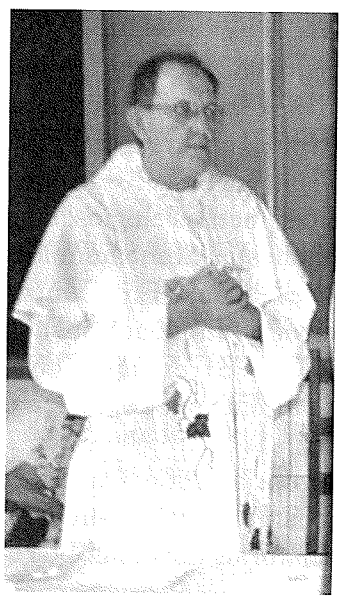
Coerente seguidor de São Domingos de Gusmão, Frei Domingos era testemunha de vida, poesia, simplicidade, humildade, justiça e perseverança. Sempre com alegria, dizia: "dos 31 Encontros Nacionais anuais consecutivos da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil, participei de 30".

Era por demais preocupado com a própria saúde. Chamava à atenção a forma dele se alimentar. Era costume, onde estivesse, conduzir seu bornal com o kit de produtos naturais (farinhas e fare-

los), para adicionar ao prato, na sua dieta. Não comia carne suína; dizia que se tomasse uma refeição temperada com gordura de porco, seu corpo começava a se empolar. Sua mastigação tinha um tempo demasiadamente longo. Ocultava-se de qualquer raio solar, em qualquer circunstância; não era do seu agrado ligar o ar condicionado do automóvel, ou ventilador em qualquer ambiente. Para abrir uma geladeira, considerava um grande sacrifício. Em que pese ter nascido em região de clima frio, não se adaptava às baixas temperaturas. Está esclarecida sua afinidade com a Cidade de Goiás.

Todavia, exerceu seu sacerdócio, com todo devotamento. Dotado de um carisma indiscutível, uma espiritualidade a toda prova, foi um profeta na caminhada da igreja. Uma das palavras mais faladas era "partilha". Preocupadíssimo com o meio ambiente, era um grande aliado dos pequenos agricultores, nos Assentamentos da Reforma Agrária, na região. Um autêntico cerratense, pois, valorizava o cerrado, bem como os outros biomas. Foi sempre fiel aos princípios do lema da Diocese de Goiás – com a opção preferencial pelos pobres.

Obs.: texto lido ao final da missa de 7º dia, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás.



FREI CASEMIRO WITASIAK – O.P. filho de Vidal Witasiak e Edwiges Witasiak. Nascido no dia 1º de janeiro de 1958, no município de Rio Claro do Sul Mallet – Estado do Paraná. Descendente de poloneses, sempre viveu na região rural daquele município.

Já com idade superior a 20 anos, aquele jovem resolveu deixar o aconchego da família, onde morava e partiu para uma nova experiência. Viu despertar nele a vocação religiosa. Optou-se então pela vida secerdotal. Em São Paulo, tornou-se um fervoroso frade estudante na Ordem Dominicana dos Frades Pregadores, onde cursou Filosofia e Teologia. A profissão religiosa acontece em 07 de fevereiro de 1988. Sua ordenação presbiteral ocorrera em 20 de março de 1997, em sua terra natal, ou seja, em Mallet-PR.

Após ordenado, a Província Dominicana o designou para a cidade de Uberaba-MG, onde tem o próprio Convento, por sinal, o primeiro instalado no Brasil, no início da década de 1880. Em que pese ele ter gostado daquela metrópole mineira, permaneceu lá, somente 2 anos, quando foi removido para a Cidade de Goiás-GO, em abril de 1999.

Ele se identificou com o costume da Diocese de Goiás, de ter celebrações de missas na região rural. Por vários anos, Frei Casemiro exercitou essa prática evangelizadora, nos locais em que ele se sentia muito bem. Com isso, conheceu todo o município. Angariou a amizade de todo o povo, da cidade e do campo.

Os frades dominicanos ajudavam a Diocese no trabalho missionário da região rural, até por volta do ano 2014. Aquela missão era executada pelo Frei Casemiro, bem como outros frades. Com todo prazer, ele se sentia em casa, quando rezava com aquele povo humilde. Mesmo proibido, já no final daquele ano, de celebrar as missas nas Comunidades rurais, enquanto ele tinha saúde, não parou de frequentar aquelas casas. Não havia celebrações de missas, mas, os visitava como amigo. Aí vem a pergunta: quem proibiu? Resposta: o pároco da época – padre Antônio Mota, por que, não se sabe.

Ao chegar para esta cidade, ainda com o coração pulsando Uberaba, ele se sentiu aliviado ao encontrar o Grupo de Jovens e de Catequese, os quais tinham à frente a querida Tia Neusa, na igreja do Rosário. Foi dessa convivência com aqueles jovens, que através de um deles – o Leonan Filho, tornou-se então amigo da Família Pires.

O círculo de amizade do Frei Casemiro na Cidade de Goiás foi crescente, desde a sua chegada. O seu jeito simples de ser, conquistou os vilaboenses e de igual modo, os integrantes das Comunidades da roça, que não eram poucas. Podemos elencar algumas: Ferreiro, Uru, Ruah, Lavrinha, São João do Monte Alegre, Buenolândia, Estiva, Coqueiro, Engenho Velho, dentre outras.

Na cidade, em momentos festivos como no natal, ele ficava um tanto dividido, pois, convites a ele não faltavam. No nosso caso, ele marcava presença, comia só um pouquinho, pois, tinha que parar na dona Lêda, vizinha nossa, (a mãe Preta que o adotou afetivamente). Eram várias famílias que o acolhiam, com todo carinho, como Fernando Godinho e família, por tê-lo acolhido como guia espiritual e membro da Comitiva Boa Esperança. Foram muitas as romarias para Guarinos, que ele participou, cultuando Nossa Senhora da Penha. Pessoa que foi muito seu parceiro, foi o João Cunha, que sendo funcionário do Santuário, nos fins de semana, fazia a Pastoral Missionária com ele, nas comunidades rurais. No final do mês de agosto, os dois iam juntos preparar a celebração e o ambiente da Pedreira de São Sebastião, tais como limpeza do local, levando água potável e fazendo os banheiros. O ponto culminante da festa é no primeiro domingo de setembro.

Frei Casemiro era um frade de muita atuação no Convento do Rosário – o segundo instalado pela Ordem Dominicana no Brasil, pouco depois do de Uberaba. Ele desempenhava papel até de marceneiro na casa. Tinha um permanente zelo para com o Fusquinha, era uma relíquia. Tinha um ciúme danado daquele automóvel. Uma característica própria dele, era a pontualidade nos horários.

Vale lembrar que atendendo ao pedido do bispo da Diocese – Dom Eugênio Rixen, ele serviu por certo tempo como pároco de Buriti de Goiás. Não ficou mais tempo lá, devido a sua doença, todavia, tornou-se muito amado por aqueles paroquianos.

É bom ressaltar que ele não esquecia seus familiares, tão distantes. Era comum, vê-lo no saguão do Convento, conversando com seus parentes, pelo celular, no idioma de sua origem – o polonês.

Frei Casemiro possuía uma característica que o diferenciava de alguns sacerdotes: não gostava de fazer exéquias (encomendação de defuntos). Mas, casamentos ele gostava de presidir as celebrações. Da Família Pires, por exemplo, ele presidiu as celebrações de matrimônios de: Leonan Filho com Daniela e Lorena com Márcio, sua comadre Sônia Mª. Pires com Augusto. Pois crismou o Anderson (filho da Sônia). Presidiu cerimônias de batizados de outras crianças

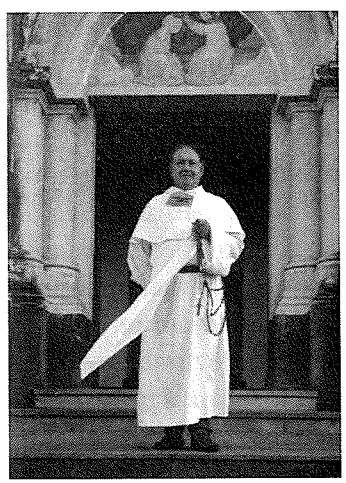
daquela família, também. E assim, foram inúmeras as celebrações de matrimônios e batizados, em muitos lugares, durante esses dois decênios, nesta terra goiana.

Uma das grandes paixões desse frade era a Rádio 13 de Maio. Desde a reabertura da Emissora, em 2007, ele criou e apresentava o Programa Alvorada Sertaneja, de segunda a sábado, das 5 às 7 horas, com muito entusiasmo. Tinha uma enorme audiência, ele mandava abraço para tantos ouvintes adeptos dos modões do sertanejo raiz. Através da internet, ele interagia com ouvintes de outros Estados e até do exterior. Começava o programa, às 5 horas da manhã, com o toque do Hino Nacional Brasileiro, a oração a Nossa Senhora e a reflexão do evangelho do dia.

Frei Casemiro, foi um frade dominicano, que Deus enviou para a Cidade de Goiás e que fez a diferença, foi muito presente nas casas das famílias amigas.

No entanto, após um longo período de enfermidade, passando por um calvário tenebroso, infelizmente, no dia 15 de junho, do ano de 2019, ocorreu o seu passamento.

OBS.: texto lido no fim da missa de 7º dia, na igreja de Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás.



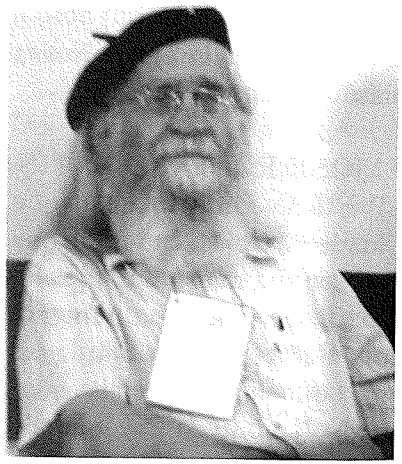
FREI JOSÉ ROBERTO BATISTA DE OLIVEIRA – O.P. – paulista que adotou a Cidade de Goiás. Um frade que gosta de exercer sua missão. Está sempre pronto para servir. Constantemente colabora com a diocese substituindo padres na região, onde preside celebrações eucarísticas. No âmbito da Paróquia de Sant'Ana, sempre colaborou com o pároco, dando a devida assistência na região rural. Ele tem muita afinidade com a vida rural. Gosta de cultivar a criação

de suínos. Enfim, ele possui boa convivência com o pessoal dos Assentamentos.

Nasceu aos 04 de outubro de 1958, em Santa Cruz do Rio Pardo-SP. Fez seus estudos básicos em escolas públicas daquela mesma cidade.

Entrou para o Seminário Dominicano (EAD) em 1974. Cursou filosofia em 1981 e 1982 em Curitiba-PR. Em 1983 fez o noviciado dominicano e de 1984 a 1989 cursou teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e foi ordenado sacerdote no dia 07 de setembro de 1991. Exerceu seu ministério sacerdotal na Paróquia Santo Antônio, em Curitiba, de 1992 até 1999 e durante esse período graduou-se em Psicologia, também pela PUC-PR.

Transferido para Goiânia-GO, em 1999, atuou na Paróquia São Judas Tadeu; lecionou na PUC-GO; depois fora transferido para o Rio de Janeiro e em seguida fez uma experiência missionária em Formoso do Araguaia-TO. De 2012 a 2021 fez parte do efetivo dos frades do Convento Dominicano Nossa Senhora do Rosário, da Cidade de Goiás.



FREI MARCOS LACERDA DE CAMARGO O.P. – Nem todos tinham conhecimento que Benedito Lacerda de Camargo era o frade dominicano, Frei Marcos Lacerda de Camargo. De origem humilde, prole numerosa, nasceu no dia 17 de setembro de 1930, nas margens do majestoso rio Araguaia, em uma pequena povoação denominada de Registro do Araguaia, que naquele tempo fazia parte do Município de Goiás. Ele contava que quando criança vestia calça curta, mas, de suspensório. Certo dia, com os pais na margem do rio onde moravam, ao adentrar na água, foi surpreendido por um banco de areia, se afundou e começou a afogar, mas o pai conseguiu puxá-lo pelo suspensório da roupa que usava. Diz ele que por muito pouco, teria morrido.

Já adolescente, seguiu para o Seminário em São Paulo, pois havia despertado nele a vocação religiosa. Prosseguiu firme nos estudos e depois foi cursar filosofia e teologia, em Bolônia, na Itália. Quando já próximo de ser ordenado, aquele jovem seminarista é acometido de grave enfermidade – doença que parecia incurável. Pois, os médicos davam àquele paciente poucos meses de vida. Todavia, a cúpula da Ordem decidiu antecipar a sua ordenação. Estava programada para o mês de julho, mas antecipou para 08 de março de 1956, pois, seria o consolo de morrer padre. Foi quando o bispo da Diocese de Goiás – Dom Cândido Bento de Maria Penso, foi lá em Bolônia e presidiu aquela cerimônia da ordenação presbiteral.

No entanto, aquela criatura de Deus, estava predestinada a exercer seu sacerdócio em muitos lugares e por muitos anos. Sua missão perdurou por 63 anos, sendo que mais da metade desse tempo, foi em sua terra natal. Então, ele serviu em Bolônia – Itália e logo veio para o Brasil, onde desempenhou com esmero o seu sacerdócio, em São Paulo, em Brasília (ainda no começo da construção da nova capital federal); em Goiânia, e, finalmente, em sua querida Vila Boa, por 46 anos ininterruptos.

Ele chegou nesta cidade no ano de 1973 e no antigo Convento do Rosário, fixou sua morada. Frei Marcos, como bom goiano, chegou e foi bem recebido pelo bispo da Diocese – o também goiano e igualmente dominicano – Dom Tomás Balduíno. Formou-se então um par perfeito. Seguiram a linha, ou seja, a doutrina da Teologia da Libertação, cuja prioridade seria o apoio e assistência aos menos favorecidos. Com aquela dupla, o índio e o negro tinham vez e voz.

Frei Marcos, em sua missão, não se limitou em somente rezar. Ele deu toda ênfase para a formação de uma Associação dos Artesãos, valorizando, sobremaneira, a matéria prima, que é o barro e de igual modo, a mão-de-obra daquelas pessoas engajadas na referida arte. Tanto que no tempo dele, praticamente sozinho na Paróquia, sobre o altar da igreja do Rosário, permaneceu por muitos anos dois castiçais de barro, representando um índio e um negro açoitado no tronco,

inclusive, nas celebrações eucarísticas ele utilizava o cálice de cerâmica (barro do artesanato local). Foi um dos maiores incentivadores da cultura popular, com a valorização das piedosas benzedeiras, nas ladainhas das fervorosas rezadeiras, na devoção dos foliões, enfim, todos os movimentos do povo humilde, da cidade e do campo.

Por volta da metade da década de 1980, eclodiu nesta região o movimento pela posse da terra, que se chamava de ocupação, mas no entendimento dos latifundiários, o nome era invasão. A partir daí, o clero proporcionou o devido apoio àqueles grupos de pessoas (homens, mulheres e crianças) e desencadeou o surgimento dos acampamentos resultados dos despejos, por ordens emanadas do Poder Judiciário, em atendimento aos pedidos dos advogados dos fazendeiros que tinham suas terras ocupadas pelos membros do MST. A igreja católica desta Diocese, assumiu o compromisso de apoiar os pobres que pleiteavam conquistar um pedaço de chão, porém, os nomes que ficaram em evidência foram: Frei Marcos e Dom Tomás. Com isso, passaram a sofrer sérias ameaças de morte, por parte de fazendeiros, que contavam com o incondicional apoio da UDR (União Democrática Ruralista). Mas Deus os protegeu e não sofreram nenhum atentado. A mesma sorte não tiveram, o Pe. Josimo na região do Bico do Papagaio, (municípios de Augustinópolis e São Sebastião) e que fora assassinado na cidade de Imperatriz-MA; e, o Pe. Francisco Cavazuti (Pe. Chicão), que sofreu um atentado, em Mossâmedes, tendo ficado totalmente cego, por um tiro de espingarda, pelas mãos de um jagunço contratado por algum, ou alguns latifundiários.

Frei Marcos por muitos anos foi pároco e vigário da Paróquia de Sant'Ana. Celebrava missas na Catedral, na igreja do Rosário e na igreja de Santa Rita, a qual não era paróquia. Foram incontáveis os sacramentos ministrados por ele, tais como batizados, casamentos e exéquias, nessas seis décadas como sacerdote. Todavia, não foi só isso. Por vários anos, exerceu o cargo de Diretor do centenário Hospital São Pedro de Alcântara, e com toda inquietude, decidiu que seria construída uma Clínica de Hemodiálise, em um terreno do referido Hospital. Infelizmente não concluiu a obra, mas está bem adiantada.

E assim que for concluída, em um critério de justiça, certamente irá se chamar: "Clínica de Hemodiálise Frei Marcos Lacerda".

Frei Marcos viveu para servir, sempre se preocupou com as causas sociais. Suas ações no cotidiano, foram de acordo com os ensinamentos do Evangelho. Ele era dotado de conhecimento globalizado. Praticava a evangelização utilizando também os microfones da Rádio 13 de maio, pelo menos uma vez por semana. Essa Rádio em AM, foi criada no início da década de 1960, mas fechada em 1974, pelos órgãos de censura, no

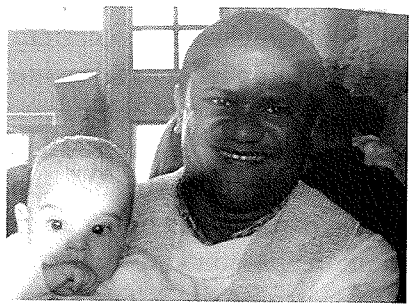
período de governo dos Generais. Em 2007, ela foi reaberta, em FM, graças ao empenho do Frei Marcos, que lutou incansavelmente para que isso se concretizasse. Em todos os eventos sociais, culturais, militares e políticos da cidade, ali estava presente o emblemático frade, respondendo aos convites. Tamanha a interatividade dele com a sociedade civil, que na ocasião da passagem da tocha olímpica por esta cidade, ele a empunhou e garbosamente, passou correndo pela avenida em frente ao Hospital São Pedro. Outro fato de relevância: o Carnaval do Largo do Rosário teve a sua primeira edição, em 2004. Como Frei Marcos sempre apoiou a realização do evento, no ano de 2016, na 12ª edição, ele foi homenageado. Os foliões ostentavam a camiseta amarela com a estampa do bondoso frade, com o lema: "Por mais ternura neste mundo", obra do chargista Jorge Braga.

É sabido que nem tudo é permanente. Depois de tantos feitos, chegou o tempo de sua páscoa. Uma agressiva pneumonia venceu o guerreiro. Ele era amado e odiado. Mas, um consolo nós temos, que a legião dos que o amavam, é muito maior. Seu velório foi a prova dessa gratidão. As manifestações de solidariedade, os testemunhos, não paravam. Marcaram como fatos comoventes, a presença das Crianças do Lar São José, os Internos do Lar São Vicente de Paulo, Folias do Divino Espírito Santo e de Santos Reis, os Congos e tantos outros. A missa de corpo presente foi bem participada, foi uma linda celebração.

O Provincial da Ordem dos Dominicanos – Frei José Fernandes, em sua homilia, de cravados 20 minutos, fez uma emocionante retrospectiva da vida do querido Frei Marcos.

O certo é que o ícone da Cidade de Goiás, do Convento e do Santuário de Nossa Senhora do Rosário e do Hospital São Pedro, no dia 26 de maio de 2019, aos 88 anos, terminou sua missão aqui na terra. Ele veio ficar juntinho com o bispo também dominicano e que o ordenou, há 63 anos – o saudoso Dom Cândido Penso, no interior do Santuário de Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás.

Obs: texto lido no final da missa de 7º dia, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, no dia 1º de junho de 2019.

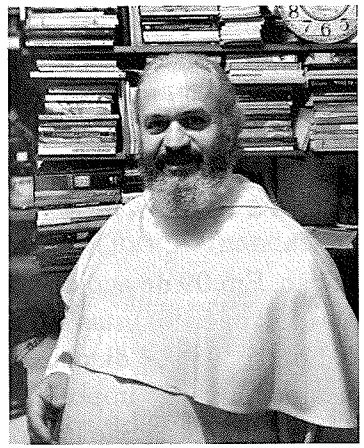


FREI PAULO SÉRGIO CATANHEIDE FERREIRA – O.P. – um frade dominicano muito carismático. É dotado de uma espiritualidade à altura da magnitude de sua congregação. Ele nasceu no Estado do Maranhão, onde viveu sua infância e adolescência. Filho de família de vida simples; ficou órfão de mãe ainda muito novo. Seu pai era funcionário público naquela região. Em seguida morou um bom tempo no Rio de Janeiro. Ingressou na Ordem Dominicana no final da derradeira década do século XX.

Ao ser ordenado presbítero, já na primeira década dos anos 2000, foi enviado para o Convento de Nossa Senhora do Rosário da Cidade de Goiás. Logo que chegou assumiu o destino da Paróquia de Sant'Ana, que era a única na cidade. Frei Paulo possui o dom da palavra. É ótimo pregador. Suas homilias são maravilhosas, dá gosto ouví-las. Assumiu a paróquia com ativa liderança e responsabilidade, por alguns anos, onde angariou a simpatia e admiração da comunidade. Trata-se de um sacerdote muito dinâmico, simples e integrado com a sociedade em geral.

Além de bom religioso, é dedicado à cultura. É doutor em EDUCAÇÃO. Através de concurso público ingressou na docência da UEG (Universidade Estadual de Goiás). Tamanha sua liderança chegou a ser eleito Diretor do Campus Cora Coralina da Cidade de Goiás.

Sua transferência para o Convento São Judas Tadeu em Goiânia, em 2017, não agradou a comunidade vilaboense. Ali chegando exerceu o cargo de pároco por alguns anos, na comunidade dominicana do setor Coimbra, na capital goiana.



FREI ELVÉCIO DE JESUS CARRARA, O.P. nasceu em São João Del Rei – MG, no dia 20 de fevereiro de 1969. Filho de Trindade Ferreira Carrara e Aprígio Carrara. Começou sua alfabetização aos 6 anos de idade, em sua terra natal.

Fez a Primeira Comunhão, no dia 08 de dezembro de 1977, na Capela Nossa Senhora da Conceição, na mesma cidade.

De 1982 a 1983, completou seus estudos do Ensino Fundamental (antigo 1º Grau), no Instituto Missionário São Miguel, dos padres verbitas. De 1984 a 1986, fez seus estudos do Ensino Médio (antigo Secundário ou 2º Grau), na Academia de Comércio Cristo Redentor, em Juiz de Fora-MG. Em Belo Horizonte, capital mineira, de 1987 a 1989, realizou seus estudos de filosofia na PUC-MG (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Em 1990, é enviado para Barra Mansa-RJ, em missão no bairro de Saudade, na Pastoral e no Colégio Nossa Senhora do Amparo, como professor de História, além das aulas na rede pública municipal.

Em 1991, o noviciado é feito na cidade de Miracatu-SP, e seu trabalho pastoral se desenvolve na cidade vizinha de Pedro Toledo-SP. De 1992 a 1995, na capital paulista, fez seus estudos de Teologia. Seu trabalho como professor na rede pública municipal é realizado no mesmo bairro de sua pastoral (Parque Fernanda), o que favorece o contato com inúmeras famílias do local. É neste período que faz uma experiência laical e toma a decisão de voltar para Barra Mansa, após terminar os estudos de teologia. De 1996 a 1998, recebe o título de pós-graduado em Comunicação Social. No ano seguinte,

decide voltar ao Seminário, só que dessa vez acolhido no Convento dos dominicanos na cidade de Goiânia-GO, onde fez o pré-noviciado em apenas um semestre, conforme previsto. De 1999 a 2000, seu segundo noviciado também dominicano já acontece em Curitiba-PR. No dia 22 de julho do ano 2000, juntamente com 4 frades, faz seus votos na Ordem dos Frades Pregadores, nas mãos do então provincial, frei José Fernandes Alves.

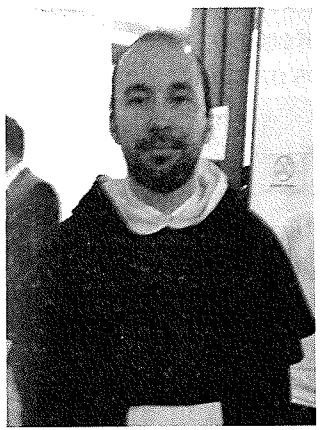
De 2000 a 2002, de regresso a São Paulo, inicia seus estudos de mestrado em Teologia dogmática , concluídos com a defesa de sua tese sobre os Movimentos Políticos na época de Jesus, no dia 16 de dezembro de 2002.

2003 é um ano decisivo em sua vocação. Em 09 de agosto faz Profissão Solene na Ordem dos Pregadores (dominicanos), nas mãos do provincial frei Mário Alexandre Couto. Logo pede seu diaconato que foi celebrado em 18 de outubro do mesmo ano, pela imposição das mãos de Dom Pedro Luiz Stringhini, bispo auxiliar de São Paulo.

Em 24 de abril de 2004, pela imposição das mãos de Dom frei Celso Pereira de Almeida, O.P. bispo emérito de Itumbiara-GO, recebe a Ordem do Presbiterato na Igreja da Imaculada Conceição – atual matriz paroquial de São João Del Rei, a mesma onde recebera a sua Primeira Eucaristia.

Depois de cumprir sua missão evangelizadora em vários locais deste torrão brasileiro e até um tempo no Canadá, onde aprimorara seus estudos filosóficos e teológicos, acabou por aportar-se na Cidade de Goiás. Apesar de ter ficado na cidade por um curto período – apenas 3 anos e meio, foi o tempo suficiente para angariar a simpatia e amizade do povo de Vila Boa. Dava gosto ouvir suas homilias. Podem ser elencadas dezenas de feitos daquele frade em prol do Santuário de Nossa Senhora do Rosário e do Convento, nesse pequeno espaço de tempo, tais como: sistemas de som e de iluminação da igreja; escada metálica na tôrre dos sinos, substituindo a de madeira já gastas pelo tempo; altar em mármore na capela do Santíssimo; revitalização do pátio do Convento; Na parte espiritual fez a diferença: fomentou a catequese, arrebanhando quase uma centena de crianças e adultos, que fizeram a primeira eucaristia. Ele proporcionava assistência domiciliar, onde angariava a simpatia dos familiares. Muitas pessoas que não frequentavam a igreja passaram a ser assíduas. Através do seu dinamismo, o bispo diocesano Dom Eugênio Rixen, transformou a igreja em Santuário – tendo portanto, sido ele o primeiro reitor.

De repente, frei Elvécio é transferido para outra comunidade dominicana, bem distante, mais de um mil quilômetros – Aragominas, no Estado do Tocantins. A Comunidade desconhece o motivo da súbita saída desse frade, com menos de 4 anos. Um abaixo-assinado, com mais de 1200 assinaturas, foi feito pela comunidade, pedindo o retorno do mesmo, endereçado ao Provincial da Ordem Dominicana – Frei José Fernandes. Porém, foi infrutífero.



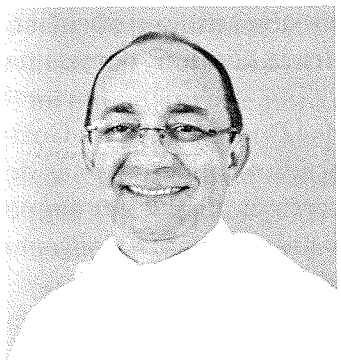
FREI HENRIQUE-CRISTIANO AMARAL BHERING DE LACERDA – O.P. - Frei Cristianonasceu na cidade de Uberaba-MG, em 26 de agosto de 1986, filho de Maria Aparecida do Amaral e Marcello Bhering de Lacerda. Tem origem inglesa, por parte da avó paterna, que nasceu em Leicester, na Inglaterra. Fez os estudos regulares em Uberaba e lá também se bacharelou em Direito pela Universidade de Uberaba, tendo concluído o curso em janeiro de 2010. Ingressou na Ordem dos Frades Pregadores em 04 de fevereiro de 2010, onde iniciou o pré-noviciado no convento São Judas Tadeu na cidade de Goiânia. Em 28 de janeiro de 2011, na festa de Santo Tomás de Aquino, no convento de São Domingos em Uberaba – o primeiro convento dominicano fundado no Brasil, foi admitido no noviciado e assumiu o nome religioso de frei Henrique-Cristiano, tomou o hábito de São Domingos em 29 de abril de 2011, na festa de Santa Catarina de Siena e professa os primeiros votos em 13 de janeiro de 2012. Viveu no convento Sagrada Família em São Paulo, entre os anos 2012 e 2014, onde fez uma complementação dos estudos em filosofia na Faculdade de São Bento e iniciou, na mesma faculdade, o curso de Teologia. Em 19 de

outubro de 2014, na igreja de São Domingos em Perdizes, capital paulista, emite a profissão solene na Ordem Dominicana, nas mãos de frei Edivaldo Antônio dos Santos – prior provincial dos dominicanos no Brasil, e, no dia 1º de novembro foi ordenado diácono na igreja Sagrada Família em São Paulo, pelo bispo auxiliar de Belo Horizonte – D. Wilson Luiz Angotti Filho. De janeiro de 2015 até janeiro de 2017, residiu e foi missionário em San Salvador, capital da República de El Salvador na América Central. Nesse país concluiu os estudos em teologia, obtendo o bacharelado em Teologia pela Universidade Centro Americana José Simeón Cañas e também pela Pontifícia Universidade de Camillas na Espanha. Em El Salvador exerceu o ministério em paróquias e foi prior do Convento de São Domingos pelo período de sete meses. Foi ordenado presbítero no Brasil em 07 de outubro de 2016, na igreja de São Domingos na cidade de Uberaba, pelas mãos do Arcebispo de Uberaba, Dom Paulo Mendes Peixoto. Retornou definitivamente ao Brasil em 28 de janeiro de 2017, sendo designado para o convento de Uberaba, onde se encontra o noviciado dos dominicanos. No ano de 2017, exerceu a missão de pároco na paróquia de São Miguel Arcanjo na cidade de Veríssimo, distante 50 quilômetros de Uberaba; foi síndico do convento (2017/2019) e juiz no Tribunal Eclesiástico de Uberaba (2017/2020). Em janeiro de 2018, foi eleito síndico (administrador) da província dominicana do Brasil para exercer mandato até janeiro de 2022, também faz parte do Conselho da Província do Brasil e foi eleito para exercer mandato no Conselho Geral de Economia da Ordem dos Pregadores entre 2020-2023. Entre 2017 e 2019, estudou em Salamanca na Espanha, o mestrado em Teologia Sistemática, obtendo o título em agosto de 2019. Foi transferido para o convento de Nossa Senhora do Rosário na Cidade de Goiás em 13 de novembro de 2019. Porém, meses antes dele assumir seu ministério na antiga Vila Boa, passou por dois episódios nada agradáveis. Ele administrou dois funerais de frades dominicanos na cidade. Em 26 de maio foi o de frei Marcos Lacerda de Camargo, e, em 15 de julho frei Casemiro Witasiak. Como se não bastasse, em 22 de agosto do ano seguinte ele cuidou do funeral de frei Domingos dos Santos (Frei Mingas).

Na Cidade de Goiás, desde quando chegou, passou a exercer a função de reitor do Santuário de Nossa Senhora do Rosário; superior do convento do Rosário – o segundo convento dominicano fundado no Brasil (1883); assumiu também a capelania da Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos; e, membro da mesa diretora do Hospital de Caridade São Pedro d'Alcântara.

Trata-se, portanto, de um jovem sacerdote que enriquece a legião de frades da Ordem dos Pregadores, pelo seu caráter. Leva tudo a sério e com muita responsabilidade. Sabe administrar. É dotado do dom da palavra. Suas homilias são elogiadas pelos fiéis, são de muito conteúdo. É advogado, inscrito na OAB/GO.

..Portanto, Frei Cristiano angariou a simpatia e admiração da comunidade vilaboense.



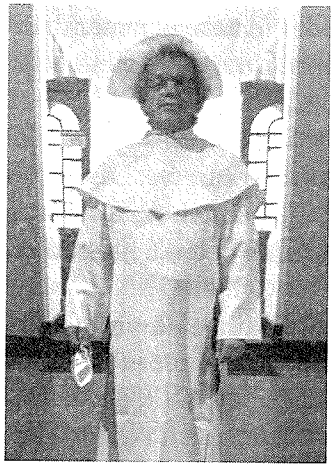
FREI WANDERLEY RODRIGUES DE MESQUITA – O.P. – nasceu aos 09 de novembro de 1964, no município de Boa Viagem-CE. Primogênito de uma prole de sete filhos de Maria Lucimar Rodrigues Mesquita e Cícero Pinto de Mesquita.

Ingressou na Ordem Dominicana em 1988, como pré-noviço no curso de filosofia, em Curitiba-PR, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Em 1991 fez o noviciado em Goiânia-GO. Em 1992 a 1995 cursou Teologia em São Paulo –ITESP. Emitiu os primeiros votos na Ordem Dominicana em 15 de fevereiro de 1992. Emitiu os votos solenes em 25 de janeiro de 1996. Ordenado diácono em 27 de maio de 1996. E, ordenado presbítero em 1º de maio de 1997.

É mestre em Teologia, com concentração em Teologia Sistemática – liturgia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Trabalhou em várias frentes de missão da Ordem Dominicana, em Goiânia, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Uberaba.

Desde o início do ano 2021, assumiu a reitoria do Santuário Diocesano de Nossa Senhora do Rosário, na Cidade de Goiás.



FREI CARLOS ALBERTO MUNHOZ DE MOURA – O.P. - conhecido popularmente como Frei Carlinhos. Filho de Ary Barros de Moura e Marilene Munhoz de Moura. Nasceu no dia 08 de setembro de 1964, em Itapetininga-SP. Graduado em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ingressou na vida religiosa em 1991. Por opção própria exerce a missão de irmão leigo, aquele frade dominicano que não preside a celebração eucarística. Todavia, é um frade como os demais na Ordem dos Pregadores.

Como o Convento São Judas Tadeu, dos Dominicanos em Goiânia, abriga vários sacerdotes de idade avançada e com problemas de saúde, Frei Carlinhos prestou relevantes serviços ali, por um tempo como apoio aos confrades. Em 2020, fora transferido para o Convento de Nossa Senhora do Rosário, da Cidade de Goiás.

Funções: Agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Diocese de Goiás; Assessor dos Movimentos Sociais, na Cidade de Goiás; membro do Coletivo Reciclagoiás, da Cidade de Goiás. É o âncora de um programa cultural e humorístico, na rádio Vila Boa FM, na Cidade de Goiás, onde acontecem entrevistas de diversos assuntos, tais como cultura, saúde, meio ambiente e outros, conduzidas por um seleto elenco de artes cênicas. Como Assistente Social, Frei Carlinhos desde que chegou em 2020, vem prestando relevante contribuição, junto às comunidades da periferia vilaboense.

Enfim, a Ordem dos Frades Pregadores sempre foi e continua sendo importante para a Cidade de Goiás.



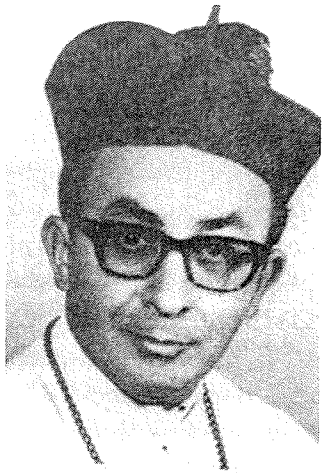
FREI WEDER DA SILVA ARANTES – O.P. filho de Luzia Joana da Silva Souza e José Arantes de Souza, nasceu em 18 de dezembro de 1970, em Rio Verde-GO. Ingressou na Ordem dos Pregadores em 1993, no convento São Judas Tadeu, em Goiânia-GO com o Pré-Noviciado. Em 1994, para fazer o ano canônico, foi enviado para a cidade de Uberaba-MG, fazendo, então o Noviciado. Teve sua primeira profissão religiosa em 08 de janeiro de 1995. Cursou Filosofia entre 1995 a 1997, em Belo Horizonte-MG. Teologia entre os anos 1998 a 2001, em São Paulo-SP. Sua ordenação diaconal se deu em 31 de maio de 2003, e a ordenação presbiteral foi em 06 de dezembro do mesmo ano.

Depois de ordenado, morou em Belo Horizonte, durante três anos. Em seguida transferiu-se para Curitiba-PR, onde permaneceu por dois anos, a serviço da ordem dominicana. A partir do ano 2009, fora transferido para o Rio de Janeiro, onde teve uma permanência mais prolongada, foram sete anos. Naquele período foi oportunizado cursar e graduar em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 2016, a Província o designou para servir em Goiânia, onde ficara por dois anos. Em seguida, foi escolhido como superior do Convento Sagrada Família, na cidade de São Paulo, por dois anos, tendo voltado a servir em Belo Horizonte, por um período de um ano. Novamente fora removido para a cidade de Goiânia, onde trabalhou por mais um biênio. No início do ano de 2023, fora transferido para a comunidade do Santuário do Rosário na Cidade de Goiás. Vale lembrar que frei Weder além das atribuições inerentes à igreja, presta relevante serviço como psicólogo na Secretaria Municipal de Saúde do Município de Goiás-GO.

Seu jeito simples de ser, muito carismático, com suas agradáveis homilias, conquistou a simpatia dos fiéis vilaboenses.

19

BISPO DOM TOMÁS BALDUÍNO



Dom Tomás Balduíno Ortiz O. P. – nasceu em Posse-GO, no dia 31 de dezembro de 1922. Filho do goiano José Balduíno de Sousa Décio, e da paulista Felicidade de Sousa Ortiz. Seu nome de batismo é Paulo Balduíno de Sousa Décio. Foi o último filho homem de uma prole de onze filhos, três homens e oito mulheres. Até os cinco anos de idade viveu em Posse. Depois a família migrou para Formosa-GO, onde seu pai se tornou promotor de justiça e depois juiz de direito.

Ele iniciou sua vida religiosa ainda adolescente. Fez o Seminário Menor – Escola Apostólica Dominicana, em Juiz de Fora-MG. Fez os estudos secundários no Colégio Diocesano, dirigido pelos irmãos maristas, em Uberaba-MG. Cursou Filosofia em São Paulo-SP e Teologia em Saint Maximin, na França, onde também fez mestrado em Teologia.

Em 1950, lecionou filosofia em Uberaba. Em 1951 foi transferido para Juiz de Fora como vice-reitor da então Escola Apostólica Dominicana e lecionou filosofia, na Faculdade de Filosofia da cidade.

Em 1957, foi nomeado superior da missão dos dominicanos da Prelazia de Conceição do Araguaia, sul do Estado do Pará, onde viveu de perto a realidade indígena e sertaneja. Na época a Pastoral da Prelazia acompanhava sete grupos indígenas. Para desenvolver um trabalho mais eficaz junto aos índios, fez mestrado em Antropologia e Linguística, na UNB, que concluiu em 1965. Estudou e aprendeu a língua dos índios Xicrin, do grupo Bacajá, Kayapó. Para melhor atender a enorme região da Prelazia que abrangia todo o Vale do Araguaia paraense e parte do baixo-Araguaia mato-grossense, fez o curso de piloto de aviação. Amigos solidários da Itália o presentearam com uma aeronave (avião teco-teco), com o qual prestou inestimável serviço, sobretudo no apoio e articulação dos povos indígenas. Inclusive, ajudou a salvar pessoas perseguidas pela Ditadura Militar.

Em 1965, ano em que terminou o Concílio Ecumênico Vaticano II, fora nomeado Prelado de Conceição do Araguaia. Lá viveu de maneira determinante e combativa os primeiros conflitos com as grandes empresas agropecuárias que se estabeleciam na região com os incentivos fiscais da então SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) e que invadiam áreas indígenas, expulsando famílias sertanejas, os posseiros, e traziam trabalhadores braçais de outros Estados da Federação, sobretudo do nordeste brasileiro, que eram submetidos, muitas vezes, a regimes análogos ao trabalho escravo.

Com a morte do bispo Dom Abel Ribeiro Camelo, em 24 de novembro de 1966, ele fora nomeado bispo da Diocese de Goiás. Portanto, fora ordenado bispo e assumiu sua nova missão em 17 de fevereiro de 1967. Seu episcopado perdurou por 32 anos.

Dom Tomas, junto à Diocese de Goiás, procurou adequar a Diocese ao novo espírito do Concílio Vaticano II e de Medellín (1968). Por isso sua atuação, ao lado dos pobres, no espírito da opção preferencial pelos pobres, marcou profundamente a Diocese de Goiás e seu povo. Lavradores se reuniam no Centro de Treinamento, onde Dom Tomás morava, para definir suas formas de organização e suas estratégias de luta. Aquela atuação provocava a ira do governo militar e dos latifundiários que perseguiram e assassinaram algumas lideranças dos trabalhadores. Em julho de 1976, Dom Tomás foi ao sepultamento do padre Rodolfo Lunkenbein e do índio Simão Bororo, assassinados pelos jagunços, na aldeia de Merure, Mato Grosso. Em sua agenda estava programada uma outra atividade. Soube depois,

por um jornalista, que durante tal atividade, estava sendo preparada uma emboscada para eliminá-lo.

Alguns movimentos nacionais como o Movimento do Custo de Vida, a Campanha Nacional pela Reforma Agrária, encontraram apoio e guarida de Dom Tomás e nasceram na Diocese de Goiás. Ele foi personagem fundamental no processo e criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 1972; e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975. Em ambas as instituições, Dom Tomás sempre teve atuação destacada, tendo sido presidente do CIMI, de 1980 a 1984; e da CPT de 1999 a 2005. A Assembleia Geral da CPT, em 2005, o nomeou Conselheiro Permanente.

Após deixar a Diocese, além de ser presidente da CPT, desenvolveuma extensa e longa pauta de conferências e palestras em Seminários, Simpósios e Congressos, tanto no Brasil quanto no exterior. Por sua atuação firme e corajosa recebeu diversas condecorações e homenagens país afora. Em 2002, a Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, lhe concedeu a medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira. No mesmo ano recebeu o Título de Cidadão Goianiense, outorgado pela Câmara Municipal de Goiânia.

Foi designado, em 2003, membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), do Governo Federal, cargo que deixou por sentir que pouco ou nada contribuía para as mudanças almejadas pela nação brasileira. Foi também nomeado membro do Conselho Nacional de Educação. No dia 08 de novembro de 2006, ele foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universida de Católica de Goiás (PUC/GO). Em 18 de abril de 2008, ele recebeu em Oklahoma City (EUA), da Oklahoma City National Memorial Foudation, o prêmio Reflections of Hope. A organização considerou que as ações de Dom Tomás são exemplos de esperança na solução das causas que levam a miséria de tantas pessoas em todo o mundo. A premiação Reflections of Hope foi criada em 2005 para lembrar o 10º aniversário do atentado terrorista de Oklahoma – quando um caminhão-bomba explodiu em frente a um edifício, matando 168 pessoas – e para homenagear aqueles que representam a esperança em meio à tragédia e dedicam suas vidas para melhorar a vida do próximo.

Celebrou missas no Vaticano e em Roma, em 2009, em memória do martírio de Dom Oscar Romero, bispo de El Salvador, assassinado em 1980, quando presidia a celebração de uma missa, em uma igreja. Em 2012, recebeu outro Título de Doutor Honoris Causa, agora pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Tal condecoração teve seu ato solene na Catedral de Sant'Ana, na Cidade de Goiás.

Completou 90 anos no dia 31 de dezembro de 2012, em meio a muitas comemorações, que incluíram um Encontro de Companheiros e Companheiras da Diocese de Goiás, que fez memória da atuação de Dom Tomás e a igreja de Goiás.

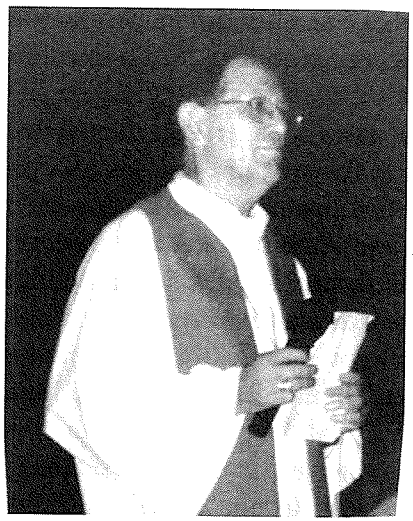
Como frade dominicano, ele não chegou a servir no Convento de Nossa Senhora do Rosário. Porém, ao assumir seu bispado, a Comunidade do Rosário, naturalmente, estava inserida no contexto de sua Diocese. Sua sapiência e liderança era reconhecida, admirada e respeitada, não somente na Cidade de Goiás, ou no Brasil, mas também em nível internacional. Ele era um ardoroso defensor dos humildes, homens e mulheres do campo e das cidades. Em suas homilias combatia com veemência o modelo capitalista da pátria brasileira, evidenciando a exploração social. Rechaçava sem meias palavras, o que a grande maioria das lideranças políticas e governantes propalavam, enchendo a boca com o termo "agronegócio".

Dom Tomás entregou a Diocese de Goiás no dia 07 de fevereiro de 1999, ao seu sucessor Dom Eugênio Lambert Adrian Rixen.

No dia 02 de maio de 2014, ocorreu seu passamento, em Goiânia-GO, após meses de severa enfermidade. Foi sepultado na Catedral de Sant'Ana, na Cidade de Goiás, com um grande público presente, constituído de todas classes sociais, sob forte comoção. Havia autoridades políticas, religiosos, quilombolas, indígenas, gente da cidade e região rural.

20

BISPO DOM EUGÊNIO RIXEN



Eugene Lambert Adrian Rixen é o seu nome. Nasceu em 03 de julho de 1944, em La Camine (Bélgica), em plena Segunda Guerra Mundial. Membro de uma prole numerosa, eram 11 irmãos, sendo 09 homens e 02 mulheres. Diz ele que viveu sua infância em uma região pluricultural, onde convivem três idiomas: o alemão, o francês e o holandês, o que lhe favoreceu adquirir uma riqueza cultural bem ampla e uma boa abertura na diversidade. Na juventude, estudou com o objetivo de ser professor de ensino fundamental. Cursou a Escola Normal, pensando em trabalhar como profissional na educação formal de crianças em algum estabelecimento de ensino. Em 1964, com 20 anos de idade, sentiu o chamado de Deus para a vida religiosa. Estudou teologia numa das melhores faculdades da época – Universidade de Louvaina, logo depois do Concílio Vaticano II. Aos 27 anos, ou seja, no dia 27 de junho de 1970, foi ordenado presbítero, em Sankt Vith, na Bélgica. Passou a ser então um jovem padre. Em seguida, estudou catequética durante dois anos na Universidade Católica de Paris. Vivendo numa grande cidade, onde muitas culturas se encontram, oportunidade em que se viu abertos novos horizontes para comunicar e inculturar a fé. Especializou-se em catequese infantil e juvenil. De 1972 a 1979, foi vigário paroquial em Welkenraedt (Bélgica), atuando principalmente na animação catequética e na pastoral dos jovens.

No ano de 1979, o bispo de Lins-SP – Dom Pedro Paulo Koop, o convidou a vir trabalhar na sua diocese. Aquele bispo queria alguém para atuar no meio da juventude.

Conforme Dom Eugênio, ele chegou ao Brasil, em janeiro de 1980. Sabedor da boa fama de Dom Helder Câmara – arcebispo de Olinda e Recife, um ícone da igreja católica no nordeste brasileiro, ele resolveu ir visitá-lo, a quem foi perguntado o que poderia fazer aqui no Brasil e Dom Helder, prontamente respondeu: "Fique no meio dos pobres e eles lhe vão ensinar o que precisa fazer!" Para o padre que acabava de chegar, esta frase marcou profundamente sua história!...

Na diocese de Lins, se dedicou muito na animação catequética, na pastoral da juventude e nas pastorais sociais, além de ter sido pároco de várias paróquias: Sant'Ana, em Araçatuba; Nossa Senhora Aparecida, em Promissão; e, Nossa Senhora Aparecida, em Júlio Mesquita, todas no Estado de São Paulo.

Em 1985, foi chamado a ser o reitor do Seminário da Província Eclesiástica de Botucatu, em Marília. Foram anos de intenso acompanhamento vocacional dos jovens, no auge da Teologia da Libertação. Com sua boa didática conseguiu ajudar muitos jovens no caminho do presbiterato.

Em 1990, com o intuito de dar uma pausa naquele ministério, ele pediu para fazer uma experiência prolongada no Mosteiro da Anunciação de Goiás-GO. Diz ele que marcou muito a espiritualidade comprometida dos monges junto aos pobres e excluídos da sociedade.

De 1991 a 1992, o bispo da Diocese de Lins-SP, o encarregou da Coordenação Pastoral Diocesana, o que colaborou sobremaneira para que ampliasse a visão da realidade eclesial e social.

De 1993 a 1995, foi escolhido para ser reitor do Seminário Interdiocesano de Teologia de Marília-SP. Naqueles anos, pôde aprofundar os estudos bíblicos, o que veio enriquecer seus conhecimentos sagrados, bem como entender os projetos divinos.

No dia 25 de fevereiro de 1996, foi ordenado bispo na cidade de

Araçatuba-SP, com a presença de muitas comunidades. Seu primeiro ministério como bispo, foi de auxiliar do bispo de Assis-SP – Dom Antônio de Souza. Permaneceu lá por três anos, visitando as comunidades, animando a catequese, a juventude e as pastorais sociais.

No dia 07 de fevereiro de 1999, foi acolhido como bispo diocesano da igreja Particular de Goiás-GO. A celebração na Catedral de Goiás foi muito emocionante, com a presença de muitos bispos, e principalmente de muitas comunidades urbanas e rurais. Pôde experimentar o trabalho pastoral comprometido de Dom Tomás Balduíno, seu predecessor.

Durante os anos seguintes, desempenhou com afinco a sua missão episcopal, fortalecendo as comunidades eclesiais de base, traçou diretrizes no sentido de cuidar da formação bíblica, de apoiar o trabalho da Comissão Pastoral da Terra (CPT), de fortalecer o trabalho missionário, bem como outras atividades.

Logo que assumiu os destinos da Diocese de Goiás, procurou estar próximo do povo, através de frequentes visitas às comunidades. Criou a Pastoral do Migrante, ocupando um imóvel da diocese e quem cuidava da administração eram as irmãs Carlistas. Era de muita relevância, visto que acolhia tantos migrantes, oriundos de todos os quadrantes desta pátria. Todavia, devido à falta de apoio do poder público, no sentido de aporte de recursos, tornou-se impossível continuar o funcionamento da casa. Também uma ação importantíssima foi a criação da Chácara de Recuperação de Dependentes Químicos – a Chácara Paraíso, distante da cidade cerca de 14 quilômetros. Tem produzido bons frutos, pois as pessoas acometidas dos vícios são internadas por um determinado período e têm apresentado bons resultados.

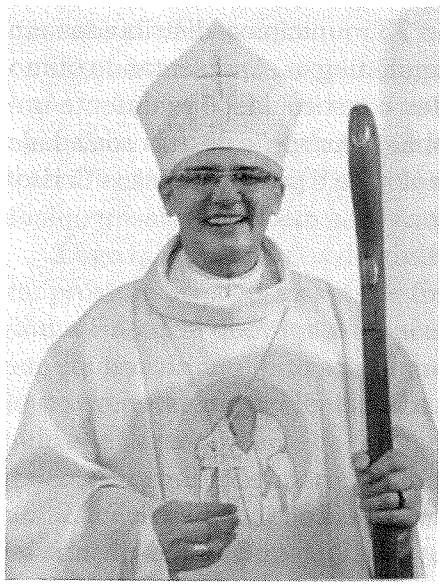
Como bispo de Goiás, Dom Eugênio pôde ajudar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Presidência Nacional da Comissão Episcopal Pastoral para Administração Bíblico-Catequética, de 2003 a 2011, também a Pastoral da AIDS, desde a sua fundação em 1999.

É de praxe que um bispo, ao completar 75 anos de idade, apresenta ao papa a respectiva carta de renúncia. Foi o caso de Dom Eugênio, em 03 de julho de 2019. Porém, ele continuou no exercício de seu episcopado, por mais de um ano, só no dia 13 de setembro de 2020, foi substituído, quando tomou posse o novo bispo – Dom Jeová Elias Ferreira.

Enfim, Dom Eugênio cumpriu a contento sua missão precípua de cuidar de um grande rebanho, nesse seu episcopado. A diocese é a primeira da região Centro-Oeste. Ele foi o 13º bispo. Foram 21 anos de pastoreio à frente da Diocese de Goiás, sempre buscando a harmonia, promovendo a paz, nas paróquias e comunidades de sua diocese, a qual não é pequena. São 23 municípios, distribuídos em um raio de aproximadamente 200 quilômetros. Apresentando ótimo relacionamento com as autoridades constituídas, é realmente um pacificador. Sempre preocupado com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, conforme o projeto de Jesus Cristo.

21

BISPO DOM JEOVÁ ELIAS FERREIRA



Dom Jeová Elias Ferreira – nasceu em Sobral-CE, em 24 de agosto de 1961, filho de Raimundo Frota Ferreira e Antônia Elias Ferreira.

De origem humilde, enfrentou as dificuldades peculiares daquela região nordestina. Dentre as várias atividades exercidas, serviu ao Exército Brasileiro, no Estado do Piauí, no ano de 1980.

Iniciou a vida religiosa em 1982.

FORMAÇÃO ACADÊMICA:

=Filosofia – Seminário Nossa Senhora de Fátima, Brasília-DF, 1985 a 1987. Título de Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, 2000;

-Teologia: Bacharel – Seminário Nossa Senhora de Fátima, Brasília-DF, 1988 a 1991 com reconhecimento pela Universidade Pontifícia Bolivariana, Medellin, 2017;

-Programa de Actualización en Teologia Pastoral y Evangelizadores con Espírito, Cebitepal, Bogotá, 2017;

-Programa de Formación y Actualización en Teologia Pastoral, Cebitepal, Bogotá, 2017;

-Licenciatura Canônica em Teologia Pastoral, cursada no Cebitepal – Universidade Pontifícia Bolivariana, com a tese: A missão Evangelizadora a serviço da vida humana em plenitude, à luz da mensagem do Papa Francisco nas suas viagens apostólicas aos países da América Latina e do Caribe.

ENCARGOS E ATIVIDADES PASTORAIS:

Pároco:

-Paróquia Santíssima Trindade, Arquidiocese de Brasília, fevereiro/1992 a setembro/1993;

-Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Arquidiocese de Brasília, setembro/1993 a janeiro/2017;

-Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, Arquidiocese de Brasília, fevereiro/2019 a agosto/2020;

-Professor de Doutrina Social da Igreja, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, Arquidiocese de Brasília, 2004 a 2005;

-Vigário Episcopal do Vicariato Norte, Arquidiocese de Brasília, 2007 a 2015;

-Vigário Geral da Arquidiocese de Brasília, 2019;

-Membro do Colégio de Consultores;

-Nomeado bispo da Diocese de Goiás, 27 de maio de 2020;

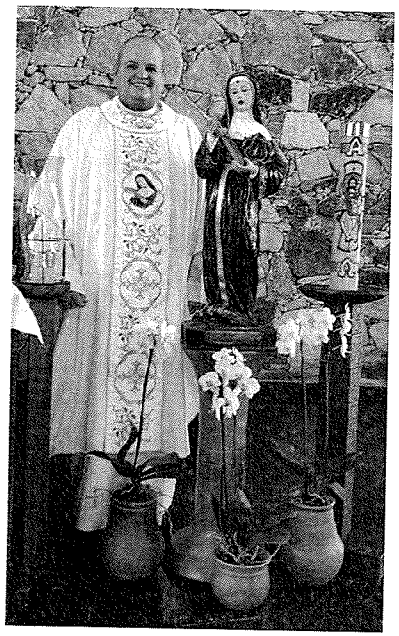
-Ordenação Episcopal, 22 de agosto de 2020, Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Brasília-DF;

-Empossado bispo da Diocese de Goiás, 13 de setembro de 2020, Catedral de Sant'Ana, Cidade de Goiás.

Com seu jeito simples de ser, angariou a simpatia do povo vilaboense bem como de toda a Diocese.

22

PADRE DÊNIS DIVINO DA SILVA



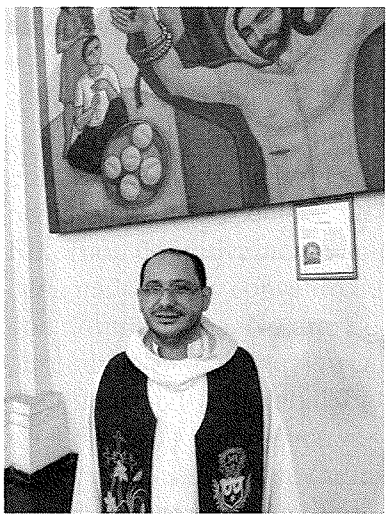
Filho de Enedina Almeida da Silva e Divino Rodrigues da Silva. Nasceu em 02 de novembro de 1976, em Itapuranga-GO. Ingressou no Seminário Diocesano no dia 20 de janeiro de 2005; no Seminário Escola do Evangelho – Propedêutico da Diocese de Goiás-GO, na cidade de Jussara-GO. Em 2006, morou na Cidade de Goiás; em 2007 e 2008, na cidade de Mossâmedes-GO; em 2009 e 2010 na Cidade de Goiás. De 2007 a 2010 cursou Licenciatura em Geografia, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). De 2011 a 2014, morou no Seminário Maior Escola do Evangelho, em Goiânia, cursando Teologia no Instituto de Teologia e Filosofia Santa Cruz.

Foi Coordenador Diocesano da Pastoral Vocacional Diocesano. Em 2013 e 2014 fez estágio pastoral na Paróquia Nossa Senhora d'Abadia, na cidade de Fazenda Nova-GO, onde fora ordenado diácono no dia 31 de janeiro de 2015. Logo em seguida, no dia 08 de fevereiro do mesmo ano, fora apresentado na Paróquia Santa Rita de Cássia, na Cidade de Goiás, como Administrador paroquial. No dia 16 de maio de 2015 foi ordenado Presbítero na Paróquia Nossa Senhora de Fátima na cidade de Itapuranga-GO – sua terra natal. Uma semana depois, fora nomeado pároco da Paróquia Santa Rita de Cássia na Cidade de Goiás.

Fez pós-graduação em Formação de Seminário, na Faculdade Dehoniana em Taubaté-SP, no biênio 2017/2018. Em 2018 fez a convalidação do curso de Teologia na Faculdade Vicentina em Curitiba-PR. Foi reitor do Seminário Escola do Evangelho – Propedêutico de 2015 a 2020, na Cidade de Goiás. Nesta contemporaneidade da década de 2020, além de titular da Paróquia Santa Rita de Cássia, é membro do Colégio de Consultores Diocesano, do Conselho de Presbíteros e do Conselho de Formadores.

23

PADRE AUGUSTO CEZAR SILVA PEREIRA



Filho de Maria do Socorro Silva Pereira e Augusto Francisco Pereira. Natural de Pombal-PB, nasceu no dia 06 de agosto de 1979.

Em 2003 iniciou sua vida religiosa no Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração. Fez sua primeira Profissão Religiosa, em 2006, e os votos Perpétuos em 2011.

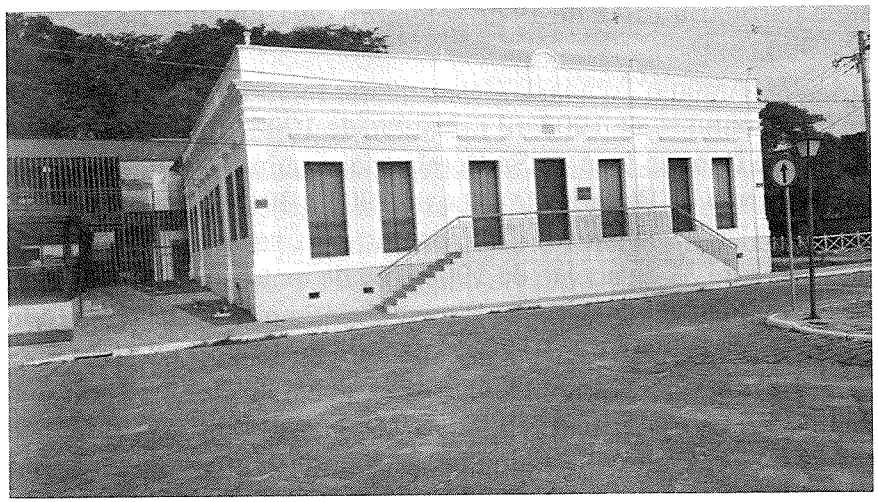
Em 2018, secularização – chegada à Diocese de Goiás, servindo na Paróquia Nossa Senhora das Graças na cidade de Jussara-GO, onde fora ordenado diácono no dia 20 de janeiro de 2019. A ordenação Presbiteral ocorreu no dia 31 de agosto do mesmo ano.

No dia 21de março de 2021, assumiu a titularidade da Paróquia de Sant'Ana, na Cidade de Goiás.

Padre Augusto é um religioso comunicativo que ao chegar à comunidade granjeou a amizade e o carinho dos vilaboenses. É dotado do dom da palavra, é prazeroso ouvir suas homilias. Nas celebrações de exéquias, torna-se um lenitivo para os familiares do defunto. Tem uma linda voz e anima suas celebrações com lindos cantos. Nutre boa amizade e parceria com a secular Comunidade dos Frades Dominicanos. É verdadeiramente, um agregador.

24

Ex-PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE GOIÁS E INTENDENTES:



Prédio da Prefeitura

Consta que Goiás teve o primeiro Prefeito a partir de março de 1893, quando já se computavam 166 anos de existência. Aquele administrador era chamado de INTENDENTE e não Prefeito. O Intendente era nomeado pelo Governador. Essa nomenclatura perdurou até 20 de novembro de 1930.

A partir de 21 de novembro de 1930, passou a ser Prefeito nomeado pelo Interventor. O Interventor era nomeado pelo Presidente da República.

INTENDENTES:

01) Portanto, o primeiro Intendente foi o coronel Bernardo Antônio de Faria Albernaz, seu partido era o PRT. Início do mandato em 08 de março de 1893, finalizado em 21 de agosto de 1895.

02) O segundo Intendente foi Ricardo Ramos Caiado, do partido UCR, de 22 de agosto de 1895 a 31 de agosto de 1899.

03) O terceiro Intendente foi Dr. José Netto de Campos Carneiro – o popular Doutor Netto (médico humanitário, muito caridoso), sigla partidária PRD, de 1º de setembro de 1899 a 06 de outubro de 1903.

04) Antônio Tomás da Costa, quarto Intendente, partido PDP, de 07 de outubro de 1903 a 11 de julho de 1905.

05) Damião José de Sá Pereira, foi o quinto Intendente, cujo partido era o UCR, de 12 de julho de 1905 a 30 de agosto de 1907.

06) Dr. José Netto de Campos Carneiro, sexto Intendente, partido PRD, de 31 de agosto de 1907 a 29 de maio de 1911.

07) João Pinto Barbosa Pimentel, sétimo Intendente, partido PDP, de 30 de maio de 1911 a 04 de abril de 1915.

08) Coronel Joaquim Gustavo da Veiga Jardim, oitavo Intendente, partido PRD, 05 de abril de 1915 a 09 de setembro de 1919.

09) Dr. Lincoln Caiado de Castro, nono Intendente, partido PRD, de 10 de setembro de 1919 a 23 de março de 1923.

10) Dr. Agenor Alves de Castro (médico), décimo Intendente, sigla partidária PRT, de 24 de março de 1923 a 20 de dezembro de 1927.

11) Álvaro José Xavier, décimo primeiro Intendente, partido PDP, de 21 de dezembro de 1927 a 20 de novembro de 1930.

PREFEITOS NOMEADOS PELO INTERVENTOR:

12) Luís Antônio da Silva e Sousa, décimo segundo Prefeito, partido PDP, de 21 de novembro de 1930 a 04 de outubro de 1932.

13) Ricardo Ramos Caiado, décimo terceiro Prefeito, partido UCR, de 05 de outubro de 1932 a 02 de agosto de 1938.

14) Inácio Soares de Bulhões, décimo quarto Prefeito, Partido UCR, de 03 de agosto de 1938 a 09 de fevereiro de 1941.

15) José Augusto Curado, décimo quinto Prefeito, cujo partido PP, de 10 de fevereiro de 1941 a 25 de março de 1946.

16) Divino de Oliveira, décimo sexto Prefeito, partido PP, de 26 de março de 1946 a 30 de janeiro de 1948.

17) João Ferreira da Silva, décimo sétimo Prefeito, sigla partidária PP, de 31 de janeiro de 1948 a 30 de janeiro de 1951.

PREFEITOS ELEITOS:

18) André Xavier Mundim, décimo oitavo Prefeito, cujo partido era o PSD, de 31 de janeiro de 1951 a 31 de janeiro de 1955.

19) Dr. Brasil Ramos Caiado, (médico), décimo nono Prefeito, partido UDN, de 31 de janeiro de 1955 a 31 de janeiro de 1958.

20) João Araújo Godinho, vigésimo Prefeito, partido PSP, de 31 de janeiro de 1958 a 04 de maio de 1960.

21) Djary Alencastro Veiga, vigésimo primeiro Prefeito, partido UDN, de 04 de maio de 1960 a 31 de janeiro de 1961. Era vice e assumiu.

22) Dr. Brasílio Ramos Caiado, (médico), vigésimo segundo Prefeito, partido UDN, de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966.

23) Dr. Jerônimo de Carvalho Bueno, (médico), vigésimo terceiro Prefeito, partido ARENA, de 31 de janeiro de 1966 a 31 de janeiro de 1970. Foi nomeado.

24) Dário de Paiva Sampaio, vigésimo quarto Prefeito, partido MDB, de 31 de janeiro de 1970 a 31 de janeiro de 1973.

PREFEITOS NOMEADOS:

25) Juarez Godinho, vigésimo quinto Prefeito, partido ARENA, de 31 de janeiro de 1973 a 18 de setembro de 1974.

26) Coronel Domingos Inácio da Silva, vigésimo sexto Prefeito, partido ARENA, de 18 de setembro de 1974 a 07 de maio de 1975. (interventor).

27) Antônio Ubiratan Alencastro Júnior, vigésimo sétimo Prefeito, partido ARENA, de 07 de maio de 1975 a 25 de agosto de 1976.

28) Renan de Barros Oliveira, vigésimo oitavo Prefeito, partido ARENA, de 25 de agosto de 1976 a 23 de dezembro de 1976.

29) José Nicolau Saddi, vigésimo nono Prefeito, partido ARENA, de 23 de dezembro de 1976 a 31 de janeiro de 1977.

PREFEITOS ELEITOS:

30) Djalma de Paiva, trigésimo Prefeito, partido MDB, de 31 de janeiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983.

31) Adélio Alves de Aguiar, (mestre-de-obras), trigésimo primeiro Prefeito, partido PDS, de 31 de janeiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988.

32) Dr. João Batista Valim (médico), trigésimo segundo Prefeito, partido PFL, de 1º de janeiro de 1988 a 31 de dezembro de 1992.

33) Dr. Abner de Castro Curado (médico), trigésimo terceiro Prefeito, partido PMDB, de 1º de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996.

34) Adélio Alves de Aguiar, trigésimo quarto Prefeito, partido PSD, de 1º de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000.

35) Dr Boadyr Veloso (médico), trigésimo quinto Prefeito, partido PPB, de 1º de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004.

36) Dr. Abner de Castro Curado (médico), trigésimo sexto Prefeito, partido PMDB, de 1º de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008.

37) Dr. Márcio Ramos Caiado (médico), trigésimo sétimo Prefeito, partido PP, de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012.

38) Profª. Selma de Oliveira Bastos Pires, trigésima oitava Prefeita, primeira mulher eleita na história do município; partido PT, de 1º de janeiro de 2013 a 31 de dezembro de 2016.

39) Profª. Selma de Oliveira Bastos Pires, trigésima nona Prefeita, reeleita, partido PT, de 1º de janeiro de 2017 a 31 de dezembro de 2020.

40) Aderson Liberato Gouvea, quadragésimo Prefeito, dotado de dom artístico (gosta de tocar violão e cantar; membro ativo da igreja católica, participante da CPT – Comissão Pastoral da Terra), partido PT, de 1º de janeiro de 2021 a.....

Considerando que a professora Selma, fora a primeira mulher a ser eleita prefeita do município de Goiás e ainda reeleita, este autor achou por bem inserir sua biografia nesta obra.

25

BIOGRAFIA DA PROFESSORA SELMA



Selma de Oliveira Bastos Pires, filha do bancário Brasil Bruno de Bastos (in memorian) e Erci Antônia de Oliveira Bastos, nasceu na Cidade de Goiás, no dia 14 de setembro de 1966. Casada com Félix de Jesus Pires, mãe de dois filhos: Brasil Bruno de Bastos Neto (in memorian) e Maria Clara Bastos Pires. Fez o Ensino Fundamental no saudoso Colégio Sant'Ana, Ensino Médio no Colégio Professor Alcide Jubé, graduada em Letras e Pós-Graduada em Docência Universitária pela UEG (Universidade Estadual de Goiás). Profissionalmente, atuou como assistente odontológica, auxiliar contábil, bancária e Serventuária da Justiça Estadual. É Professora efetiva na Rede Pública Estadual de Ensino. Fora articuladora do PROLER (Programa de Incentivo à Leitura) vinculado à Biblioteca Nacional no período de 1996 a 2000; Secretária Municipal de Educação entre 2001 e 2004, na administração do Prefeito Boadir Veloso; Supervisora Técnico-Pedagógica entre 2005 e 2010 no CEP (Centro de Educação Profissional) do Estado de Goiás; de 2010 a 2012, desenvolvera um projeto de Educação Patrimonial da Secretaria de Estado da Educação e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em vários municípios histórico do Estado de Goiás; de 2013-2016 e 2017-2020 exerceu a função de Prefeita eleita e reeleita do Município de Goiás. Exerceu ainda a função de Subsecretária de Estado da Educação entre 2021 e 2022.

Cidade quase tricentenária, primeira Capital do Estado, berço da cultura goiana e reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, Goiás é um Município com 24 assentamentos da Reforma Agrária e com 25% de sua população na área rural. Cidade historicamente conservadora, machista, porém marcada pela presença forte da mulher. Podendo elencar nomes icônicos como: Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – a Cora Coralina, que rompeu a Serra Dourada com seus versos de beleza simples e comoventes; Brasilete Caiado – musicista, era engajada nas causas da Educação e do Meio Ambiente; Goiandira do Couto – a carnavalesca dos anos quarenta e cinquenta, a grande artista plástica das areias coloridas da Serra Dourada; Antolinda Baía Borges – carinhosamente Tia Tó – fundamentou-se na preservação e manutenção do Patrimônio Histórico, artístico e religioso. Dentre tantas outras mulheres que poderíamos citar, há de se ressaltar que com todas estas mulheres retrocitadas, a Professora Selma exerceu relevantes parcerias. Professora Selma foi a primeira mulher candidata a prefeita na história, primeira prefeita eleita e a primeira reeleição na história da Cidade de Goiás. Seu excelente desempenho na esfera política, fez com que ao final de seus oito anos à frente da Prefeitura fez seu sucessor. Registramos alguns dos seus feitos:

- Executou com maestria o PAC CH – (Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas) com a construção, ampliação e restauração de seis importantes obras/ monumentos para a Cidade de Goiás: Ponte da Cambaúba, Escola de Artes Plásticas Veiga Valle, Arquivo Diocesano, Teatro São Joaquim, Mercado Municipal com aquisição do Kit Cultural e a ampliação da sede da Prefeitura de Goiás. Primeira cidade do Brasil a concluir as referidas obras e ter as prestações de contas aprovadas pelos órgãos de controle;

- Pavimentou as ruas dos Distritos de Buenolândia, Calcilândia e Colônia de Uvá;
- Recuperou estradas, bueiros, mata-burros e construiu quase trinta pontes em concreto;
- Construiu quatro UBSs – (Unidade Básica de Saúde);
- Reabriu o centenário Hospital São Pedro d'Alcântara, com implantação de uma UTI com dez leitos e mais seis leitos destinados aos pacientes acometidos da COVID-19, (no ano de 2020);
- Implantou o Piso Salarial dos Professores da rede pública municipal e humanizou o Transporte Escolar;
- Fortaleceu a Cultura e desenvolveu o Turismo;
- Após um longo trabalho, obteve junto a Fundação Cultural Palmares, o Título de Reconhecimento do primeiro Quilombo Urbano do Município de Goiás: o Quilombo Alto Santana;
- Implantou a Coleta Seletiva de resíduos sólidos no Município;
- Depois de quase vinte anos, realizou um grande Concurso Público Municipal;
- Foi agraciada com diversas honrarias, dentre elas a "Medalha da Ordem do Mérito Tiradentes" em Solenidade Militar alusiva aos 160 anos da gênese da Polícia Militar do Estado de Goiás; "Medalha da Ordem do Mérito Dom Pedro II – Grau Grande Oficial", instituída para comemorar o Dia Nacional do Bombeiro Militar; "Comenda GRÃ-CRUZ da Ordem do Mérito Anhanguera do Estado de Goiás"; "Medalha do Mérito Legislativo Pedro Ludovico Teixeira", da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás; "Comenda Berenice Teixeira Artiaga", também da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás; "Comenda Olívio Rodrigues de Mendonça", da cidade de Sanclerlândia; "Comenda Chica Machado" em Homenagem ao Dia Internacional da Mulher, da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Recebeu vários prêmios e troféus, dentre eles, recebeu por três anos consecutivos o troféu de "Prefeitura Mais Influente de Cidades Com Até CemHabitantes" no Estado de Goiás; Troféu Mulheres que engrandecem o Estado de Goiás, da AFLAG (Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás); Diploma concedido pela Câmara Municipal de Goiânia de "Honra ao Mérito alusivo ao Dia Mundial do Turismo"; Certificado de "Honra ao Mérito em reconhecimento ao importante trabalho desenvolvido à Educação do Estado de Goiás"; Prêmio Mulher Combativa" da Câmara Municipal de em reconhecimento ao trabalho na luta em defesa das mulheres na vida política e social no Estado de Goiás; Quatro Edições do "Diploma Goiás Mulher", concedido pela Câmara Municipal de Goiás; Quatro Edições do "Prêmio Melhores do Ano", promovido pelo Jornal Classifique. Agraciada como: "Prefeita Amiga da Criança", "Prefeita Amiga da Agricultura Familiar", "Prefeita Amiga da Pessoa Idosa", Prefeita Amiga dos LGBTQIA+"; Diploma de Honra ao Mérito de La Secretaría de la Salud de México OPS / OMS – Red Mexicana de Municípios por la Salud no Encuentro de Alcaldes y Alcadesasde Municípios Saludables de la Region de las Americas – Acapulco, Guerrero, México 2018"; recebeu o "Prêmio MuniCiência 2019-2020", instituído pela Confederação Nacional de Municípios e a União Europeia, por meio do Projeto UniverCidades como Gestora responsável pela iniciativa "CEAM" (Centro Especializado de Atendimento à Mulher"; recebeu o troféu "Construir Igualdad 2020 – Políticas Públicas Inclusivas em Ciudades de hasta 1 millión de habitantes" da UNESCO (Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura).

26

Ex-PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE GOIÁS-GO:



Com o escopo de prestar homenagens a personalidades e instituições vilaboenses, não poderia execrar o Poder Legislativo Municipal. Logo, essa categoria política teria que ser reverenciada. Portanto, a relação nominal de todos os Presidentes da Câmara Municipal, a partir do ano de 1947. Vale lembrar que antes daquele ano, não havia a figura de Presidente daquela Casa. A edilidade era regida por um Conselho. É sabido por todos os cidadãos, a importância da autoridade do referido Presidente. Se há impedimento do exercício do Chefe do Executivo, o Vice-Prefeito assume. Se o Prefeito e o Vice-Prefeito, se se tornam impedidos, quem assume o Poder é o Presidente da Câmara de Vereadores.

01) João Batista de Abreu – dezembro de 1947 a janeiro de 1951.

02) Copérnico José de Barros – fevereiro de 1951 a dezembro de 1954.

03) Floriano Sabino Passos Ferreira – fevereiro de 1955 a janeiro de 1956.

04) José Nunes da Silva – fevereiro de 1956 a janeiro de 1957.

05) Orley Gavião Gonzaga de Castro – fevereiro de 1957 a agosto de 1958.

06) Floriano Sabino Passos Ferreira – setembro de 1958 a janeiro de 1959.

07) Garibaldi Rizzo de Castro- fevereiro de 1959 a janeiro de 1961.

08) Sebastião Veloso – fevereiro de 1961 a janeiro de 1962.

09) João Nicolau – fevereiro a março de 1962.

10) Sebastião Veloso – março de 1962 a janeiro de 1963.

11) José Póvoa Mendes – fevereiro de 1963 a janeiro de 1964.

12) Luiz Gonzaga Brandão – fevereiro de 1964 a janeiro de 1967.

13) Floriano Sabino Passos Ferreira – fevereiro de 1967 a janeiro de 1968.

14) Norival de Castro Santomé – fevereiro de 1968 a janeiro de 1970.

15) Gileno Loiola – fevereiro de 1970 a janeiro de 1971.

16) Sebastião Matias Pereira – fevereiro de 1971 a janeiro de 1973.

17) Jaime Machado – fevereiro de 1973 a janeiro de 1975.

18) Renan de Barros Oliveira – fevereiro de 1975 a janeiro de 1977.

19) Aderson Cavalcante Coelho – fevereiro de 1977 a janeiro de 1979.

20) Walter Knut Engel – fevereiro de 1979 a janeiro de 1981.

21) Delando Barbosa Lagares – fevereiro de 1981 a janeiro de 1983.

22) José Rodrigues da Silva (Zé Grael) – fevereiro de 1983 a janeiro de 1985.

23) Antônio Luiz dos Santos (Totõe Barbeiro) – fevereiro de 1985 a janeiro de 1987.

24) Bento Bueno – fevereiro de 1987 a dezembro de 1988.

25) José Barbosa Lagares – janeiro de 1989 a janeiro de 1991.

26) Milton Bernardo de Souza – fevereiro de 1991 a janeiro de 1993

27) José Humberto Marques Pereira – janeiro de 1993 a dezembro de 1994.

28) Reginaldo Ferreira Adorno (Jacaré) – janeiro de 1995 a dezembro de 1996.

29) José Maurício Lúcio Lemes – janeiro de 1997 a dezembro de 1998.

30) João Batista Júnior (João Pinta) – janeiro de 1999 a dezembro de 2000.

31) Jonas de Araújo Godinho Neto – janeiro de 2001 a dezembro de 2002.

32) Sebastião de Morais Bueno – janeiro de 2003 a dezembro de 2004.

33) Reginaldo Ferreira Adorno (Jacaré) – janeiro de 2005 a dezembro de 2006.

34) José Augusto Alves (Zé Capilé) – janeiro de 2007 a dezembro de 2008.

35) Cezar Caiado de Castro (Zecão) – janeiro de 2009 a dezembro de 2010.

36) Reginaldo Ferreira Adorno (Jacaré) – janeiro de 2011 a dezembro de 2012.

37) Aderson Liberato Gouveia – janeiro de 2013 a dezembro de 2014.

38) Eliane Aparecida B. Machado – janeiro de 2015 a dezembro de 2016.

39) Reginaldo Ferreira Adorno (Jacaré) – janeiro de 2017 a dezembro de 2018.

40) Aderson Liberato Gouveia – janeiro de 2019 a dezembro de 2020.

41) Sidnei Antônio Rosa (Sidnei do Master) – janeiro de 2021 a dezembro 2022.

42) Zilwimar Maria Dantas (TIZIL) – janeiro de 2023 a dezembro de 2024.

Vale lembrar que vereador não tinha salário. Somente por volta do final da década de 1960 essa categoria de políticos passou a ser remunerada. Será que sem salário haveria a concorrência que tem?

27

IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

Trata-se de uma entidade de cunho religioso, de grande relevância na Cidade de Goiás. Foi criada em 1745, pelo padre João Perestrello de Vasconcellos, ele era de origem espanhola e trouxe consigo, de suas terras, esta joia rara que é a referida irmandade. Sua Diretoria é composta pelos seguintes cargos: Provedor; Vice-Provedor; 1º. e 2º. Secretários; 1º e 2º Tesoureiros; Fiscal; Conselheiros; e, Suplentes de Conselheiros. Sua sede é na linda igreja de São Francisco de Paula. Tem também um Capelão, que geralmente é um padre da Diocese. Desde o ano de 2016, ocupava essa função, o pároco Pe. Antônio Mota Bastos. Com a substituição do Padre Mota na Paróquia, em março de 2021, assumiu, então, o cargo de Capelão o novo pároco Pe. Augusto Cezar Silva Pereira. Os componentes dessa irmandade ostentam uma vestimenta diferenciada. Os homens usam o balandrau e as mulheres usam a mursa, ambas na cor roxa.

Conforme testemunho de algumas pessoas de mais idade, até o começo da década de 1960, era um segmento, literalmente patriarcal: somente homens faziam parte daquela irmandade. Até por volta dos anos 1970, os homens irmãos dos Passos, usavam o terno, sob o balandrau, isso nas celebrações, procissões e exéquias, era obrigatório. Até porque, era costume dos homens ostentar aquele traje na cidade. Não havia preocupação com o clima quente. Andavam nas ruas, a pé ou montados, usando terno, gravata e chapéu.

As procissões ainda perduram em duas alas, onde os membros da irmandade devidamente paramentados e devotos em fila indiana, a passos lentos, com a Banda de Música da Polícia Militar na retaguar-

da da procissão e do andor, a executar alegres hinos alusivos ao ato.

Levando em conta o ano de 2024, essa irmandade é uma das mais longevas no país, pois já são 278 anos de existência, ininterrupta.

Em todas as sextas-feiras, o ano inteiro, é tradição a igreja permanecer aberta para visitação, ao anoitecer até lá pelas 22:00 horas. O adro da igreja é bastante aconchegante, principalmente em tempo de calor. Para chegar ali, o devoto tem que galgar a escadaria com mais de 10 degraus. Em todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, tem a celebração da missa, naquela igreja, geralmente pelo capelão. Durante o período quaresmal, até no sábado de encerramento da Semana dos Passos, são celebradas missas em todas as sextas-feiras, abrilhantadas com os cantos dos motetos, por um pequeno coral acompanhado por uma pequena orquestra de sopro e cordas (geralmente militares integrantes da Banda de Música da Polícia Militar). A letra consiste de trechos bíblicos sobre a Paixão de Cristo, vale lembrar que é em latim.

Como um preito de gratidão, vai aqui a relação nominal dos dirigentes da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, chamados de PROVEDORES. Infelizmente, por omissão em alguns registros, há nomes de secretários e tesoureiros substituindo os nomes de provedores. (do livro "Goyaz: de arraial a patrimônio mundial" – de Elder Camargo de Passos).

1745	padre João Perestrello de Vasconcellos	Provedor
1749	ouvidor Manoel Antunes da Fonseca	Provedor
1771	Luiz Antônio Seixo de Brito	Secretário
1776	Ignácio Silveira Borges	Secretário
1777	Olavo José Xavier	Secretário
1778	Luiz Henrique Silva	Tesoureiro
1780	José Ferreira Coelho	Secretário
1781	Bartolomeu Lourenço Silva	Tesoureiro
1782	José Joaquim Xavier de Barros	Tesoureiro
1784	Manoel Seixo de Brito	Tesoureiro
1788	José Francisco Hutim	Secretário
1791	José Joaquim Pereira	Secretário
1793	Antônio Gilberto	Tesoureiro
1794	Francisco Pereira Caldas	Tesoureiro
1795	Joaquim Crisóstomo Perella	Tesoureiro
1796	Antônio Silva Correia	Secretário
1797	João Lourenço Pereira Pinto	Tesoureiro
1798	José Ribeiro da Maia	Tesoureiro
1799	Bernardo José Peixoto	Secretário
1800	Francisco Xavier Leite do Amaral Coutinho	Secretário
1801	Joaquim Rocha Couto	Secretário
1802	Francisco Xavier de Barros	Secretário
1803	Sebastião José Bueno	Secretário
1804	João do Couto Guimarães	Tesoureiro
1805	Teotônio José da Silva Pinto	Tesoureiro
1806	Antônio José dos Santos	Tesoureiro
1807	Francisco Xavier Leite do Amaral Coutinho	Tesoureiro
1808	João José de Azeredo	Secretário
1809	Joaquim Leite do Amaral Azeredo Coutinho	Tesoureiro
1810 a 1814	José de Souza Pereira	Secretário
1815	João José do Couto Guimarães	Secretário
1816	José de Souza Pereira	Secretário
1817 a 1818	Theotônio José da Silva Pinto	Secretário
1819	Joaquim Félix de Brito	Secretário
1820 a 1821	Luiz Francisco das Chagas	Secretário
1822	Antônio José Artiaga	Secretário
1823	Theotônio José da Silva Pinto	Secretário
1824	Luiz José da Rocha Maia	Secretário
1825	Domingos José Dantas Amorim	Secretário
1826	Francisco Luiz Brandão	Secretário
1827	José Jácomo Bauman	Secretário
1828	Felipe Antônio Cardoso	Secretário
1829	José Joaquim da Silva	Secretário
1830	João Abreu da Silva	Secretário
1831	Vicente Pinto de Souza	Secretário

1832 a 1836	José Joaquim da Silva	Secretário
1837	Antônio José de Castro	Secretário
1838 a 1839	José Rodrigues de Moraes	Secretário
1840 a 1841	Antônio José de Castro	Secretário
1842	Vicente Moretti Foggia	Provedor
1843	José de Melo Castro	Provedor
1844	Martinho Rodrigues da Costa	Provedor
1845	Timótheo da Costa Oliveira	Secretário
1846	Antônio José de Avelar	Secretário
1847 a 1849	Antônio José de Castro	Secretário
1850	Salvador Honorato Bueno da Fonseca	Secretário
1851	Antônio José de Avelar	Secretário
1852 a 1860	Antônio José de Castro	Secretário
1861 a 1863	Joaquim Manoel das Chagas Artiaga	Tesoureiro
1864 a 1865	Padre Tito de Sousa Rego de Carvalho	Tesoureiro
1866 a 1868	Ângelo José da Silva	Provedor
1869	João Bonifácio Gomes de Siqueira	Provedor
1870 a 1876	Luiz da Cunha Bastos	Provedor
1877	Theodoro Rodrigues de Moraes	Provedor
1878	Joaquim de Campos Curado Fleury	Provedor
1879 a 1880	Antônio da Cunha Bastos	Provedor
1881	Jerônimo José de Campos Curado	Provedor
1882	João Rodrigues de Castro	Provedor
1883	Aurélio Caetano da Silveira Pinto	Provedor
1884	Franklin da Rocha Lima	Provedor
1885	Padre Faustino da Rocha Campos	Provedor
1886	Franklin da Rocha Lima	Provedor
1887	Luiz Guadie Fleury	Provedor
1888	Antônio José Caiado	Provedor
1889	Moysés Lopes Zedes	Provedor
1890	João Nunes da Silva	Provedor
1891	Benigno José de Barros	Provedor
1892	Joaquim Remígio Moreira	Provedor
1893	José Joaquim de Souza	Provedor
1894	Felipe Baptista de Alencastro	Provedor
1895	Moysés Lopes Zedes	Provedor
1896	Tristão Amâncio Pedrozo	Provedor
1897	Maurílio Augusto Curado Filho	Provedor
1898	Antônio Xavier Guimarães Leite	Provedor
1899	Augusto Teixeira Magalhães Leite	Provedor
1900	Joaquim da Rocha Lima	Provedor
1901 a 1904	João Batista X. Serradourada	Provedor
1905 a 1906	Luiz Alves Pinto	Secretário
1907 a 1914	Luiz Martins Araújo	Tesoureiro
1915	Francisco Azeredo Bastos	Provedor
1916	José Maria Ramos Jubé	Secretário
1917 a 1918	João Mariano da Luz	Secretário
1919	Olegário Delfino Rodrigues	Provedor
1920	Francisco Ferreira dos S. Azevedo	Provedor
1921	Manoel Augusto da S. Brandão	Provedor
1922	Francisco de Azeredo Bastos	Provedor
1923 a 1927	Agenor Alves de Castro	Provedor
1928	Joaquim Guedes de Amorim	Provedor
1929	Agenor Alves de Castro	Provedor
1930	Joaquim Guedes de Amorim	Provedor
1931	Agenor Alves de Castro	Provedor
1932	Durval Lemes Borges	Provedor
1933	Agenor Alves de Castro	Provedor
1934	Alcide Celso Ramos Jubé	Provedor
1935	Felicíssimo do Espírito Santo	Provedor
1936	Benedito de Souza	Provedor
1937	Domingos Póvoa	Provedor
1938	João Ferreira da Silva	Provedor
1939	Manoel Lemes Borges	Provedor
1940	Sebastião Santa Cruz Serradourada	Provedor
1941	Sebastião Santa Cruz Serradourada	Provedor
1942	Alcide Celso Ramos Jubé	Provedor
1943	João Batista de Oliveira e Silva	Provedor
1944	Antônio Diurivê Ramos Jubé	Provedor
1945	João da Costa Oliveira	Provedor

1946	Eugênio da Veiga Jardim	Provedor
1947	Eduardo Henrique de Souza Filho	Provedor
1948	Francisco de Azeredo Bastos	Provedor
1949	Eugênio da Veiga Jardim	Provedor
1950	Luiz Sabino de Passos	Provedor
1951	Joaquim Craveiro de Sá	Provedor
1952	Eduardo Henrique de Souza Filho	Provedor
1953	Eugênio da Veiga Jardim	Provedor
1954	Joaquim Cardoso D'Ávila	Provedor
1955	Luiz Sabino de Passos	Provedor
1956 a 1958	Eduardo Henrique de Souza Filho	Provedor
1959 a 1960	José Nunes da Silva	Provedor
1961	Francisco de Assis Costa	Provedor
1962	Jadus Santa Cruz Serradourada	Provedor
1963	Floriano Sabino de Passos	Provedor
1964 a 1965	Francisco de Assis Costa	Provedor
1966	César Ferreira de Azeredo	Provedor
1967	Gileno de Loyola	Provedor
1968 a 1970	Amaury Caiado de Castro	Provedor
1970 a 1972	Wadjou Rocha Lima	Provedor
1972 a 1974	Luiz Sabino de Passos	Provedor
1974 a 1976	Sebastião Gomes de Oliveira	Provedor
1976 a 1980	Elder Camargo de Passos	Provedor
1980 a 1982	Nilo Ribeiro Leite	Provedor
1982 a 1986	Fernando Passos Cupertino de Barros	Provedor
1986 a 1988	Heber da Rocha Rezende Júnior	Provedor
1988 a 1990	Arnulpho Ramos Caiado Neto	Provedor
1990 a 1996	Edmundo Saddi Calil	Provedor
1996 a 2000	Arnulpho Ramos Caiado Neto	Provedor
2000 a 2001	Dom Eugênio Rixen (bispo)	Provedor
2001 a 2004	Francisco Eliezer Curado	Provedor
2005 a 2009	Edmundo Saddi Calil	Provedor
2009 a 2011	Iron de Moraes Rodrigues	Provedor
2011 a 2013	Dom Eugênio Rixen (bispo)	Provedor
2013 a 2015	Rafael Ribeiro Fleury de Passos	Provedor
2015 a 2017	Elias Alves de Carvalho	Provedor
2017 a 2019	Hecival Alves de Castro	Provedor
2019 a 2021	Rafael Lino Rosa	Provedor
2022 a 2024	Leonardo Vinícius Campêlo	Provedor
2024 a 2026	Leonardo Vinícius Campêlo	Provedor

28

IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS X BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO.



Goiás, é uma cidade pacata, cheia de manifestações culturais, tradições centenárias, que traz consigo sua gente, seu povo, dotado de muitas qualidades artísticas em todas as suas linguagens: música, literatura, e das artes visuais. A cidade é um verdadeiro cenário que inspiram artistas e atores comuns que vivem em Vila Boa.

A soma desses elementos e outros mais, fizeram com que a cidade se organizasse para que no ano 2000, recebesse o título de Patrimônio Mundial da Humanidade, que estava sendo analisado pela UNESCO.

Porém, no mesmo ano, tendo em vista as comemorações do Descobrimento do Brasil, foi idealizada a Bienal de Arte de São Paulo, onde acontecera a Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500, para celebrar seus 500 anos.

No entanto, uma sala especial para representantes da imaginária sacra no estilo barroco, onde foi subdividida por regiões e ordens religiosas, como beneditinos, franciscanos, jesuítas, e foram reunidas, mais de 300 obras expostas, dos séculos XVII, XVIII e XIX, de vários Estados do Brasil, tais como Alagoas, Pará, Maranhão, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com seu maior representante Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho; como representante do Estado de Goiás, o grande artista goiano José Joaquim da Veiga Valle – ou simplesmente Veiga Valle.

Para a referida mostra, cerca de 20 obras de Veiga Valle, foram requisitadas para a exposição, acervo do Museu de Arte Sacra, com exceção da imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, que é de responsabilidade da Irmandade do Senhor dos Passos, onde sua sede, na igreja de São Francisco de Paula, perdura desde o século XIX, de onde anualmente sai em procissão, para compor os ritos litúrgicos passionários.

Dom Tomás Balduíno, que permaneceu como bispo por três décadas, foi sucedido no início de 1999, pelo recém chegado bispo, de origem belga – Dom Eugênio Rixen, que tornou-se responsável pela Diocese de Goiás, e que atendendo a solicitação que tinha sido feita em setembro de 1999, pela senhora Myriam Andrade de Oliveira, curadora responsável pela exposição da Mostra do Redescobrimento, convocou o conselho do Museu de Arte Sacra da Boa Morte, onde encontra-se expostas em seu acervo, a maior coleção do artista Veiga Vale.

A anciã Antolinda Baía Borges, na época era diretora do museu retro mencionado. O conselho era composto pelo historiador Elder Camargo de Passos, Heber da Rocha Rezende Júnior, Fernando Passos Cupertino de Barros, dentre outros, guardiões do Patrimônio, entenderam que seria louvável e votaram favoravelmente para que as obras fossem participar da mostra em comemoração dos 500 anos do Brasil.

A Semana de Passos em Goiás, é composta da seguinte forma: Procissão do Depósito, Procissão do Encontro e Procissão do Translado.

Todavia, após a Procissão do Translado no dia 10 de abril de 2000, segunda-feira, a imagem subiu as escadarias da igreja de São Francisco de Paula, sede da irmandade e foi colocada em sua nave. Como de costume, após a entrada na referida igreja, os irmãos dos Passos, permanecem ali, para uma rápida contemplação e adoração feita pela população em geral, e logo depois é feita a troca das vestimentas do padroeiro da irmandade que é a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos. Em seguida, a imagem é depositada no nicho principal do altar-mor (local carinhosamente chamado pelos vilaboenses de camarim do Senhor dos Passos). Contudo, dessa vez não aconteceu.

A indignação contra a ida do Santo, assim conhecida por muitos moradores, populares e principalmente pelos irmãos dos Passos, foi um dos fatos sociais na antiga Vila Boa, mais marcantes, no início do século XXI, pois dividiu pessoas de grande poder e apropriação na cidade. De um lado, estavam os guardiões do patrimônio e todo o clero. De outro, estavam os irmãos dos Passos, e membros das famílias tradicionais vilaboenses. Os irmãos dos Passos que estavam presentes, começaram a questionar o "porque" da não colocação da imagem de volta a seu camarim, oportunidade em que o senhor Elder Camargo de Passos, que também é membro da irmandade e membro do conselho diocesano do Museu de Arte Sacra da Boa Morte e um dos guardiões do patrimônio, comunicou aos irmãos que a imagem do padroeiro, tinha sido emprestada para uma exposição em São Paulo, que começaria no dia 24 de abril de 2000 e ficaria em exposição até 7 de setembro do mesmo ano. Na fala de Elder, a imagem não seria depositada de volta em seu camarim naquela ocasião, e ficaria em seu andor e depois colocada em um caminhão, pois, o bispo já tinha assinado a liberação para a imagem ir para a Bienal de Arte, o que gerou grande insatisfação. Dois irmãos dos Passos que eram membros do conselho da Irmandade, rapidamente se reuniram pedindo uma resposta e uma posição do respectivo Provedor da Irmandade – o senhor Arnulpho Ramos Caiado Neto, que segundo ele tinha sido consultado sobre o empréstimo da imagem, mas não tinha autorizado. O provedor, disse-lhes que havia chegado somente um ofício, pedindo o empréstimo, mas que não tinha oficialmente decidido, pois,

a Diretoria da Irmandade optou pela presença do bispo na próxima reunião, a fim de se esclarecerem detalhes acerca do assunto em evidência. Dom Eugênio estava fora da cidade, em visita pastoral no município de Ceres-GO.

Após saírem da igreja de São Francisco de Paula, ainda naquela segunda-feira, inconformados com a possibilidade do empréstimo da imagem, retornaram a seus lares. No outro dia (terça-feira) ao entardecer, todos os moradores e irmãos dos Passos, foram pegos de surpresa com o tanger do sino, já que o sino da igreja de São Francisco de Paula, só toca quando falece um irmão, ou quando há alguma festividade. Logo, a igreja já congregava uma grande quantidade de irmãos e fiéis, para saber do que se tratava o badalar do sino, fora de hora.

Membros da família Veiga e descendentes do escultor Veiga Valle, como Davina de Medeiros Veiga Cunha e Cruz, Valdecy de Alencastro Veiga, Lucy Veiga Godinho, Miracy Alencastro Veiga (conhecidas na cidade, carinhosamente, como irmãs Veiga), e mais Cristina Veiga Godinho e Marco Antônio Veiga de Almeida (na época vereador), também descendentes do escultor, decidiram que a imagem não iria seguir viagem para São Paulo.

Embasados de que a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, que desde 1749, já estava em Goiás e tão somente em 1860 fora, restaurada por Veiga Valle, não apresentava as mínimas condições de seguir uma viagem tão longa, devido ao seu tamanho, como também seu fino acabamento policromático (como a espécie de biscuit), e nem sua estrutura escultórica aguentaria, devido as mudanças climáticas poderia sofrer danos. Então os líderes do movimento comunicaram a toda a assembleia ali constituída, a exemplo de Fernanda Godinho, Maura Godinho (ambas netas de Lucy Veiga), Stela Lúcia, Benedito Ferreira, Leonardo Vinícius, Guilherme Siqueira, Belizária Amorim e outros, que uniram forças, permaneceram na igreja e todos deram início a uma "guerra" contra os detentores do Patrimônio.

Algumas notícias e cochichos chegavam distorcidos nos ouvidos dos manifestantes. Uma das notícias era de que a imagem tinha sido vendida para São Paulo e estava em transação financeira e corria

o risco de não voltar para Goiás, o que causou revolta e indignação na população. O que fez que o monge beneditino Marcelo Barros, redigisse um texto comparando a Cidade de Goiás com Sucupira ao romance de Jorge Amado, tipo – "O Sumiço da Santa", trazendo mais indignação e fúria aos fiéis.

Começaram uma vigília, como uma forma de impedimento para que a imagem não fosse para a Bienal de Arte de São Paulo. Ficavam em oração, noite e dia. Em um plano estratégico, ficou convencionado que o sino iria ser badalado de hora em hora, com a finalidade de alertar toda a cidade que estava acontecendo um conflito entre a população e os guardiões do Patrimônio, juntamente com o bispo diocesano.

Entretanto, caso o sino ecoasse no período noturno, poderia ser que o caminhão que iria levar a imagem, teria chegado e como uma forma de obstar, era para os irmãos dos Passos, se concentrarem o mais rápido possível, na igreja de São Francisco de Paula, para impedir a ida do Santo.

Numa das tentativas de negociação para a liberação da ida do santo, o pároco da Catedral de Sant'Anna Pe. Francisco Caponi (Padre Chiquinho), fora pessoalmente à sede da Irmandade. Não obtendo sucesso e vendo que as pessoas permaneciam irredutíveis, entremeios as discussões, o senhor Marco Antônio Veiga, um dos líderes do movimento gritou em tom de brincadeira, que era para pegar a corda do badalo do sino, para amarrar o padre e fazê-lo de refém. O padre, assim como todos, também estava com ânimos exaltados, saiu desesperado da igreja, já que ele acreditava mesmo que seriam capazes de consumar tal violência.

Nos dias mais tensos, terça, quarta e quinta-feira da Semana das Dores, numa das noites, chegou um caminhão baú na porta da igreja e dona Valdecy Veiga começou a repicar o sino desesperadamente, convocando a população para se juntar. Devido ao seu pequeno porte físico, ao manusear a corda de tocar o sino, ela era quase arremessada longe, pelo enorme peso do objeto. Numa atitude desesperadora e tentando obstaculizar a retirada da imagem do Santo da Igreja de São Francisco de Paula, todos ameaçaram a deitar na

frente do carro que iria transportar a imagem, e caso necessário, iriam partir com suas ferramentas para cima e destruir o caminhão.

Entretanto, quando os devotos e fiéis liderados por membros da família Veiga se atentaram, não era nada relacionado à transportadora que iria conduzir a imagem. Na verdade, tratava-se de um caminhão, que havia chegado, lotado de colchões para descarregar a mercadoria na Casa Sureia – uma loja de eletrodomésticos de dona Milza Samahá, em frente à igreja sitiada.

Enquanto a sede da Irmandade era ocupada dia e noite, aconteciam as missas do tríduo de Nossa Senhora das Dores na Catedral de Sant'Anna. Todavia, na Sexta-Feira das Dores, assim como em todos os anos, acontece a Procissão das Dores. Porém, uma decisão de comum acordo fora tomada, com quase 200 assinaturas, colhida dos irmãos, conforme consta no livro ata da Irmandade. Ficou decidido, então, que os irmãos dos Passos não iriam comparecer à procissão e caso alguém fosse, não usasse suas vestimentas da irmandade, no caso, murças e balandraus.

Os irmãos dos Passos, assim como os líderes e parte da população que era favorável ao movimento, se posicionaram na esquina da Avenida Sebastião Fleury Curado próximo à Cruz do Anhanguera e ficaram olhando a procissão passar, um tanto esvaziada.

Ao retornar à cidade e ficando a par da gravidade do assunto, o bispo reuniu-se com os líderes do movimento e com os irmãos dos Passos na sede da Diocese, ainda no Domingo de Ramos. Após ouvir a todos, Dom Eugênio Rixen, pediu que aguardassem sua decisão até o dia seguinte.

Depois de reunir-se com os membros do conselho diocesano e os guardiões do patrimônio, firmou, então, a deliberação pela não ida da imagem à Bienal, sendo comemorado pela população como uma "vitória" dos irmãos dos Passos e da comunidade.

Vale lembrar, que outro episódio similar a esse já ocorreu, envolvendo a referida imagem, na década de 1930, o que reforça a adoração que o vilaboense pratica em relação a tal imagem de culto e devoção. Quando começou a transferência da capital para Goiânia, nos idos de 1936, de praticamente todas as repartições, (Batalhão de

Polícia, Estabelecimentos de Ensino, Unidades Federais e outros), houve alguém que anunciou que, dentro de uma semana, deixaria também a terra vilaboense a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, trazendo para a nova capital do Estado, a imagem do Senhor dos Passos, que tem para o habitante da Cidade de Goiás a mesma importância, o mesmo valor que a do Divino Pai Eterno para o trindadense, ou do Senhor do Bonfim, para o baiano. Tratava-se, como se pode ver, de uma brincadeira de muito mau gosto, mas que, no meio de um povo sofrido como era na ocasião o vilaboense, não deixaria de ter a repercussão esperada. A que ponto chegou: marcou-se o dia, ou melhor, a madrugada. Chegou-se mesmo a mencionar o número do caminhão que iria conduzir a imagem. Seria como uma missão oficial do Estado. Uma força policial de 20 agentes da Segurança Pública, se incumbiria da missão confiada, a qual estava planejada com uma riqueza de detalhes surpreendentes,...Pois bem, nessa noite, mais de 50 irmãos dos Passos pernoitaram no camarim (igreja de São Francisco de Paula), bem armados, aguardando o desenrolar das expectativas. Estavam, pois, os irmãos dos Passos, com disposição para o embate. Se por acaso, não conseguissem eles repelir os assaltantes, ateariam fogo na igreja e morreriam todos ao lado da imagem querida.

Ao abordarmos fatos históricos ligados ao Senhor Bom Jesus dos Passos, é apontada explicitamente a paixão que o povo de Goiás tem pela venerada imagem. Para o vilaboense, ela representa muito além que uma obra de arte. Ela um bem religioso, miraculoso da Cidade de Goiás, que ultrapassa qualquer valor material financeiro, como a curadoria da Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500 teria estipulado um seguro, caso a peça fosse danificada. Os irmãos dos Passos e líderes do movimento supracitado, não se interessaram nem saber o valor do seguro atribuído em cima do objeto de devoção.

Nesse sentido, após esses dois grandes episódios, seja o da década de 1930, ou o do ano 2000, apontam que a venerada imagem sempre é e sempre será da Cidade de Goiás. Demonstra que ela representa muito mais, além de um patrimônio, de uma obra de arte, ou objeto museal. Ela faz parte de um contexto do sagrado, contemplado e onde estão depositados fé, esperança e religiosidade de um povo e de um lugar.

Talvez as pessoas que a olhassem na exposição, não a veriam com os mesmos olhos, sentimentos e expressão simbólica que a imagem tem para um vilaboense.

Assim, concluímos que, a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos ocupa lugares de memórias e de sentimentos, seja na sua participação em suas procissões ou em seu camarim, demonstrando suas virtudes, bem como sua imponência aos quatro cantos da antiga Vila Boa. Dessa forma, todo e qualquer irmão e/ou devoto brada em alto e bom som: "O lugar da imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos, é na Cidade de Goiás".

29

4º C R P M – (4º COMANDO REGIONAL DE POLÍCIA MILITAR)

Esta designação de Comando Regional de Polícia Militar nasceu no começo do século XXI, ou seja, no início da década dos anos 2000. Ele veio substituir o C P I (Comando de Policiamento do Interior), que já vinha em vigor desde o início dos anos 1970.

Antes daquela década, existia o D P M I (Departamento de Policiamento Militar do Interior). Tanto o D P M I como o C P I eram comandos distintos sediados na capital.

Com a regionalização dos Comandos, cada C R P M passou a ter seu comandante nas respectivas cidades sedes. A Cidade de Goiás abrigou o 5º C R P M, em 2001. No limiar do ano 2002, essa organização fora transferida para a cidade de Ceres e na Cidade de Goiás fixou o 6º C R P M, que posteriormente, teve seu nome mudado para 4º C R P M.

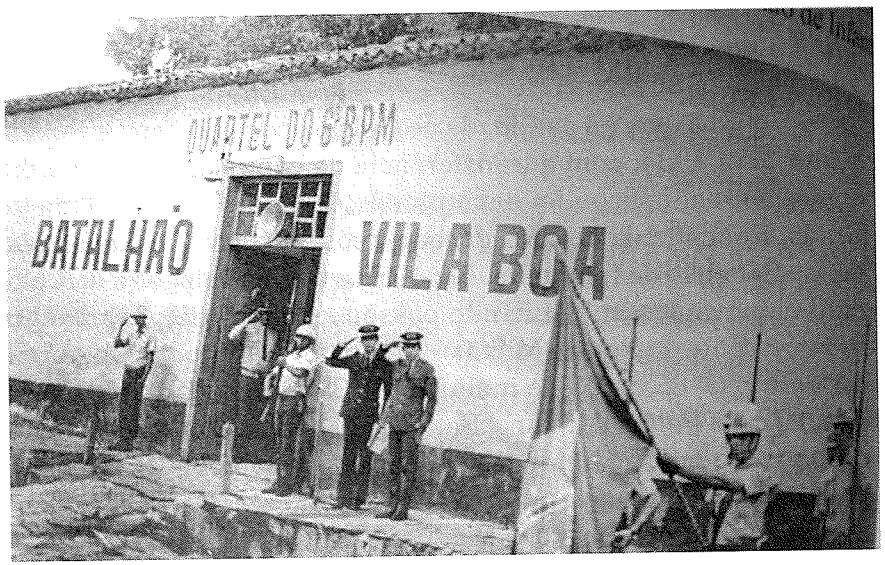
Galeria dos ex-comandantes:

- Cel PM Brasil Vicente Ferreira	02/08/2001 a 20/02/2003.
- Ten Cel PM Miguel Silvestre de Araújo	20/02/2003 a 09/03/2007.
- Ten Cel PM Sebastião da Silva Moura	09/03/2007 a 22/10/2009.
- Cel PM Marco Aurélio Alves de Araújo	22/10/2009 a 07/07/2010.
- Cel PM Sebastião da Silva Moura	07/07/2010 a 05/05/2014.
- Ten Cel PM Ruberliro R. de Souza	05/05/2014 a 13/05/2015.
- Cel PM Juverson Augusto Oliveira	13/05/2015 a 08/01/2016.
- Cel PM Ruberliro Rodrigues de Souza	08/01/2016 a 12/01/2020.
- Ten Cel PM Virgílio G. da Paixão	12/01/2020 a 08/09/2020.

- Cel PM Joneval G. Carvalho Jr 09/09/2020 a 21/07/2021.
- Cel PM Ênio José Carlos Hans 22/07/2021 a 21/01/2022.
- Ten Cel PM Carlos H. Gorosthides Moura 22/01/2022 a 28/07/2022.
- Cel PM André Luiz de Carvalho 29/07/2022 a 07/02/2023.
- Ten Cel PM Carlos H. Gorosthides Moura 08/02/2023 a

30

Ex-COMANDANTES DO 6º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR (6º BPM)



A Polícia Militar do Estado de Goiás teve sua origem, na Cidade de Goiás. Em que pese o aniversário da Corporação ser em 28 de julho de 1858, seu primeiro comandante, se instalou em 10 de julho de 1884.

A instituição passou pelas seguintes denominações, a partir de sua criação, como força de manutenção da ordem e da segurança pública da Província:

- 1858 Força Policial – de acordo com a Resolução nº 13, de 28 de julho de 1858.
- 1884 Contingente Policial;
- 1892 Corpo de Polícia, Lei nº 5, de 12 de julho de 1892;

- 1910 Batalhão de Polícia, Lei nº 364, de 02 de julho de 1910;
- 1930 Força Pública, Decreto nº 395, de 19 de dezembro de 1930;
- 1935 Polícia Militar, Decreto nº 399, de 1º de junho de 1935;
- 1940 Força Policial, Decreto-Lei nº 3.035, de 29 de março de 1940;
- 1946 Polícia Militar, a 18 de novembro de 1946, com a promulgação da Constituição Federal daquele ano. Posteriormente, ratificada a denominação de Polícia Militar do Estado de Goiás (PMEGO) com o advento das Constituições do Estado, datadas de 1947 e 1967, respectivamente.

Sobre o quartel da Cidade de Goiás, onde começou a Polícia Militar, em 1934, com a transferência da capital para Goiânia, o contingente que ficou foi denominado de Companhia Isolada de Goiás. Pouco mais de uma década após, em 1947, transformou em 2º Batalhão de Infantaria. Em 1958, voltou à categoria de Companhia, novamente; foi quando passou a sediar a 1ª Companhia Independente de Polícia Militar – Companhia Araguaia. Conforme o Decreto nº 85 de 05 de maio de 1972, foi transformado em 6º Batalhão de Polícia Militar – Batalhão Vila Boa. Consta, portanto, que o velho quartel, onde é a sede desse batalhão, foi adquirido pela Fazenda Provincial, para o aquartelamento de suas forças, no ano de 1863. Localiza-se na Rua Prof. Alcide Jubé, s/nº, na Cidade de Goiás-GO. Aquele imóvel foi adquirido para aquela finalidade e nunca sofreu desvio de função.

Vale lembrar que se trata de um prédio histórico, na área central da cidade e nunca foi desvirtuada sua finalidade. Depois de mais de um século, passando por pequenas intervenções, com poucas modificações, as quais se destacam a pavimentação do pátio com bloquetes de cimento e a substituição dos assoalhos de madeira por pisos em cerâmicas, ainda na década de 1970. Após anos de solicitação aos órgãos competentes, para uma reforma mais profunda, nesse velho quartel, no final de 2019, iniciou-se então uma completa restauração, tendo sido necessária a transferência do seu mobiliário, bem como a tropa para o Colégio Albion Curado, que se encontrava desocupado, no setor Bacalhau, portanto, cedido pela Secretaria Estadual de Educação, enquanto realiza a obra do histórico quartel do 6º BPM.

Os primeiros comandantes da Organização Policial, na verdade foram Comandantes Gerais da Corporação, sendo que aquela realidade perdurou até 1934, quando se consumou a transferência da capital para Goiânia. Até aquela data, falava-se Comandante da Polícia e não havia a denominação "Comandante Geral". Todavia, com a instalação da nova capital em Goiânia, foi criada a denominação de Comandante Geral da Polícia Militar. Seu primeiro comandante foi o Ten Cel PM Arnaldo de Morais Sarmento, oficial oriundo do Exército Brasileiro, que comandou de 06 de agosto de 1934 a 17 de outubro de 1937.

Portanto, a relação nominal dos ex-comandantes do Quartel da Cidade de Goiás:

- Cap Hon Ex João Fleury Alves Amorim	10/07/1884 a14/02/1891.
- Maj Hon Ex João Maria Berquó	15/02/1891 a 09/02/1892.
- Cap PM Luiz de Macêdo C. Júnior	10/02/1892 a 03/03/1892.
- Ten Cel Ref Ex Joaquim J. Neves Seixas	03/03/1892 a 25/04/1895.
- Maj Hon Ex Antônio Basílio da Fonseca	25/04/1895 a 15/07/1895.
- Maj Ref Ex Joaquim Maria Santana	16/07/1895 a 04/03/1896.
- Cap PM Luiz de Macêdo C. Júnior	05/03/1896 a 07/12/1896.
- Maj Ref Ex Luiz Alves Pinto	08/12/1896 a 03/07/1898.
- Cap PM Luiz de Macêdo C. Júnior	03/07/1898 a 05/12/1898.
- Maj ExFrancisco Lourenço S.Rego	06/12/1898 a 14/10/1901.
- Maj Ref Ex Tomaz dos Santos Almeida	15/10/1901 a 04/05/1909.
- Cap PM Joaquim Artiaga	05/05a03/06/1909.
- Ten PMMelquíades F. dos Santos Azevedo	04/06a04/11/1909.
- Cap Ref Ex Tertuliano J. de Azevedo	05/11/1909 a 29/03/1912.
- Maj PM Joaquim Artiaga	30/03/1912 a 09/03/1915.
- Maj PM Joaquim de Albuquerque Pereira	10/03/1915 a 01/04/1920.
- Maj PM José Gonçalves Pacheco	02/04/1920 a 28/12/1922.
- Maj PM Joaquim Rodrigues Pinto	29/12/1922 a 25/05/1923.
- Maj PM Altino Perillo	26/05/1923 a 11/09/1924.
- Maj PM Oscar Avelos	12/09/1924 a 28/01/1925.
- Ten Cel Ref Ex Manoel Augusto da S. Brandão	28/01/1925 a 18/10/1926.

- Ten Cel Ref Ex Antônio Bastos Paes Lemes	19/10/1926 a 30/10/1930.
- Ten Cel Ex Anfrísio da Rocha Lima	30/10/1930 a 03/08/1931.
- Maj PM Benedito Quirino de Souza	03/08a26/10/1931.
- Ten Cel PM Agenor Francisco Santiago	27/10/1931 a 13/03/1932.
- Maj PM Salomão Clementino de Faria	14/03/1932 a 20/10/1933.
- Maj PM Lindolpho Emiliano dos Passos	21/10/1933 a 05/08/1934.
- Maj PM Arnaldo de Morais Sarmento	06/08/ 1934 a 17/10/1937.
- Maj PM Benedito A. Melo Cunha	18/10/1937 a 30/07/1939.
- Cap PM Walfredo Campos Maia	31/07/1939 a 24/06/1941.
- 1º Ten PMAntônio Ramos	25/06/1941 a 21/02/1942.
- 2º Ten PMOtarnízio Pinheiro Fernandes	22/02 a 23/03/1942.
- Cap PM Dianari da Silva Taguatinga	24/03 a 05/11/1942.
- Cap PM Luiz Argenta	06/11/1942 a 29/09/1944.
- Cap PM Antônio Inácio Ferreira	30/09/1944 a 01/10/1945.
- Maj PM Francisco Ferraz de Lima	02/10/1945 a 26/02/1946.
- 2º Ten PMSalomão Barros	27/02 a19/03/1946.
- 1º Ten PMDemerval de Moraes Preto	20/03a 12/04/1946.
- Cap PM Ariosto de Morais Sarmento	13/04/1946 a 01/03/1947.
- 2º Ten PM Salomão Barros	01 a19/03/1947.
- 2º Ten PM Antônio de Freitas	20/03a19/04/1947.
- 2º Ten PM José das Dores Freitas	20/04a09/06/1947.
- Cap PM João Peixoto dos Santos	10/06a24/08/1947.
- MajPM Benedito A. Melo e Cunha	25/08/1947 a 01/02/1950.
- Cap PM João Peixoto dos Santos	02/02 a 02/05/1950.
- 1º Ten PM Holmes de A. Frazão	03/02 a 25/04/1951.
- MajPM Livertino Leão Sobrinho	26/04/1951 a 05/01/1952.
- MajPM João Batista N. Guimarães	06/01/1952 a 20/03/1953.
- Cap PM Ortenízio Pinheiro Fernandes	21/03/1953 a 05/01/1954.
- 1º Ten PM Daniel Moreira dos Santos	06/01 a 22/02/1954.
- Cap PM Aleixo Pereira Marinho	23/02/1954 a 04/03/1955.
- MajPM Holmes de A. Frazão	05/03a17/12/1955.
- MajPM ??	18/12/1955 a 22/04/1956.
- MajPM Holmes de A. Frazão	23/04 a 22/11/1956.
- Cap PM Rui Barbosa de Moura	15/12/1956 a 08/11/1957.
- Cap PM Sebastião B. de Oliveira	13/12/1957 a 23/04/1958.

- 2º Ten PM Carolino Aires Costa	09/06/1958 a 31/12/1959.
- 2º Ten PM Jerônimo Emiliano Mattias	27/02/1960 a 01/04/1963.
- Cap PM Élbio da Rocha Lima	01/04/1963 a 17/12/1964.
- Cap PM David Dias dos Reis	17/12/1964 a 12/07/1965.
- Cap PM Uzimael Gonçalves Pereira	12/07a23/11/1965.
- 1º Ten PM José Carlos Godinho	23/11/1965 a 07/03/1966.
- 1º Ten PM José de Souza e Silva	07/03a15/06/1966.
- Cap PM José Fernandes Mourão	15/06/1966 a 05/05/1969.
- Cap PM Mário Porfírio Nunes	05/05/1969 a 13/02/1970.
- Cap PM Alfredo Nunes da Silva	13/02/1970 a 16/02/1971.
- Cap PM Eurípedes Fernandes de Moura	16/02/1971 a 31/10/1972.
- MajPM Walter Bittencourt de Souza	31/10/1972 a 01/03/1974.
- Ten Cel PM José Chaves de Mattos	01/03/1974 a 06/06/1975.
- MajPMJoão Estevão de Souza Rocha	06/06/1975 a 28/02/1976.
- Ten Cel PM Sebastião Ferreira dos Santos	28/02/1976 a 25/04/1977.
- Ten Cel PM Waldemar Moraes da Silva	25/04/1977 a 27/01/1978.
- Ten Cel PM Vivaldo Leite de Andrade	27/01a 30/11/1978.
- MajPM Benvindo de Souza Neto	30/11/1978 a 10/04/1979.
- Ten Cel PM Rivadávia de Paula Rodrigues	10/04/1979 a 18/01/1983.
- MajPM Solon Rodrigues Cardoso	18/01/1983 a18/07/1984.
- Ten Cel PMRui Carlos da Silva	19/07/1984 a 26/01/1987.
- Ten Cel PMProtásio Araújo Fernandes	26/01/1987 a18/01/1989.
- Ten Cel PMArtur Gomes de Souza	18/01/ 1989 17/07/1989.
- Ten Cel PMJorge Francisco da Paixão	17/07/198 a 17/07/1990.
- Ten Cel PMHercílio Alves Dias	17/07/1990 a 03/04/1991.
- Ten Cel PMElias Nunes da Silva	03/04/1991 a 21/02/1995.
- Ten Cel PM Carlos Alberto O. do Nascimento	21/02/1995 a 30/04/1996.
- Ten Cel PM Antônio da Silva Mendes	30/04/1996 a 15/01/1999.
- Ten Cel PM Brasil Vicente Ferreira	15/01/1999 a 02/08/2001.
- Ten Cel PM Ozanir Gonçalves Itacarambi	07/08/2001 a 29/04/2003.
- Ten Cel PM Sebastião da Silva Moura	29/04/2003 a 23/04/2010.
- Ten Cel PM Clarimundo José dos Santos	23/04/2010 a12/01/2011.
- Ten Cel PM Clésio Pimenta de Almeida	12/01 a 28/04/2011.
- Ten Cel PM Cláudio de Oliveira Silva	13/05/2011 a 13/03/2013.
- Ten Cel PM Luís Antônio da S. Rocha	13/03/2013 a 23/01/2015.

- Ten Cel PM José Roberto Porfírio... 24/01/2015 a 11/02/2020.
- Ten Cel PM Ricardo Ferreira dos Santos 21/02/2020 a 04/10/2020.
- Ten Cel PM Carlos Augusto Sales Bucar .05/10/2020 a 20/09/2021.
- Ten Cel PM Aparecido A. de Oliveira 21/09/2021 a 09/08/2023
- Ten Cel PM Márcio Ferreira Leite 09/08/2023 a

Obs.: Conforme Decreto nº 9.938 de 08 de setembro de 2021, assinado pelo Governador Ronaldo Caiado, foram feitas trocas de nomes de Batalhões, sem nenhuma consulta popular, ou mesmo os integrantes das Organizações Policiais Militares. O 6º BPM da Cidade de Goiás passou a se chamar 1º BPM. E o 1º BPM de Goiânia, que tem sua história desde novembro de 1935, se transformou em 6º BPM.

31

45ª CIPM / CPE (45ª COMPANHIA INDEPENDENTE DE POLÍCIA MILITAR – COMPANHIA DE POLICIAMENTO ESPECIALIZADO)

Sua história teve início em 1999, ligada ao 6º BPM, na Cidade de Goiás. Devido ao aumento da criminalidade, em muitos casos, migração de quadrilhas da capital para o interior, além de grande parte da área atinente ao 6º BPM, naquela época fazer fronteira com o Estado de Mato Grosso – região preferida do banditismo, principalmente em roubos a bancos, que de vez em quando ao aprontarem ali, empreendiam fuga, transpondo o rio Araguaia vindo portanto, confrontar com a polícia goiana.

Como já existia este segmento especializado na capital e cidades de maior porte, tais como Anápolis, Rio Verde, Catalão e outras, o Comandante do Batalhão Vila Boa, contando com o apoio de seus oficiais, mormente, o Sub-Comandante – então Major Sebastião da

Silva Moura, um entusiasta da causa, iniciou-se a articulação para se criar um grupo, ou seja, um Pelotão de Polícia Especializada. Foi aí que se criou o GOE (Grupo de Operações Especiais). Tinha atuação em toda a área do Batalhão sediado na Cidade de Goiás. Um ano depois, ano 2000, no intuito de aprimoramento, já com o efetivo majorado, passou a chamar GPT (Grupo de Patrulhamento Tático), ainda subordinado ao 6º BPM, perdurando até 2011, quando buscando qualificação, a Corporação proporcionou à unidade vilaboense, a realização do 15º Curso de Patrulhamento Tático da PMGO. Com a conclusão do referido curso, foi criada a CPT (Companhia de Patrulhamento Tático), saindo, portanto, da coordenação do 6º BPM e se incorporando ao efetivo do 4º CRPM (4º Comando Regional de Polícia Militar). Em janeiro de 2014, foi inaugurada a 45ª CIPM / CPE, com nome de "Companhia Ten. Cel. Joaquim Gonçalves Pacheco", unidade independente especializada, ligada ao 4º CRPM, com atuação abrangente de todo o regional. Portanto, ostentam o fardamento e viaturas na cor preta, munidos de armamento compatível com a função e necessidade.

GALERIA DOS EX-COMANDANTES:

-Maj PM Carlos Henrique Gorostide de Moura...	08/01/2013	a	06/05/2016.
-Maj PM Carlos Augusto Sales Bucar	06/05/2016	a	19/07/2019.
-Maj PM Rodrigo de Souza Bispo	19/07/2019	a	18/08/2020.
-Maj PM Alex de Siqueira	19/08/2020	a	28/07/2022.
-Maj PM Marcos Paulo Silvério Hosokawa	28/07/2022	a	

32

CORPO DE BOMBEIRO MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS 6º COMANDO REGIONAL BOMBEIRO MILITAR – 6º CRBM

O 6º Comando Regional de Bombeiro Militar – 6º CRBM, foi criado através do Decreto nº 9.842, de 30 de março de 2021, publicado no Diário Oficial nº 23.522 e instalado na Cidade de Goiás.

Cinco unidades operacionais, estão subordinadas ao 6º CRBM, como Batalhões, Companhias Independentes e Pelotões, estão distribuídas em vários municípios deste Estado. São elas: 12º BBM / Cidade de Goiás; 13º BBM / Iporá; 17ª CIBM / Itaberaí; 19ª CIBM / São Luiz de Montes Belos; e 1º PBM / Aruanã, abrangendo, portanto, 44 municípios goianos. Há uma previsão de instalações de mais 4 unidades operacionais na área deste Regional, sendo elas Aragarças; Jussara; Itapuranga e Mozarlândia.

A existência dessa respeitada instituição de segurança pública, é um desejo, não apenas dos prefeitos municipais, mas, de toda a sociedade goiana. Pois, a demanda é permanente, principalmente, em regiões de terreno acidentados, como os municípios do vale da Serra Dourada, mormente, no período de seca. Todavia, onde há mananciais, no caso de rios e lagos, em todo o período do ano, para eventuais socorros em circunstâncias de afogamentos.

COMANDANTES DO 6º C R B M:

Cel QOC ANDERSON Gonçalves de S. Moura	30/03 /2021 a 16/11/2021
Cel QOC Pedro CARLOS Borges de Lira	16/11/2021 a 06/07/2022
Cel QOC Thiago ABDALA de Morais	06/07/2022 a 08/02/2023
TC QOC Erdebane RODRIGUES MonteiroJr.	08/02/2023 a

33

12º BATALHÃO BOMBEIRO MILITAR



Trata-se de uma instituição da maior relevância, na estrutura da Secretaria de Estado da Segurança Pública, que contribui sobremaneira para o desenvolvimento de uma comunidade num todo. Essa corporação é simpática aos olhos de todo e qualquer cidadão, sem distinção de raça, cor, sexo, posição social, enfim, a todos. O Bombeiro cuida da vida animal e vegetal. No período crítico da seca, trabalham dia e noite, no combate aos focos de incêndios florestais; socorrem animais domésticos e selvagens em situação de risco, como atropelamentos e outros sinistros. Atendem aos chamados de emergência de saúde e muito mais. No período chuvoso, continuam com a mesma intensidade de trabalho. Socorrem os desabrigados de enchentes, as vítimas dos deslizamentos de morros encharcados; as vítimas de afogamentos e outros.

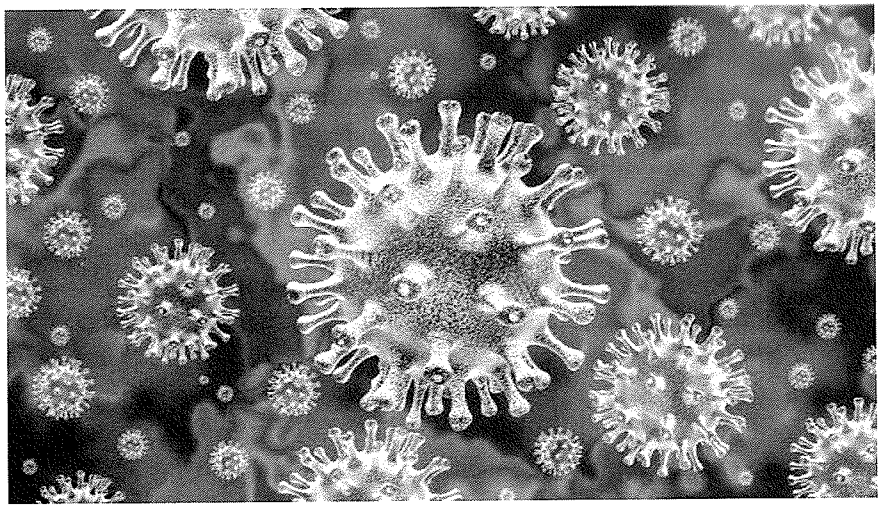
No final da década de 1990, foi instalado na Cidade de Goiás, um pequeno contingente, que era denominado de SGI (Sub-Grupamento de Incêndio), era comandado por um tenente, que era o então Ten. Sebastião Nolasco Ribeiro – considerado o fundador daquela organização militar, na antiga capital goiana. Ficaram acantonados numa dependência da AGETOP, antigo Consórcio Rodoviário, no Setor João Francisco. Posteriormente, foi elevado à categoria de Companhia Independente, cujo comandante era um capitão. No dia 26 de julho de 2011, foi inaugurada a nova sede da 8ª Companhia Independente de Bombeiros Militar, situada nas margens da Rodovia GO-070, Km 129, Residencial Papyrus, Cidade de Goiás. Mais tarde, passou a ser a sede do 12º BBM (12º Batalhão de Bombeiros Militar).

GALERIA DOS EX-COMANDANTES:

- Ten. BM Sebastião Nolasco Ribeiro	20/01/2000 a 19/07/2006.
- Ten. Cel Jailton Pinto de Figueiredo	19/07/2006 a 03/07/2019.
- Ten. Cel Weder Barbosa	03/07/2019 a 13/01/2020.
- Ten. Cel Erdebane Rodrigues Monteiro Jr	13/01/2020 a 08/02/2023
- Ten. Cel Adriano Lourenço dos Santos	08/02/2023 a

34

COVID-19 – NOVO CORONAVÍRUS



Considerando que o ano de 2020 foi um ano atípico, em que tudo se mostrou transformado, resolvi encerrar esta obra, falando um pouco desse episódio.

Trata-se de uma pandemia que se alastrou em todos os continentes e foi denominada de Covid-19 – Novo Coronavírus. Sua origem foi na China, com o epicentro na cidade de Wuhan, no mês de novembro de 2019. Wuhan é uma grande metrópole chinesa, possui cerca de 11 milhões de habitantes, é a capital da Província de Hubei. Pequim – a capital da China é super populosa, tem cerca de 14 milhões de habitantes. Esse vírus se expandiu tanto, que dizimou milhões de pessoas em todo o mundo. A quantidade de mortos só não foi maior, porque foram tomadas as medidas de fechamentos de quase tudo, o famoso lockdown, que muitos governadores e prefei-

tos adotaram. Muitos brasileiros, que moravam ou se encontravam a passeio, na cidade de Wuhan, preocupados, pediram a ajuda do governo brasileiro para regressarem ao país. Foram utilizadas três aeronaves da FAB (Força Aérea Brasileira), para repatriá-los. Vieram em 09 de fevereiro de 2020 e ficaram em quarentena, sistema de isolamento social, totalizando 58 pessoas, entre repatriados e equipe, na Base Aérea de Anápolis. O grupo dos 34 repatriados da China, era composto por quatro chineses casados com brasileiros (as); sete crianças com idade entre 2 e 12 anos; 23 brasileiros adultos – sendo três diplomatas. Essas pessoas foram monitoradas sanitariamente, o tempo todo, durante os 14 dias de quarentena, mas, felizmente, ninguém tinha vindo contaminado. Foi emocionante ver pela televisão, o regresso daquelas famílias para suas casas, ao final do isolamento social proposto, depois de quase 20 dias ali confinados. Tinha gente de muitas regiões deste país.

O contágio chegou a todos os cantos através de pessoas que foram em viagem ou moravam na China e retornavam às suas origens. Destarte, quem veio para o Brasil e se encontrava contaminado, trouxe a doença, que só multiplicou. Da mesma forma aconteceu com outros países, houve a disseminação do vírus e a contaminação foi generalizada.

No Brasil, o primeiro caso da infecção foi registrado na Cidade de São Paulo, em 26 de fevereiro. E o primeiro óbito, aconteceu também em São Paulo, em 16 de março de 2020, cuja vítima foi um homem de 65 anos de idade.

Desde o início da história do Brasil, vem ocorrendo fases de epidemias, umas mais, outras menos letais. A primeira relatada foi a Tuberculose, em 1549, afetando principalmente os povos indígenas. Em 1563, foi a vez da Varíola. Em 1685, a Febre Amarela, que chegava através dos Navios Negreiros, oriundos da África. Depois, em 1918, chegou a Gripe Espanhola, que grassou por pelo menos dois anos.

Naqueles tempos, os pontos de maior vulnerabilidade eram mesmo os portos, no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco. Quer dizer, todo o litoral brasileiro.

Antes da chegada e ocupação dos europeus ao Brasil, na era medieval, por volta das décadas de 1320 a 1340, a Ásia e a Europa, foram assoladas por uma pandemia que dizimou cerca de 30% da população. Era a Peste Bubônica, ou Peste Negra. Incrível é que ela teve sua origem na China, na região da Mongólia, nos primeiros anos da década de 1320. Consta que um papa daquela época, lançou uma bula papal, na qual ele associava os gatos a cultos ao demônio. Exterminaram os pobres felinos e os ratos fizeram a festa. Os malditos roedores se proliferam de tal maneira, que como portadores da pulga infectada pela bactéria que transmitia a referida Peste Bubônica, foi a mais devastadora pandemia registrada na história da humanidade. Segundo consta, 200 milhões de pessoas se contaminaram e vieram a óbito.

As doenças mais recentes têm seus registros assim: final da década de 1970, a AIDS, doença transmitida sexualmente e/ou via transfusão de sangue. Em 1986, a Dengue, através da picada do mosquito Aeds aegypti. Em 2014, eclodiu a prima da Dengue – a Zica-Vírus, principalmente na região nordeste. Muitas tiveram seu apogeu por um tempo, porém, foram erradicadas através das respectivas vacinas, tais como: Malária causada pelo mosquito Anófelis; Poliomelite (Paralisia Infantil); Tifo epidêmico, Sarampo, Tuberculose, Febre Amarela e Varíola. Teve época também, de surto de Meningite, no início dos anos de 1970. Todavia, de forma tão agressiva, chega neste ano de 2020, esse maldito Novo Coronavírus.

Devido à grande disseminação do coronavírus, a OMS (Organização Mundial de Saúde) preconizou que um dos mais eficazes meios de evitar a doença é o isolamento social. A quarentena evita o risco de contágio. No Brasil, foi adotada a medida de isolamento social a partir do dia 23 de março de 2020. Ficou estabelecido que na hipótese de filas nos atendimentos de qualquer repartição, como agências bancárias, comércios, hospitais e outros, fosse mantido também o "distanciamento" social. No mínimo um metro e meio, distanciando um do outro. O importante nessas circunstâncias é não haver aglomeração, e, indispensável o uso da máscara de proteção facial.

O sistema de isolamento social resulta, consequentemente, no fechamento de quase todas as categorias de comércios e indústrias. Assim, com as pessoas confinadas em casa, quem sente profundamente o impacto, são os autônomos, feirantes, vendedores ambulantes, enfim, todas as categorias comerciárias. O clamor é generalizado, contudo, é pregado que a empresa quebra, mas, pode se recuperar e a vida humana vai e não tem retorno. Por isso, o slogan é: FIQUE EM CASA.

Uma das doenças mais comentadas no Brasil foi a Gripe Espanhola, ocorrida no ano de 1918, no final da Primeira Grande Guerra Mundial, e, perdurou até 1920. Foram infectadas 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Morreram milhões de pessoas em todo o mundo, principalmente nas grandes cidades. Era uma população ínfima se comparada a desta contemporaneidade do século XXI. Pouco ultrapassava 2 bilhões de seres humanos, em todo o mundo, sendo que atualmente já ultrapassou a cifra de 7 bilhões. A população brasileira era cerca de 25 milhões de habitantes, enquanto que neste início do século XXI, já se contabiliza mais de 200 milhões. A doença não tinha cura, pois, não havia antibióticos para combater a pneumonia, nem vacinas para a prevenção do mal que se alastrava. Como essa Gripe Espanhola era uma doença desconhecida, as informações que circulavam eram de que as pessoas deveriam evitar aglomerações e praticar as receitas caseiras, como defumação de lavanda e alecrim para desinfetar o ar.

A prática do uso de água e sabão, já vem daquela época da gripe espanhola. Nestes tempos de confinamento, vi em um programa de televisão, um ator global dizendo que ao fazer uma pesquisa em um determinado estudo, ele deparou-se com uma cartilha da época daquela epidemia, que recomendava peremptoriamente, que lavassem as mãos com água e sabão, constantemente.

A Gripe Espanhola foi tão devastadora, que só no Rio de Janeiro, morreram 15 mil pessoas, em apenas um mês. Estima-se que apesar da letalidade, nos maiores aglomerados, em muitas regiões rurais, de vários Estados, no caso, o nosso Estado de Goiás, deve ter havido muitas pessoas que não tomaram conhecimento da doença.

Pois, viviam em um verdadeiro isolamento social. Se não iam à cidade, logicamente, não sabiam da existência daquele mal. E se por acaso alguém falasse daquela peste, não eram capazes de avaliar suas consequências. Não existia para eles, qualquer meio de comunicação, como rádio e televisão. Totalmente o oposto deste século XXI, que em qualquer localidade, mesmo distante das cidades, o povo é informado em tempo real, de tudo que acontece em qualquer parte do mundo, através da televisão, do rádio e da internet.

Portanto, a Gripe Espanhola, matou mais de 50 milhões de pessoas em todo o mundo. Só no Brasil teve mais de 50 mil óbitos. Até o Presidente da República eleito, Francisco de Paula Rodrigues Alves, se contaminou e morreu aos 70 anos de idade, em 16 de janeiro de 1919, no Rio de Janeiro, sem tomar posse do cargo.

Voltando a Covid-19, o ano de 2020 começou como todos os outros anos. Existe um ditado popular, de que o ano, no Brasil, só se inicia mesmo é após o Carnaval, que normalmente ocorre em fevereiro. A festa momesca aconteceu em consonância com o calendário oficial, que se deu de 22 a 25 de fevereiro, porém, por pouco não teria sido realizada, pois, já havia comentários de que a doença poderia estar chegando. Quando se pensava que o Brasil começaria a produzir, a andar, funcionar mesmo, porque terminou o Carnaval, menos de um mês depois a peste chegou e tudo se transformou. Foi quando os órgãos de saúde pública se mobilizaram na tentativa de rechaçar a epidemia, que, aliás, foi uma pandemia.

Decretos e mais decretos do Governo Estadual e do Governo do Município de Goiás, tentaram disciplinar o comportamento dos vilaboenses. Quase tudo fechado, a partir de 23 de março. Apenas as farmácias, supermercados, mercearias, agências bancárias e postos de revenda de combustíveis funcionavam e ainda com algumas exigências e restrições. Só se adentrava ao estabelecimento, usando máscara facial, fazendo uso de álcool em gel ou álcool 70º e sem causar aglomeração. Era controlada a quantidade de pessoas no interior do estabelecimento comercial, conforme a dimensão de seu espaço físico. Comércio de produtos alimentícios como restaurante, lanchonete, distribuidor de bebidas, atendimentos só a delivery

(sistema de entrega em domicílio). Os bares, hotéis, pousadas, clubes, balneários, estádios de futebol, academias, bem como lojas não consideradas essenciais, mantiveram suas portas fechadas. Igrejas católicas e evangélicas, também não abriam as portas para as celebrações presenciais. Os fiéis acompanhavam as missas via redes sociais e TV, perdurando por mais de dois meses. Era só o padre ou pastor, com o mínimo de auxiliares, através das lives. Escolas em geral fecharam suas portas, desde o maternal até as faculdades. Foi quando as famílias passaram a valorizar a profissão de educador. A figura do professor foi reconhecida. Pois, em quarentena, as crianças sem aulas presenciais, ficaram confinadas em casa, dando trabalho aos pais. A tal de aula online não entrava na cabeça das mães e/ou pais. Foi quando se descobriu o grande número de pessoas que não dominam a internet. Os adultos tinham mais dificuldades do que as crianças, em relação ao computador ou o celular. Todavia, vigorou o sistema de aulas virtuais, não ficaram de férias.

Duas palavrinhas inglesadas ficaram em evidência durante o tempo da pandemia: "Lockdown" e "Live". Lockdown era o fechamento do comércio, com a recomendação de "fique em casa", com o objetivo de evitar o contágio pelo coronavírus. Live virou uma febre. Missas e cultos; artistas da arte musical promoviam suas lives com o objetivo de arrecadação de gêneros alimentícios para socorrer as necessidades de pessoas carentes. Funcionou. Realmente fez a diferença em prol das famílias em estado de vulnerabilidade social e alimentícia.

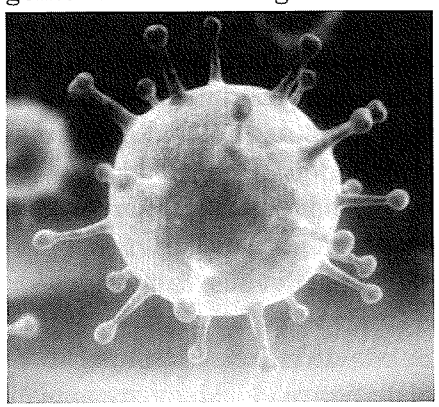
Em 2020, portanto, com exceção, do Carnaval, todo e qualquer evento fora cancelado. No caso da Cidade de Goiás, Procissão do Fogaréu, Semana Santa, Festa do Divino Espírito Santo, Festa da Padroeira Santana, Transferência Simbólica da Capital, Festival Gastronômico, FICA (Festival de Cinema), Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festas Juninas, Encontro de Corais, bem como quaisquer outras festinhas. Temporada do Rio Araguaia; Festa de Nossa Senhora D'Abadia do Muquém (Niquelândia); Romaria de Nossa Senhora da Penha para (Guarinos) e Romaria do Divino Pai Eterno (Trindade).

A queda de braços entre o Governo Federal e Governos Estaduais esteve acirrada. O Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, minimizava a realidade da pandemia. Na televisão, ele menosprezava a doença, dizia que era uma "gripezinha", que a imprensa exagerava, entre outros adjetivos. Ele dizia que "o Brasil não podia parar, que a economia não poderia ser afetada como estava sendo". Se manifestava ostensivamente contrário ao sistema de isolamento social. Todavia, o Governador de Goiás – Dr. Ronaldo Caiado, que é médico, por sinal o único médico dentre todos os governadores, não comungava aquelas ideias e fez valer o seu decreto de isolamento social. Prova que, quase tudo fechado, a pandemia estava sob um relativo controle, retardando, assim, a disseminação do vírus.

Contudo, face a pressão do setor empresarial e comerciantes em geral, incentivados pelo Presidente Bolsonaro, houve então uma certa flexibilização, resultando então em um prejuízo nas medidas sanitárias e o gatilho dos casos do Novo Coronavírus disparou assustadoramente, com o sistema hospitalar quase entrando em colapso. Certamente pela conduta do Presidente Jair Bolsonaro, o STF (Supremo Tribunal Federal), jogou a bola para os Governadores e Prefeitos, administrarem a escalada da pandemia.

Neste contexto, a Cidade de Goiás, sob a dinâmica administração da Prefeita – Professora Selma de Oliveira Bastos Pires e sua equipe da Secretaria Municipal de Saúde, devidamente apoiada pela Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros Militares, fez valer os Decretos editados nos meses de março, abril e junho. Para a Semana Santa que se deu de 05 a 12 de abril, fechou de 08 a 11; e o feriado de 1º de maio, o fechamento foi de 30 de abril a 02 de maio, foram fechadas todas as entradas da cidade, tendo ficado somente uma, onde foi montada uma barreira sanitária, que controlava o acesso. Só entravam moradores, ambulâncias, viaturas de segurança pública, serviços funerários e veículos de abastecimentos de alimentos. Constantemente, circulava pela cidade, um comboio de viaturas do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e um carro de som da Prefeitura, concitando a população a se manter dentro de casa. Passou a ser obrigatório o uso de máscara de proteção facial, além da hi-

gienização das mãos com álcool em gel ou álcool 70º, em todos os estabelecimentos comerciais, hospitais e clínicas, agências bancárias e outros, bem como em suas próprias casas. Depois de 06 semanas sem presenças de fiéis nas missas, começou haver celebrações, com limitação de quantidade de fiéis, no máximo duas pessoas em cada banco, ou seja, distanciado um metro e meio um do outro, usando máscara facial, higienizando as mãos com álcool em gel e ao adentrarem a igreja, tinha que ser aferida a temperatura, pisar em um tapete imerso em água sanitária e não se ligavam ventiladores. De quase tudo se fazia uma piadinha, como todos que circulavam pela cidade usavam máscaras faciais, era dito que não havia gente bonita, nem gente feia. Era tudo igual.



Em todo o planeta esse vírus se propagou. A mídia mostrou os países mais atingidos, onde houve maior quantidade de óbitos: Itália, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos da América, Austrália, Irã e outros. Infelizmente, o Brasil não ficou excluído. O Ministério da Saúde confirmou que esta terra tupiniquim, até a data de 31 de março de 2020, teve o registro de treze milhões de casos.

O resultado foi que morreram milhares de pessoas, de todas as faixas etárias e classes sociais em todo o Planeta Terra. A primeira pessoa a perder a vida, devido a contaminação pelo Covid-19, no Estado de Goiás, foi a Técnica de Enfermagem aposentada Maria Lopes de Souza, no dia 26 de março de 2020, moradora de Luziânia. Portanto, o total de óbitos:

- No Mundo 2.760.000
- No Brasil 321.886
- No Estado de Goiás 11.586
- No Município de Goiás..... 26

Estes números foram catalogados do início da pandemia, em março de 2020, até a data de 31 de março de 2021; portanto, pouco mais de um ano.

Todavia, para compensar, no dia 17 de janeiro de 2021, a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), aprovou o uso emergencial das vacinas Coronavac e Oxford/AstraZeneca. Ambas se tornaram as primeiras vacinas contra a Covid-19 autorizadas a serem aplicadas no Brasil.

Foi uma grande euforia. A enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, servidora pública, foi a primeira pessoa no país, na capital paulista, a receber a primeira dose da vacina, na mesma data. No dia seguinte, 18, o Governador Ronaldo Caiado, aplicou pessoalmente (um ato simbólico), a primeira dose, na aposentada Maria da Conceição Silva, de 73 anos, moradora em um abrigo na cidade de Anápolis. E, na capital, a primeira pessoa que recebeu a primeira dose da vacina, foi a técnica de enfermagem, Paulete Pereira dos Santos Medeiros, de 50 anos, que atuara na linha de frente de combate à Covid-19, desde março de 2020, no H-Camp (Hospital de Campanha para Enfrentamento do Coronavírus). O Estado de Goiás foi o segundo da Federação a iniciar a tão esperada vacinação. São Paulo foi o primeiro.

Após quase dois anos de pandemia, preocupados com a preservação da saúde, minha esposa Frances e eu acabamos por contrair a doença. No início de fevereiro de 2022, eis que fui acometido de severa tosse – um dos sintomas. Depois de cinco dias, fui fazer o respectivo teste, o qual apontou para positivo (Covid-19). Dois dias depois a esposa também testou positivo. Foi aquele impacto! Nunca se espera que um mal daquela dimensão venha acontecer com a gente. Ficamos em isolamento domiciliar, por dez dias, conforme prescrição do protocolo de segurança sanitária, fazendo uso da devida medicação. Segundo os entendidos do assunto, por havermos tomado as três doses da vacina, os efeitos do vírus vieram moderados, e, felizmente nos recuperamos, sem qualquer complicação. Em que pese todos os cuidados, apareceu para nós a Covid 19, sem que tivéssemos ciência de onde veio a contaminação.

Infelizmente, vários amigos e parentes foram acometidos desse mal e muitos tiveram suas vidas ceifadas, tão precocemente, nesse período tenebroso, de março de 2020 ao início de 2022.

Em tempo: no encerramento desta obra, é apresentada a atualização dos números, desde o início da Pandemia, em março de 2020, até dezembro de 2023, com o seguinte registro:

- No mundo, o registro oficial, segundo a OMS, é cerca de 7 milhões de óbitos, porém, a mesma OMS estima que devido as subnotificações a quantidade de óbitos pode ultrapassar 15 milhões.

- No Brasil ultrapassou o registro de 700 mil óbitos, no decorrer dos três anos de pandemia.

- No Estado de Goiás se diz aproximadamente 30 mil mortes.

- No Município de Goiás (Cidade de Goiás) contabilizou-se 74 óbitos durante os 3 anos da referida pandemia.

Portanto, esse foi o trágico saldo da Covid-19, o novo Coronavírus, nesse período.

EPÍLOGO

Este livro teve o escopo de retratar a histórica Cidade de Goiás, quase tricentenária, com suas particularidades. Foi uma forma que este autor entendeu de prestigiar essa linda cidade, encravada no coração de nossa pátria. Trata-se de uma urbe que carrega no seu histórico, o slogan de "Berço da Cultura Goiana". Para a Cidade de Goiás, são incontáveis a quantidade de pessoas que se convergem com o objetivo de buscar o saber. Desde a derradeira década do século XIX, começara esse êxodo estudantil. Não existia curso superior, porém, com a instalação do Colégio Santana, em 1889, introduzindo um ensino de qualidade para a comunidade vilaboense, começava, então, a procura pela novidade na educação. Aquele educandário passou a acolher as moças, na condição de internas daquele renomado estabelecimento de ensino. Era o único da região Centro-Oeste. Os pais de várias partes do Estado, bem como de outros Estados, confiavam suas filhas aos cuidados das dedicadas irmãs dominicanas, onde realizavam seus estudos. O curso Normal que surgiu depois era o credenciamento a lecionar. As estudantes que o concluía, geralmente se tornavam exímias professoras.

Nesta contemporaneidade, a partir da década de 1980, com a instalação das Universidades Federal e Estadual e, por último, o Instituto Federal de Goiás, a população estudantil se somou à tradicional vilaboense. São vários os estudantes, oriundos de todos os quadrantes deste torrão goiano e também de outros Estados da Federação.

Foram catalogados quase três centenas de sobrenomes, que

constituem esta Cidade de Goiás, por quase três séculos, tornando-se uma família, entrelaçada pelos devidos enlaces matrimoniais.

Como resgate do folclore goiano, foram dedicadas algumas páginas, trazendo à tona, os congos, os tapuios, folias, quilombos, carros de bois, serenata e outros.

Baseado na história do município, considerado o campeão nacional, de fixação de Assentamentos da Reforma Agrária, foi desenvolvido o respectivo assunto sobre o MST.

Não ficaram excluídos os eventos que compõem o calendário anual do município, tais como FICA, Encontro de Motociclistas, Folia do Divino Espírito Santo, Festa de São Benedito e outros.

Foi lembrada a presença secular da Ordem Dominicana e vários frades, Colégio Santana, Gabinete Literário Goyano e Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.

Também foram homenageadas autoridades locais dos Poderes Executivo e Legislativo e das instituições de Segurança Pública Estadual na cidade.

E para encerrar, o fato histórico, do atípico ano de 2020 – a Covid 19 – o Novo Coronavírus, que surgiu para transtornar o mundo.

Eis então, este mosaico, constituindo a bela e famosa Cidade de Goiás – Berço da Cultura Goiana e Patrimônio Cultural da Humanidade.

maio de 1972 passou a ser 6° BPM - "Batalhão Vila Boa ". Encerrou a carreira no mesmo quartel, em 2003, como coronel, ou seja, o derradeiro posto, como Comandante do 4° CRPM, quando fora transferido para a reserva, tornando-se então veterano da Polícia Militar goiana.